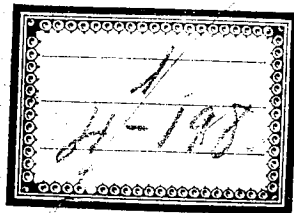
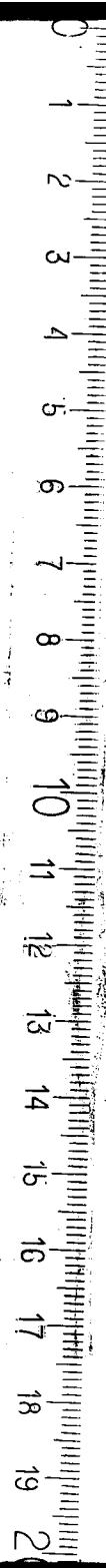
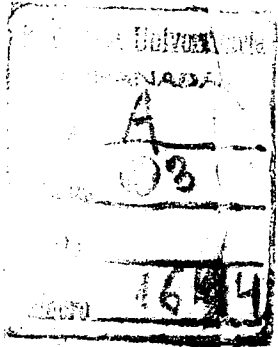
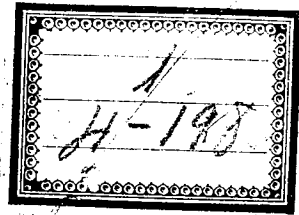


22 a 74.

Handwritten text
Handwritten text
A
08
1694



22 a 7 A.



R. 2344
Del Col. de las Comp.^{as} de Abs. de Granada. Bf.

SERMÕES

Do R. P. Doutor

D. LUIS DA ASCENÇÃO,

*Conego Regular de S. Agostinho da Congregação de S. Cruz
de Coimbra, Mestre jubilado na Sagrada Theologia,
e Prégador da Magestade del-Rey D. Pedro II.*

TOMO SEGUNDO

OFFERECIDO

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOÃO V.

Pelo Prior, e mais Conegos do Real Mosteyro de
S. Vicente de Fóra.



COIMBRA:

No Collegio dos Conegos Regulares de S. Agostinho,
e no Prélo de Antonio Simões Ferreyra.

Anno de M. DCC. XXXI.



Com todas as licenças necessarias, e privilegio Real.

*Sempre os Monarcas Portuguezes fo-
raõ soberanos Protectores desta Congrega-
ção Canonica; mas V. MAGESTADE
excedendo o Real animo de todos seus Glo-
riosos Predecessores, tem tomado mais á sua
conta o seu lustre, e a sua observancia. Af-
sim o reconhecemos, e assim o confessamos,
que quando são infinitas as dividas, quem
as confessa, e reconhece, tem satisfeyto,
quanto pôde, da sua parte. Só fica re-
stando a obrigação das Oraçoens continuas;
porém estas fazemos incessantemente a
Deos, para que conserve a V. MAGE-
STADE a vida por annos prolongados,
como hade mister a necessidade commua. O
mesmo Author de todos os bens ouça os nossos
votos, e conforme a elles guarde a Real pes-
soa de V. MAGESTADE. Real Mo-
steyro de S. Vicente de Fóra de Lisboa Ori-
ental 22. de Janeiro de 1731.*

O Prior, e mais Conégos de S. Vicente.

AO



AO LEYTOR.



É es benevolo , como nos persuadimos , tarde sahe á luz para o teu dezejo este segundo Tomo dos Sermoens do R. P. M. Doutor D. Luis da Ascençaõ, que te promettemos abreviar , quando te fizemos publico o primeyro: porém como não he facil desembaraçar com presteza de hum laberyntho , não debes estranhar , que gastasse-mos mais tempo do que era necessario para o prélo , em revolver tantos papeis informes , a fim de fazer selecção dos menos viciados. Destes ajustámos o mesmo numero de dezoyto Sermoens, que aqui te offereçemos distribuidos, á imitação dos do primeyro volume; porque logo nõ frontespicio da obra encontrarás com hum Sermaõ de Exequias, que merece o primeyro lugar peço soberano do assumpto, e no fim acharás o das Exequias Universaes do mundo todo, precedido de outro, que defengana os mortaes , lembrando-lhe o seu pó, e a sua cinza.

Os mais vão ordenados com indifferença; e se te parecerem muytos Mandatos os quatro, que se comprehendem neste segundo Tomo , assim como já houve quem fez este juizo dos tres, que vão no primeyro (se he, que podia formar juizo quem nesta parte mostrou que lhe faltava) sabe, que ainda nos fica porção para o terceyro, se dos mais houver



SENHOR.



S mesmos motivos ,
que tivemos, e allegámos, para authori-
zar,

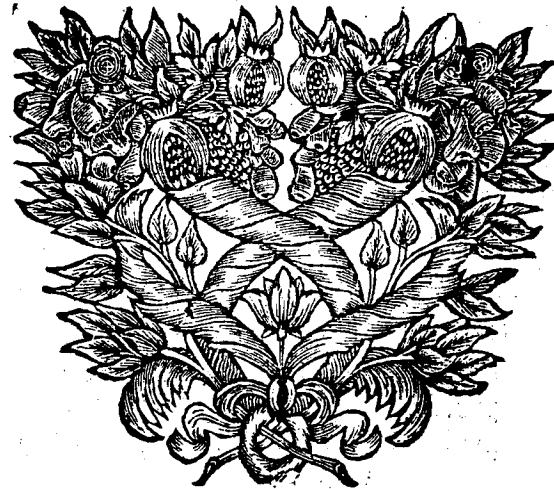
zar, e defender com o Glorioso Nome de V. MAGESTADE o primeyro Tomo dos Sermoens de Dom Luis da Ascençaõ, temos ainda agora, sem ser necessario repetillos, para buscarmos a mesma Protecçaõ a este segundo volume. Ambos elles comprehendem as felices producçoens de hum entendimento a todas as luzes grande; e se não desmerece hum do outro no elevado da idéa, tambem não deve desmerecer no soberano do Patrocinio. A mesma benignidade de animo, com que V. MAGESTADE se servio de receber a offerta, que da primeyra vez lhe fizemos, atemorizados do respeyto, esperamos achar agora que segunda vez a repetimos, animados já do exemplo. Porém não he tanto a memoria do Author a que leva a V. MAGESTADE os agrados, como he o Habito, que professou, e que a Real grandezza de V. MAGESTADE se tem empenhado em favorecer, e amparar.

Sem-

a sufficiente para o corpo ajustado do volume, e não he pequeno credito do Author, sobre huma mesma materia, e tantas vezes por tantos engenhos discursada, ter sempre que dizer cousas novas, e por modo novo, ainda aquellas, que são antigas.

Da repetição de alguns lugares, e identidade de alguns pensamentos, já dissemos o que bastava no prólogo do primeyro Tomo, onde terás lido as mais advertencias, que aqui julgamos escusadas, assim como lá as considerámos precisas. Se fizeres gosto da lição, roga a Deos pela alma do Author, e não menos pela que ainda mais necessita de tuas orações, que he a de quem teve o trabalho de ordenar estes papeis, a fim de tos fazer publicos.

VALE



SS

LICEN-



L I C E N C A

DA RELIGIÃO.

Approvação do M. R. P. M. Doutor D. Bernardo da Cruz, Fubilado na Sagrada Theologia, Lente da Universidade de Coimbra, Qualificador do S. Officio, e Reytor do Collegio de S. Agostinho da mesma Universidade.

REVERENDISSIMO SENHOR.

P Or ordem de V. Reverendissima revi este segundo Tomo dos Sermoens do P.M. Doutor D. Luis da Ascençaõ, e igualmente que o primeyro me parece muyto digno de se imprimir. V. Reverendissima mandará o que for servido. Collegio dos Conegos Regulares de S. Agostinho 14. de Fevereyro de 1731.

Humilde subdito de V. Reverendissima.
D. Bernardo da Cruz.

Appro-



Approvação do M. R. P. M. Doutor D. Joaõ Evangelista, Lente Fubilado na Sagrada Theologia.

REVERENDISSIMO P. REFORMADOR.

E Ste preceyto, com que V. Reverendissima segunda vez se serve de dar exercicio á minha obediencia, e credito á minha ignorancia, mandando-me ler, e censurar os *Sermoens do R.P.M. Doutor D. Luis da Ascençaõ*, que neste segundo Tomo pertende fazer publicos pelo prélo a Religiosa Comunidade do Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra, sendo-me dos mais suaves pelo attractivo da liçaõ, he igualmente dos mais rigorosos pelo arduo da censura. Naõ he taõ facil formar juizo de huma obra, como imaginaõ muytos, que talvez, se melhor o consideráraõ, naõ padeceria a Republica literaria o açoute de tantas varas censorias, que cada dia a estaõ molestando, e affligindo.

Separar o precioso do vil, sendo virtude propria da boca de Deos, (1) ordinariamente vem a degenerar em vicio commum nos dentes dos homens. Bem se lhes podia relevar, se a sua Alquimia fora verdadeyra; mas para se convencer de enganosa, e falsa, basta vermos, que a pedra Filosofal, de que ufaõ, he como aquella, que sem maõs desceo do monte, e mostrando que respeytava os metaes mais preciosos, veyo a entender com elles todos, tocando sómente o ferro, de que se compunhaõ os pés da estatua. (2)

(1) *Si separaveris pretiosum a vili, quasi os meum eris. Jerem. 15. 19.*

(2) *Abscisus est lapis de monte sine manibus, & percussit statuam in pedibus ejus ferreis. Dan. 2. 34.*

SS ij.

(3)
*Tunc contrita
sunt pariter fer-
rum... & aurum,
& redacta quasi
in favillam, quae
raptae sunt cento.*
Ibi. 35.

(4)
*Lapis autem,
qui percusserat sta-
tuam, factus est
mons magnus.* Ibi.

(5)
*Magnus Aristar-
cho maior Home-
rus erat.* Ovid. 3.
de Pont. Eleg. 9.

(6)
*Scripta placent
a morte ferè, quia
ludere vivos li-
vor, & injusto
carpere dente so-
let.* Ovid. 3. de
Pont. Eleg. 4.

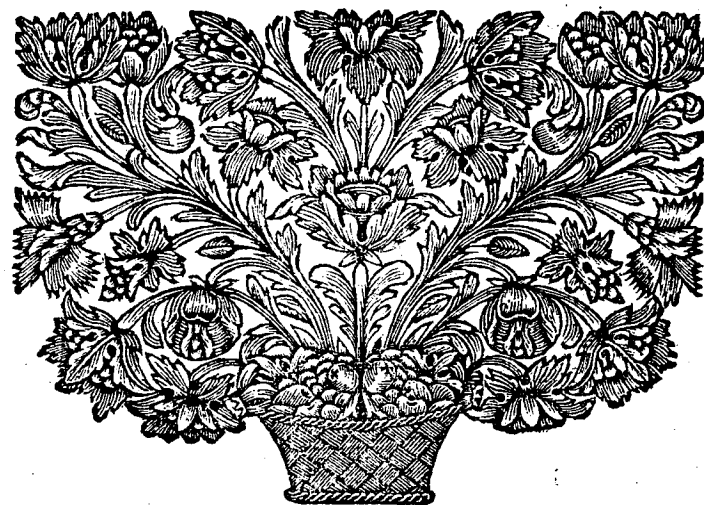
Naõ ha estatua famosa no mundo, erigida á eternidade nos escritos dos varoens doutos, que tendo cabeça de ouro, naõ tenha seus pés de ferro: e havendo estes Alquimistas de tocar com a sua pedra o ferro, a fim de lhe separar as porçoens etherogeneas, e livrallo das reliquias impuras, para apparecer todo o artefacto de ouro, elles antes pelo contrario, fazendo que escondem a maõ, mas dando sempre a pedrada, confundem o ouro, e o ferro, e tudo vay pelos ares confundido. (3) Será o feu intento fazerem-se por este meyo grandes; (4) mas escufavaõ crer o sonho, na consideração, de que sempre a grandeza dos Homeros foy mayor, que a dos Aristarcos. (5)

Destes, me quero persuadir, que correrá isenta esta obra; porque nada nella descubro, que mereça lima, antes tudo considéro digno de admiração. Só a enveja se lhe poderia atrever; mas esta he a fortuna das obras posthumas, que até da payxaõ mais vil costumaõ fer privilegiadas. (6) Alem de que já por experiencia nos consta a universal aceytação, que tem logrado o primeyro Tomo entre aquelles, que só devem fer attendidos, como competentes avaliadores de escritos semelhantes; e o mesmo devemos esperar, que succeda a este segundo, sendo, como he, irmão em tudo do primeyro, que o fahir á luz mais tarde naõ o faz merecer menos, antes se lhe tira o morgado, augmenta-lhe o merecimento.

Affim o julgo por todas as razøens crêdor da licença de V. Reverendissima, paraque o bronze do prelo continûe a eternizar a gloria de minha Sagrada Congregação, em ter hum filho, que tanto a illustrou vivo, e que ainda agora tanto a vay acreditando morto. V. Reverendissima ordenará o que for

for fervido, que será sempre o mais recto, o mais justo, e o mais acertado. Coimbra: Collegio novo de S. Agostinho: 12. de Fevereiro de 1731.

D. João Evangelista.



§§ iij.

Fr.

Fr. GASPAR DA ENCARNAÇÃO, Missionario Apostolico do Seminario de Varatojo, Visitador, e Reformador dos Conegos Regulares de S. Agostinho da Congregação de S. Cruz de Coimbra, com poderes de Capitulo Geral, e Diffinitorio por sua Santidade.

C Oncedemos licença ao M. R. P. Prior, e Religiosos do Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra de Lisboa Oriental, para que, guardado o que determina o Sagrado Cócilio Tridentino, e Leys do Reyno, possa mandar imprimir o Segundo Tomo, que consta de dezoyto Sermoens do R. P. M. *D. Luis da Ascenção*, Conego Regular desta Congregação, visto serem examinados, e approvados por pessoas doutas da mesma Congregação. Dada neste Real Mosteyro de S. Cruz de Coimbra, sob nosso final, e sello da Congregação, aos 16. dias do mez de Fevèreyro de 1731.

Fr. Gaspar da Encarnação, Reformador.

Lugar ✕ do Sello.

LICEN-



LICENÇA

DO S. OFFICIO.

Approvação do M. R. P. M. Doutor Fr. Antonio Chichorro, da Ordem de Christo, Jubilado na sagrada Theologia, Lente da Cadeyra de Durando na Universidade de Coimbra, Examinador synodal no mesmo Bispado, e Qualificador do S. Officio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

C Om prompta, e gostosa obediencia á ordem de V. Senhoria, vi, e revi este livro de *Sermoens do M. R. P. M. Doutor D. Luis da Ascenção*, o qual bem mostra nestes Sermoens, que prégou, a propriedade do Nome, com que luzio, pois nelles alunaia com a doutrina, resplandece na eloquencia, foge aos olhos nos pensamentos que levanta, communica-se a todos na clareza, e naturalidade com que prova: pelo que me parece luz muyto digna de se manifestar perpetua na estampa, sem que a nossa Santa Fé, ou bons costumes encontrem nella sombra, que

§§ iv.

os

os offenda. Este he o meu parecer. V. Senhoria ordenará o que for mais acertado. Coimbra: Collegio da Ordem de Christo, em 28. de Fevreyro de 1731.

Fr. Antonio Chichorro.



*Approvação do M. R. P. M. Doutor Fr.
Boaventura de Castro da Ordem dos
Pregadores, Mestre na Sagrada
Theologia, & Qualificador do
S. Officio.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

O Bedecendo ao preceyto de V. Senhoria, li para aprender a prégar este livro, segundo Tomo dos Sermoens do *R. P. M. Doutor D. Luis da Ascensão*, que a Religiosa, e sempre Illustre Comunidade de S. Vicente de Fóra intenta dar á luz no bronze da estampa, para deyxar sem queyxa, ou sem inveja a posteridade toda, de não ver, nem ouvir nos seus seculos, ao Grande Barão nos pulpitos tão decantado Heroe.

E cuida, que o que esta discreta, & bem advertida Comunidade intenta, tem conseguido; porque se as perfeçoens que compoem, e adornaõ hum livro são hum crystalino espelho, (1) em que se vem,

(1) *Speculo similis est sermo, & sicut in illis representantur species corporis, & animæ, ita in colloquiis animæ forma expressa conspicitur.*
Phocius Patriarcha.

e revem as prendas do seu Author, e se os partos do entendimento faõ a mais viva, e natural imagem de quem os produz (razaõ Theologica, porque o Verbo *in Divinis* se diz imagem) trocando de boa vontade, para mais fé, o mayor credito da minha obediencia o officio de Censor (de que não necessita este livro) com o depoimento de testemunha de vista; posso dizer (sem milagre) que depois da obscura fombra da morte roubar aos olhos do mundo o Grande Barão, e esconder este famoso Astro no triste occaõ da sepultura, para eterna faudade dos nossos coraçõens (ainda sem resuscitar, nem renascer, como verdadeyro filho da melhor Fenis) o vi com os meus olhos mais do que vivo, immortal nos seus Sermoens: (2) ventura, que tambem pôde lograr o seculo presente, e o mundo todo em quanto durárem impressos os seus escritos, se no mesmo espelho, ou na mesma imagem o quizer ver, ou admirar.

E passando por partes a examinar mais todo este maravilhoso composto, não achará huma só regra em cada folha deste livro, que não tenha força de ley, com que lhe faça observar na sua maravilha hum novo assombro; ou para me explicar melhor, não divilará o mais breve campo na pintura desta taboa, em que não mostre o seu engenho gigante a sua estatua; porque parece usurpou para si a sua penna aquelle primor, que só era permittido aos mais finos pinceis da Grecia de copiarem em huma area, huma montanha, por não ser menos prodigio da arte metter em huma concha hum mar, deyxado correr á descrição do seu discurso; com a singularidade rara de abrir a sua elegancia, ou o seu espirito ao mesmo tempo huma fonte perenne de puro crystal de sustanciaes doutrinas, por onde o defen-

(2) *Vivere post obitum vati vis nosce, viator? Quid legis? Ecce loquar, vox tua mea est.*
Ovid.



gano corre solto, e preço sobre areas de ouro a fertilizar as plantas, que se prezaõ de mais racionaes na terra para os melhores frutos do Ceo.

Para cujo fim se valle de Assumptos os mais bem fundados, e proprios do Euangelho, de concey-
tos os mais sublimes, e engenhosos, expostos com hum estylo serio, e culto, natural, e magestoso; de lugares os mais literaes, e genuinos, oportunamente trazidos, e conformes com o espirito das Escrituras; finalmente de letras (a que o mundo chama humanas) com tanta piedade dirigidas, e applicadas, que sãõ parece se escreveraõ, ou se inventaraõ para servirem às Divinas letras; sem aquella ruidosa, e fingida architectura de maquinas sumptuosas, grandes edificios de jaspes, montes de ouro, que na realidade naõ sãõ mais que arestas, quando naõ sãõ fabula, ou entes da razaõ. Este o teste-
muho de vista que posso dar do que vi, e naõ do que censurey neste livro; em que estive taõ arrebatado, que me foy necessario apartallo dos olhos para que a suspençaõ me deyxasse dar este depoimento, que concludo com dizer, que naõ podendo ser o grande Baraõ mayor, nem melhor, quando vivo entre os aplauzos do seculo, hoje se acha melhor, e mayor redivivo na Estampa; alludindo talvez a seu res-
peyto o dito de Oven neste meu pensamento.

Si bonus est, melior, non maior tempore fiet.

Si magnus, mayor, tempore non melior.

Pelo que me parece dignissimo este livro de toda a approvaçaõ que pede, ou que em si mesmo traz; naõ sendo menor prerogativa a de ser em si mesmo censura. Naõ contém cousa que se opponha á verdade da Fé Catholica, nem bons costumes, antes como joyas de inestimavel valor se achãõ muytas preciosidades de que se póde fazer hum riquissimo the-

thesouro para negociarem as almas o melhor, que he o Ceo. (3) V. Senhoria mandarã o que for servido. Coimbra: Collegio de S. Thomas, 7. de Março de 1731.

(3)
Scilicet in quovis doctrina potentior auro. Has ergo ingenij, collige divitias.
Duran. Poet. l.

Fr. Boaventura de Castro.



P Ode-se imprimir, mas naõ correrã sem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra: em Meza de Março 8. de 1731.

Amaral. Paes.



LICENÇA

DO ORDINARIO.

P Ode-se imprimir, e depois de impresso tornará conferido para se lhe dar nova licença para correr, sem a qual naõ correrã. Coimbra 9. de Março de 1731.

Doutor Souza.

LICEN



LICENÇA DO PAÇO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joãõ de
Azevedo da Ordem dos Eremitas de S.
Agostinho, Jubilado na sagrada
Theologia.*

SENHOR.

M Andame V. Magestade, que censure os Sermoens deste segundo Tomo do *P. M. e Doutor D. Luis da Ascensãõ*. Delle fui (quando vivo) muytas vezes ouvinte, agora sou (quando morto) dos mesmos Sermoens censor. Ao insigne P. M. Doutor D. Luis da Ascensãõ deu o mundo a conhecer com o nome de Barãõ pela casa, de que nascera, e sem que lhe ficasse devedor, o mesmo mundo o acclamou grande: grande na sciencia, quando en-

si-

finou nas cadeyras; grande nos pulpitos, quando exercitou a Prédica: grande na vida, quando dos ouvintes reformava os costumes, e tambem grande na morte, pela valerosa resoluçãõ, com que recebeu os golpes da sua tyranna fouce. Desta (talvez por mysterioso acaço) fui eu testemunha de vista; porque nos meus braços deu os ultimos suspiros, com tanto exemplo na morte, como o tinha dado na vida; mas se entãõ o lastimey morto, agora nas suas obras o confidéro resuscitado nas minhas maõs, o mesmo, que vi morto nos meus braços. Nas obras posthumas (que sãõ indices) resuscitaõ os Authores, para a posteridade, e nestes admiraveis Sermoens (obra posthuma) resuscita para os doutos o P. M. Doutor D. Luis da Ascensãõ: muytos destes lhe ouvi prégar, e querendo imitallos, confesso, que não pude: seria talvez a causa, que nunca as aves nocturnas se remontaõ, aonde as Aguias solares extendem as suas azas, e esta Aguia Canonica (e tambem Augustiniana) assim se remontou nos voos, que nos desapareceo á vista. Bem o mostraõ o sublime dos seus assumptos, e o natural dos seus Textos, sendo o melhor indice da sua inimitavel capacidade. Em fim, este he aquelle insigne Varaõ, que sendo jubilado na sagrada Theologia, e nella laureado, se como Mestre ensinou, como Doutor luzio, e como Prégador mereceo o ser Prégador da Magestade del-Rey D. Pedro II. que está em santa gloria, glorioso Pay de V. Magestade. Revendo pois com a devida attençãõ estes facundissimos, e fecundissimos Sermoens, nelles não encontro cousa, que nem levemente offenda as Leys, Decretos, e serviço de V. Magestade; antes os julgo muyto dignos de V. Magestade: lhe dar a licença, que se pertende. Este o meu

pare-

parecer. V. Magestade mandar o que for servido.
Lisboa Oriental, Convento da Graça, 12. de Abril
de 1731.

O M. Fr. João de Azevedo.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S.
Officio, e Ordinario, e depois de impresso
tornar  Meza para se conferir, e tayxar, e
dar licença que corra, sem a qual não correr. Lis-
boa Occidental, 14. de Abril de 1731.

Pereyra. Teixeira. Rego.

Conformatur cum suo originali: Conimbricæ,
in Collegio Ordinis Jesu Christi, die 18. Augu-
sti, anno 1731.

Fr. Antonius Chichorro.

Pode correr. Coimbra em Meza, de Agosto
21. de 1731.

Amaral. Paes.

Pode correr. Coimbra, 25. de Agosto de 1731.

Doutor Souza.

IN-



INDICE

Dos Sermões, que se contém neste
Segundo Tomo.

- S**ERMAM I. Nas Exequias del-Rey
Dom Affonso Henriques. No Re-
al Mosteyro de Santa Cruz de Co-
imbra. pag. 1.
- SERM. II. Do Mandato. Na Misericordia de Lisboa. pag. 19.
- SERM. III. Da sexta Sesta feyra da Quaresma. Na Capella Real. pag. 53.
- SERM. IV. Do Patriarca Santo Agostinho. No Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra. pag. 81.
- SERM. V. Da quarta Dominga do Advento. Na Capella Real. pag. 101.
- SERM. VI. Do Mandato. pag. 131.
- SERM. VII. Das Dores de Maria Santissima. Na Misericordia de Lisboa. pag. 148.
- SERM. VIII. Do Espirito Santo. pag. 170.
- SERM. IX. De Santo Antonio. pag. 189.
- SERM. X. Na Profissao da Madre Soror Maria do Espirito Santo em S. Bento do Porto. pag. 213.

SERM.

SERM. XI. Do Mandato. No Real Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra.	pag. 249.
SERM. XII. Do Santissimo Nome de Jesus.	pag. 273.
SERM. XIII. Do Patriarca S. Bento. No seu Convento de Lisboa.	pag. 287.
SERM. XIV. Das Quarenta horas. No Real Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra.	pag. 303.
SERM. XV. Do Mandato. Na Misericordia de Lisboa.	pag. 326.
SERM. XVI. Da primeyra Sesta fey-ra da Quaresma.	pag. 357.
SERM. XVII. Da Cinza. Na Capella Real.	pag. 377.
SERM. XVIII. Do Juizo. Na Capella Real.	pag. 396.



SER.



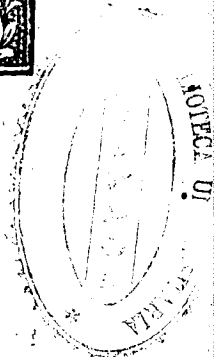
SERMÃO
 NAS
 EXEQUIAS
 DO SERENISSIMO REY
 D. AFFONSO
 HENRIQUES,
 PRIMEYRO DE PORTUGAL.
 No Real Mosteyro de Santa Cruz de
 Coimbra.

*Facta est lux: & vidit Deus lucem quòd
 esset bona. Genes. I.*

S. I. quelle grande Monarca,
 que teve em seu Impe-

Dedica hoje
 nosso pie-
 doso agra-
 decimento
 o funebre desta acção a-
 Tom. II.

rio a gloria de primey-
 ro no numero, e a ex-
 cellencia de unico na vi-
 da, o Serenissimo Rey
 D. Affonso Henriques,
 A de



de gloriôsa memoria. Justa piedade! Devido sentimento! No mundo por mais que o sentimento se queyra acreditar de piedoso, ordinariamente as lagrimas correm pelas veas do sangue; e fômente abrange a magoa áquelles, a quem a natureza unio no parentesco. Só os Reys, ainda que pela sua fortuna se considerem distantes de nós na vida, pelo nosso amor se devem considerar proximos na morte; porque aquella obrigação, que a natureza poz nos filhos, de chorarem a morte dos Pays, vinculou tambem aos vassallos, de sentirem a morte dos Reys.

2 Tanto que o Redemptor do mundo padecio nos braços da Cruz a morte, logo se rasgou o véo do Templo: *Velum Templi scissum est*. Mas que Mysterio teria rasgar-se este véo naquella morte? Direy: era então costu-

Math.
27. 51.

me entre o Povo Hebraico rasgarem-se os vestidos nos grãdes sentimentos. Assim o fez Jacob na morte imaginada de seu filho José: assim o fez David na morte lastimosa de seu filho Absalaõ. E bem: pois já estamos no mysterio. Era Christo legitimo Rey da Synagoga: assim o tinha intitulado nesta mesma occasião Pilatos: *Jesus Nazarenus, Rex Judeorum*. 19. 19.

E como Christo fosse legitimo Rey da Synagoga, ella piedosamente sentida na morte do seu Rey, que havia fazer, se não rasgar o seu véo? Havia rasgar o véo, com que se adornava, para mostrar a magoa, que sentia: *Velum Templi scissum est*.

3 Naquella morte sentio o insensivel, o que havia chorar o racional. Quebraraõ-se as pedras; elcureceo-se o Sol; e rasgou-se o véo interior do Templo; que quan-

do

do o golpe he grande, não se nega ao sentimento, nem das pedras endurecido, nem do Sol o distante, nem do véo o retirado. Assim abrangeo na morte de Christo o sentimento a todos; ao mais proximo, como eraõ as pedras, que estavaõ no Calvario; ao mais distante, como era o Sol, que residia no Ceo; ao mais retirado, como era o véo, que ornava o Templo. E se na morte de Christo, que era Rey do Povo Judaico, coube tanta parte de sentimento ao Templo dos Judeos, que chegou a rasgar o seu véo, justamente na morte do primeyro Rey de Portugal chega o sentimento ao Sagrado deste Templo, que se não rasga o seu véo, fecha em final de dor suas cortinas.

4 Mas todo este funebre apparatus, com q̄ mostramos o nosso agradecimento Catholico, Tom. II.

ainda que lembre a perda, parece que já não magoa os coraçõs. Ainda conserva este dia a tristeza, pelo funebre da cerimonia; mas já a pena nos não fêre, pela distancia dos annos. Sendo o tempo o mayor inimigo, que tem todas as cousas do mundo, só hum bem se lhe pôde considerar, que he fazer acabar em nós a efficacia do sentimento. Como o sentimento he hum ecco, que deyxou no coraçãõ o estrondo do golpe, o mesmo tempo, que diminue o estrondo, desvanece o ecco. No campo do coraçãõ os sentimentos saõ os espinhos, os gostos saõ as flores: e só nisto guardou igualdade a natureza; porque com a mesma brevidade, com que se murchaõ as flores, deyxãõ de magoar os espinhos. He muy breve a vida do sentimento no coraçãõ humano.

5 Quando Jacob estava

A 2 stava

itava já ás portas da morte; começou a contar a seu filho José alguns successos passados de sua vida: entre elles contou a morte apressada de sua esposa Raquel: *Mihi mortua est Rachel.* Mas se leres com attenção o texto, em todo elle não achareis, que mostrasse final algum de sentimento este Patriarca. Pois que he isto, Jacob? Hum caso tanto para lastimar, como he a morte apressada na flor de huma formosura contaes vós com os olhos enxutos? Hum golpe tanto para sentir, como he o eclipse funebre no Sol de huma belleza, relataes vós com as palavras distinctas? Onde estão as vossas lagrimas? Onde os vossos lamentos? Onde os vossos suspiros? E para que diga tudo de huma vez, onde está o vosso amor? Mas ó que tudo acaba o tempo, tudo se muda com os annos. Pode

o amor conservar aquelle fatal caso na memoria de Jacob, para o contar; mas o tempo lhe tirou do coração a dor, para já o não sentir. Acabou com o tempo amagoa, ainda conservando-se a memoria: *Mihi mortua est Rachel.*

6. E se em hum peyto tão amante, se em hum coração tão affeyçoado, tiverão tanta jurisdicção os annos, que pode curar o tempo o golpe, que deu a morte: se Jacob, sendo o exemplo do amor, pode contar a lastima, que vio, sem misturar as lagrimas com as vozes: com quanta mais razão pódem hoje fahir de nossos peytos as palavras, sem fahirem as lagrimas de nossos olhos? Mais justificados procedem os nossos corações em deyxarem de sentir, o que os nossos olhos não chegáram a ver. Em fim q se a Jacob lhe pode o

tempo tirar o sentimento, sem lhe poder apagar a memoria, tambem a nós poderão os annos aliviar a dor, sem que possa já mais extinguir a lembrança. Já como Jacob não sentimos; mas ainda como Jacob nos lembramos. E se já não ha lugar para o sentimento da morte, agora entramos a ter lugar para as admirações da vida. Assim que não fallaremos hoje de Affonso morto, admirarmos-hemos sim de Affonso vivo. Cessou o sentimento, comece a admiração.

S. II.

7. **N**ão ha politico no mundo, que se não tenha cançado em buscar hum Jeroglifico proprio, para nelle retratar hum Principe perfeyto. Dizem huns, que hade ser o Principe como o mar; outros, que hade ser como o Leão; outros, que hade

ser como o Sol; outros, que hade ser como o relogio. Dizem, que hade ser como o relogio; porque assim como este he o que governa o povo, dependendo ordinariamente do seu concerto o acerto de nossas acções, assim tambem do movimento certo do Principe dependem os acertados movimentos dos vassallos; e se para andar certo o relogio deve reger-se pelo curso do Sol, para andar acertado o Principe deve governar-se pelo movimento do Ceo. Bom Jeroglifico parece este: e ainda eu lhe accrescentára mais; porque se as Magestades são hūas fortunas, as fortunas explicação-se bem pelas rodas. Porém contra tudo isto está, que a certeza de hum relogio depende tambem da vontade de hum homem, que o governa: se este o quer apressar, o apressa; se o quer deter, o detem;

se quer que dê horas , dá horas ; se não quer que as dê , não as dá : e não he bom Principe aquelle , cujos movimentos proprios dependem de impulsos estranhos , e em quem o andar certo , ou errado não he eleyção sua , mas vontade alheya.

8 Dizem outros, que hade ser o Principe como o Sol, pela igualdade , q̄ guarda este Planeta : tanto nasce para o rico , como para o pobre ; tanto para o grande, como para o pequeno ; igualmente com seus rayos coroa os montes, e alumia os valles : e assim hade ser o Principe ; porque hade ser igual para todos. Bem dito : porém naquella igualdade do Sol considero eu huma grande desigualdade , e vem a ser, que alumiaando pouco mais de huma hora a Noroega, alumia tantas horas a nossa Hespanha ; e não he bom

Principe o que favorece humas terras mais do que as outras : se todas estaõ fogeytas ao feu Imperio , todas devem receber igualmente os seus influxos, e os seus favores.

9 Querem outros, que seja o Principe como o Leaõ ; porque entre todos os animaes elle he o mais vigilante, e o mais generoso ; taõ vigilante , q̄ dorme com os olhos abertos ; taõ generoso, e magnanimo, que aos que vê rendidos , logo lhes perdoa : e assim hade ser o Principe , vigilante sobre seus vassallos, e pois he hum Vice-Deos na terra, hade trazer igual a balança da justiça, e da misericordia. Boa copia de hum Principe parece esta ; mas tenho hũa grande queyxa contra o proceder do Leaõ , e he, que quando offende, offende cõ as mãos, e com a boca ; açção indigna de hum Rey.

Que

Que hum Principe castigue com as mãos , muyto embora ; mas nunca lhe helicito molestar com as palavras.

10 Dizem outros finalmente, que hade ser o Principe como o mar ; cuja natural providencia está sempre dispendendo agoas ; dando aos valles rios , com que os fertiliza , e aos montes dando fontes , com que os adorna ; e com tal generosidade de Monarca , que por fazer os beneficios escondidos, está dando continuamente aquellas agoas pelas occultas entranhas da terra , por onde as comunica. Bom exemplar de hum Principe , se na sua providencia não tivera o mar hum erro grande : he verdade que dispende agoas, mas salgadas ; por virtude da terra he que se fazem doces : e hum Principe perfeyto não hade salgar seus beneficios.

11 Eis aqui pois os Tom. II.

mais excellentes Jeroglicos , que os politicos tem considerado ; porém como acabámos de ver , nenhum delles he cabal , para explicar as obrigaçoens de hũ Principe : e assim agora quizera eu descubrir hum exemplar , que sendo proprio para hum Rey , o fosse tambem hoje para o meu assumpto. Em outra occasião mostrey neste mesmo Pulpito, e neste mesmo dia , que para hum Principe ser perfeyto havia ser homem ; pois ainda que o homem seja hum individuo fisico, e o Rey hum universal politico, com tudo as excellencias, que hade ter a universalidade de hum Rey , poz Deos na composiçãõ de hum individuo , que he o homem. Agora porém passando a diante com o pensamento digo, q̄ para hum Rey ser perfeyto, não lhe basta , que seja homem , he-lhe tambem necessario , que seja luz ;

A 4 mas

mas luz como a primeyra: esta foy a que Deos achou boa, logo que a acabou de crear: *Facta est lux: Et vidit Deus lucem quòd esset bona.* E ella he o melhor espelho, em que se vê representada a vida de hũ perseyto Principe. Foy pensamẽto do A Lapid: *In luce Regis vita.* Porém que Principe melhor, que o primeyro Monarca de Portugal, se pôde ver representado naquella primeyra luz? Bastava-lhe esta primacia, para prova da mayor propriedade: mas como já noutra occasiã pôdery esta circumstancia, hoje observarey sómente duas propriedades da primeyra luz, para nellas vermos representada a vida do nosso primeyro Principe. Começemos.

§. III.

12 **A** Primeyra propriedade da luz, que nos olhos de Deos

a constituiu boa, foy dividir-se de tal sorte das trevas, que nella se não ficou descobrindo nem a menor sombra. E assim hade ser hum Rey, nẽ sombra de imperfeyçã se hade nelle descobrir. Nisto se distingue o Rey do vassallo, que o vassallo pôde ser bom com huma só, ou outra perfeyçã; mas o Rey para ser bom, hade ter as perfeyçoens todas. Como o vassallo he hum sogeyto particular, bastaõ-lhe só as perfeyçoens, que conduzaõ para ornar este particular sogeyto, ainda que se lhe descubraõ algumas imperfeyçoens; o Rey, como he sogeyto comum, para se dizer que he bom Rey, não lhe basta huma só, ou outra perfeyçã, hade ter todas.

13 La se diffinio Christo huma hora luz: *Ego sum lux*, e logo a esta diffiniçã ajuntou outras. Diffinio-se dizendo,

Joann.
10.11.

Joann.
14.6.

Ibi.

Joann.
11.25.

Joann.
15.1.

do, que era bom Pastor: *Ego sum Pastor bonus.* Diffinio-se dizendo, que era caminho: *Ego sum via.* Diffinio-se dizendo, que era verdade: *Ego sum veritas.* Diffinio-se dizendo, que era resurreyçã: *Ego sum resurrectio.* Diffinio-se finalmente dizendo, que era vide: *Ego sum vitis.* E bem: para que são tantas diffiniçoens a huma pessoa só? Se não tem mais que huma diffiniçã cada pessoa, como se diffine tantas vezes a pessoa de Christo? Porque era pessoa cõmua, era Rey, era Principe, e tinha-se diffinido luz; e hum Principe, e hum Rey para ser luz, hade ter todas as perfeyçoens, não lhe hade faltar alguma; porisso nelle se pôdem admittir aquellas diffiniçoens todas; como se Christo dissera: sayba o mundo, entendaõ os Reys; sayba o mundo as perfeyçoens, que como luz tenho; entendaõ

os Reys as partes, que como luzes devem ter. Deve ser hum bom Pastor o Rey, porisso eu me diffino bom Pastor: *Ego sum Pastor bonus.* Deve ser o Rey religioso, porisso eu me diffino caminho para Deos: *Ego sum via.* Deve ser o Rey verdadeyro, porisso eu me diffino a mesma verdade: *Ego sum veritas.* Deve ser o Rey liberal, porisso eu me diffino abundante vide: *Ego sum vitis.* Deve ser o Rey justo nos premios, porisso eu me diffino resurreyçã: *Ego sum resurrectio.* Ultimamente deve ser o Rey remedio para os seus, porisso eu me diffino tambẽ vida. *Ego sum resurrectio, & vita.* Passemos a diante.

14 Para hum homem ser perseyto homem, basta-lhe ser bom entre os mãos; para hum Rey ser perseyto Rey, não lhe basta ser só bom, he-lhe necessario ser o melhor entre os homens.

Na

Na eleyção de hum Ministro particular para accertares, basta elegeres hum, que seja bom; na eleyção de hum Rey, que he pessoa commua, para se acertar, he necessario eleger o que he melhor. Não está fundada esta politica humana menos, que na politica divina. Quiz Deos tirar o Reyno a Saúl, e entregallo a David, e a razão, que deo por boca do Profeta Samuel, foy esta: *Scidit Dominus Regnum Israël à te hodie, & tradidit illud proximo tuo meliori.* Tira-te Deos hoje o Reyno (diz Samuel a Saul) e entrega-o a David, q̄ he melhor. Notavel sentença na verdade! Não bastava, que David fosse bom; he necessario, que seja David melhor! Sim; porque na politica de Deos só he bom Rey aquelle, que he melhor; porisso não basta, que David seja sómente bom. Posto David em com-

1. Reg.
15. 28.

paração com Saul, via Deos, que ambos mutuamente se excediaõ: Saul excedia a David nos favores da fortuna, que o fez mayor; David excedia a Saul nos dotes da natureza, que o fez melhor: e que faz Deos neste caso? Dá a sentença a favor do melhor, querendo que a elle se una a Magestade, e não ao mayor. *Tradidit proximo tuo meliori.*

15 O' que grande doutrina! O' que acertada politica! Mas que bem se vio depois em Portugal, o que se havia visto primeyro em Israel! Andava o Reyno de Portugal unido ao de Leaõ, e Castela, na pessoa de hum Affonso, que era o VIII. deste o tirou Deos para o dar a outro, que foy o primeyro. Parece que se poderia queyxr o IX. porque além de ser Neto do VIII. era chamado por antonomasia o *Bom*, e *Nobre*. Pois não quer Deos

Deos que passe este Reyno a hum Affonso *Bom*, e entrega-o ao nosso primeyro Affonso! Sim? porque se aquelle era *Bom*, este he *Melhor*, e Deos quando quer eleger Reys, não olha tanto para a bondade, como para a melhoria: tire-se embora o Reyno a hum *Bom*, com tanto que se dê a hum *Melhor*: *Proximo meliori.*

16 Deve ser a Magestade hum aggregado de perfeçoens; porq̄ como a República seja hum aggregado de homens, que se vestem das cores de seu Principe, assim como as ovelhas de Jacob concebiam segundo as cores das varas, he necessario, que assim como aquellas varas tinhaõ as cores todas, assim os Reys tenhaõ todas as virtudes, e todas as perfeçoens. He o Principe hum exemplar, a cuja imitação se compõe os vassallos: pois para

que todos aprendaõ as perfeçoens do Principe, hade ter o Principe as perfeçoens de todos. Na creação do mundo mandou Deos, que se ajuntassem todas as agoas em hum lugar: *Congregentur aquae in locum unum.* E que mysterio teria juntarem-se em hum lugar todas as agoas? Direy: dali haviaõ correr as agoas para toda a terra, para o valle humilde, e para o monte levantado; e mal podiaõ correr as agoas já para o valle, já para o monte, se ellas não estivessem juntas todas no mar: hade correr o mar com agoa para todos; pois tenha o mar todas as agoas. Mar he o Principe, donde correm para todo o Reyno os exemplos: logo para que o povo beba estas correntes puras, para que viva bem o monte soberano; para que proceda ajustado o valle humilde, assim como

Genes.
1. 9.

mo o mar tem todas as agoas, tenha o Principe todas as perfeçoens: *Congregentur in locum unum.*

17 Mas quem melhor exemplar de todas as perfeções entre os Reys da terra, do que o Serenissimo Rey D. Affonso? Que perfeção se póde desejar em hum Rey, que elle não tivesse? Era em Portugal o primeyro, e era juntamente o melhor: era o primeyro na Dignidade, e o melhor nas perfeçoens; e tinha estas perfeçoens todas em si, assim como a primeyra luz, sem mistura alguma de sombras. Não sey se acabei ainda de me explicar. Póde hum homem ter muytas perfeçoens juntas, e ainda assim entre ellas ter algumas imperfeçoens: mas no nosso primeyro Monarca não havia imperfeção algũa, e tinha as perfeçoens

todas. Fundo-me para isto em ser elle o primeyro. De forte, que sendo o Serenissimo Rey D. Affonso o que Deos escolheo para nelle fundar este seu Imperio, he de advertir, que toda a vida nelle o conservou: logo (infiro eu) he certo, que não houve nelle algum defeyto: foy luz, e não teve sombras. Provarey esta consequencia, que no antecedente não póde haver duvida, e tornemos outra vez a Saul.

18 Creou Deos a Saul em Rey de Israel, e por huma culpa, que commetteo, logo Deos o privou do Reyno. Escolheo depois para a mesma Coroa a David, e sendo tão grande o seu peccado, nem porisso Deos o privou desta Coroa. Que he isto, Senhor? Conservaes a David no Reyno depois do seu peccado, e tiraes a Saúl a Coroa porque commetteo hũa culpa?

pa? Não foy mayor culpa em David matar a Urias, do que em Saúl não matar a Agag? Parece que sim: logo porque Saúl não matou a Agag, hade ficar sem Reyno, e depois de matar a Urias, hade-se ficar David nelle conservando? Sim; porque ainda que Saúl, e David fossem ambos Reys de Israel, Saúl era o primeyro Rey, e fundador desta Coroa; e Deos, que nos Reynos permite muytas vezes, que sejaõ culpados os successores, não permite, que sejaõ culpados os fundamentos. Não edifica Deos os Imperios, assim como o mundo edifica os Palacios: o mundo edifica os Palacios, pondo todo o cuidado em serem polidas as paredes, e sejaõ embora toscos os fundamentos: Deos ao contrario he que edifica os Imperios; põe todo o cuidado, em que sejaõ

polidos, e formosos os fundamentos, em que o Imperio se estriba; permitindo, que sejaõ embora toscas, e feas as paredes, que vão succedendo. Porisso conservou a David depois do seu peccado; porque era parede, que succedia no edificio daquelle Reyno; porisso privou a Saúl da Coroa, tanto que commetteo aquella culpa; porq̃ era fundamento, em que se edificava aquelle Imperio. E se Deos não consentio, que houvessem culpas, e imperfeçoens no fundamento do seu Reyno de Israel, como havia permittir imperfeçoens, e culpas no fundamento do seu Reyno de Portugal? Escolheo para fundamento deste Reyno o Serenissimo Rey D. Affonso Henriques, e em quanto viveo, nelle o conservou. Logo que havemos dizer, fenaõ que pondo Deos os olhos

Ihos nesta primeyra luz, vio que a todas as luzes era boa: *Facta est lux: & vidit Deus lucem quòd esset bona.*

§. IV.

19 **A** Segunda propriedade, que eu confidero na luz, digna de levar os olhos a Deos, he a sua universalidade. A ninguem se nega, a ninguem se occulta, manifesta-se a todos. E assim hade ser o Rey, a ninguem se hade negar, a ninguem se hade esconder, e pois he hum fogeyto commum, deve ser a sua beneficencia para todos universal. Todos haõde ter entrada com elle, igualmente haõde estar abertas as suas portas para o grande, e para o pequeno; para o humilde, e para o soberano; que isto he ser Rey, esta he a obrigação de quem governa.

20 Falla Deos por boca do Profeta Zacharias, de Christo nos braços da sua Cruz, e diz assim: *Ecce ego cælabo sculpturam ejus.* Lê agora a versão Cyriaca: *Ecce ego aperiam portas ejus.* Abrirey as portas do feu corpo. Mas que portas seriaõ estas, que Deos abriu no Corpo de Christo? Diz S. Joaõ Chrysostomo, que eraõ as cinco chagas, que se abrião nos pés, nas mãos, e no lado do Senhor. Bem está; mas que mysterio teria abrir Deos nos pés, mãos, e lado de Christo estas portas? Direy: foy alta providencia, e acertada politica do Ceo. Era Christo Principe, tinha na Cruz o titulo de Rey: *Jesus Nasareus, Rex;* Joann. e como no mundo são 19. 19. varios os estados; porque huns são humildes, outros grandes, e todos pertendentes, para que todos tivessem entrada com Christo, abriu Deos no

no Corpo de Christo os pertendentes. O maior Palacio, de que nos daõ noticia as Historias humanas, he o do Graõ Sultaõ em Constantinopla, que tem mais de huma legoa de circuito; porém sendo as suas portas muytas, se observa, que nunca se vê aberta mais que huma só porta: mas isso he imitar este Principe as trévas, e aquillo foy imitar Affonso a luz. Era Rey, e sabia, que as obrigaçoens de hum Rey he cõmunicar-se a todos.

21 Sonhou Nabuco, que via huma arvore levantada, cujos ramos chegavaõ ao Ceo, e se estendiaõ de forte, que tocavaõ os lados da terra. Interpreta-lhe Daniel este sonho, e diz, que elle, e seu Reyno he aquella arvore. Pergunto agora: e que lugar tinha nesta arvore Nabuco? Do mesmo texto se colhe, que tinha o lugar da

da raiz. Porém se toda a mais arvore figurava o Reyno, porque hade ser a raiz, a que figure o Rey? Respondo: porque esta he a obrigação de hum Rey, ser a raiz de huma arvore, em que se representa o seu Imperio. Neste Imperio de Nabuco, representado na arvore, o tronco era o corpo, e o estado do Reyno, que costuma ser o mais firme; as varas eraõ os Ministros, em que se acha o fruto do premio, e juntamente o castigo; as folhas eraõ o povo, ou porque com qualquer vento se movem, ou porque sempre andaõ juntas com as novidades; as aves, que se punhaõ nos ramos, eraõ os Grandes, e Principes, que sempre tem o lugar mais alto, ou porque aquellas voavaõ sem mais imerecimentos, que o de serem aves, ou porque, como as aves, se sustentaõ os

Principes do que os outros semeaõ. E sendo nestas partes da arvore figurados os estados do Reyno, quem duvida que o Rey se havia figurar na raiz. A raiz he a que communica a substancia ao tronco, he a que dá o vigor ás varas, he a que conserva a verdura das folhas, he a que produz os ramos, em que se sustentaõ as aves, e assim hade ser o Rey para todos, como he a raiz para as mais partes da arvore.

22 O Rey hade ser por sua obrigação, o que Deos he por sua eternidade. Deos por sua eternidade he principio, e fim de todas as cousas: *Ego sum Alpha, & Omega: principium, & finis.* Apoc. i. 8. E isto, que Deos he pelo attributo de sua eternidade, hade ser o Rey no seu Reyno por obrigação de seu officio: hade ser principio, e fim; hade ser principio estando embayxo, como quẽ

a to-

a todos sustenta; e hade ser fim estando no alto, como quem a todos governa. Hum homẽ particular tem hum lugar só, o Principe tem dous lugares, hum em bayxo, outro em cima, como quẽ manda. Aos Principes, que no mundo haviaõ ainda viver, explicou Deos esta verdade com outro Principe, quando houve de morrer.

23 Paramorrer Moyfes mandou-lhe Deos, que subisse ao monte: *Ascende in montem... & morere:* e tanto que morreo no monte, o mesmo Deos o sepultou no valle. Pois como assim? Que mudança he esta, Senhor? Se o monte he capaz para que Moyfes nelle morra, como naõ he capaz para que Moyfes nelle se sepulte? E se depois o haveis de sepultar no valle, para que o mandaes morrer no monte? Porque Moyfes era Principe do povo de

Tom. II.

Israel, e hum Principe tem lugar no alto do monte, como quem governa o valle, e tem lugar no bayxo do valle, como quem sustenta o monte. Quiz Deos na morte de Moyfes explicar a vida de hum Rey: pois suba, e desça (diz elle) suba ao monte, como quem preside; e desça ao valle, como quem sustenta. O Sereñissimo Monarca de Portugal, que qual outro Principe de Israel, tirastes do cativeyro de hũ povo barbaro o povo escolhido de Deos! Assim vos houvestes como Moyfes na vida, e assim vos houvestes como Moyfes na morte: morrestes em Coimbra no levatado monte de vosso Palacio, e sepultastes-vos no bayxo valle desta vossa casa; porque assim morrestes, como vivestes; vivestes para todos; para altos, e bayxos; para grandes, e pequenos; para soberanos, e humildes: foy

R uni-

universal a vossa beneficencia; foraõ rayos de luz os rayos da vossa Magestade, que dilatando-se a todos os estados de vosso Reyno, vieraõ a levar os olhos, e os agrados de Deos: *Facta est lux: & vidit Deus lucem quòd esset bona.*

24 Assim luzistes, Principe soberano, no Oriente desta vossa Monarquia: foztes luz, que della desterrastes as tré-

vas da infidelidade, luz sem sombras, Monarca sem defeitos, universal para todos, e que a todos destes entrada: mas porisso mesmo a tivestes tanto com Deos, que conservando-vos unido a elle (como piedosamente cremos) por graça, hoje lhe estaes fazendo companhia, e logrando a sua vista, por huma eternidade degloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO DO MANDATO, Pregado de manhãa na Misericordia de Lisboa.

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeret ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

Joann. I 3.

§. I.

25 **S**abendo o amorosissimo Jesus, que na vespera da sua Pascoa era chegada a hora da

sua morte. (Senhor) Sabendo o amorosissimo Jesus, que na vespera da sua Pascoa era chegada a hora da sua morte, hora, em que manifestando os excessos do seu amor, se haviaõ

Tom. II.

B 2 ver

ver as demasias da nos-
sa ingratação; hora, em
que apartando-se faudo-
so dos homens, havia
fubir obediente para o
Pay; como quer que a-
massê sempre aos seus,
que estavam no mundo,
se muyto os amou na
vida, muyto mais os
amou na morte. Este
he aquelle Euangelho,
que fendo sempre cen-
sura de nossos ingratos
corações, he juntamen-
te tormento dos enge-
nhos dos Oradores. Nê
os engenhos o podem
alcançar, nem os cora-
ções o sabem corres-
ponder. Esta noyte nem
o soube corresponder o
coração de Judas: *Cum
Diabolus jam misisset in
cor, ut traderet eum
Judas*; Nem o pode al-
cançar o engenho de
Pedro: *Quod ego facio,
tu nescis modò*. Porém
cõsiderando eu este pon-
to com alguma attençaõ,
vim a reparar com muy-
ta novidade no que Chri-
sto diz, e no que o Eu-

Joann.
13.2.

Ibi. 7.

angelista escreve. Co-
mecemos pelo Euange-
lista.

26 Péga o Euange-
lista na penna, e que-
rendo-nos manifestar as
finezas do amor, todo
o seu empenho he refe-
rir-nos as excellencias
do amante. Tres cir-
cunstancias podem con-
correr em huma pessoa,
para que seja grande no
mundo, e tenha a esti-
mação dos homens: a
primeyra he o entendi-
mento; porque saõ muy-
to estimados os enten-
didos: a segunda he o
poder; porque saõ muy-
to bem vistos os pode-
rosos: a terceyra he a
nobreza; porque saõ
muyto respeitados os il-
lustres: e todas estas tres
circunstancias aponta ho-
je o Euangelista na pes-
soa de Christo. Diz que
elle he entendido: *Sciens*
quia venit hora ejus; diz
que elle he poderoso:
Sciens quia omnia dedit
ei Pater in manus. E
diz que elle he illustre:
Sciens,

Joann.

13.1.

Ibi. 3.

Ibi. *Sciens, quia à Deo
exivit.*

27 Isto he o que o
Euangelista escreve, e
parece que isto he, o
que elle não havia es-
crever; e senão per-
gunto: que intento era
o do Euangelista nesta
hora? Todos sabem,
que era dizer-nos, e in-
timar-nos o grande, e
alto amor, que Christo
nos teve: não ha duvi-
da. Pois se o intento do
Euangelista foy dizer-
nos o que Christo nos
amava, como foy todo
o seu empenho escrever
o que Christo era? Que
tem as excellencias da
pessoa com as finezas do
amor? Muytos amaraõ,
e no tempo, em q amá-
raõ, seriaõ grandes amã-
tes; mas não eraõ gran-
des pessoas. Quem era
Jacob, quando foy em-
prego dos seus cuidados
a belleza de Raquel?
Era hum pobre pastor.
Quem era David, quan-
do foy motivo de suas
façanhas a formosura de

Tom. II.

Micol? Era hum solda-
do humilde. Quem era
Amnon, quando foy oc-
cupação de seus pensa-
mentos a graça de Tha-
mar? Era hum Princi-
pe sobre muyto arroja-
do, pouco entendido.
Pois se pode amar a
ignorancia de Amnon,
se pode amar a humil-
dade de David, se po-
de amar a pobreza de
Jacob, bem se segue,
que não dependem as fi-
nezas do amor das ex-
cellencias do amante.
Póde amar o nescio:
logo não he preciso, que
o amante seja sabio. Pó-
de amar o pobre: logo
não he necessario, que o
amante seja poderoso.
Póde amar o humilde:
logo não se requer, que
o amante seja illustre.

28 O amor tomará
da pessoa, o ser mais, ou
menos estimado; mas
sempre toma da vontá-
de o ser mais, ou menos
fino. O amor de Jona-
thas tomou da pessoa a
estimação; mas da von-
tade

B 3 tade

tade tomou a fineza. Perguntay aos Doutores, se pôde ser mais perfeyto o acto de Fé, com que crê hum rustico, do que o acto de Fé, com que crê hum Theologo? E responder-vos haõ, que pôde ser menos perfeyto o acto, com que crê o Theologo, e mais perfeyto o acto, com que crê o rustico. Será a Fé do Theologo mais entendida; mas pôde ser a Fé do rustico mais intensa: e o mesmo que passa no entendimento para com a Fé, digo que passa na vontade para com o amor: e a razão he; porque os actos das nossas potencias não dependem das perfeçoens das nossas pessoas. Logo, se isto assim he, porque nos refere o Euangelista as excellencias da pessoa de Christo, quando nos quer persuadir os quillates do seu amor? Ora dobremos aqui a folha

no que o Euangelista escreve, e ponderemos o que Christo diz.

§. II.

29 **F** Alla hoje o Senhor com seus Discipulos, e se bem advertirmos, parece que não podia haver defeyto na sua correspondencia, que elle lhes não apontasse nas suas pessoas. A Pedro diz, que he ignorante: *Nescis modò.* Joann. 13. 7. E sobre ignorante, que hade ser negativo: *Ter me negabis.* Matth. 26. 34. A Judas diz, que he demonio: *Ex vobis unus diabolus est.* Joann. 6. 71. E sobre demonio, que hade ser traydor: *Unus vestrum me traditurus est.* Matth. 26. 21. Aos tres Discipulos do Horto diz, que foraõ descuidados: *Non potuistis una hora vigilare mecum.* E sobre descuidados, que haviaõ ser fugitivos: *Percutiã Pastorem, & dispergentur oves gregis.* Isto he o que Christo diz; mas, se me não

naõ engano, isto he o que não havia de dizer. Que amante fino, ainda quando muyto quey-xoso, disse já mais os defeytos do amado? Quem pintou o amor cego, se lhe poz a venda, foy para que elle não visse as imperfeçoens do objecto, a quem ama: o amante extremo põe os olhos nas perfeçoens sem advertir nos defeytos; e se talvez adverte nos defeytos, lhe parecem perfeçoens.

30 Isto he o que se pratica no amor humano, e parece que de algum modo se pratica tambem no amor Divino. Disse-o o Apostolo S. Pedro: *Charitas operit multitudinem peccatorum:* Por mais que sejaõ os defeytos, sempre os encobre o amor. Que bem praticou isto Deos antigamente! Considerou sua Esposa a Synagoga, e disse que tudo nella era perfeçãõ, sem

haver defeyto: *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te.* Cant. 4. 7. E bem! A Synagoga não teve muytas, e grandes imperfeçoens? Não foy ingrata? Não foy desobediente? Não foy inconstante? Não foy idolatra? He certo: pois se tudo isto teve, como diz Deos, que toda era perfeyta sem mancha? Que toda era formosa sem defeyto: *Et macula non est in te?* Dizeyã amava Deos antigamente por este estylo; divertia os olhos dos defeytos, e punha toda a atençaõ nas perfeçoens. Assim he; mas se Deos assim amou antigamente; porque não ama assim hoje! Se antigamente se entregava todo a considerar nas perfeçoens da Synagoga, como hoje todo se occupa em dizer os defeytos dos Discipulos?

31 Ora comparemos já o que o Euangelista escreve, com o que Chri-

Tom. II. B 4 sto

sto diz. O Euangelista todo se occupa em escrever as perfeçoens do amante; Christo todo se emprega em dizer os defeytos dos amados; e isto porque razao? Direy: todo o intento de Christo, e do Euangelista era, que visse hoje o mundo a grandeza do amor; e com nenhuma cousa se encarece mais o amor de grande, que com se dizer, que he muyto imperfeito o amado, e muyto perfeito o amante. Se os homens não tiverão os defeytos, que Christo disse; se Christo não tivera as perfeçoens, que o Euangelista escreveu, não fora o amor de tão subidos quilates: pois para que o amor chegue ao mais alto ponto, a que póde chegar; para que suba aos mayores quilates, a que póde subir, sayba o mundo (escreve o Euangelista) que Christo, tendo tantas

perfeçoens, foy amante; Sayba o mundo (diz Christo) que os homens, tendo tantas imperfeçoens, forão amados.

32 O amor não cresce, como cresce o odio: o odio para ser grande, hade ser muy imperfeito o offensor, e muy perfeito o offendido; porisso o mayor odio, que haveria no mudo, seria o que tivesse huma creatura a Deos; porq̄ em razao de offensor, não póde haver cousa mais imperfeyta, que a creatura, e em razao de offendido não o póde haver mais perfeito do que he o Creador. Pelo contrario he o amor nas suas finezas: crescem estas pelas perfeçoens do amante, e pelas imperfeçoens do amado. Se sois máo, e offendeis o bom, não póde haver mayor odio; se sois bom, e amais o máo, não póde haver mayor amor. Da-

que modo que

qui se infere, que só Christo neste mundo amou perfeitamente; porq̄ só o seu amor para credito das finezas unio a distancia dos extremos, muytas perfeçoens no amante, e muytas imperfeçoens nos amados.

33 La escreverão a Christo aquellas duas devotas irmãas Martha, e Maria, e as palavras da carta eraõ estas: *Ecce quem amas infirmatur*: Senhor está enfermo aquelle, a quem a mais. E bem? Que ellas fallem na doença, passe; porque emfim para ella imploravaõ o remedio; mas lembrarem tambem a Christo o amor: *Ecce quem amas?* E porque razao? Porque sabiaõ, que era tão perfeito o amante Christo, que sempre o seu amor topou com as nossas enfermidades. Sempre a sua affeyção se encontrou com os nossos defeytos; porisso tanto

que falláraõ nos defeytos, logo lhes lembrou fallar no amor: *Ecce quem amas infirmatur*. Amar perfeçoens será do amor bom emprego; mas amar defeytos he no amor grande credito: se Deos amára os Anjos, obrando por elles o que obrou pelos homens, seria o seu amor mais bem empregado; mas em amar os homens, obrando por elles o que não obrou pelos Anjos, foy o seu amor mais fino; porque assim como cresce a offensa pellas imperfeçoens do offensor, e pelas perfeçoens do offendido, assim cresce a fineza pelas perfeçoens do amante, e pelas imperfeçoens do amado. Isto que tenho mostrado em commum, he o que determino discorrer hoje em particular: mas como não póde caber tudo em hum Sermão, no de tarde mostrarey como cresceo o amor

Joann.
II. 3.

amor de Christo pelos defeytos dos amados; agora veremos como cresceo o feu amor pelas perfeçoões do amante, sem sahirmos das tres excellencias, que hoje escreveo o Evangelista para encarecer em Christo o feu amor. Começemos pela primeyra.

§. III.

34 **A** Primeyra excellencia do Divino Amante (diz o Evangelista) foy amar sabendo: *Sciens*. O entendimento, assim como authoriza o amante, assim tambem acredita o amor. Para melhor intelligencia deste ponto, havemos de suppor huma verdade, e he, que no mundo pela mayor parte não ha amante; que não seja nescio: ao amor quem lhe chamou amor, melhor lhe chamára ladrão; porque se o la-

drão, quando entra na casa para roubar a joya, a primeyra cousa que faz he apagar a luz; o amor, tanto que entra no peyto para roubar a liberdade, a primeyra cousa que faz he apagar a razaõ. O amor, e a melancolia são duas enfermidades do coração; e se não ha entendimento quieto com coração triste, mal póde haver entendimento cioso com coração amante. Pintáraõ os Antigos despido ao amor; e lançar o amor a roupa fóra, ainda que seja quentura, sempre parece desvario. Nas Historias humanas se lê, que quando Troya se abrazava, entãõ dormia: e quantas vezes se vê isto no theatro do mundo! Estaes arden-do no fogo do amor, e tendes fechados os olhos á luz da razaõ: não ha coração amante, que não seja huma Troya abrazada; muyto fogo, e pou-

pouca vista. O mundo pinta o amor com venda nos olhos, e azas nos pés; e homem com pés ligeiros, e olhos vendados tem mais de precipitado, do que de entendido. Dizem que o amor he fogo; mas quando feu calor nos abraza, sempre sua luz nos cega.

35 Consideray a Samsão, quando tinha nos braços a Dalila; e consideray depois a Samsão, quando tinha nos braços a columna. Quando Samsão tem nos braços a Dalila, he despojo de seus inimigos; quando Samsão tem nos braços a columna, triumpho de seus contrarios: e porque razaõ? Direy: quando Samsão tem a columna nos braços he Samsão, que não tem olhos no rosto: *Erue-
Judic. 16. 21. runt oculos ejus*. Quando Samsão tem nos braços a Dalila, he Samsão, que tem venda nos olhos: *Post hæc amavit*

mulierem. E he tal a cegueyra do amor, que mais acerta Samsão sem olhos, do que acerta Samsão com venda. Sempre Samsão obrou com cegueyra: quando tinha nos braços a Dalila, abraçava como cego hũ engano; quando tinha nos braços a columna, abraçava como cego huma dureza; mas vay tanto de cegueyra a cegueyra, q̄ quando Samsão abraça a dureza da columna, a sua cegueyra lhe grangêa huma vingança; e quando abraça o engano de Dalila, a sua cegueyra lhe grangêa hum desprezo. Vede lá como he peor a cegueyra do amor humano: Samsão cego pelo castigo, fica morto, mas vingado; Samsão vendado pelo amor, fica enganado, e abatido.

36 Esta he a cegueyra do amor humano: assim são nescios os amantes do mundo; e ainda que

que se diga communmente, que porisso no mundo não ha verdadeiro amor, porque a ignorancia tira o valor á fineza, eu com licença de todos digo ainda assim, que bem podem haver finezas com ignorancia; antes accrescêto, que muytas vezes a ignorancia he a que acredita a fineza. Quando Abrahão caminhava para o sacrificio, levava no seu entendimento huma sciencia, e huma ignorancia: levava huma sciencia, porque sabia muy bem ao que hia: levava huma ignorancia, porque não sabia o que havia de succeder: sabia q̄ caminhava para sacrificar seu filho; mas ignorava, que Deos lhe havia suspender o golpe. Agora pergunto: se Abrahão soubera, que Deos lhe havia de deter a espada, se soubera, que não havia morrer seu filho, fora aquella fineza tão grande como

foy? He certo, que não: logo o credito da fineza esteve na ignorancia do juizo: graças á ignorancia do fim, que ella acreditou a fineza do amor. De forte, que naquelle grande sacrificio houve ignorar, e saber; mas se a fineza deveo muyto á sciencia, muyto mais deveo á ignorancia; que esta he a natureza do amor dos homens, ainda quando por bem empregado tem muyto de entendido, sempre por limitado, tem muyto mais de ignorante: não ha carro triunfante do amor, a que não vá atado o juizo humano.

37 Não assim o Senhor Jesus, tanto triunfou hoje o seu amor no *Dilexit*, quanto triunfou o seu juizo no *Sciens*. Esta noyte representaráo aquelles dois extremos de sabedoria, e ignorancia, as duas principaes pessoas do nosso Euangelho, Christo

sto, e Pedro. Pedro caminhava vendo: *Ut videret finem*. E ainda assim caminhava ignorando: *Nescis modò*. Christo caminhava entendendo: *Sciens*. E com tudo levava hum véo em seus olhos: *Velaverunt eum*. Pois que he isto? Pedro vê; e não sabe? Christo sabe, e não vê? Sim; porque nestas duas pessoas, em Christo, e em Pedro, se figurou o amor de Deos, e o amor dos homens: o amor dos homens em Pedro tirou a venda dos olhos, e polla no juizo: o amor de Deos em Christo tirou a venda do juizo, e polla nos olhos: o amor dos homens tirou a venda dos olhos, e polla no juizo; porque o seu empenho não costuma ser consideração do juizo, antes he hum acaso dos olhos. Vede-o na Egiptia com José, filho de Jacob; e vede-o em David com Bersabé; es-

posa de Urias. Se David considerára o que daquelle amor se havia de seguir, se considerára, que Deos ficava offendido, que Urias ficava morto, que elle ficava infamado, pôde ser, que não amára; mas amou porque teve o juizo vendado, e os olhos abertos: *Viditque mulierem se lavantem*. Assim verdadeira no seu amor mais parte os seus olhos, do que teve o seu juizo. Se a Egiptia considerára, que sendo o seu amor aceyto, ficava seu esposo offendido na honra, e que não sendo seu amor correspondido, ficava ella desayrosa com o desprezo, pôde ser que se não affeyçoára; mas affeyçoou-se, porque a venda, que havia ter nos olhos, teve-a no juizo: não foy o seu amor consideração do juizo, foy hum acaso dos olhos: *Injecit oculos suos in Joseph*. Eis aqui o que he o amor

Matth.
26. 58.

Joann.
13. 7.

Luc.
22. 64.

2. Reg.
11. 2.

Genes.
39. 7.

amor humano; amor que tem abertos os olhos, e vendado o juizo: *Nescis modò*. Não assim o amor de Deos: o amor de Deos tirou a venda do juizo, e consentio, que se lhe puzesse nos olhos; porque Deos não se empenha acafo, empenha-se com muyta consideração: depois de advertir o que hade fer, como entendido: *Sciens quia venit hora*, então se resolve a amar, como empenhado: *In finem dilexit eos*.

§. IV.

38 **D** Esta doutrina nasce agora huma questão tão nova, como bem fundada; para intelligencia da qual havemos de advertir, que duas vezes nas palavras do thema falla o Evangelista na morte de Christo: a primeyra vez naquella palavra, hora: *Quia venit hora*: a segunda na-

quella palavra, fim: *In finem*: assim entendem huma, e outra palavra os Expositores; mas he de notar huma grande differença, e vem a fer, que a primeyra vez, que o Evangelista falla na morte com o nome de hora, ajunta a morte com a sciencia: *Sciens quia venit hora*: a segunda vez, que falla na morte com o nome de fim, ajunta a morte com o amor: *In finem dilexit*. Isto supposto, agora entra a questão: se a morte de Christo se ajunta com a sciencia, e com o amor, qual dos dous foy o que matou a Christo? O feu amor, ou a sua sciencia?

39 Para responder a esta duvida, que não he pequena, havemos de suppor huma doutrina muyto certa, e he, que para Christo morrer morte de Cruz, eraõ necessarias duas causas; a primeyra, que

o Senhor se entregasse aos homens; a segunda, que os homens matassem o Senhor. Se Christo se não entregára hoje, não o poderiaõ os homens matar; se os homens o não matáraõ, não poderia Christo hoje morrer: donde se segue, que para Christo nos remir morrendo, era necessario, que concorresse elle, e juntamente os homens. O que supposto, respondendo á questão, e digo, que ambos matáraõ a Christo, o feu amor, e a sua sabedoria; mas com esta differença, que o amor foy causa da morte, tomada da parte de Christo; e a sabedoria foy motivo da morte, tomada da parte dos homens. Mais claro: o Senhor entregou-se á morte, porque era amante; os homens matáraõ o Senhor, porque era entendido: se Christo não fora amante, ainda que fora en-

tendido, não havia de entregar a vida; se Christo não fora entendido, ainda que fora amante, não lhe haviaõ de dar os homens a morte: morreo logo, porque amava; e os homens o matáraõ, porque sabia. Está resolvida a questão; ouvi agora as provas da Escritura.

40 Fazem os Pontifices conselho sobre o que se hade resolver da pessoa de Christo: e resolve Caifas por impulso do Espirito Santo, ser necessario que o Senhor morra, para que todos se salvem: *Ex Joann. pedit ut unus moriatur pro populo, & non tota gens pereat*. Notay agora, que não profetizou Caifas ser necessario q̄ matassem a Christo, profetizou fim, que era necessario, q̄ elle morresse; porq̄ o matar era acção má da parte dos homens, o morrer era acção boa da parte de Deos;

Deos; e como o Pontífice fallava por superior impulso, não havia resolver o que era máo, havia sim determinar o que era bom. Porém que causa he a que se allega para Christo morrer? Ouvi-a aos do mesmo conselho: *Quia hic homo multa signa facit.* Porque Christo faz obras prodigiosas. E bem! Hade morrer Christo pelo que faz? E porque não hade morrer pelo que diz? Se Christo obrava bem, fazendo muytos milagres, juntamente fallava bem, ensinando muytas doutrinas: pois porque não apontaõ por causa da morte o bem, que diz, assim como apontaõ o bem, que faz: *Quia hic homo multa signa facit?* Ora deyxemos ficar arrezoados os Fariseos, e Pontífices no seu conselho, e vamos ver a execuçaõ da morte, que nelle se tem determinado.

Ibi. 47.

41 Prendem os Ministros da crueldade a Christo, leuão-no a casa dos Pontífices, e as culpas, que lhe daõ, não são as suas obras, são as suas palavras; não accuzaõ o Senhor do que elle faz, accuzaõ-no do que elle diz: ouvi as testemunhas, que o accuzaõ, e logo ouvireis o Pontífice, que o condẽna. As testemunhas dizem: *Hic dixit: Matth. possum destruere Templū Dei, & post triduum reedificare illud.* Este homem diz, que póde destruir o Templo, e depois de tres dias tornar a edificallo. Diz o Pontífice: *Quid adhuc egemus testibus? Ecce nunc audistis.* Não são as testemunhas necessarias para o matarmos, basta o que da sua boca lhe temos ouvido. Agora o meu reparo, ajuntando os lugares ambos: e que differença he esta? Christo morreu no conselho pelo que faz:

Matth.

26.61.

Ibi. 65.

faz: *Quia multa signa facit.* E os homens mataõ-no depois pelo que diz: *Hic dixit?* E porque razãõ? Direy: as obras, que Christo fez, e pelas quaes ajuntaráõ os Pontífices o conselho, eraõ as de curar os enfermos, e mais especialmente a de refulscitar a Lazaro, em que se manifestou o seu amor: *Ecce quem amas infirmatur.* As palavras, que Christo disse, e porque os homens o accusáraõ, eraõ palavras de doutrina, com que os ensinava a elles, e com que fazia patente a sua sabedoria: *Ego semper docui in Synagoga.* A' sim! Pois já está entendida a razãõ: como morrer Christo tivesse por causa o seu amor, porisso quando elle morre no conselho, morre pelo que obra, como amante: e como matarem-no os homens tivesse por motivo a sua sabedoria; porisso elle Tom. II.

Joann.
11.3.Joann.
18.20.

na Cruz morre pelo q falla, como entendido: quando Christo morre, allegaõ-se por causa da morte as obras do seu amor: *Quia multa signa facit.* Quando os homens o mataõ, allegaõ-se por motivo da morte as palavras da sua sabedoria: *Hic dixit.* No conselho, onde se decretou, que era conveniente, que o Senhor morresse: *Expedit ut moriatur;* não ha outra causa mais, que as obras da sua affeyçaõ, *Facit.* Porém na junta, onde se resolveo, que os homens o matassem, não ha outro motivo mais, que as palavras do seu entendimento: *Hic dixit.*

42 E que bem provada está toda esta doutrina no successo do Horto esta noyte. Chegou Judas a Christo, e chamou-lhe Mestre: *Ave Rabbi.* Voltou Christo para Judas, e chamou-lhe amigo: *Amice, ad quid*

Matth.
26.49.

Ibi. 50.

C

quid venisti? Pois como assim? Christo chama a Judas amigo, e Judas chama a Christo Mestre? Sim; porque Christo, como sabia, que a causa da sua morte era o seu amor, por isso quando vio chegada a hora de morrer, se declarou por amigo; e Judas, como sabia, que a causa de o matarem era a sua sabedoria, por isso quando vio chegado o tempo da execução, o intitolou Mestre. Allegava Judas pela parte dos homens: allegava Christo pela parte de Deus: Christo, que allegava pela parte de Deus, punha a causa da morte na amizade; Judas, que allegava pela parte dos homens, punha a causa da morte na sciencia. Christo dizia a Judas: Discipulo, eu hey de morrer, porque sou amigo: *Amice*. Judas dizia a Christo: Senhor, os homens haõde-vos

matar, porque sois Mestre: *Rabbi*. Assim se explicou Deus, e assim se explicáraõ os homẽs: passemos agora do Horto ao Calvario, e veremos bem confirmado este pensamento.

43 Sobre acabeça de Christo puzeraõ os homens a causa da sua morte: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*. E o Senhor, quando morreo, poz acabeça sobre o peyto: *Inclinato capite, tradidit spiritum*. Pois que he isto? Os homens põe a causa da morte sobre acabeça de Christo, quando o mataõ; e Christo põe acabeça sobre o peyto, quando morre? Sim: porque como os homens o matavaõ pela sabedoria, puzeraõ-lhe a causa sobre acabeça, onde está o entendimẽto; e como Christo morria pelo amor, apontou a causa no peyto, onde está o coração. Os

Matth.

27.37.

Joann.

19.30.

Os homens, pondo o titulo sobre acabeça, diziaõ: aqui na cabeça está a causa porque o matamos: Christo, apontando para o peyto, dizia: aqui no peyto está o motivo porque morro. Emfim morreo Christo por amante, e matáraõ-no por entendido: tanto devemos logo á fineza daquelle, *Dilexit*, que explica o amor, quanto devemos á excellencia daquelle, *Sciens*, que acredita o amante: *Sciens quia venit hora...infinem dilexit*.

§. V.

44 **A** Segunda excellencia do Divino Amante, que escreve o Euangelista, foy a de amar sendo poderoso: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*. O poder assim como faz o homem estimado, assim faz o amor bem visto. Muyto desejou David ser amigo de Saúl; muyto desejou Jonathas ser amigo de David: porém foy mais venturoso o amor de Jonathas para com David, do que o amor de David para com Saúl: e a razão he; porque o amor de Jonathas, como era amor de Principe poderoso, levava comsigo o ser muyto estimado; e o amor de David, como era amor de Pastor pobre, levava comsigo o não ser bem visto. Ser amante, e ser pobre he trazer o peyto aceso, e o rosto affrontado. Se sois amante, sois escravo do amor; se sois pobre, sois escravo da fortuna; e duas escravidões, ambas taõ tyrannas, como se podem sopportar, se he que se chegaõ a unir? Os amantes pobres saõ como a rosa, tem os espinhos no peyto, e a purpura no rosto. Abrir o peyto, e fechar a mão, ou he engano no amor,

ou pouco cuidado na honra. Quem fez o amor cego, mais foy para dar, do que para pedir: a antiguidade o pintou nú, e menino: pois menino, e nú? Sim; porque amor, que anda despido para não ter que dar, não passa da idade de menino, porque não dilata o viver: despido para dar pouco, e menino, que não chega a velho, porque não dura muyto: amor, q̄ por despido tem muyta pobreza, não passa de menino, porque tem pouca duração: mas porisso mesmo, que pouca he a duração no amor do mundo?

45 Muytos amaraõ, sendo poderosos; mas como o amor era limitado, nunca chegaraõ a dar tudo, quanto tinha o poder. Muyto amou Assuero a Esther. *Adamavit eam Rex plusquam omnes mulieres.* Com tudo fallando Esther com Assuero, lhe

disse aquelle Principe affeyçoado, que pedisse; porque lhe daria até ametade do seu Reyno: *Etiam si dimidiam partem Regni petieris, dabitur tibi.* E bem! Se aquelle amor se resolve a dar ametade, como se não resolve a dar tudo? O dar ametade he limitar a davida: logo se Assuero ama com excessão: *Adamavit eam plusquam omnes mulieres*, como se resolve a dar com limitação: *Dimidiam partem?* Direy: porque nos homens nunca chega o amor aonde chega o poder; são mais dilatadas as esferas do poder, do que as balizas do amor; não costuma chegar o peyto aonde póde chegar a maõ. A arithmética do amor o mais a que chega, he a repartir, huma parte ao amante, outra parte ao amado: *Etiam si dimidiam partem Regni petieris, dabitur tibi.*

46 Af-

46 Assim succede de Christo: chegou ho- ordinariamente no amor dos homens: quẽ ama ou póde dar o que tem, ou póde dar o que he; mas ordinariamente que succede, ainda aos que mais amaõ? Por mais que amem, nunca chegaõ a dar, nem tudo o que são, nem tudo o que tem. Ouvi a Zaqueo para com os pobres, e ouvi a Agostinho meu Padre para com os amigos. Agostinho diz, que aos amigos dá ametade da sua alma: *Amicum dimidium anime mee.* Zaqueo diz, que aos pobres dá ametade dos seus bens: *Dimidium bonorum meorum do pauperibus.* De modo, que se amais como Agostinho, daes ametade do que sois; se amais como Zaqueo, daes ametade do que tendes. Eis aqui até onde chega o mais fino amor dos homens.

47 Não assim o amor

Tom. II.

de Christo: chegou ho- je a amar tanto, que dando o que tinha, deo tudo; e dando o que era, se deo todo; nem repartio o ser, como Agostinho; nem repartio os bens, como Zaqueo: deo tudo o que era, entregando-se todo aos homens no Sacramento: *Accipite: hoc est corpus meum.* Deo tudo, o que tinha, pon-do-o aos pés dos Discipulos no lavatorio: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus... cepit lavare pedes discipulorum.* Logo quem poderá duvidar, que esta liberalidade do poder he a mais fiel testemunha do amor? A primeyra vez que se viraõ Jonathas, e David, logo como amigos se uniraõ, e se concertaraõ: *Anima Jonathae conglutinata est anime David:* Eis aqui a uniaõ. *Inierunt autem fœdus:* Eis aqui o concerto. Passaraõ alguns tempos, e

C 3 tor-

tornando-se a ver os dous amigos, jurarão a sua amizade: *Addidit Jonathas dejurare, eo quòd diligeret illum.* Pois que novidade he esta, Principe de Israel? Se para o vosso amor não foy necessario juramento no principio, como hade ser necessario o juramento agora? O vosso amor no principio não tinha por si as experiencias, e quando as experiencias faltavaõ, parece que podia ter lugar o juramento: mas agora depois de tantas provas de amor, depois de tantas finezas de affecto, agora se hade jurar a amizade? Que se jure a amizade, que começa, bem está; mas jurar-se a amizade, que continúa, porque razão? Direy: no principio deo Jonathas a David os seus vestidos: *Expoliavit se tunicâ, qua erat indutus, & dedit eam David.* E para se crer o amor

onde ha liberalidade, não he necessario juramento: agora porém nesta occasião não consta que desse cousa alguma Jonathas a David; e assim para se crer o amor onde falta a liberalidade, he o juramento preciso: para se acreditar a amizade não he necessario, que o amor seja jurado, huma vez que o amante fica despido; mas onde o amante não estende a mão para a dadiua, he necessario que ponha a mão para o juramento: *Addidit Jonathas dejurare.*

48 O' Principe da Gloria, não he necessario que hoje nos jureis o vosso amor; porque para elle ter credito não he preciso o vosso juramento, basta a vossa liberalidade. Hoje deo Christo seu Corpo Sacramentado aos homês, sem haver juramento nas palavras: *Accipite: Hoc est Matth. corpus meū.* Antes tinha 26.26.

Joann.
6. 56.

o mesmo Senhor dito, que era manjar o seu corpo, e affirmou aquella verdade com juramento: *Caro mea verè est cibus.* Assim entendem este *Verè* constantemente os Expositores; o que supposto, duvido: e se houve juramento entãõ, porque não hade haver juramento hoje? Sabeis porque? Porque hoje houve liberalidade: *Accipite.* He aquelle Divinissimo Sacramento huma cifra do Divino amor; e onde ha liberalidade não he necessario, para se crer o amor, que haja juramento: entãõ sim; porque ainda que houvesse promessa, não houve dadiua; e quando falta a dadiua, entãõ he o juramento preciso para se acreditar o amor. Emfim que naquella occasião não deo Christo o seu corpo; porisso o jurou: *Verè est cibus.* E hoje não o jurou, porque o deo: Tom. II.

Accipite: Hoc est corpus meum. O' como vay crescendo a fineza do amor pelo poder, e pela liberalidade do amante!

§. VI.

49 **M**As não parou aqui a fineza, ainda o excesso passou a mais: para cuja intelligencia excito tambem agora aqui outra questãõ. Resolvendo-se hã Senhor em amar a hum servo, em que faz mais o Senhor: em dar ao servo a purpura, ou sobre lhe dar a purpura, em tomar delle o sayal? Ninguem ignora, que a segunda fineza he maior; e a razão vem a ser; porque dando a purpura, fica o servo igual ao Senhor; mas tomando a si o sayal, fica o Senhor menos q. o servo: e quem duvida, que mais he fazer-me eu a mim: menos que vós, do que fazer-vos eu a vós igual a mim?

Tornemos áquelle lugar de Assuero. Promette este Monarca ametade do seu Reyno a Esther, como já vimos; mas porque se não resolve a lho dar todo, já que a ama tanto? Sabeis porque? Porque dando-lhe o Reyno todo, ficava Assuero menos, que Esther; e dando-lhe sómente parte, ficava Esther igual a Assuero, e pode o amor fazer, que Esther ficasse sendo igual; mas não pode acabar, que Assuero ficasse sendo menos.

50 O' amantissimo Jesus, tudo hoje fez o vosso amor, ajudado do vosso poder: no Sacramento fiquey sendo eu hoje igual a vós, e no lavatorio ficastes vós hoje sendo menos do que eu. Estar eu assentado, e vós de joelhos; estar eu servido, e vós a servir, que outra cousa he, se não vós, que sois mais, ficares sendo menos, para que eu, que

sou menos, fique sendo mais. E que á vista destes excessos do amor de Deos, se não abrandem hoje os coraçoes dos homens! O' que sem razão! Duas cousas obrigaõ muyto aos homens; huma he o amor, porque a ninguém molesta o ser amado; outra he a liberalidade, porque a ninguém offende o ser favorecido: e que abrindo Christo hoje o peyto para querer: *Dilexit eos*; que abrindo as mãos para dar: *Omnia dedit ei Pater in manus*; ainda assim se não obrigassem os homens! Ora consideremos cada hum destes extremos.

51 Que se não obrigassem os homens, vendo abertas as mãos do Senhor! Os homens, que tanto servem ao seu amor, quanto servem ao seu interesse! Grande novidade! Ouvi a Jacob fallando com Labão. A primeyra vez diz

Genef.
29.18.

Genef.
31.41.

diz o Pastor: sette annos te servirey por tua filha Raquel: *Serviam tibi pro Rachel... septem annis*. A segunda vez lhe diz: seis annos te servi por estas tuas ovelhas: *Sex pro gregibus*. Pois que he isto, Jacob? Que vos abataes a servir por huma Raquel, bem está; que a tudo obriga huma formosura; mas servindo por tanta formosura, quizettes também servir por quatro ovelhas: *Sex pro gregibus tuis*? Sim; porque era Jacob homem, e os homens tanto fazem pelo seu interesse, quanto fazem pelo seu amor: e assim se Jacob servio pelo seu amor, sayba-se, que tambem servio pelo seu interesse: tanto se abateo por interesseyro, quanto se humilhou por amante: a tudo servio, servindo a Labão; servio ao seu bem: *Serviam tibi pro Rachel*, e servio aos seus bens: *Sex pro gre-*

gibus. E se isto assim he, vós, ó homens, se vos não rendestes por amantes, porque vos não obrigattes por interesseyros? Se pode tanto huma mão aberta, tendo pouco, como pôde pouco huma mão aberta, tendo tanto: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus?*

52 Mas que sobre se não obrigarem os homens, vendo as mãos abertas, se não obrigassem ao menos, vendo o peyto declarado: *Dilexit eos*! Que abrindo o Senhor o seu peyto para amar, não abrisse Judas o seu peyto para corresponder! A' Senhor, mais venturoso fereis vós amanhãa com o insensivel, do que hoje o fostes com o racional. Estando Christo na Cruz, hum soldado lhe abriu o peyto: *Unus Joann. militum lanceâ latus e-* 19.34. *jus aperuit*. E no mesmo tempo a terra abriu as suas sepulturas: *Mo-*

numēta aperta sunt. Pois que correspondencia de acçoens he esta? Abre-se o peyto de Christo, e abrem-se as sepulturas da terra? Porque ração? Direy: o coração da terra são as suas sepulturas: assim o deo a entender Christo, quando disse: *Sic erit Filius hominis in corde terræ.* E foy taõ correspondente o insensível, que tanto q̄ Christo abriu o seu peyto, logo a terra abriu o seu coração: tanto que Christo abriu o peyto por amor: *Latus ejus aperuit*, logo a terra abriu o coração por correspondencia: *Monumēta aperta sunt.* E que fizesse isto a terra, sendo insensível, e que não fizesse isto Judas, sendo racional! O' poder mal recebido! O' amor mal empregado! Que podesse tanto o poder, que tudo o que tinha em suas mãos, puzesse aos nossos pés! O' que

grande resolução! Que podesse tanto o amor, que estando o demonio no coração de Judas, se puzesse hoje Deos aos pés do demonio! O' que grande fineza! Mas tudo faz hum amor, que tem tanto de fino, quanto tem de poderoso: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.*

53 Não sey se me diverti do fio do discurso? Deo-nos hoje Christo a nós as suas roupas, e tomou para si as nossas vestiduras. Esta noyte antes do Lavatorio despio o Senhor os seus vestidos: *Ponit vestimenta sua.* E cingio-se com hũa toalha: *Cum accepisset linteum, præcinxit se.* Eis aqui Christo tomando a si o nosso habito, e dándonos o seu vestido: e não sey, que podesse chegar a mais o amor, acompanhado do poder. Consideraõ os Doutores aquellas duas acçoens, e di-

dizem, q̄ despir Christo as suas roupas foy o mesmo, que dar-nos os vestidos da sua graça; e cingir aquella toalha foy o mesmo, que tomar sobre si o vestido de nossas culpas. Mas ó como procedeo sabiamente hum amor, que podia tudo! Fallava hoje o amor com Christo, e fallava juntamente com os homens. Dizia á Christo: Senhor, vos estaes abrazado; pois largay de vos essas roupas, e day-as áquelles homens, que estaõ frios: *Ponit vestimenta sua.* Voltava o mesmo amor para os homens, e dizia: homens, vos estaes frios; pois day essa toalha áquelle Senhor, que está abrazado: *Cum accepisset linteum.*

54 Isto mesmo, se me não engano, cuido, que se representou hoje em Pedro. Estava Pedro frio, quando negou, e o amor lhe acudiu com o fogo, para

aquestar a sua frialdade: *Calefaciebat se.* Estava Pedro abrazado, quando se converteo, e o amor lhe acudio logo com agoa, para refrigerar o seu calor: *Flevit amarè.* Amor, que tudo póde, tudo póe em seu lugar. A hum coração frio dá fogo: *Calefaciebat se:* a hum coração abrazado dá-lhe agoa: *Flevit amarè.* Aos homens frios dá roupas: *Ponit vestimenta:* a Christo abrazado dá toalha: *Cum accepisset linteum.* Porém tudo dá, quem tudo póde, e tudo póde, quẽ excessivamente ama: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus: In finem dilexit eos.*

S. VII.

55 **A** Terceyra excellencia do Divino Amante, que refere delle o Evangelista, foy a de amar, sendo illustre: *Sciens quia à Deo*

Deo exiuit : Infuam dilexit eos. Amou Christo aos homens, sabendo que não era menos, que Filho de Deos. O' que amor tão excessivo! A nobreza da pessoa he a que assegura mais as finezas do amor. Assim como o sangue alenta os espiritos, assim refina os pensamentos do amante. Os antigos fizeram ao amor Deos; e na divindade, que lhe attribuíraõ, bem lhe insinuáraõ a nobreza. A mesma natureza, que deo á rosa a cor do amor, lhe deo tambem a purpura da Magestade. Só peytos nobres sabem ter coraçoes amantes: e se não vejaõ.

56 Entra o Anjo S. Rafael em casa de Tobias, e perguntando-lhe o bom velho, que geração era a sua: *De qua tribu es tu?* O Mensageyro Celeste lhe responde, que era filho de Ananias, o Grande: *Ego sum Azarias, Ananie*

Ibi. 18. *sum Azarias, Ananie*

magni filius. Notavel resposta! Se no Ceo praticaõ os Anjos humildades, porque hade este na terra affectar grandezas? Porque se hude acomodar ao estylo da terra, como esquecendo-se do costume do Ceo? Sabeis porque? Porque queria o Anjo certificar a Tobias da sua boa amizade, querendo acompanhar seu filho, e para assegurar sua amizade, deo por motivo a sua nobreza; como se dissera: sabey o que hey de ser no amor, porque sou illustre no sangue: *Ego sum Azarias Ananie magni filius.*

57 O' amorosissimo Senhor, que fiel he o vosso affecto, sendo tão illustre a vossa pessoa! Não fois filho de Ananias o Grande, mas fois Filho de Deos Eterno: se a nobreza do ser acredita a verdade do amor, que verdadeyra deve ser a vossa affeyção, pois he

tão

tão illustre, e tão alta a vossa nobreza: *A Deo exiuit.* Mas que sendo vós tão illustre, bayxafeis do Ceo á terra, a dar pelo nosso remedio tantos passos! O' que excessivo amor! O em que quiz mostrar a Tobias a sua verdadeyra amizade o Anjo S. Rafael, foy em dar por elle muytos passos, sendo nobre, e querendo ainda assim acompanhar seu filho: e nos passos, que deo por nós o Filho de Deos, sendo tão illustre, quem duvida, que mostrou o extremo do seu amor, e da sua amizade, sabindo de Deos para o mundo: *A Deo exiuit*, e caminhando hoje do Horto até o Calvario: *Et ad Deum vadit?*

§. VIII.

58 **M** As para abono desta ultima fineza devo tambem agora excitar a ultima questaõ. E que he mais

em hum amante, fazer ao amado beneficios, ou dar por elle passos? Antes de responder havemos de suppor, que dous são os modos, com que póde servir aquelle coração, que se destinou a amar: ou póde servir quem ama com assistências, e beneficios, como liberal; ou com passos, e jornadas, como diligente: aquelle serve com beneficios, que sem movimento da pessoa dispende o que cabe na sua possibilidade: aquelle serve com as suas jornadas, que segue fiel com os seus passos: de forte que no amor os dous modos de servir são, ou dar passos, ou dar beneficios, ou fazer assistências, ou fazer jornadas. Temos a prova desta verdade em duas pessoas do nosso Euangelho, Pedro, e Joaõ.

59 Refuscitou aquelle amoroso Senhor, e acabado o exame do amor,

Joann.
21. 22.

mor, que fez ao Apóstolo S. Pedro, resolve a materia de toda esta pratica dizendo, que elle queria que ficasse Joaõ, e que o seguisse Pedro: *Sic eum volo manere... Tu me sequere.* Hir hum, e ficar outro, grãde differença na verdade! Hum, e outro era Discipulo; hum, e outro era amante: pois sendo ambos iguaes no merecimento, e no amor, porque razão se hade mandar a Joaõ, que fique, e não siga: *Sic eum volo manere*; e a Pedro que siga, e não fique: *Tu me sequere?* Direy: ensinou o Senhor a estes dous Discipulos as cousas, conforme ao amor de cada hum. Ora vejaõ: Joaõ amou de tal modo, que foy amante descuidado nos passos, e pontual nas assistencias: Pedro amou de tal sorte, que descuidado nas assistencias foy pontual nos passos: Joaõ foy

descuidado nos passos, porque fugio no Horto: *Omnes relicto eo fugerunt*; Matth. 26. 56. e foy pontual nas assistencias, porque assistio na Cruz: *Cum vidisset ergo Jesus... Discipulum stantem.* Pedro foy pontual nos passos, porque seguiu a Christo no caminho da Payxaõ: *Sequebatur eum*; e foy descuidado nas assistencias, porque negou a Christo em casa do Pontifice: *Non novi hominem.* Ah sim! E Pedro he tal amante, que serve com os passos, e falta com as assistencias; Joaõ he tal amante, que serve com as assistencias, e falta com os passos: pois porisso Christo, q̄ queria conformar as finezas com os genios dos amantes, a Joaõ, que serve com as assistencias, e falta com os passos, diz que fique: *Sic eum volo manere*; e a Pedro, que falta com as assistencias, e serve com os passos, diz que siga: *Tu me se-*

Joann.
19. 26.Matth.
26. 58.

Ibi. 72.

sequere. Quem olhasse nella occasiã para Pedro, havia de ver que todo o seu amor era seguir: *Sequebatur eum.* Quem olhasse para Joaõ, havia de ver, que todo o seu amor era estar: *Discipulum stantem.* Estava Joaõ, porque toda a sua fineza punha nas assistencias, e não nos passos; seguia Pedro, porque toda a sua fineza punha nos passos, e não nas assistencias. E itto, que se vio dividido nestes dous Discipulos, he o que se acha ordinariamente no amor dos homẽs: achareis hum homem, que vos faça muytas assistencias; mas este não hade dar por vós hum só passo: achareis outro, que dará por vós mil passos; mas este não vos fará huma assistencia: emfim huns assistẽ, e não se movem, como Joaõ: *Discipulum stantem.* Outros movem-se, e não assistem, como

Pedro: *Sequebatur eum.*

6o Porém estas duas finezas, que ordinariamente se achãõ repartidas no amor dos homens, teve juntas, e com grande excessõ o amor de Christo. Deo passos, e fez beneficios; continuou as assistencias, fazendo ainda assim jornadas. Norem o que dizem os Evangelistas: *Accipite: hoc est corpus meum.* Eis aqui os beneficios. *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* Eis aqui os passos. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* Eis aqui as assistencias. *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit.* Eis aqui as jornadas. Mas tanto obra quem tanto ama: *In finem dilexit eos.* Supposto pois que em Christo se virã unidas estas duas finezas, agora tem lugar a questiã: e em qual dellas mostrou o Divino Amante mais o seu

feu amor, na de fazer beneficios, e assistencias, ou na de fazer jornadas, e dar passos? Respondo, que nos passos, que por nós deo, mostrou mais o excesso, com que nos amou. Temos no mesmo Evangelho a prova.

61 Vay o Evangelista S. João escrevendo as finezas do amor de Christo nesta sua hora, e he de notar, que não deo o Senhor passo, nem fez jornada, que elle nos não conte, e não refira. Conta a jornada que fez do Ceo á terra: *Sciens, quia à Deo exivit.* Conta a jornada que fez da vida para a morte: *Sciens, quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* E conta a jornada que fez da terra para o Ceo: *Sciens quia... Ad Deum vadit.* Eis aqui bem numeradas as três jornadas, que fez o Verbo Divino: a jornada da Encarnação; a jornada

da morte; e a jornada da Ascensão. Porém se bem advertirmos, havemos de vir a reparar, que passou o Evangelista em silencio a instituição daquelle Divinissimo Sacramento. Grande difficuldade! E bem! No Evangelho de hoje, na historia do amor, não se conta a instituição do Divinissimo Sacramento do altar he hū grande beneficio de Christo: *Accipite, & comedite: hoc est corpus meum.* He huma continua assistencia do Senhor: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consumationem sæculi.* Sendo pois as assistencias, e os beneficios duas grandes finezas do amor, como as passa hoje o Evangelista em silencio no mesmo tempo, em que nos refere com individuação os passos todos, que Christo por nós deo? Hade contar os passos, e as jornadas, e hade

Joann.
13.3.

Ibi. 1.

Ibi. 3.

Matth.
26.26.Matth.
28.20.

deyxar em silencio os beneficios, e as assistencias? Sim; porque julgou o Evangelista, que melhor se explicava o amor pelas jornadas, do que pelas assistencias; pelos passos, do que pelos beneficios; porisso foy tão pontual em contar os passos, e as jornadas de Christo no mundo, e calou as assistencias, e beneficios de Christo no Sacramento.

62 Mas qual será a razão do que temos dito? Porque se hade explicar melhor o amor pelos passos, do que pelos beneficios? Porque se hade explicar melhor pelos passos, que dá hum amante, como diligente, do que pelos beneficios, que faz, como liberal? A razão he: porque quem faz beneficios entrega o que tem; quem dá passos empenha o que he: quem faz beneficios entrega o que tem, ser-

vindo com as suas posses; quem dá passos empenha o que he, servindo com a sua pessoa; e mayor fineza do amor he empenhar a pessoa, do que entregar as posses, e os bens. Ouvida a proposta da petição, que fez a Christo S. Pedro: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* O Senhor lhe responde deste modo: *Vos, qui secuti estis me, sedebitis super sedes duodecim judicantes.* Notavel despacho a hum tal petição! Na petição allegão-se duas finezas; a primeyra entregar os bens: *Ecce nos reliquimus omnia.* A segunda seguir com os passos: *Et secuti sumus te.* Pois se na petição se allegão passos, que se derao, e bens, que se deyxarao, porque razão Christo no despacho, não faz menção dos bens, que se deyxarao, e só pro-

Matth.
19.27.

Ibi. 28.

mette premiar os passos, que se derao: *Qui secuti estis me, sedebitis?* Direy: porque comparando o Senhor huma fineza com outra fineza, achou que mayor era a fineza do amor, que obrigava a dar passos, do que a fineza do amor, que obrigava a entregar os bens: porisso deyxou em silencio a fineza de todos aquelles bens, que os Apostolos sacrificarao, e prometteo fõmente premiar a fineza de todos aquelles passos, que os Apostolos derao: *Vos, qui secuti estis me, sedebitis.*

63 Amor grande já se não explica tanto pelas mãos, que fazem os beneficios, quanto se explica pelos pés, que daõ os passos. Assim o considerou antigamente Deos, porisso descobrio tanta formosura nos que vio dar a sua Esposa: *Quàm pulchri sunt gressus tui!* Porém não

sayamos do nosso Evangelho. Hoje lavou o Senhor os pés a seus Discipulos: *Capit lavare pedes Discipulorum.* Joann. 13.5.

E porque lhe não lavou antes as mãos? Assim o ensinava a tradiçãõ antiga, porisso os Fariseos, quando quize-raõ arguir a Christo, lhe disseraõ: *Quare Discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorum; non enim lavant manus, cum panem manducant?* Matth. 15.2.

Pois se a cerimonia era lavarem-se as mãos, porque razaõ lava o Senhor a seus Discipulos os pés? Direy: porque todo o intento do Divino Amante na noyte de hoje, foy ensinar a seus Discipulos, como elles haviaõ ser tambem amantes: *Hoc est præceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos:* E para lhes ensinar a mayor fineza do amor, não lhes quiz lavar as mãos, que saõ as que dispendem os benefici-

os;

os; lavou-lhes os pés, que saõ os que daõ os passos; como se differa o Senhor: Discipulos meus, para teres limpo o vosso coraçãõ, haveis de ter limpos os vossos pés; porque em sendo puros os vossos passos, logo haõde ser finos os vossos affectos.

64 Rara explicaçãõ de amor! Mas antiga; e senão vejaõ. Tanto que Adam encorreo na pena de morte pelo peccado, logo Deos enfermou de amor. Adam cahio na morte: Deos na enfermidade; e foy tal a febre desta doença, que o obrigou a buscar a viraçãõ fresca da tarde: *Ad auram post meridiem.* Pergunto agora: qual foy nesta occasiãõ a primeyra fineza, que obrou o amor de Deos, logo que começou a ingraticidãõ dos homens? Sabeis qual? Os passos que deo no Paraíso: *Cum audisset vocem Dei deambulantem in Para-*

diso. Tanto que Deos começou a arder, logo começou a caminhar; como se differa o Senhor: A' homem, á Adam, quantas jornadas hade custar a meu amor a tua culpa! Quantos passos hade custar a meu amor a tua ingraticidãõ! Porisso já agora experimentas, que por ti começo a dar estes primeyros passos: *Cum audisset vocem Dei deambulantem.*

65 Agora he tempo de fechar o discurso todo. Que outra cousa he passear, mais que hir, e voltar huma pessoa: logo que outra cousa foy aquelle passieyo, aquelle hir, e voltar Deos no Paraíso: *Deambulantem in Paraíso?* Que foy, senão huma viva expressãõ deste hir, e voltar o Filho de Deos no Evangelho: *A Deo exivit, & ad Deum vadit?* E se a mayor fineza do amor consiste nos passos do amante, como

vimos no Paraíso: *Cum audisset vocem Dei deambulantis in Paradiso.* Como vimos no Lavatorio: *Cepit lavare pedes Discipulorum.* Como vimos no premio dos Discipulos: *Vos qui secuti estis me, sedebitis.* Finalmente se quem he illustre, he que mostra esta fineza de amor, como vimos em casa de Tobias; porisso querendo o Evangelista explicar aos homens a mayor fineza do amor de Christo, calou os beneficios, e as assistencias que fez, e fallou só nas jornadas, e passos que deo, mostrando no Divino Amante as finezas por ser illustre, e dar ainda assim por nós tantos passos: *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit.*

66 Amorosissimo Senhor, estas são do vosso

amor as finezas, explicadas nas tres excellencias, que escreveo o Evangelista. Amastes-nos sendo fabio; amastes-nos sendo poderoso; amastes-nos sendo illustre; e se o vosso amor junto com a vossa fabedoria vos deo a morte, seja elle o que hoje nos dê a vida: se o vosso amor junto com o vosso poder tanto vos humilhou, seja elleo que hoje nos levante da miseria da culpa: se o vosso amor junto com a vossa nobreza vos obrigou a dar tantos passos pelo nosso remedio, seja elle o que encaminhe os nossos passos, para que todos demos em vosso serviço, que se assim for, vos seguiremos por graça, até vos hir assistir eternamente na Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*

SER-



SERMÃO

DA

SEXTA SEXTA FEYRA

DA

QUARESMA,

Prégado na Capella Real.

Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium adversus Jesum, & dixerunt: quid facimus, quia hic homo multa signa facit?

Joann. II.

§. I.

67



E eu me não engano, temos hoje com alguma semelhança em

Tom. II.

Jerusalem, o que primeyro succedeo no Paraíso. (Muyto altos, e Poderosos Principes, e Senhores nossos) Se eu me não engano, temos hoje com alguma seme-

D 3 lhan-

lhança em Jerufalem, o que primeyro succedeo no Paraifo. No Paraifo fez-se huma junta; em Jerufalem fez-se hum conselho. Na junta do Paraifo foy Presidente o demonio na figura de huma serpente; no conselho de Jerufalem foy Presidente o demonio na pessoa de hum Pontifice. Na junta do Paraifo disputou-se o caso entre a serpente, e Eva; no conselho de Jerufalem tratou-se a materia entre Caifas, e os Ministros da Synagoga. Na junta do Paraifo foy a proposta do Presidente, saber a razão, porque a arvore da sciencia se havia de prohibir: *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno paradisi?* No conselho de Jerufalem foy a proposta do Presidente, saber o que se havia de fazer da pessoa de Christo: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* Da junta do Paraifo sahio o primeyro Adam condemnado á mortalidade: *Morte morieris.* Do conselho de Jerufalem sahio o segundo Adam, Christo, condemnado á morte: *Expedit ut unus moriatur homo pro populo.* A junta do Paraifo parecia boa, porque se fundava na razão: *Cur præcepit?* E foy má, porque nella se resolveo a culpa: *Co-medit: deditque viro suo.* E supposto a junta do Paraifo foy má, parecendo boa, digo agora, que o conselho de Jerufalem, parecendo bom, foy o peor: com esta advertencia; que foy este conselho o peor, no mesmo em que pareceo bom. Se este conselho não tivera as circunstancias, que teve, ainda que nelle se resolveu a materia, que se resolveo, fora má; mas consideradas bem as suas circunstancias, parecendo bom, não parou em fer

fer máo, passou a ser o peor, e foy peor nas mesmas razoes, em q̄ parecia bom. Esta será hoje a materia. Começemos pela primeyra razão, seguindo por sua ordem as clausulas do meu thema.

§. II.

68 **A** Primeyra razão porque este conselho parecia bom, era por ser conselho: *Collegerunt conciliū.* Isto he: em ser huma junta, em que se tomaraõ pareceres, e se considerou antes, o que se havia fazer depois; porque não ha melhor açcaõ, que considerar antes de resolver: não ha mais acertado dictame, que ver antes de obrar. Nas mãos dos Discipulos poz Christo as luzes: *Luc. 12.35. cernæ ardentes in manibus vestris.* Para que as suas açcoens fossem primeyro vistas, que obradas; fossem primey-
Tom. II.

ro consideradas, que resolvidas. Logo boa deve ser a resolução dos Pontifices, pois nos asseguraõ seu acerto no mesmo conselho: *Collegerunt concilium.*

69 Mas considerado melhor, isto, que parecia bom, digo que foy o peor; porque se não ha melhor açcaõ, que considerar antes de resolver, não ha peor resolução, que aquella, em que se erra depois de considerar. Assim como não ha cousa melhor, que tomar conselho antes de huma resolução; assim não ha cousa peor, que commetter hum erro depois de hum conselho. Se estes Pontifices obraraõ movidos da ignorancia, tinhaõ desculpa os seus erros nas suas inadvertencias; mas obrando governados pelo conselho, aggravaraõ a sua culpa no seu conhecimento. Que erre o caminho hum homem ce-

cego, terá desculpa; porque mal podia governar bem os passos, quem levava fechados os olhos: mas que estes Pontifices, tendo abertos os olhos no conselho, ainda assim errem o caminho da verdade! O' que nenhuma desculpa tem. De tres modos pôde o nosso entendimento guiar as nossas acções: ou conhecendo: ou considerando: ou aconselhando-se: e todas estas tres circumstancias tiverão os Pontifices. Conhecerão o que Christo fazia: *Hic homo multa signa facit*. Considerarão o que devião obrar: *Quid facimus?* Aconselharão-se sobre o que haviaõ fazer: *Collegerunt concilium*. E que ainda assim errassem sobre tanto conselho, sobre tanta consideração, e sobre tanto conhecimento! O' que grande culpa! O' que grande crime! O' que grande delicto!

70 Grande culpa foy a de Lucifer, pois o passou do Ceo ao inferno, onde perdeu a Deos: grande delicto foy o de Absalaõ, pois lhe trocou o Throno em arvore, onde perdeu a vida: grande crime foy o de Nabuco, pois o mudou do Paço para o campo, onde perdeu a natureza. Pergunto agora: que circumstancias de grandeza tiverão estas tres culpas, para receberem tão grandes castigos? Ora vejaõ. Lucifer era Querubim entendido; assim o diz Ezequiel: *Et tu Cherub extentus*. Ezech. 28. 14. Absalaõ era Principe aconselhado; assim o diz a Escritura: *Inite consilium, quid agere debeamus*. 2. Reg. 16. 20. Nabuco era Monarca considerado; assim o diz Daniel: *Tu Rex cogitare cepisti*. Daniel. 2. 29. Ah sim! É tu, Anjo entendido, sobre tanto conhecimento, comettes tão grande erro? Pois que muy-

muyto tenhas tão grande ruina? Que muyto, que cayas, e que desças do Ceo para o inferno? Tu, Absalaõ aconselhado, sobre tanto conselho, comettes tantos defacertos? Pois que muyto, que seja tão grande a tua mudança? Que muyto que passes do Throno para a arvore? E tu, Monarca considerado, sobre tantas considerações, comettes tantos delictos? Pois que muyto que experimentes tal queda? Que muyto que desças do Paço para o campo? E senão, vede como os castigos se conformarão com as circumstancias.

71 As circumstancias foraõ peccar Lucifer, tendo conhecimento; Absalaõ, tomando conselho; Nabuco, fazendo considerações. Pois a estas tres circumstancias, foraõ muyto proporcionados os tres castigos. Lucifer cahio no

inferno: e isto porque razaõ? Porque o fogo do inferno, como diz S. Zeno, he fogo sabio: *Sapiens ille ignis*. E era justo, que ardesse no fogo sabio, aquelle que peccou cõ conhecimento entendido. Absalaõ ficou preso dos cabellos: e isto porque motivo? Porque os cabellos, como diz o meu Richardo Victorino, allegorizaõ os conselhos: *Capilli profunda consilia designant*. Richar. Victor. de secur. consci-ent. E era bem, que recebesse o castigo em seus cõselhos, quem commetteo os erros aconselhando-se. Nabuco foy convertido em vitulo: *Fenum ut bos comedebat*. Daniel. 5. 21. E isto porque causa? Porque entre todos os animaes este he particularmente o que rumina: e era acerto, que em ruminar tivesse o seu castigo, quem depois de considerar commetteo os seus defacertos. Que Lucifer, tendo conhecimento dos muy-

muytos beneficios, que Deos lhe fizera, commetta tão grande sem razão contra Deos? Que os Pontifices, tendo conhecimento dos muytos bens, que Christo obrava, commettao tão grande sem razão contra Christo? O' q̄ grande culpa, sobre tão grande conhecimento! Que Absalaõ, ouvindo o conselho de Aquitofel, resolvesse seguir o conselho enganoso de Chufay? Que os Pontifices, sabendo as Escrituras dos Profetas, resolvesse seguir os intentos de Cai-fas? O' que tyranna resolução, sobre tanto conselho! Que Nabuco sobre tantas considerações, assente consigo tirar a adoração a Deos? Que os Pontifices, sobre tantas considerações, assentem consigo tirar o seguimento a Christo? O' que grande maldade, sobre tão larga consideração! Que conheça a Deos o Bom

Ladraõ, creado nas estradas? O' que grande credito da sua ignorancia! Que desconheça a Deos os Pontifices, versados nas Escrituras? O' que grande descredito do seu conselho!

72 Neste mundo cada hum obra conforme entende; quem entende mal, passe que obre mal: mas quem entende bem, tẽ mais obrigação de obrar bẽ. Na casa de Labaõ desposou-se Jacob muyto mal, porque se desposou com a irmaã mais fea, que era Lia; e na mesma casa servio muyto bem Jacob, porque servio pela irmaã mais formosa, que era Raquel. Pois o mesmo Jacob serve bem, e desposa-se mal? Sim: porque vay muyto de Jacob a Jacob; Jacob no desposorio obrou de noyte: *Vespere Genes. 29.23. r̄ Liam...introduxit ad eum.* Jacob nos serviços obrou de dia: *Videbatur illi pauci dies.* Ah sim!

sim! Pois de hum Jacob, que se desposa de noyte, que se desposa ignorante, que se desposa ás escuras, que se pôde esperar senão que se despose mal, que se despose com a irmaã mais fea, que se despose com Lia? Porém de hum Jacob, que serve de dia, que serve entendido, que serve tendo conhecimento, q̄ se havia esperar senão que servisse bem, que servisse pela irmaã mais formosa, que servisse por huma Raquel?

73 Neste mundo não ha quem não seja, ou como Jacob de noyte, ou como Jacob de dia; quem he como Jacob de noyte, quem he ignorante, dá os braços á mayor fealdade; quem he como Jacob de dia, quem he entendido, põe os olhos na mayor formosura. Só vós, ó Pontifices, obrando de dia, obrando com conselho, destes as costas á for-

mosura da Igreja, e puzestes os olhos na fealdade da Synagoga: *Ve-nient Romani, & tollent nostrum locum.* Que os Judeos ignorantes ponhão a Christo na Cruz, desculpado está o seu peccado na sua ignorancia: *Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt.* Mas que os Pontifices entendidos resolvesse tirar a Christo a vida, aggravada está a sua culpa no seu conselho; porisso sendo sempre para as resoluções o conselho bom, para a sua resolução foy este o conselho peor, porque foy conselho: *Collegerunt concilium.*

§. III.

74 **A** Segunda razão porq̄ este conselho parecia bom, era por ser conselho de Pontifices, e Sacerdotes: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium.* E sendo estes os con-

conselheiros, boa devia ser a resolução, assim pelo estado, como pela materia. Pela materia, porque era de Religião; e em materia de Religião, quem deve votar melhor, que hum Pontifice, e hum Sacerdote? Pelo estado, porque eraõ os votos de Ecclesiasticos; e tendo todos os estados do mundo obrigação de obrar bem, o estado Ecclesiastico tem obrigação de obrar melhor. Bom parece logo o conselho, pois são Ecclesiasticos os conselheiros. Isto supposto notay agora. Por serem Ecclesiasticos os conselheiros, parecia o conselho bom; pois por serem os conselheiros Ecclesiasticos, foy o conselho peor, que houve no mundo. Se foraõ Seculares os conselheiros, seria o conselho máo; mas sendo os conselheiros Ecclesiasticos, foy o conselho peor.

75 Em dous conselheiros appareceo a vida de Christo para ser julgada: no conselho de Herodes, e no conselho dos Pontifices. No conselho de Herodes, sendo a sua tenção, que Christo fosse morto, a voz, que sahio, era, que fosse Christo adorado: *Ite, & interrogate diligēter de puer...* Matth. 2.8.
ut & ego veniens adorem eum. No conselho dos Pontifices, assim a tenção, como a voz foy, que Christo morresse: *Expedit vobis ut unus* Joann. 11.50.
moriatur homo. Ab illo ergo die cogitaverunt, ut interficerent eum. Ibi. 53. Pois que differença he esta? No conselho dos Pontifices assim a tenção, como a voz he má: no conselho de Herodes, sendo a tenção má, a voz he boa? No conselho dos Pontifices acha Christo huma morte acompanhada de injurias; no conselho de Herodes acha Christo huma morte disfarçada com

com adoraçoens? Que differença he esta? Dizey: no conselho de Caifas, assim o Presidente, como os conselheiros eraõ Ecclesiasticos: no conselho de Herodes, assim o Presidente, como os conselheiros eraõ Seculares: e sendo os conselheiros peccadores, quando o conselho Secular he máo, o conselho Ecclesiastico he peor. No conselho Secular de Herodes havia peccado, porque se intentava a morte; mas não havia escandalo, porque se publicava a adoração: *Ut & ego veniens adorem eum.* No conselho Ecclesiastico dos Pontifices havia peccado, porque se intentava a morte, e havia escandalo, porque se conhecia o odio: *Adversus Jesum.* Do conselho de Herodes sahio Christo morto, mas com adoraçoens de Deos: do conselho dos Pontifices sahio Christo morto, mas com desprelos de homem: *Quia hic homo.* Do conselho de Herodes sahio Christo morto, porque Herodes lhe queria mal: do conselho dos Pontifices sahio Christo morto, porque Christo obrava bem: *Multa signa facit.* Logo, bem consideradas as circunstancias, o conselho de Herodes foy máo; porém o conselho dos Pontifices foy peor; e senaõ vejaõ. Do conselho de Pilatos sahio Christo morto: *Crucifigatur.* Matth. 27.23. Do conselho de Caifas sahio Christo blasfemo: *Blasphemavit.* E condemnar huma innocência á morte, he huma resolução muyto má; e isto fez hum principe Secular, como Pilatos: mas sobre condemnar huma innocência á morte, imputar á innocência hũa blasfemia, he huma resolução muyto peor; e isto fez hum Pontifice, e hum Ecclesiastico, como Caifas.

76 Não ha cousa peor no mundo, do que hum máo Sacerdote; hum máo Religioso; hum máo Ecclesiastico. Assim o entendeo o Apolto S. Pedro. Chegá-raõ ao Horto os Judeos para prender a Christo, levou Pedro da espada, e deo huma cutilada em Malco. E porque mais em Malco, que em outro qualquer da companhia? Respon-dem alguns Doutores, e he reposta bem recebida, que deo Pedro a cutilada em Malco, porque Malco levava a lanterna. Bem está; mas aqui tenho eu hũa grande duvida: não vinhaõ ali outras muytas lanternas na companhia daquelles homens? Vinhaõ: assim o diz expressamente o Euangelista S. Joaõ: *Judas...venit illuc cum laternis, & facibus.* Pois se vinhaõ outros, que traziaõ luzes, que traziaõ lanternas, porque hade ca-

Joann.
18. 3.

hir o golpe de Pedro sómente sobre Malco? Sabeis porque? Porque Malco era Ecclesiastico, era familiar da casa do Pontifice: *Percussit Pontificis servum.* E Pedro, que era Principe, e Principe muyto zeloso, e muyto justo, conhecendo, que ali vinhaõ homens máos, e vinhaõ homens peores, vendo que não podia castigar a todos, deyxou de castigar os que eraõ máos, e castigou a Malco, que era peor. Hum Secular de noyte cercado de armas, offendendo a Deos, he hum homem muyto máo; mas hum Ecclesiastico, como Malco, da casa do Pontifice, de noyte cercado de armas para offender a Christo, he hum homem muyto peor. Pois, diz o nosso Principe Pedro, castigemos a este, que he peor, já que não podemos castigar todos aquelles, que saõ máos:

Per-

Percussit Pontificis servum.

77 E qual será a razão, porque he peor hum peccador Ecclesiastico, do que hum peccador Secular? A razão he: porque hum peccador Secular, offende a Deos com as armas do demonio; hum peccador Ecclesiastico, offende a Deos com as armas de Deos. No mesmo Horto temos a prova. Os soldados para fazerem a prizaõ, trouxeraõ armas de guerra: *Cum gladiis, & fustibus;* e Judas para fazer a entrega, veyo com hum final de paz: *Quicumque osculatus fuero.* Pois vem os Fariseos armados, e Judas pacifico? Os soldados com armas de guerra, e Judas com final de paz? Sim; porque os soldados eraõ peccadores Seculares; Judas era peccador Ecclesiastico; e hum peccador Secular, hum soldado, offende

a Deos com as armas do demonio, que he o ferro injusto; porém hum peccador Ecclesiastico, hum Judas, offende a Deos com as armas de Deos, que he o osculo pacifico: *Quicumque osculatus fuero.* Eis aqui como os Ecclesiasticos offendem a Deos com as armas de Deos.

78 Hum Prégador, que não diz o que entende, offende a Deos com as armas de Deos, que he o Sermão: hum Sacerdote, que não diz Missa, como deve, offende a Deos com as armas de Deos, que he a Missa: hum Confessor, que absolve o que deve não absolver, offende a Deos com as armas de Deos, que saõ os Sacramentos. O' Pontifices! O' Sacerdotes! O' Prégadores! Se sois máos offedeis a Deos com as virtudes, fazendo, que aquillo, que nos outros he virtude, em vós seja peccado, e assim offen-

Joann.
18. 25.Matth.
16. 24.

offendeis a Deos com as armas de Deos. Pontifice, Sacerdote, e Prêgador era Pedro: vede como offendeo a Deos. Entrou Pedro no atrio dos Pontifices, e offendendo a Christo se negou a si mesmo: *Non sum*. Pois para Pedro offender a Christo negar-se a si proprio? *Non sum*? Sim: ora vejaõ. O negar-se hum homem a si proprio, he virtude, que aconselha Deos. Disse-o o Senhor em proprios termos: *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum*. Ah sim? O negar-se hum homem a si mesmo he virtude para com Deos? Pois porisso Pedro se nega a si mesmo, quando offende a Deos, negando-o a elle; porque hum Pontifice, hum Sacerdote, hum Prêgador, como Pedro era, quando pecca, offende a Deos com aquillo, que nos outros he virtude: nos outros o negarem-se a si he virtude: *Abneget semetipsum*. Em Pedro he delicto o negar-se a si mesmo: *Non sum*. A negação he a virtude, com que serve a Deos hum bom Discipulo? Pois aquelle, que chega a ser máo, com esta virtude, com que o outro o serve, como Discipulo, com essa mesma o hade elle offender, como peccador: *Non sum*. E senaõ vede isto no conselho presente. A mayor fineza, que obrou Deos pelos homens, e pela sua conveniencia, foy entregar seu Filho á morte: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*. Isto supposto: que fizeram os Pontifices? Que? Condênaraõ o mesmo Filho de Deos á morte: *Cogitaverunt, ut interficerent eum*: e allegáraõ, que assim era aos mesmos homens conveniente: *Expedit vobis, ut unus moriatur*

Joann.
3. 16.Joann.
11. 53.

Ibi. 50.

bo-

homo: e desta sorte offendêraõ a Deos com a mesma fineza de Deos. Eis aqui o que são os Ecclesiasticos peccadores.

79 Não ha cousa melhor, do que hum Ecclesiastico bom: não ha cousa peor, do q̄ hum Ecclesiastico máo. Cahio Lucifer do Ceo no inferno, e ficou demonio: cahio Nabuco do Paço no campo, e ficou bruto. Pois porque razaõ? Porque Lucifer era Anjo, que vivia no Ceo, e Nabuco era homem, q̄ vivia no mundo. Quem vive nas Cortes do mundo, como Nabuco, quem he Secular ou hade ser bruto, ou hade ser homem: se vive bem, he homem; se vive mal, he bruto. Quem vive no Ceo da Igreja, e Religiaõ, como Lucifer, quem he Ecclesiastico, ou hade ser demonio, ou hade ser Anjo: se he bom Ecclesiastico, he

Anjo; he máo Ecclesiastico, he demonio. Homem, que peccando cahe do Paço para o campo, fica bruto, como Nabuco. Ecclesiastico, que peccando cahe da Igreja para o mundo, fica demonio, como Lucifer. O Pontifices de Jerusalem: cahistes do Ceo da Igreja para o profundo do inferno: fostes logo como o demonio. O demonio cahio do lugar, que desejou adquirir: *Super astra Dei exaltabo solium meum*. Vós cahistes do lugar, que desejavaes conservar: *Venient Romani, & tollent nostrum locum*.

Isai. 14.
13.Joann.
11. 48.

80 Ainda pondero aqui mais. Estes Pontifices não foraõ como o demonio no inferno; foraõ como o demonio no mundo. O demonio no mundo he peor, que o demonio no inferno; porque o demonio no inferno he instrumento da Justiça Divina pa-

E ra

Tom. II.

ra castigar os mãos; o demonio no mundo he author da maldade para perseguir os bons. O demonio no inferno atormenta a Judas; o demonio no mundo persegue a Job: logo peor he o demonio no mundo, que o demonio no inferno. Pois estes Pontifices para em tudo serem peores, não foraõ como os demonios no inferno, porque não castigáraõ o mão; antes clamáraõ, que se perdoasse ao ladraõ: *Di- mitte nobis Barabbam.* Foraõ sim como os demonios no mundo, porque perseguiraõ o bom, cuidaõdo como haviaõ de dar a morte a Christo: *Cogitaverunt, ut interficerent eum.* Bem digo eu logo, que se este conselho por ser de Ecclesiasticos parecia bom, por ser de Ecclesiasticos foy o peor: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium.*

Luc.
23.18.

S. IV.

81 **A** Terceyra razaõ porque este conselho parecia bom, era por entrar nelle a vontade, que já de antemaõ levavaõ os conselheiros a Christo: *Adversus Jesum.* Todos dizem, que a vontade não, mas só o entendimento he o que deve entrar nos conselhos; porém eu digo, que não tanto o entendimento como a vontade he a melhor conselheira. O discurso desempenhará o pensamento; mas vejamos isto aqui logo no primeyro conselheiro do mundo. Determinou Deos, que Adam tivesse hum conselheiro no governo: *Faciamus ei adjutorium simile sibi:* e fazendo este Ministro, diz a Escritura, que o formou do lado de Adam: *Tulit unam de costis ejus.* E bem! Fórma Deos hum con-

Genef.
2.18.

Ibi. 21.

fe-

selheyro de hum lado? Parece-me a mim, que o havia formar da cabeça; porque se fer conselheyro he officio de juizo, a cabeça he onde reside o entendimento: logo supposto que Eva hade fer conselheira de Adam no governo do mundo, parece que a havia Deos formar da cabeça; mas formalla do peyto? Sim; porque hum conselheiro não importa, q̄ seja de bom juizo, e de bom entendimento; importa, que seja de bom coração, e de boa vontade: porisso Deos formou a Eva do peyto. E fenaõ vejaõ. Tanto que Eva deyxou de ter boa vontade, e bom coração; e quiz ter bom entendimento, e bom juizo: *Eritis sicut dij, scientes:* logo se perdeu a si, e arruinou a Adam, e nelle a todos nós.

Genef.
3.5.

82 A razaõ, que cõmumente se allega para que a vontade, e o co-

Tom. II.

raçaõ não entrem no conselho, he; porque o coração, e a vontade tem dous actos muyto encontrados á pureza de hum conselheiro; que são o odio, e o amor; e não se póde dar caso, em que votem bem o amor, e o odio; porque ambos são cegos. Porém eu digo, que no conselho hade entrar o amor, e o odio. Mas como? Isto mostrará o lugar, que quero expeder. Chamou Christo para o governo de sua Igreja doze conselheiros, que foraõ os doze Apostolos; e estas foraõ as duas condições principaes, que lhes poz o Senhor. Que o haviaõ amar a elle: *Si quis diligit me.* Eis aqui o amor. E que haviaõ aborrecer ao mais chegado parentesco: *Si quis venit ad me, & non odit patrem suum, & matrem... non potest meus esse discipulus.* Eis aqui o odio. Pois, Senhor, E 2 estas

14. 23.

Luc.
14. 26.

estas são as condições, e as cláusulas, que vós pondeis aos conselheiros do vosso governo? Sim; porque estes devem ser os principaes dictames de hum conselheiro: amar, e aborrecer; amar o seu Principe, e aborrecer os seus parentes; amar o Senhor, e aborrecer o parentesco. Hade ser o bom conselheiro como Abrahaõ. Para o seu Senhor hade ser a vontade obediente; para o seu sangue hade ser o cutello desembainhado. Só o que for do Principe hade amar: *Si quis diligit me*. Tudo o que não for do Principe hade aborrecer: *Si quis venit ad me, & non odit patrem suum, & matrem... non potest meus esse discipulus*. Logo se no conselheiro hade entrar o odio, e o amor, como vimos no conselho de Christo: se o melhor conselheiro he o coração, e a vontade, co-

mo vimos no conselho de Adam: bom parece este conselho, pois nelle entra a vontade ainda mais que o entendimẽto. Assim parece, mas não he assim. Por entrar neste conselho a vontade, parecia bom este conselho; mas por entrar a vontade neste conselho, porisso foy o peor.

83 A causa disto vem a ser; porque este conselho era em materia de Religião, para se averiguar se Christo era o verdadeyro Messias, ou se como a Profeta falso se lhe havia dar a morte? E a vontade dos conselheiros era mal inclinada: assim o diz a Igreja, glossando o Evangelho: *Collegerunt concilium adversus Jesum*. Ajuntarão conselho cõtra Christo. E em materia de Religião, ainda he peor hũ conselheiro de vontade mal inclinada, do que hum conselheiro de

de entendimento muito ignorante. Os conselheiros do nosso Evangelho eraõ ignorantes: assim o disse Caiphas: *Vos nescitis quidquam*. Com tudo, quando houve de se executar a morte de Christo, diz o Texto, que Pilatos o entregou á vontade dos Pontifices:

Joann.

II. 49.

Jesum verò tradidit voluntati eorum. E bem!

Luc.

23. 25.

A morte de Christo resolve-se no juizo: *Cogitaverunt, ut interficerent eum*; e executou-se na vontade: *Jesum tradidit voluntati eorum*? Sim; porque nesta morte se a resolução foy má, a execução foy peor; e assim a resolução, que era má, podia pertencer a hũ conselheiro ignorante: *Vos nescitis quidquam*; mas a execução, que era peor, pertence a huma vontade mal inclinada: *Jesum tradidit voluntati eorum*. O morrer Christo era a mate-

ria mais propria de Religião, que houve no mundo; e sendo nesta materia de Religião máo o conselheiro, que a resolve, por ter o entendimento ignorante; ainda he peor o conselheiro, que a executa, por ter a vontade mal inclinada.

84 Daqui se infere, que em materias de Religião, mais importa hum conselheiro, que tenha a vontade bem inclinada, do que hum conselheiro, que tenha o juizo bem entendido: mais importa hum conselheiro de boa vontade, do que hum conselheiro de bom entendimento. O primeiro conselho, que houve no mundo, depois da Redempção delle, foy o q se ajuntou no Cenaculo, logo depois de Christo subir ao Ceo: os conselheiros foraõ os Apóstolos: o Presidente foy o Espirito Santo: *Factus est repente*. A&.

de cælo sonus, tamquam advenientis spiritus vehementis, & replevit totam domum, ubi erant sedentes. E daqui dizem os Santos Padres, e o ensina a Fé, que o Espírito Santo assiste em todos os Concilios. Pois o Espírito Santo q̄ tem para assistir nos Concilios? Os conselhos fazem-se para se conhecer a verdade, para se ouvirem de huma, e outra parte as razoens, para se resolverem as duvidas; e todas estas cousas pertencem ao entendimento: logo se nos Concilios assistira o Verbo Divino, bem estava; mas o Espírito Santo? Sim; porque o Espírito Santo he a Pessoa da vontade, e he huma vontade bem inclinada; e nas materias de Religiaõ, quaes são as que se trataõ nos Concilios, e se tratou naquelle primeyro, não importa tanto que assista a Pessoa do Verbo, que he a

Pessoa de bom entendimento, como importa que assista a Pessoa do Espírito Santo, que he a Pessoa de boa vontade.

85 E se não pergunto. Se agora foraõ vivos todos os homens, que já viveraõ neste mundo, e nós quizeramos nesta Corte fazer hum Concilio, a quem haviamos chamar para conselheyros? Já vejo que todos me respondem, que havia-mos chamar a Salamaõ; porque foy hum homem tão douto, que tudo sabia. Pois eu digo, que devia-mos chamara Moyses, que sabia tão pouco, que apenas sabia falar. E senaõ vede. Posto de hũa parte o voffo conselheyro, que era Salamaõ, e da outra parte o meu, que era Moyses, pergunto agora: que haviaõ elles votar? Não ha duvida, q̄ Salamaõ havia votar, q̄ deyxasse-mos a Deos,

e

e que adorasse-mos os idolos, porque assim o fez Salamaõ: e Moyses havia votar, que deyxasse-mos os idolos, e adorasse-mos a Deos; porque assim o fez Moyses. Pois Moyses havia aconselhar huma fidelidade, e Salamaõ hũa idolatria? Sim; porq̄ Moyses, ainda que não tivesse tão bom entendimento, tinha boa vontade: Salamaõ tinha má vontade, ainda que tivesse bom entendimento: porisso digo, que em materia de Religiaõ o conselheyro havia ser Moyses, e não havia ser Salamaõ; não havia ser Salamaõ com o seu bom entendimento; havia ser Moyses com a sua boa vontade. Porisso o mesmo Christo no Thabor, havendo de tratar hũa materia tanto de Religiaõ, como era o sacrificio da Cruz, não se aconselhou com Salamaõ, aconselhou-se com Moyses; porque nestas

Tom. II.

materias importa pouco hũ conselheyro de bõ juizo, e importa muyto hũ cõselheyro de boa vôtade.

86 Bem nos explicou esta doutrina Christo, quando fez Põtifice ao Apostolo S. Pedro. O exame, q̄ o Senhor fez a S. Pedro, não foy nas materias do entendimẽto, foy nos actos da vontade: *Si mon Joannis, diligisme?* Joann. 21. 16. Senhor; para hum homem ser Sacerdote, para hum homem ser Confessor, para hũ homẽ ser Prẽgador, para hum homem ser Bispo, procuraõ, q̄ elle seja letrado: como logo vós, havendo de examinar a Pedro para Pontifice, para Prẽgador, para Confessor, para Sacerdote, o não examinaes em letras, examina-ylo sim em amores: *Diligis me?* Cresce a difficuldade. Pedro era cõmumente julgado por ignorante: *Non enim sciebat quid diceret.* Marc. 9. 5. Isto diz o Euangelista. *Quod ego facio, tu nescis mo-* Joann. 13. 7.

E 4 dd.

Joann.
21. 17.

do. Isto diz Christo. Pois a hum homem ignorante fazeis vós Prelado: *Pasce oves meas?* Sim; porque em materias de Religiaõ, quaes eraõ as do governo de Pedro, naõ importa que hum homem seja ignorante, basta que seja bem inclinado: naõ importa que seja homẽ de muytas letras, basta que seja homem de boa vontade. Porisso Christo naõ examina a Pedro de letrado, examina-o de amante: *Simon Joannis, diligis me?* E se naõ vejaõ. O racional dos Pontifices traziaõ-no os mesmos Pontifices no peyto. E bem! O racional he o fundamento dos actos de juizo; o juizo, e o entendimento reside na cabeça: como logo o racional, que havia andar na cabeça, o traz o Pontifice no peyto? Direy; porque era racional de Pontifice; e o Pontifice naõ hade ter racional de bom juizo,

e de bom entendimento, hade ter racional de bom coraçãõ, e de boa vontade: porisso o Pontifice trazia no peyto o feu racional: *Portabit-Exod. que Aaron nomina filio-28.29. rum Israel in rationali judicij super pectus suum.*

87 A causa de todo este discurso he; porque nas materias, que pertencem a Deos, nas materias de Religiaõ, quem quer bem, logo entende bem; quem tem boa vontade, logo tem bom entendimento. Presidio, como já disse, o Espirito Santo no Cõcilio dos Apostolos, e deyxou dito Christo aos mesmos Apostolos, que o Espirito Santo os havia ensinar: *Ille vos docebit omnia.* E bem! O ensinar he acto de juizo: o Espirito Santo he a Pessoa da vontade: pois póde a Pessoa da vontade ensinar os actos do juizo? Sim; porque eraõ as materias de Religi-

o peor: *Collegerunt Pontifices, & Pharisæi concilium adversus Jesum.*

S. V.

88 **A** Quarta razaõ, porque parecia bom este conselho, foy pela uniaõ, com que todos os conselheiros falláraõ por huma boca: *Quid facimus?* Assim como a uniaõ he a que dá vida ao homem; assim he a que dá vida ao conselho. O homem sem uniaõ he hum aggregado de ossos sem vida: o conselho sem uniaõ, he hum aggregado de conselheiros sem ordem. O homem sem uniaõ he hum cadaver natural, que naõ póde obrar: o conselho sem uniaõ he hum cadaver politico, que naõ sabe resolver. O homem sem uniaõ he hum corpo sem uso; tem cabeça, e naõ governa; tem mãos, e naõ obra; tem boca, e naõ fal-

ligiaõ; e tanto que os Apostolos tivessem pelo Espirito Santo as vontades bem inclinadas, logo haviaõ ter os juizos bem entendidos. O Espirito Santo, como seja amor, faz os conselheiros amantes; e tanto que os faz amantes, logo elles ficaõ sabios. A Pessoa do Espirito Santo he sómente para querer; e nas materias de Religiaõ, aquella pessoa, que tem vontade para querer, essa mesma tem entendimento para ensinar: *Ille vos docebit omnia.* Pois se nas materias de Religiaõ melhor he ter boa vontade, que bom entendimento; bem se segue, que nas mesmas materias peor he ter a vontade má, do que ter o entendimento ignorante. Porisso, se por entrar nelle a vontade, parecia este conselho bom, entrando nelle a vontade mal intencionada, foy este conselho

falla : o conselho sem uniaõ he hum corpo sem exercicio; tem Presidente, e não resolve; tem razoens, e não conclue; tem conselheiros, e não executa. Emfim, o homem sem uniaõ he hum edificio arruinado : o conselho sem uniaõ he hum edificio, que arruina. Logo se a uniaõ he a parte principal do conselho, bom deve ser este conselho, pois estaõ taõ unidos nelle os conselheiros. Porém isto melhor considerado, namesma uniaõ, em que este conselho parecia bom, digo que foy o peor. A razaõ vem a ser; porque a uniaõ em hum conselho, he huma causa, que faz o feu effeyto conforme os conselheiros, em que cahe; se os conselheiros saõ bons, a uniaõ faz, que sejaõ melhores; se os conselheiros saõ máos, a uniaõ faz, que sejaõ peores. Não ha cousa peor, que se-

rem os conselheiros unidos, quãdo saõ máos.

89 Contra José se ajuntáraõ huma vez em conselho seus irmãos, e concluíraõ no conselho que fizeraõ, que fosse morto José: *Cogita- Genes. verunt illum occidere: 37. 18. & mutuò loquebantur... 19. 20. venite, occidamus eum.* Depois dividiraõ-se em varios pareceres estes conselheiros. Ruben disse, que em lugar da morte o lançassem em huma cisterna: *Non interficiatis animam ejus... sed projicite eum in cisternam hanc.* Judas votou, que em lugar da cisterna o vendessem aos Ismaelitas: *Melius est, ut vendetur Ismaëlitis.* Ibi. 22. Ultimamente foy vendido; e neste successo entra a minha duvida. Que razaõ haveria para q̄ fossem neste conselho taõ diferentes os pareceres? Ainda agora José morto, e já enterrado vivo? Ainda agora enterrado vivo, e já vendido aos Isma-

Ismaelitas? Porque razaõ? Porque he certo, que havia ser grande a differença nas resoluçoens, havendo pouca uniaõ nos conselheiros; e assim divididos foraõ máos, porque tiráraõ a José a liberdade; mas unidos eraõ peores, porque tiravaõ a José a vida. Ajuntaraõ-se estes conselheiros contra José; e he muyto má a uniaõ do conselho, quando saõ os conselheiros máos, e quanto mayor he a uniaõ, mayor he a maldade, que se resolve; e quanto menor he a uniaõ, menor he o dãno, em que se assenta. E senaõ vejaõ. Todos os irmãos de José unidos resolvêraõ dar-lhe a morte: *Occidamus eum.* Dividio-se hū, ficou a uniaõ menor, e logo resolvêraõ, que o lançassem na cisterna: Ibi. 24. *Miseruntque eum in cisternam veterem;* e menos mal he viver em huma cova, do que per-

der a vida. Dividio-se o segundo conselheiro, e já ficou muyto menor a uniaõ, e resolvêraõ, que fosse vendido aos Ismaelitas: *Melius est, ut vendetur Ismaëlitis;* e menos mal he perder a liberdade em hum cativeyro, que ter a vida sepultada em huma cova. De modo, que assim como se foy diminuindo a uniaõ do conselho, assim se foy diminuindo a maldade dos conselheiros: no conselho unido, sabio condênada á morte a innocencia; no conselho dividido, sabio condênada ao cativeyro a liberdade: *Vendetur Ismaëlitis.*

90 Sabeis como he a uniaõ dos conselheiros? He no seu modo como o Sacramento do Altar. O Sacramento do Altar he huma uniaõ perfeyta entre Deos, e o homem, a qual se cahe sobre homens bons, fallos melhores; porque

lhes augmenta a graça: se cahe sobre homens máos, fallos peores; porque se lhes augmenta a culpa. Pois assim a uniaõ do cõselho; se cahe sobre cõselheyros bons, fallos melhores; porq̃ lhes augmẽta o zelo; se cahe sobre cõselheyros máos, fallos peores; porque se lhes augmenta a maldade. Lá estavaõ divididos Herodes, e Pilatos; e se se conservára a desuniaõ destes ministros, pôde ser, q̃ Christo conservára a vida em quãto se averiguava a jurisdicãõ; porẽtãto q̃ nelles houve uniaõ: *Facti sũt amici*; logo Christo padeceo a morte: morreo o inõcẽte, tanto q̃ se uniraõ os tyrãnos: *Facti sunt amici*.

Luc.
23. 12.

91. Naõ ha cousa peor, nẽ melhor no mundo, do que he a uniaõ: naõ ha cousa melhor, q̃ a uniaõ dos bõs: naõ ha cousa peor, que a uniaõ dos máos. S. Agostinho meu Padre cõparou os tyrãnos do mundo ao elemẽto das agoas. Mas q̃ razaõ

teria para isto a Aguia dos Doutores? Ora vejaõ. Divididas as agoas, postas hũas no mar, outras no Ceo, logo appareceo a terra, logo deo frutos, logo se conservou o mũdo. Ajuntáraõ-se depois as agoas do Ceo, e da terra no diluvio, e logo se perdeo o mundo, logo morrẽraõ todos os viventes, logo se afogou a terra: *Aque prævaluerunt nimis super terrã... consumpta que est omnis caro.* Pois que he isto? Que? Effeytos da uniaõ, e da desuniaõ dos tyrãnos, figurados nas agoas. Se se dividem as agoas, se se dividem os tyrãnos, conserva-se o mundo, tomaõ alento os homens, vivemos todos. Porẽm se se unẽ as agoas, se se unẽ os tyrãnos, todo o mundo se acaba, toda a terra se afoga, todos nos perdemos. Uniaõ de tyrãnos he hũ diluvio de trabalhos. Logo se a peor cousa, q̃ ha no mundo, he a uniaõ dos máos,

Genes.
7. 19.
21.

mãos, que será juntos os máos, e unidos em hum conselho? Naõ ha, nem pôde haver cousa peor, que a uniaõ do conselho, quando saõ máos os cõselheyros; e assim tambem digo eu, que quando este conselho na uniaõ parecia bom, na uniaõ foy o peor: *Quid facimus?*

S. VI.

92. A Quinta razaõ, porque parecia este conselho bom, era por ser a materia delle os milagres de Christo: *Hic homo multa signa facit.* Assim diziaõ os Pontifices. De sorte, que ajuntáraõ o conselho para julgar a Christo; porque o Senhor obrava milagres: e fazer conselho para averiguar os milagres, que se obraõ, naõ ha duvida, que parece cousa acertada. Porẽm ainda que assim pareça, naõ foy assim. Porque este conselho foy sobre os mi-

lagres de Christo, porisso foy o peor. A razaõ he; porque estes cõselheyros naõ duvidaõ da verdade dos milagres; antes porque os obrava o Senhor, porisso se ajuntáraõ para lhe tirar a vida. Era Christo o seu Rey, e o seu Messias; e elles naõ queriaõ Rey, nem Messias, que obrasse milagres: e naõ ha cousa peor, que naõ querer para Rey quẽ obra prodigios, mas sim quem se deyxã governar dos subditos, e dos vassallos. Porẽm esta foy sempre a inclinaõ deste máo povo, e senaõ vejaõ.

93. Morto Moyfes, Governador do povo de Israel, escondo Deos a sepultura onde se depositou o seu corpo: *Non cognovit homo sepulchrum ejus usque in presentem diem.* Se perguntares aos Doutores a razaõ, porque Deos escondo ao povo de Israel a sepultura de Moy-

Deuter.
34. 6.

Moyfes , respondervos-hão , que todo o intento foy , porque aquelle povo não adorasse aquelle Profeta. Difficultosa razão ! Adorou o povo a Moyfes vivo ? Não ; pois se elle não adorou a Moyfes vivo , porque hade adorar a Moyfes morto ? Porq̄ vay muyto de Moyfes vivo , a Moyfes morto. Moyfes vivo , tem cabeça , e governa ; tem olhos , e vê ; tem mãos , e obra ; tem pés , e anda ; em fim obra tantos prodigios , quantos elles lhe virão obrar na presença de Faraó. Porém Moyfes morto , tem pés , e não anda ; tem mãos , e não obra ; tem olhos , e não vê ; tem cabeça , e não governa ; antes o povo faria delle , o que quizeffe ; porq̄ Moyfes morto deyxava-se governar ; e como o povo adore mais facilmente o insensível , do que o racional ; o morto , do que o vivente ; o que

se deyxa governar , do que o que governa ; porisso Deos tendo visto , que o povo não adorou a Moyfes vivo , receou , que elle adorasse a Moyfes morto. Este povo não quer , que o seu idolo seja governador , quer , que o seu governador seja idolo. Porem a desgraça he , q̄ o mesmo succede ordinariamente a todos os homens.

94 E agora entendendo eu a razão de humaduidade , que se offerece na Escritura , pouco difficultosa. Explicada por Daniel aquella estatua , que sonhou Nabuco , mandou este Monarca fazer outra de ouro , para que o povo a adorasse : *Adorate statuam auream.* Grande difficultade. E porque se não mandou Nabuco adorar a si mesmo ? Porisso nós adoramos os Santos nas suas Imagens , porque não temos presentes os ori-

originaes : logo se estava presente Nabuco , porque se não manda antes adorar na sua pessoa , do que na sua estatua ? Respondo : porque havia muyta differença entre a estatua , e Nabuco : Nabuco era huma estatua , que via , e obra ; a estatua era hum Nabuco , que nem podia ver , nem podia obrar ; e os homens ajoelhaõ mais facilmente diante das estatuas , que dos Nabucos ; mais facilmente diante das estatuas insensíveis , que diante dos Nabucos racionaes : porisso , querendo que o seu intento se desse facilmente á execuçaõ , não se mandou adorar a intelligencia de Nabuco , mandou , que se adorasse a insensibilidade da sua estatua : *Adorate Statuam auream.*

95 Neste mundo afim os Pontifices , como os Ministros , aquellos Deos , e aquellos e po-

vo ; mas vay muyta differença do modo , com que os quer o povo , ao modo , com que os quer Deos : Deos quer , que os seus Ministros vejaõ , para que acertem o bem ; o povo quer os seus Ministros cegos , para que nem acertem o bem , nem vejam o mal. Houve Deos de dar Ministros , e Profetas ao mundo , e o nome , que lhes poz , foy de homens , que viaõ : *Videntes.* Qui-1. Reg. zerão os Judeos , q̄ Chri-2.9. sto profetizasse : *Pro-Luc. phetiza , quis est , qui te percussit?* E puzerão-lhe hum véo nos olhos : *Ve-Ibi. laverunt eum.* Grande differença ! Deos quer , que os seus Profetas vejam , e tenham olhos abertos : *Videntes* : os Judeos querem , que o seu Profeta não veja , e tenha olhos vendados : *Velaverunt eum?* Sim ; porque vay muyta differença dos Profetas , q̄ Deos quer , aos Profetas , que quer o povo : os Profetas,

tas, que Deos quer, hão-de ter os olhos abertos, para que vejam o que fallão, e o que obrão: *Videntes*: os Profetas, que quer o povo, hão-de ter os olhos fechados, para que não vejam o que dizem, nem o que fazem: *Velaverunt eum*. Eis aqui o que o povo adora; olhos vendados, Moyses morto, estatua infensível: *Adorate statuam*. Logo se os homens não querem, que os seus Profetas tenham os olhos abertos; se não adorão o Monarca na sua pessoa; se não adorão a Moyses vivo; como havião querer os Pontifices por Messias, como havião adorar aquelle Senhor, que tinha os olhos abertos para tudo ver? Que tinha poder para tudo governar? Que era Moyses vivo com mãos livres para obrar milagres? He certo, que o não havião querer, e com effeito o não quizerão, antes para lhe

dar a morte se ajuntarão: porisso foy a couza peor o seu conselho, porque nelle se resolveo a morte de Christo por obrar milagres: *Quia hic homo multa signa facit*.

96 Estas as circunstancias, porque foy o peor conselho o que hoje nos propoem o Evangelho. Foy o peor pelas mesmas razoes, porque parecia bom, e oxalá que aprendessemos daqui a acertar nos nossos conselhos! Oxalá q̄ nos escarmetásemos naquelles erros, para delles tirar os nossos acertos! O' q̄ acertado andaria o mundo, se fossem acerrados tantos, e tão varios conselhos, q̄ nelle se fazē! Assisti vós, Senhor, como promettestes, a estes conselhos todos, para q̄ não se infatuē os conselheiros, antes resolvão o q̄ cõduz mais para o vossó santo serviço: para isto imploro a vossa graça, e cõ ella nos ajuntay a todos na Gloria: *Ad quam nos, &c.*

SER-



SERMÃO

DO

PATRIARCA

S. AGOSTINHO,

Prégado em Lisboa, no Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra, com o Santissimo Sacramento exposto.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona. Matth. 3.

S. I.

97



Ulgou Origenes couza difficul-tosa unir-se huma boa vontade com Tom. II.

hum bom entendimento. (Senhor) Mas ainda que elle no-lo não differa, a mesma experiencia no-lo está mostrando. Deyxados outros muytos exemplos, F va-

valhamo-nos do de Moyses, e do de Salamaõ. Teve Salamaõ hum bom entendimento; mas com elle huma vontade depravada: *Depravatū est cor ejus*. Mostrou Moyses, que tinha hũa boa vontade de obedecer a Deos, que o mandava prègar; mas logo confessou defeytos no seu entendimento, que lhe não dictava promptamente as palavras, que havia de dizer: *Non sum eloquēs...impeditioris, & tardioris linguæ sum*. Mas ah Sagrado Agostinho! Vós fostes o q̄ nascestes no mundo para prodigio da virtude, que sempre deo partos monstruosos a Africa: assim não he muyto, que em vós se veja huma boa vontade unida com hum bom entendimento. Em vós se vio a boa vontade de Moyses, junta com o bom entendimento de Salamaõ. Agora digo, que vós fostes, o que cabalmẽte desempenha-

3. Reg.
II. 4.

Exod.
4. 10.

stes a recommendaçõ, que Christo no Euangelho fez a seus Apostolos.

98 Duas cousas recommenda Christo a seus Apostolos no presente Euangelho: hum bom entendimento representado na luz, e huma boa vontade manifesta nas obras; para ensinar, huma luz de entendimento claro; para edificar, humas obras de vontade boa: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*. E quem duvida, que fez Agostinho muytas obras boas, para edificar o mundo? Que teve hum vivo, e claro entendimento, para ensinar os homens? Logo foy Agostinho o que cabalmẽte desempenhou em sua vida a recommendaçõ, que Christo fez a seus Apostolos no Euangelho. Sim: mas agora passo a diante com o pensamento; porque vejo ainda em nosso grande

de Patriarca mais adiantado o prodigio: e assim digo, que não só ensinou Agostinho com a luz, mas tambem com as trévas; não só edificou com as boas, mas tambem com as más obras: não só ensinou com a luz da sabedoria, mas tambem com as trévas da ignorancia; não só edificou com as virtudes, mas tambem com os peccados: aquelle foy o mayor realce do seu entendimẽto, em quanto sabio; este foy o mayor requinte da sua vontade, em quanto Santo. Basta de preludios: temos disposta a materia: entremos a discorrella, que postoque a festa convide a dilacão, o dia está pedindo brevidade.

§. II.

99 **F**oy Agostinho o mayor sabio; foy o homem do mayor entendimento. Não ha, nem houve no mundo, quem totalmente tenha, ou tivesse o entendimento bom; porque se o entendimento he bom na sabedoria, he máo na ignorancia; se he bom no que sabe, he máo no que ignora; e como não haja quem seja tão cabalmente entendido, que não tenha alguma cousa de ignorante, bem se segue, que não ha, nem houve entendimento tão bom, que não tivesse alguma cousa de máo. Só Agostinho teve neste mundo o entendimento adequadamente bom; porque foy o seu entendimento bom na sabedoria, e foy juntamente bom na ignorancia. Depois veremos como foy bom o entendimento de Agostinho na ignorancia, vejamos primeyro como foy bom na sabedoria.

100 Foy o entendimento de Agostinho na sabedoria tão bom, que não teve outro, que se lhe igualasse: move-me

a. dizer isto por duas razões ambas muy cabares: comecemos pela primeyra. A primeyra razão, porque foy o mayor o entendimento de Agostinho, he, porque estudou, e soube muytas artes, e sciencias sem Mestre; e não pôde haver mayor entendimento, que aquelle, que sabe sem ter quem o ensine. Se leres as Escrituras Sagradas, achareis, que a primeyra pessoa da Trindade Santissima humas vezes se chama Pay, outras vezes Deos, outras Senhor; mas nunca se chama Mestre. E porque se não hade chamar Mestre? Não he titulo muyto grande? Não he titulo muyto honrado? Sim: pois porque se lhe não hade dar na Escritura? Fundo a duvida ainda mais: pré-gando Christo em huma occasião, disse, que o Sermão não era seu, que era do Pay, que o mandou: *Sermonem quem*

audistis, non est meus: sed ejus qui misit me Patris. Pois se o Pay he o Author dos Sermoens, que Christo préga, pré-gando estes Sermoens Christo, hade ser chamado Mestre: *Vos vocatis me Magister... Et bene dicitis.* E fazendo o Pay estes Sermoens, não hade ter aquelle titulo? Se elle tem o nome de Senhor? Se tem o nome de Deos? Se tem o nome de Pay? Porque lhe não hade dar Christo ao menos nesta occasião o nome de Mestre? Direy: porq̃ Christo como seja o Verbo Divino, he a pessoa do entendimento; e quem tem hum tão bom, e tão grande entendimento como Christo, e o ha recebido do Pay, não lhe convem chamar ao Pay Mestre; porque se recebêra este entendimento do Pay, como de Mestre, não seria tão bom entendimento. Diga sim que o recebe do Pay,

Pay, que nisto mostra recebello por natureza; mas como o não recebe por ensino, porisso não hade dizer, que o recebe de Mestre: de Pay sim; de Mestre não: *Sed ejus qui misit me Patris.* Ah Sagrado Agostinho! Foy o vosso entendimento tão grande, que não recebendo a sabedoria de outra pessoa, como de Pay; porque não sois tanto como Deos; tambem a não recebestes de outra pessoa, como de Mestre; porque ainda que não sejaes Deos, sois mais que homem: não tem Mestre a vossa sabedoria, assim como o não tem a sabedoria do Verbo.

101 Daqui se segue, se eu me não engano, que não he louvor de Agostinho a cõparação, que se faz delle com o Sol. Commumente se compara ao Sol Agostinho; mas eu digo, que se não deve comparar se não com a primeyra luz.

Tom. II.

Creou Deos no primeyro dia a luz, e no quarto creou o Sol. Agora pergunto: e de que materia formou Deos o Sol? Todos me respondem, que do corpo da primeyra luz. Bem está, isto supposto, digo assim agora: he verdade que o Sol não só tem em si resplendores; mas tambem os comunica aos outros astros; porém houve outra luz primeyra, que os comunicou ao Sol: e Agostinho soube, e ensinou; teve luz em si, e comunicou-a aos outros; mas não teve Mestre, que lha communicasse a elle: logo excede Agostinho ao Sol, e imita a primeyra luz.

O Sol alumia, mas teve quem para luzir lhe communicasse resplendores; Agostinho sabe, mas para saber não teve Mestre, que lhe communicasse as sciencias; logo he Agostinho na Igreja mais excellente; do que no Ceo he o Sol; por-

F 3

que

que se o Sol recebeo os rayos da luz alhea, Agostinho recebeo a sciencia de si proprio.

102 Nas Sagradas Letras estaõ os Doutores da Igreja symbolizados nos rios da terra; mas se Agostinho como Doutor he rio, eu não acho outro, a que melhor o compare, do que he o Nilo. Não souberaõ os antigos o nascimento do Nilo; e não souberaõ tambem quem fosse de Agostinho o Mestre: não se soube a fonte, de quem o Nilo bebe as agoas; e não se sabe o Mestre, de quem Agostinho bebeffe as sciencias. Mas que muyto, se foy Agostinho hum mar de sabedoria; e se o mar não tem fonte, Agostinho não tem Mestre. Foy Agostinho o Fenis dos engenhos; porque se o Fenis nasce de si mesmo, o engenho de Agostinho nasceo de si proprio. O Fenis he juntamente filho, e Pay; o

entendimento de Agostinho he juntamete Discipulo, e Mestre. E se o entendimento de Agostinho he Fenis, que não tem Pay; Discipulo, que não tem Mestre; mar, que não tem fonte; Nilo, que não tem nascimento; luz, que não procede de outra; e por isto tudo semelhante ao Divino Verbo, bem se segue por esta primeyra razaõ, que foy Agostinho o mayor sabio, e que foy singular o seu entendimento. Mas passemos á segunda razaõ.

§. III.

103 **A** Segunda razaõ de fer o entendimento de Agostinho o mayor he, porque Agostinho dava voluntariamente erros no latim, dizendo: *Malo me reprehendant grammatiki, quam non intelligant auditores.* Antes quero, que me reprehendaõ os Doutos, com tanto que

q̄ me entendaõ os ignorantes. O' que grande entendimento de Agostinho! Era Agostinho sabio para ensinar os sabios, e fazia-se ignorante para ensinar os nescios. Vay David fallando no Psalmo 18. e diz assim: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam.* O dia ensina outro dia, e a noyte outra noyte. Ha taes Mestres! Ha taes Discipulos! Hum dia hade ensinar outro dia? Hũa noyte hade ensinar outra noyte? E que tem que ensinar hum dia a outro, se ambos saõ dias? Como póde huma noyte ensinar outra, se ambas saõ noytes? Direy: ensina hum dia a outro dia, porque só hum sabio póde ensinar outro sabio: ensina huma noyte a outra noyte, porque só hum ignorante póde ensinar outro ignorante: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam.* Mas hum ignorante

como poderá ensinar? Sabem como? Sendo sabio, e mostrando na apparencia ser nescio. Este foy o pensamento de David, e este o realce do entendimento de Agostinho: não se realçou tanto o seu entendimento em ensinar os sabios como sabio, quanto em se fazer ignorante para ensinar os nescios. Se repararmos bem no texto de David; o dia quando ensina outro dia, só falla: *Eructat verbum*; a noyte, quando ensina outra noyte, mostra a sua sciencia: *Indicat scientiam.* Porque entãõ mostra hum entendimẽto a sua grande sabedoria, quando se faz noyte ignorante para dar luz aos nescios.

104 Era Agostinho dia, e fazia-se noyte: era dia para ensinar os sabios, e fazia-se noyte para ensinar os ignorantes. O' que grande entendimento! Lá diz S. Paulo, que para hum ho-

Psal. 18. 3.

1. Cor. 3.18. mem ser fabio, se hade fazer ignorante: *Stultus fiat, ut sit sapiens*. Porém Agostinho, fazendo mais do que Paulo aconselha, não se fazia ignorante para ser fabio; mas porque era fabio, e queria, que fossem fabios os outros, se fazia a si ignorante. Christo para remediar peccadores, sendo innocente, tomou o habito de peccador:

2. Cor. 5.21. *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit*. Agostinho para ensinar ignorantes, sendo fabio, usou da frase de ignorante. Não pôde chegar a mais em Deos o seu amor: não pode chegar a mais em Agostinho o seu entendimento. Cruz de peccados em hombros de innocencia! O' que grande amor de Deos! Palavras de ignorancia em boca de sabedoria! O' que grande entendimento de Agostinho!

105 Daqui infiro eu, que Agostinho entendi-

do excedeo as cinco Virgens prudentes. Propoz Christo huma parabola de dez Virgens, cinco prudentes, e cinco ignorantes; e tendo necessidade de oleo para luzirem as ignorantes, diz, que lho não deraõ as prudentes. O que supposto, discorro assim: as prudentes não communicarão o oleo ás nescias, e Agostinho communicou a sabedoria aos ignorantes: logo excedeo Agostinho entendido as cinco Virgens prudentes. Provo a consequencia: as prudentes disserão: não nos façamos nós nescias, dando o nosso oleo, para que as nescias fiquem prudentes. Agostinho disse: quero dar erros, quero-me fazer ignorante, para que os ignorantes fiquem entendidos. Quem não vê já o excesso? Porém este mesmo he o que leva Agostinho a todos os mais Doutores da Igreja: os outros Doutores ensináraõ

raõ sim a sabedoria, mas mostrando sempre em si sabedoria: Agostinho communicou a sabedoria, mas mostrando em si ignorancia; e ensinar a sabedoria pela frase da sabedoria, isto he commum para todos; ensinar a sabedoria pela frase da ignorancia isto fez singular a Agostinho. Só em Christo, ainda que em materia differente, descubro alguma remota semelhança.

Genes. 3.22.

106 Não quiz Deos dar vida aos homens na arvore da vida: *Ne forte...sumat de ligno vite, & comedat, & vivat*. E depois feu Filho Unigenito veyo dar aos mesmos homens vida na arvore da Cruz, que era arvore da morte: mas isto porque razaõ? Sabeis porque? Porque dar vida na arvore da vida, isto he proporcionar os meyoys com os fins; isso he cousa commua: porém dar vida na arvore da morte, isto he conse-

guir os fins sem lhe buscar os meyoys, e nisso está a singularidade. O' grande Agostinho! Não destes vós aos ignorantes a sabedoria pela frase da sabedoria; porque isto era proporcionar os meyoys para os fins, que he o que fazem os outros: destes a sabedoria pela frase da ignorancia, que isto he conseguir os fins por meyoys proporcionados, e he o que só Christo, e vós sabemos, que obrassem no mundo. De forte, que para entender os outros Doutores, parece que he necessario ser Doutor; mas para entender a Agostinho, não importa ser ignorante. Donde se infere, que só Agostinho neste mundo soube contrafazer a tentação do demonio.

107 O demonio tentou nossos primeyros Pays dizendo-lhes, que haviaõ conseguir a sabedoria comendo da arvore da sciencia: *Scit enim Deus, quid* Genes. 3.5.

quòd in quocunque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri: & eritis sicut dij scientes. Vem Agostinho ao mundo, e mostra que melhor se communica a sabedoria pela arvore da ignorancia. Quem visse dar Agostinho hum erro na grãmatica, havia dizer, que Agostinho era ignorante; e elle era tão sabio, que tomava a frase da ignorancia para melhor communica a sabedoria. Atéqui pôde chegar a grandeza de hum bom entendimento! Christo consentio hum véo nos olhos: *Venerunt eum*; porque para remediar homens he necessario mostrar, que se não vê: Agostinho põe hum véo no entendimento; porque para ensinar nescios he necessario mostrar, que se ignora. Nas Sagradas, e humanas letras se acha symbolizada no Sol a sabedoria; mas nunca melhor luzio o Sol de A-

gostinho, que quando se disfarçou com a nuvem da ignorancia. E se a maior fabedoria he a que se explica pela ignorancia, e Agostinho para se comunicar como sabio, se fazia ignorante, bem se segue, que he Agostinho o mayor de todos os sabios; pois até com a sua luz entre nuvens soube assim resplandecer, e brilhar: *Sic luceat lux vestra.*

§. IV.

108 **V**Imos as razões porq̄ foy bom o entendimento de Agostinho na sua sabedoria: vejamos agora como tambem foy bom este entendimento nas suas ignorancias. Duas grandes acçoens de Agostinho considero eu nesta materia: a primey- ra he compôr hum livro, em que retracta os seus erros: a segunda vem a ser, que mandando-lhe S. Ambrosio ler o livro

de Isaias, por ser o Profeta mais Euangelico, abre este livro Agostinho, e confessã, que o não entende. Grandes, e maravilhosas acçoens são estas na verdade! Mas antes de passar a diante, quero perguntar primey- ro: e qual foy mayor acção, confessar Agostinho, que tinha entendido mal, ou que nada entendia? Qual he a mayor façanha do seu entendimento, compôr o livro das retractaçoes, em que mostrou que não entendêra bem, ou confessar que não entende o livro de Isaias? Todos louvaõ a heroica acção de Agostinho em compôr o livro das retractaçoes; porque he muyto difficuloso retractar-se hum sabio: porém eu digo, que sendo heroica esta acção, ainda foy mayor façanha confessar Agostinho, que não entendia o Profeta. A razão, em que me fundo, he, porq̄ retractar igno-

rancias he conhecer erros, e conhecer erros he ter sciencia: logo não he a mayor façanha, mostrar na retractação que conheço os erros, porque isto não he mostrar-me ignorante, antes he jactarme de sabio. Grande sabio era Salamaõ, e fez capricho de conhecer erros: *Dedi cor meum, ut scirem errores.* Eccl. 1. 17. Logo mayor acção de Agostinho foy confessar, que não entendia o Profeta. Confessar hum sabio, que actualmente não entende, não sey, que se tenha visto no mundo; de retractar erros sey, que ha no mundo alguns exemplos. Quero-me valer de hum ió.

109 Compoz Habacuc huma oração, que se acha no fim de suas profecias, e se intitula desta sorte: *Oratio Habacuc Prophetae pro ignorantibus.* Hab. 3. Ah tal titulo! Se perguntares, que quer nisto dizer o Profeta? Respondervos-ha S. Jerony-

ronymo, como escreve hum Expositor, que o Profeta nesta oração retracta as ignorancias, que tivera em outro tempo, e porisso lhe põe este titulo: *Divus Hieronymus* (diz o Expositor) *credit Prophetam hinc retractare, quod antea dixerat*. Ora peçay bem a consequencia: se já houve quem em huma oração retractasse as suas ignorancias: *Oratio pro ignorantibus*; não foy em Agostinho a mayor façanha retractar as suas ignorancias no seu livro: e se Habacuc retractando ignorancias foy hum Profeta menor, em retractar ignorancias não pôde ser Agostinho o mayor sabio.

110 Porém com tudo isto está, que unidas ambas estas acçoens em Agostinho, mostráráo a todas as luzes ser o seu entendimento em tudo grande; porque confeslou ignorancias em todo o tempo, no presente, e

no passado; no presente dizendo, que não entendia a Ilaias, no passado retractando os seus erros, e as suas ignorancias. Huma das mayores, e mais arduas coufas, que fazem os homens, he confessarem seus peccados: dizer eu minhas culpas, confessar minhas fraquezas, e isto a outro homem, he coufa, que fez parecer a muytos peçado jugo o da Ley de Deos; porém bem considerado, parece, que mais custa confessar ignorancias, do que confessar culpas; porque confessar culpas he dizer imperfeyçoens da vontade, confessar ignorancias he dizer imperfeyçoens do entendimento; e como o entendimento seja potencia mais nobre do que a vontade, bem se segue, que mais custa a hum homẽ confessar-se, ignorante, do que peccador. O homem (ainda mal) presa-se mais de racional, do que de santo: logo

mais

mais faz em confessar ignorancias, que se oppoem á sabedoria, do que em confessar culpas, que se oppoem á fantidade.

111 Dous erros commetteo S. Pedro, hum em casa do Pontifice, negando a seu Mestre, outro no monte Thabor, querendo que se fizessem ali os Tabernaculos.

Lemos porém, que Pedro com as lagrimas, que tambem tem força de vozes, confessára o erro da negação: *Egressus foras flevit amare*. E não le-

Matth.
26.75.

mos, que confessa-se, ou desse final de arrependimento do erro, que commetteo no Thabor. Pois que differença he esta? Se Pedro confessa hum, porque não confessa outro erro? Se chorando na casa do Pontifice diz, errey, porque não diz tambem, errey, no Thabor? Porq̃ em casa do Pontifice era erro o erro da vontade, era culpa, que commetteo; o erro do Thabor era erro do en-

tendimento, era necessidade, que disse: *Non enim sciebat quid diceret*. 9.5.

E pode Pedro acabar com sigo confessar peccados; mas não pode já mais acabar com sigo confessar ignorancias: dirá Pedro com as lagrimas de seus olhos: pequey; mas nunca se ouvirá da sua boca: não entendi; que esta grande acção se guardava só para Agostinho. Muytos livros não entendêráo os mais Doutores; porque ninguem ha tão entendido, que possa dizer, que entende tudo: mas se os não entendêráo, lá com sigo o caláraõ; só Agostinho não entendendo, confessa, que não entende, que assim havia obrar para mostrar até na sua ignorancia grande o seu entendimento.

112 Mas por conclusão de todo este discurso, em que vimos o grande entendimento de Agostinho igualmẽte grande na sua sabedoria, e na sua

sua

sua ignorancia, quizera eu fazer huma pergunta, e vem a ser: de que se podem jactar mais seus filhos, de serem filhos de Agostinho sabio, ou de serem filhos de Agostinho ignorante? Para haver de dar a resposta, quero que oução hum grande lugar de Salamaõ. Vay Salamaõ continuando a escrever o livro dos seus proverbios, e começa o Capitulo trigésimo com estas notaveis palavras: *Verba congregantis filij vomentis.*

Muytos entendêraõ, que Salamaõ não era o que fallava neste Capitulo; mas a commua, e melhor opiniaõ affirma, que fallava determinadamente de si, intitulado-se filho de David, e alludindo aos vomitos, que affectára seu Pay na Corte del-Rey Aquis, onde foy tido por fatuo; e ignorante. Expressamête Hugo Cardeal: *Melius dicitur: Filius vomentis, idest, David, qui vom-*

tu saliva sua simulavit insaniam coram Achis Rege. Isto supposto, vem a dizer Salamaõ, que he filho de David nescio; que he filho de David ignorante: mas como affim? David não foy muyto entendido? David não foy muyto prudente? Sim foy, e sim o mostrou ser na Corte de Saúl: *Prudenter se agebat:* pois se

David foy prudente na Corte del-Rey Saúl, e se affectou ignorãte na Corte del-Rey Aquis, porque se não hade jactar Salamaõ de ser filho de David prudente, e porque hade blazonar de ser filho de David ignorante: *Verba filij vomentis?* Direy; porque as ignorancias, que acreditaõ os Pays, tambem resultaõ em honra, e credito dos filhos; e como aquella ignorancia de David o acreditasse a elle, ficava juntamente servindo de credito a seu filho Salamaõ; porisso este, quando se intitula filho

1. Reg.
18. 5.

lho de David, deyxá de tomar o titulo da sua prudencia, e toma o da sua ignorancia: porisso se não dá a conhecer ao mundo por filho de David prudente, no mesmo tempo, em que se dá a conhecer por filho de David ignorante: *Verba congregantis filij vomentis.*

113 Parece, que tenho satisfeyto á pergunta: mais nos devemos prefar de sermos filhos de Agostinho ignorante, do que de sermos filhos de Agostinho sabio. Taõ discreta foy a ignorancia de David, que bem podia David, em quanto ignorante, ter por filho hum Salamaõ sabio: e se he credito da sabedoria de Salamaõ ser filha da ignorancia de David: *Verba congregantis filij vomentis.* Quem duvida que pôde ser tambem credito da sabedoria dos filhos de Agostinho até a ignorancia do Pay. Muytos sabios ensinou, ó Sa-

grado Patriarca, a vossa sabedoria; mas tambem pode ensinar muytos sabios a vossa ignorancia, e pode produzir muytos filhos entendidos como Salamaõ; porque foy bom o vosso entendimêto não só na luz, mas tambem nas trévas, podendo-se delle dizer: *Sicut tenebrae ejus, ita, & lumen ejus.* E affim brilhou de todos os modos a vossa luz: *Sic luceat lux vestra.*

Psal. 138.
12.

S. V.

114 **T**Emos visto em Agostinho o seu bom entendimêto, em quanto sabio, vejamos a sua boa vontade, em quanto Santo. Mostrou elle esta boa vontade nas obras, e não só nas boas, mas tambem nas más; porque confessou as más, e escondeo as boas. Todos louvaõ a Agostinho pelo livro, que fez das confissoens, em que publicou seus

seus peccados; porém eu entendo, que deve ser mais louvado pelo livro, que não fez, e em que podia publicar suas virtudes; e fenaõ pergunto: porque não hade compôr Agostinho hum livro de suas virtudes, assim como compoz hum livro de seus peccados? Lá compoz S. Paulo hũ capitulo inteyro na segunda carta, que escreveo aos de Corintho, em que conta miudamente todas as virtudes, que obrou, e trabalhos, que padeceo. Pois se faz isto o Doutor das gentes, porque não hade fazer isto o Doutor da Igreja? Se Paulo escreve hum capitulo de seus trabalhos, Agostinho, porque não compõe hum livro de sua penitencia? Cresce a dificuldade com o que tenho dito: compoz Agostinho hum livro, em que publicou ao mundo os seus peccados: logo devia compôr outro livro, em que publicasse ao

mundo suas virtudes: se teve peccados, que dizer, tambem lhe não faltavaõ virtudes, que contar; pois calla as virtudes, e publica os peccados?

115 Ora antes de proseguir o discurso quero tambem agora perguntar: e em que fez mais Agostinho: em dizer seus males, ou em occultar seus bens? Em contar seus peccados, ou em callar suas virtudes? Digo, que fez mais em callar as virtudes, do que em dizer os peccados. Logo ouviremos a Escritura, ouçamos primeyro as razões. A primeyra razão he, porq̃ confessar peccados he querer delles perdaõ, occultar virtudes he não querer por ellas premio, e mais he não querer o premio, do que procurar o perdaõ. A segunda razão vem a ser; porque confessar em publico peccados he querer, que o mundo vos tenha por penitente, oc-

cultar as virtudes he não querer, que o mundo vos tenha por Santo; e mais he querer, que o mundo vos não tenha por Santo, do que querer, que o mundo vos tenha por penitente. Vay a terceyra razão: quem confessã os peccados, diz o que foy, quem calla as virtudes, occulta o que he; e como póde mais com o mundo o que he, do que o q̃ foy, segue-se q̃ mais faz quem occulta as virtudes, que tem, do que quem diz os peccados, que teve. Finalmente he a quarta razão: confessar peccados he julgar-se hum homem a si mesmo por máo, occultar virtudes he querer que os outros o não julguem por bom; e mais he não querer, vós, que os outros vos julguem por bom, do que julgar-vos a vós mesmo por máo. Estas são as razões: agora a Escritura.

116 Vay fallando o Profeta Zacarias do Di-

vinissimo Sacramento, que naquelle Altar adoramos, e diz assim: *Quid bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Que coula ha taõ boa (diz elle) que coula ha taõ bella, como o paõ dos escolhidos? Que seja bom, e bellissimo o Sacrificio do Altar, não tem duvida; mas porque não hade ser taõ bom, e taõ bello o Sacrificio da Cruz? Bem sey eu, que o Sacrificio da Cruz foy morte dos peccados alheos, e que o Sacrificio do Altar he hum compendio de virtudes proprias: *Memoriam fecit mirabilium suorum.* Mas porque hade ser melhor o Sacrificio do Altar, em que Christo compendiou suas virtudes, do que o Sacrificio da Cruz, em que Christo matou nossos peccados? Sabeis porque? Eu o digo: o Sacrificio do Altar, como morte de peccados alheos, foy penitencia publica; o Sa-

Psal. 110. 4.

cramento do Altar, como compendio de virtudes proprias, he mysterio escondido: *Mysterium absconditum*; e como seja mayor façanha occultar as virtudes, do que publicar pela penitencia os peccados, porisso achou o Profeta, que era mayor o Sacrificio do Altar, do que o Sacrificio da Cruz. Christo na Cruz, sendo innocente, sacrificou-se como peccador, no Altar Sacramentou-se como Santo; e como seja mais esconder-se hũ homem Santo, do que publicar-se hum homem peccador, porisso não tem tanto de bom o Sacrificio da Cruz, como tem o Sacrificio do Altar: *Quid bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?*

117 Eis aqui como foy mais em Agostinho não escrever as suas virtudes, do que escrever os seus peccados; mas unindo agora ambas estas duas

acçoens, respondo á pergunta, que no principio fiz. Compoz Agostinho hum livro dos seus peccados, e não compoz outro livro de suas virtudes, para que publicando-se peccador, e occultando-se Santo, agradecesse melhor a Deos os dous grandes Sacrificios, que por elle obrou; porque se Christo na Cruz, sendo innocente, se fez publico peccador por amor de Agostinho, Agostinho no livro das confissões, que escreveo, se fez publico peccador por amor de Christo: se Christo no Sacramento, sendo Santo, occultou as suas virtudes por amor de Agostinho, Agostinho nos seus livros occultou as suas virtudes por amor de Christo. Christo publica-se peccador na Cruz, e esconde-se Santo no Altar: pois Agostinho, satisfazendo estas duas finezas, publica em seus livros, que foy peccador, e oc-

culta, que he virtuoso.

118 Agora me quera mim parecer, que foy nitto Agostinho o mayor Santo, ao contrario do mayor peccador, que no Evangelho nos propoem Christo. Quer Christo no Evangelho propôr hum grande peccador, e o representa na parabolilla do Fariseo. Mas que fez o Fariseo para ser peccador tão grande? Que? entrou no Templo, e começou a contar suas virtudes em vez de confessar seus peccados. Isto, o que fez o Fariseo no Templo: vede agora o que fez Agostinho no mundo: publicou os seus peccados, e callou as suas virtudes. Parece, que não ha acçoens mais oppostas. O Fariseo calla os peccados, e diz as virtudes; Agostinho calla as virtudes, e diz os peccados: o Fariseo he tão grande peccador, que calla as culpas proprias, e diz as alheas: *Non sum*

Luc.

18. 11. *sicut cateri homines*; ra-

Tom. II.

ptores, adulteri. Agostinho he tão grande Santo, que calla as culpas alheas, e diz as proprias: logo se foy o mayor peccador o Fariseo, digamos tambem, que foy o mayor Santo Agostinho.

119 Muyto rigoroso hade ser Christo no dia do juizo com os homens, mas bem considerado me quer a mim parecer, que mais rigoroso foy Agostinho comsigo em seus escritos: porque Christo he verdade que no dia do juizo hade fazer publicas todas as culpas dos peccadores, mas tambem hade fazer publicas todas as virtudes dos Santos: he verdade que hade dizer aos precitos: *Esu-* Matth. *rivi, & non dedistis mihi* 25. 42. *manducare: sitivi, & non dedistis mihi bibere.* Mas tambem hade dizer aos predestinados: *Sitivi, & Ibi.* 35. *dedistis mihi bibere: esurivi, & dedistis mihi manducare.* De forte, q̄ no dia do juizo hade ha-

ver relação dos peccados; mas também hade haver relação das virtudes. Agostinho porém em seus escritos julga-se a si tão rigorosamente, que calla a relação de suas virtudes, e publica a relação de seus peccados: diz, fuy peccador; mas não diz, sou penitente: diz, cometti peccados, mas não diz, obro virtudes.

120 De tudo isto infiro eu, que foy Agostinho mayor penitente, q̄ David; porq̄ David he verdade que publicou o seu peccado: *Peccavi*. Mas também publicou a sua virtude: *Media nocte surgebam ad confitendum tibi*. Tomou a penna, e escreveo seus delictos: *Delicta juventutis meae*. Mas torna logo a tomar a penna, e escreve a sua penitência: *Fuerunt mihi lacrymae meae panes die, ac nocte*. Isto o q̄ fez David, e isto, o q̄ não fez Agostinho: toma Agostinho a penna para escrever hum livro de suas culpas; mas não toma a

penna para escrever hum livro de sua penitência. Também nisto excedeo Agostinho a S. Paulo: he verdade q̄ S. Paulo em hũa Epistola cõfessa publicamete os delictos q̄ cometteo: *Per-*

secutus sum ecclesiã Dei. 1. Cor. 15. 9. Mas também em outra Epistola escreve os serviços q̄ fez: *Abundantiùs illis omnibus laboravi.* Ibi. 4. 12.

Agostinho porẽ, Gigante da Santidade, passa em silencio os serviços, q̄ fez, e põe em publico os delictos, q̄ cometteo: faz rol de peccados, e não faz memorial de serviços. Logo sendo isto assim, quẽ haverá, q̄ duvide, q̄ não só foy bõ o entendimento de Agostinho em quanto sabio, mas também, q̄ foy boa a vontade de Agostinho em quãto Santo: fez mais do q̄ Christo quer de seus Apostolos, porque callou as boas obras, e publicou as más, quando Christo não mãda aos Discipulos, q̄ publiquem as obras más, e permite-lhe, q̄ manifestẽ as boas: *Ut videant opera vestra bona.*

SER-

Psal. 50. 5.

Psal. 118. 62.

Psal. 24. 7.

Psal. 41. 7.



SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA

DO

ADVENTO,

Prégado na Capella Real.

*Factum est Verbum Domini super Joannem...
& venit in omnem regionem Jordani-
nis, prædicans baptismum pœ-
nitentiæ in remissionem
peccatorum. Luc. 3.*

S. I.

121



E no primeyro Domingo deste Advento apparecẽão os ho-

Tom. II.

mens resuscitados ao juizo, hoje neste ultimo apparecem os mesmos homens resuscitados á penitencia. (Muyto altos, e poderosos Principes, e Senhores nossos) Se no

G 3

pri-

primeyro Domingo de-
 ste Advento apparecêrão
 os homens resuscitados
 ao juizo, hoje neste ul-
 timo apparecem os mes-
 mos homens resuscita-
 dos á penitencia. Quan-
 do peccou Adam foy
 tão universal o veneno
 daquelle pomo, que elle
 comeo no Paraíso, que
 não sómente o privou da
 vida temporal, mas taõ-
 bem da vida eterna; não
 só da vida da natureza,
 mas tambem da vida da
 graça. Duas vidas tinha
 Adam no estado da in-
 nocencia, huma era a
 vida da natureza, outra
 era a vida da graça: na
 vida da natureza vivia
 em quanto homem, na
 vida da graça vivia em
 quanto justo: e ambas
 estas vidas, que tinha no
 estado da innocencia per-
 deo no estado da culpa.
 Era taõ venenoso aquel-
 le pomo prohibido, que
 encerrava em si junta-
 mente a morte, e o pec-
 cado; em quanto encer-
 rava a morte, matou a

vida da natureza; em
 quanto encerrava o pec-
 cado, matou a vida da
 graça. Que matasse a vi-
 da da natureza com a
 morte, tinha-o dito o
 mesmo Deos: *Morte Genes.
 morieris*; que matasse a
 vida da graça com a cul-
 pa, disse-o depois Ter-
 tulliano: *Te ipsum occi- Tertul.
 dis*; e ainda que elle o
 não dicesse, a mesma ra-
 zão assim o persuade;
 porque o peccado he
 privação de Deos; a vida
 da graça está em Deos:
 logo o peccado he pri-
 vação da vida da graça.

122 Porém ainda na-
 quelle pomo foy mais ac-
 tivo o veneno do pecca-
 do, do que o veneno da
 morte; porque o vene-
 no da morte deyxou a
 Adam mortal, e o vene-
 no do peccado deyxou a
 Adam morto: o veneno
 da morte deyxou a Adam
 mortal, porque o privou
 da vida dahi a muytos
 annos; o veneno do pec-
 cado deyxou a Adam
 morto, porque o privou
 da

da graça logo q̄ comeo
 do pomo. Donde se segue
 por consequencia legiti-
 ma, que duas mortes te-
 ve Adam, e duas mortes
 tem os homens; huma
 he a morte, que tira a
 vida; outra he a culpa,
 que priva da graça: logo
 não podia deyxar Deos,
 cuja providencia sempre
 acode a remediar nossos
 males, não podia, digo,
 deixar de nos dar duas
 resurreyçoens, supposto
 que nós tinhamos duas
 mortes: para resuscitar-
 mos da morte, q̄ nos pri-
 vou da vida, nos deo a re-
 surreyção do juizo; para
 nos resuscitar da morte,
 que nos priva da graça,
 nos deo a resurreyção da
 penitencia.

123 Alegray-vos, mor-
 taes; porque se Adam
 vos deyxou huma morte,
 que mata a vida, Deos
 vos hade dar huma re-
 surreyção, que mate a
 morte: alegray-vos, ho-
 mens; porque se Adam
 vos deyxou hum pecca-
 do, que mata a graça,
 Tom. II.

Deos vos deyxou huma
 resurreyção, que mata o
 peccado. A resurreyção
 que hade matar a morte,
 he a resurreyção do jui-
 zo; a resurreyção, que
 mata o peccado, he a re-
 surreyção da penitencia:
 na resurreyção do juizo
 haõde resuscitar os cor-
 pos; na resurreyção da
 penitencia resuscitaõ as
 almas: na resurreyção
 do juizo hontem estaveis
 morto, hoje appareceis
 vivo como Lazaro; na
 resurreyção da peniten-
 cia hontem estaveis pec-
 cador, hoje appareceis
 Santo como a Magda-
 lena. Se não houvesse de
 haver a resurreyção do
 juizo, seguirse-hia aquel-
 le grande inconveniente,
 de que os corpos dos
 bons não teriaõ o pre-
 mio de seus trabalhos,
 e os corpos dos máos
 não teriaõ o castigo de
 suas culpas: e assim para
 que os homens não jul-
 gassem a Deos por injus-
 to, ordenou a Justiça Di-
 vina, que houvesse a

resurreyção do juizo, na qual resuscitados os corpos, hajaõ lá de triunfar os que cá padecêraõ, e hajaõ lá de padecer os que cá triunfáraõ. Se não houvera a resurreyção da penitencia, seguirse-hia aquella grande desconfolação, e aquella grande desordem, de que poderiaõ os homens nesta vida fer mãos, sem poderem tornar a fer bons: e assim para que não houvesse esta desordem no governo, e para que não ficasse esta desconfolação no mundo, ordenou a Misericordia de Deos, que houvesse a resurreyção da penitencia, para que podessẽ fer bons aquelles, que chegassẽ a fer mãos; e esta resurreyção da penitencia he a que pertence a estedia, e a que hoje prégou o Bantista no deserto: *Pradicans baptismũ penitentia in remissionem peccatorum.*

124 Esta resurreyção pois da penitencia he a

que no Domingo de hoje havemos de ver, assim como vimos no primeyro a resurreyção do juizo. Mas não posso deyxar de perguntar agora: e como haõde resuscitar os homens á penitencia? Digo, que devem resuscitar á penitencia, assim como haõde resuscitar ao juizo. Esta reposta hade fer toda a materia do Sermão. Quem quizer fer justo deve fer penitente, assim como hade fer resuscitado; quem quizer livrar-se da culpa hade resuscitar do peccado, assim como hade resuscitar da morte: em fim assim como hade fer a resurreyção do juizo, deve fer a resurreyção da penitencia. Esta a materia; entremos no discurso.

§. II.

125 **N**A resurreyção do juizo haõde concorrer tres generos de pessoas: hade concorrer Deos; hade concorrer

rer hum Anjo, e haõde concorrer os homens: hade concorrer Deos, que julga; hade concorrer o Anjo, que chama; e haõde concorrer os homens, que resuscitaõ: hade haver juizo, hade haver vocação, e hade haver resurreyção: a resurreyção hade fer da parte dos homens, a vocação hade fer da parte do Anjo; o juizo hade fer da parte de Deos: Deos hade abrir os processos; o Anjo hade tocar a trombeta; e os homens haõde vir dar as contas. Isto he o que hade haver na resurreyção do juizo, e isto mesmo he o que deve passar na resurreyção da penitencia. Na resurreyção da penitencia concorrem os mesmos tres generos de pessoas: concorre Deos, que perdoa; concorre o Prégador, que chama; e concorrem os homens, que se convertem: concorrem os auxilios; concorre a prégação, e concor-

re a resurreyção: concorrem os auxilios da parte de Deos; concorre a prégação da parte do seu Ministro; e concorre a resurreyção da parte dos penitentes: Deos offerece os auxilios; o Prégador toca a trombeta, e os homens acodem a converter-se.

126 Tudo isto temos no Euangelho. Levantou-se o Tribunal da penitencia nas prayas do Jordaõ, e logo se vio neste Tribunal o que se hade ver no do juizo. No Tribunal do juizo hade-se ouvir huma trombeta, que chame os mortos: *Canet 1. Cor. enim tuba, & mortui resurgent.* No Tribunal da penitencia ouviu-se hũa voz, que chamava os peccadores: *Vox clamantis in deserto.* No Tribunal do juizo levantar-se-haõ os mortos, e hiraõ para o valle a ferrem julgados: *Congregabo omnes gentes, & deducam eas in vallem Josaphat.* No Tribunal da peni-

Luc.
3. 12.

penitencia levantáráo-se os peccadores, e foraõ para o deserto a serem penitentes: *Venerunt publicani, ut baptizarentur.* No Tribunal do juizo, resuscitados os mortos, haõde ver a Deos bayxando do Ceo á terra cheyo de justiça: *Tunc videbunt Filium hominis venientem.* No Tribunal da penitencia, resuscitados os peccadores, veraõ a Deos bayxando ao Jordaõ cheyo de amor: *Vidit spiritum Dei descendente.* O' que grande semelhança entre a resurreyçaõ da penitencia, e a resurreyçaõ do juizo! Mas se tendes visto a semelhança, ouvi agora a prova.

Luc.
21. 27.Matth.
3. 16.

127 Quando o Apostolo S. Pedro estava preso no carcere, dormindo a somno solto, figurava hum peccador, que preso da culpa dorme defcançado no leyto. Vejamos agora como acordou do somno, como sahio do carcere, e como

resuscitou do peccado; ainda que só em figura. Tres notaveis circumstancias concorrêraõ neste caso: primeyramente desceo a luz do Ceo, que alumiou o carcere: *Lumen refulsit in habitaculo*; depois bradou-lhe o Anjo para que se levantasse: *Surge velociter*; e Ibi finalmente Pedro sentio no peyto o toque, e se levantou: *Percussioque lateris Petri, excitavit eum.* Torno a dizer, que foraõ notaveis estas tres circumstancias. Pois para Pedro acordar do somno, e sahir da prizaõ, naõ bastava só a luz, que lhe deo nos olhos, ou só a voz, que lhe bateo nos ouvidos, ou só o toque, que sentio no peyto; mas foy-lhe necessário tudo? Qualquer destas cousas só bastava para acordar hum homem: logo porque haviaõ ser necessárias todas tres, para que acordasse Pedro? Direy: porque Pedro dormindo o seu somno

figu-

figurava, como já adverti, o peccador morto pela sua culpa; e para que o peccador, que ellá morto pela culpa, recusite pela penitencia, costumaõ concorrer todas aquellas tres cousas: concorre Deos, concorre o seu Ministro, e cõcorre o peccador: cõcorre Deos alumiano com os auxilios; eis aqui a luz do Ceo: *Lumen refulsit*; concorre o seu Ministro bradando com a voz; eis aqui a vocaçãõ do Anjo: *Surge velociter*; e concorre o peccador com a dor, e com a penitencia; eis aqui o golpe do peyto: *Percussio lateris.* De modo, que para Pedro acordar hade Deos dispender a luz, hade o Anjo dar as vozes, e hade Pedro ter a dor; e assim tambem para que o peccador resuscite, hade Deos dispender a luz de sua graça; eis aqui o espirito, que he fogo, descendo: *Vidit spiritum Dei descendente*; hade

o Prégador dar as vozes da doutrina; eis aqui o Bautista clamando: *Vox clamantis*; e finalmente hade ter o peccador arrependimêto de seus peccados; eis aqui os publicanos buscando o bautismo da penitencia: *Venerunt publicani, ut baptizarentur.*

128 Parece que estaõ ajustadas as circumstancias. O mesmo que hade succeder na resurreyçaõ do juizo, he o que deve succeder na resurreyçaõ da penitencia: se na resurreyçaõ do juizo ha Deos, que julga, na resurreyçaõ da penitência ha Deos, que perdoa; se na resurreyçaõ do juizo ha trombeta, que chama, na resurreyçaõ da penitencia ha Bautista, que brada; finalmente se na resurreyçaõ do juizo ha homens, que vaõ para o valle, na resurreyçaõ da penitencia ha homens, que vaõ para o deserto. Supposto pois concorrerem na resurreyçaõ da peni-

penitencia estes tres generos de pessoas, parece, que era hoje obrigação tratar de todas tres; mas se bem advertirmos, escusado he fallar nas duas primeyras; porque nem Deos falta já mais com os auxilios, nem os Prédadores com as doutrinas; o ponto he que não faltem os homens com a penitencia: e assim a estes ultimos he que se hade encaminhar hoje o Sermão; mas como as circumstancias da resurreyção da penitencia são muytas, para hirmos coherentes na materia, pelas circumstancias da resurreyção do juizo havemos hoje de regular as da resurreyção da penitencia. Começemos pela primeyra.

§. III.

129 **A** Primeyra circumstancia da resurreyção do juizo he, que todos os mortos ha-

Deos; e a primeyra circumstancia, que se requer na resurreyção da penitencia, he, que quando Deos chama, lhe acudaõ todos os peccadores. Assim como Deos hade chamar todos os mortos para que resuscitem ao juizo de suas culpas, chama tambem todos os peccadores para que resuscitem á penitencia de seus peccados; porém a desgraça he, que na vocação Divina para a resurreyção do juizo, ouvindo todos os peccadores, não todos acodem como ouvem, nem todos ouvem como acodem. Ha huns, que ouvem mal, e acodem bem; ha huns, que ouvem bem, e acodem mal; ha huns, que ouvem mal, e acodem mal; ha outros finalmente, que ouvem bem, e acodem bem. Desembaracemos estes fios.

130 Os que ouvem mal, e acodem bem, são como Dimas: ouvio Dimas mal, porque ouvio tarde; mas acodio bem, porque acodio penitente: na ultima hora abriu os ouvidos para ouvir, e abriu juntamente os olhos para se defenganar: *Memento mei*. O quantos homens ha no mundo, que guardaõ para a hora da morte o *Memento* do Bom Ladrão! Mas não sey se aproveyta aos homens, assim como aproveitou a Dimas: o que todos sabemos he, que o Senhor lhe respondeo nesta forma: *Hodiè mecum eris in Paradiso*; hoje serás comigo no Paraíso. Reparo naquella *Hodiè*, hoje: pois para Christo salvar a Dimas, he necessário dizer, que hoje o salva? Sim: porque no premio de Dimas quiz dar o defengano aos homens; como se dissera o Senhor: isto de salvar-se hum homem, que só na hora da mor-

Luc.
23.42.

Ibi.43.

te busca a Deos, não he cousa de todos os dias, he só de hoje: *Hodiè*; isto de ouvir mal na vida, e acodio bem na morte, não he cousa, que todas as horas succede, ainda que succedesse nessa hora. O que grande defengano para os mortaes!

131 Os que ouvem bem, e acodem mal, são como Judas: Judas ouvio bem, porque ouvio a voz de Deos, que o chamava do mundo para o Apostolado; e acodio mal, porque quiz no Apostolado conservar os interesses do mundo. O que grande lastima! O que grande miseria! Raquel sahio da casa de Labão para casa de Jacob; e levou consigo para casa de Jacob os idolos da casa de Labão. E a quantas almas succede isto na vida? Vaõ da casa do mundo para a casa de Deos, e levaõ consigo para a casa de Deos os idolos adorados na casa do mundo: assim são os

que

que ouvem bem, e acodem mal. Os que ouvem mal, e acodem mal são aquelles peccadores, a quem Deos está fallando de hum modo, e elles cuidão, que lhes falla de outro. Lá se queyxava Christo na Cruz do desamparo de seu Pay: *Eli*

Matth.
27.46.

Ibi.47.

Genef.
3.10.

Matth.
4.20.

Eli... hoc est, Deus meus, Deus meus; e os Judeos ouvindo estas vozes, interpretáráo tão mal o sentido dellas, que quando Christo fallava com Deos, diziaõ elles, que chamava por Elias: *Eliam vocat iste.* Assim são os que ouvem mal, e acodem mal. Os que ouvem bem, e acodẽ bem, são aquelles penitentes, que chamando-os Deos, acodem a Deos, assim como Deos os chama a elles. Deste genero foy Adam: *Vocem tuam audivi, & timui,* e deste genero foraõ Pedro, e André: *Relictis retibus, secuti sunt eum.* O ditosos os que assim ouvem, e assim acodem!

Passemos agora daqui para o nosso caso.

132 Na resurreyção para o juizo hade-nos Deos chamar huma só vez, e huma só vez hade tocar o Anjo a trombeta; e sendo isto assim, havemos de todos ouvir bem, e havemos de acudir todos: na resurreyção para a penitencia está-nos Deos chamando todas as horas, são muytas as trombetas, que soão; e sendo isto assim, estamos tão fóra de acudir todos, que provéra a Deos, que acudira-mos alguns. Que Deos nos chame todas as horas para a penitencia, coufa he, que não póde fazer duvida; e álem de muytos Textos expressos, o temos naquella parabola da vinha, em que o Senhor chamou os homens na manhaã, no meyo dia, e na tarde. Que sejaõ muytas astrõbetas, que soão tambem he certo, e senão pergunto: que outra coufa he hum Prégador, senão huma

huma trombeta de Deos no pulpito? Que outra coufa he hum Confessor, senão hũa trombeta de Deos no confessorario? Que outra coufa he huma enfermidade, senão huma trombeta de Deos no leyto? Que outra coufa he hum desgosto, senão huma trombeta de Deos no coração? Que outra coufa he a tempestade do naufragante, senão huma trombeta de Deos no navio? Que outra coufa he a morte do parente, senão hũa trombeta de Deos na casa? O' quantas são as trombetas, que se tocaõ aos peccadores! E quã poucos são os peccadores, que refuscitaõ á penitencia! Pois notay, que álem de todas estas trombetas, ainda ha outra mais mysteriosa, que nos chama, e ninguem atégora imaginou, que a havia. Sabeis q̃ trombeta he esta? He a do nosso discurso. Bate Deos ás portas de huma alma

peccadora, ou com a enfermidade, ou com a morte, ou com os trabalhos, ou ainda com os beneficios (que tambem estes muytas vezes são trombetas) e pergunto agora: quando Deos bate, e chama ás portas daquella alma, não bate, e chama tambem ás portas da minha? He certo; porque se Deos bate ás portas daquella alma, porque está peccadora, e eu estou peccador tambem, quem duvida, que juntamente me chama a mim Deos, quando está chamando o outro? Porém ha esta differença, que ao outro chama-o com as vozes, ea mim chama-me com o meu discurso.

133 Desceo Deos ao Paraíso depois do peccado de nossos primeyros Pays, e começando logo a chamar por Adam, sabemos, que tambem acodira Eva. Pois como assim? Se Deos chamou só a Adam, e não chamou

Genes.
3. 9.

mou a Eva, como acodiamos também Eva ás vozes, que Deos dá só a Adam: *Adam.. ubi es?* Direy: porque foy taõ entendida Eva, que tanto que ouvio a Deos chamando a Adam com a voz, logo julgou, que o mesmo Deos a chamava a ella com o discurso; como se differa Eva: porque chama Deos a Adam? Porque Adam está peccador? Pois se eu estou peccadora, como elle, quem duvida, que quando chama a elle, me chama também a mim; e nestes termos he razãõ, que acuda também Eva, ainda que se dem as vozes só a Adam: *Adam.. ubi es?* O' que entendida obediencia á vocaçãõ do discurso! Porém isto mesmo temos no Evangelho. O Bautista pré-gava no deserto, e acodiãõ ao deserto os homens da Cidade: pois na Cidade pôdem-se ouvir as vozes, que se dão no deserto? Não: logo

com o acodiãõ Cida-
daõs ao Bautista? Direy:
assim como os montan-
hezes acodiãõ movidos
das vozes, acodiãõ os Ci-
dadaõs guiados do dis-
curso: acodiãõ huns, por-
que ouviaõ; acodiãõ ou-
tros, porque discursavaõ:
e na verdade que discursavaõ bem; por-
que assim deve acudir á
vocaçãõ, quem quizer
resuscitar á penitencia:
*Prædicans baptismũ pe-
nitentiæ in remissionem
peccatorum.*

§. IV.

134 **A** Segunda cir-
cunstancia da
resurreyçãõ do juizo he,
que tanto que a trombe-
ta soar, logo os homens
haõde acudir: entre o
chamar Deos aos homẽs,
e o acodirem os homens
a Deos, não hade haver
distancia de tempo; e
isto mesmo, que hade
haver na resurreyçãõ do
juizo, digo, que deve ha-
ver também na resurrey-
çãõ

çãõ da penitencia. Cha-
mados os mortos, logo
haõde resuscitar os mor-
tos; chamados os pec-
cadores, logo devem
resuscitar os peccadores:
devem resuscitar os pec-
cadores pela penitencia
com aquella mesma pres-
sa, com que haõde re-
suscitar os mortos para
o juizo. O' que doutri-
na esta taõ certa, e taõ
pouco praticada! Não
deyxas de me escandali-
zar, que possa tanto hu-
ma trombeta de Deos
com os mortos, e que
possaõ taõ pouco as vo-
zes de Deos com os vi-
vos.

135 A mais propria fi-
gura do peccador, que
neste caso achey nas Sa-
gradas Escrituras foy Fa-
raó Rey do Egypto. Es-
tava elle opprimido com
aquella taõ grande, como
enfadonha praga das rans,
e resolvendo-se Moyses
a aliviallo da oppressãõ,
lhe diz, que determine
o tempo, em que quer,
que o livre: *Constitue*
Tom. II.

*mibi, quando deprecet
pro te...ut abigantur ran-
næ à te.* E que responde-
ria Faraó neste caso? Ou-
vi a Escritura: *Qui res- Ibi. 10.
pondit: Cras.* A manhaã
(diz Faraó a Moyses)
a manhaã me livrarás de-
sta praga, que tanto me
afflige. Ha tal reposta em
tal occasiãõ? Monarca
obstinado, que he o que
dizes? Que he o que res-
pondes? Se as rans te op-
primem hoje, como pe-
des o remedio para ama-
nhaã? Se te affligem os
males, para que dilatas
o remedio? Se o mal,
que padeces, he presente,
como pedes o remedio
futuro? Ah catholicos!
Eis aqui o que he Faraó,
e eis aqui o que he o pec-
cador; assim o observou
S. Ambrosio. Faraó está
opprimido das rans, o
peccador está carregado
de culpas; a Faraó offe-
rece Moyses o remedio
para hoje, ao peccador
offerece Deos o remedio
para logo; e faz o pec-
cador taõ pouco caso de-
H ste

ste logo ; faz Faraó tão pouco caso deste hoje , que assim Faraó , como o peccador querem sempre o seu remedio para amanhaã : *Qui respondit : Cras.* Que chame o homem a Deos , e que logo Deos obedeça ao homẽ , como vimos em Josué : *Obediẽte Domino voci hominis !* Grande pontualidade em tanta soberania ! Que chame Deos a Esposa , e que se dilate a Esposa para abrir a Deos , como lemos nos Cantares : *Lavi pedes meos !* O' que grande descuido em tanta vileza ! Que falle hum ladraõ a Christo : *Memento mei,* e que responda Christo a hum ladraõ , como se vio no Calvario ! Grande misericordia ! Que falle Christo a hum Apóstolo : *Amice,* e que não responda o Apóstolo a Christo ; como se vio no Horto ! Grande dureza ! Que faça a Omnipotencia , que huma pedra figa aos homens ,

Josue. 10. 14.

Cant. 5. 3.

Luc. 23. 42.

Matth. 26. 50.

como succedeo no deserto ! O' coração humano em dureza de pedra ! Que não possa fazer a misericordia , que os homens figaõ a Deos , como succedeo no mudo ! O' coração de pedra em natureza humana !

136 Duas cousas se achão ordinariamente nos peccadores , o peccado , e a dilatação do peccado : notay agora o que digo. Desagradaõ tanto a Deos os vagares em o buscarmos pela penitencia , que mais sente Deos a demora , do que sente o peccado. Peccou Pedro , negando a Christo , e não vemos , que o Senhor reprehendesse a Pedro destas negações. Peccou Thomé , duvidando da resurreyção do Mestre , e lemos , que o Senhor reprehendeo a Thomé da sua incredulidade : *Noli esse incredulus.* Pois se não reprehende o negativo , porque reprehende o incredulo ? Se não reprehende a Pedro , por-
que

Joann. 20. 27.

que reprehende a Thomé ? Direy : porque Pedro he verdade , que negou , mas logo se converteo : *Egressus foras flevit amarè ;* porém Thomé duvidou , e deyxou-se andar oytos dias com a incredulidade : *Post dies octo ;* e como Deos sente mais a dilatação do peccado do q̃ o mesmo peccado , porisso Christo não reprehendeo as negações , que se chorarão logo , e porisso reprehendeo a incredulidade , que teve oytos dias de detença : *Noli esse incredulus.* E se Christo (consideremos bem este ponto) se Christo sentio tanto a incredulidade de oytos dias , que porisso he commum dos expositores , que se referio a esta incredulidade de Thomé a reprehensão , que Christo deo em commum aos outros : *Exprobravit incredulitatem eorū ,* quanto mais sentirá o mesmo Christo não o peccado de oytos dias , mas o peccado de oytos mezes , o peccado de oytos annos , e talvez o peccado de toda a vida ?

Matth. 26. 75.

Joann. 20. 26.

Marc. 16. 14.

137 Instituhio Christo o bautismo no elemento da agoa , porq̃ a agoa cõ a mesma pressa , com q̃ sahe do mar , torna para o mar : *Ad locum unde exeunt flumina revertuntur.* E se isto faz o bautismo , porque não farão isto os bautizados ? se a agoa , que sahe do mar , corre para o mar , nós , q̃ sahimos de Deos , porq̃ não correremos para Deos ? A agoa sahe do mar na nuvem , e torna para o mar no rio : e se nós sahimos , e nos afastamos de Deos na nuvem do peccado , porque não tornaremos com pressa para Deos no rio da penitencia ? Assim quiz o Bautista , que tornassem para Deos os homens , que delle se haviaõ afastado ; porisso chamou os peccadores para o Jordaõ , para que nas suas agoas

Eccl. 1. 7.

vissent como em hum espelho a pressa, com que deviaõ correr para Deos por meyo da penitencia: *Venit in omnem regionem Jordanis prædicans baptismum pœnitentiæ.*

§. V.

138 **A** Terceyra circumstancia da resurreyção do juizo he, que resuscitados os mortos, haõde deyxar as sepulturas; tanto que resuscitarem á vida, logo haõde deyxar a casa da morte. Pois assim como os resuscitados ao juizo haõde deyxar a casa da morte, assim tambem os resuscitados pela penitencia haõde deyxar a casa do peccado. Mas qual he (perguntareis agora) qual he a casa do peccado? Digo, que he a occasiaõ; porque assim como a sepultura he a casa da morte, porque ali estaõ os mortos sepultados, assim a occasiaõ he a casa do peccado, por-

que ali estaõ os peccadores presos. Pois alto, homens, se quando resuscitares ao juizo, haveis de deyxar a sepultura, quando resuscitares á penitencia, deveis deyxar a occasiaõ: se quando resuscitares ao juizo, haveis de deyxar a casa da morte, quando resuscitares á penitencia, deveis deyxar a casa do peccado.

139 Tanto que Christo nascido de pouco tempo houve de fugir á tyrannia de Herodes, disse o Anjo a S. José, que fugisse para o Egypto: *Accipe puerum, & Matrem ejus, & fuge in Ægyptum.* Matth. 2.13. Notavel fugida na verdade! E bem! Para que he fugir para o Egypto? Não se podia Christo esconder em Judea? Se o mesmo Senhor se fez depois invisivel para fugir ás pedras dos Judeos, porque se não faz invisivel em Judea para escapar da crueldade de Herodes? Ainda mais. Quando Adam fugio de Deos

Deos no Paraíso, escondo-se no mesmo Paraíso. Pois se o homem fugindo de Deos no Paraíso, se esconde no Paraíso, porque razaõ Deos fugindo de hum homem em Judea, se não esconde em Judea? He necessario fugir juntamente de Judea, e mais de Herodes? Sim; porque quer a innocencia de Christo dar exemplo á penitencia dos homens, porisso foge de Herodes, e de Judea, porque não sómente se hade fugir de Herodes, mas tambem das terras de Herodes. O' que alto exemplo tem a penitencia dos homens na innocencia de Deos! Que he Herodes senão o peccado? Que he o Reyno de Herodes se não a casa da culpa? Pois fugir Christo de Herodes, e fugir do Reyno de Herodes, que outra cousa he se não ensinar-nos, q̄ havemo de fugir do peccado, e da casa, onde reyna o peccado?

Tom. II.

140 Aquelles Apostolos pescadores, que acudirão á voz de Christo, representando os homens peccadores, que se convertem á penitencia, para haverẽ de seguir ao Senhor, deyxáraõ as redes, e deyxáraõ a barca; porque não só se haõde deyxar as redes do peccado, mas tambem se hade deyxar a casa das redes. O Reyno, onde reynava Herodes, era Judea; o Reyno, onde reyna o peccado he a occasiaõ; o Reyno, onde reyna a morte, he a sepultura; e assim como os resuscitados do juizo não só deyxaa morte, mas tambem a sepultura; assim como Christo na sua fugida não só deyxou a Herodes, mas tambem a Judea; do mesmo modo os homens resuscitados pela penitencia, não só haõde deyxar o peccado, mas tambem a occasiaõ; para viver com Christo haõde deyxar a barca juntamente com as

H 3

re-

Matth. 4. 20. redes : *Relictis rectibus, secuti sunt eum.*

141 Se os resuscitados do juizo, depois de resuscitarem, se deyxassem ficar nas sepulturas, ainda estando vivos, haviaõ ser julgados por mortos; e se os resuscitados pela penitencia se deyxão ficar na occasião, ainda estando confessados, devem ser tidos por peccadores : ainda não disse tudo. Em quanto se não deyxar a sepultura, ninguem se póde julgar vivo, ainda que esteja resuscitado. Depois de Christo resuscitar a Lazaro, lhe mandou, que sabisse da sepultura: *Lazare veni foras*; porque dentro na sepultura até hum resuscitado parece que está morto, e ninguem lhe julga vida. Jonas no ventre da balea representava a Christo morto na sepultura: mas se elle no ventre da balea estava vivo, como podia representar a Christo na sepultura morto?

Joann. 11. 43.

Direy: porque ainda que Jonas naquelle ventre estivesse vivo, com tudo estava no mesmo ventre sepultado; e como estava sepultado, bem podia representar a Christo morto, porq̃ ninguem o havia de imaginar vivo. E se Jonas vivo por estar na sepultura se imagina morto, o homem confessado, ficando na occasião, quem duvida, que se julga peccador? Quem se confessa he certo, q̃ quer matar o peccado: pois para matar o peccado a primeyra causa que se deve fazer he, fugir da occasião.

142 Antes de Christo morrer fugio com a cabeça ao titulo, que se lhe tinha posto na Cruz: *Inclinato capite*. Assim Joann. 19. 30. entendem este Texto alguns Expositores, e Padres; o que supposto, pergunto: e porque razão hade Christo fugir ao titulo antes de morrer? Ora para resposta desta duvida, notay primey-

meyro duas cousas: a *nato capite tradidit spiritum.*

Matth. 27. 37.

primeyra he, que no titulo estava a causa da morte: *Posuerunt causam scriptam*; a segunda vem a ser, que Christo na Cruz não só queria morrer, mas queria morrendo matar a morte: *O mors ero mors tua*. Ah-sim! Pois já estamos entendidos: Christo morrendo queria matar a morte? Logo quem duvida, que primeyro que morresse havia fugir ao titulo, onde estava a causa da morte. E se Christo para matar a morte, fugio primeyro do titulo, onde estava a causa, tu, ó penitente, que queres matar o peccado, porque não hasde fugir primeyro do lugar, onde está a occasião? Primeyro que mates o peccado debes fugir do lugar, onde está a occasião do peccado, assim como Christo antes de matar a morte fugio do titulo, onde estava a causa da morte: *Imposuerunt causam: Incli-*

143 Eu até qui imagina-va, que no Sacramento da penitencia não havia mais que hum *Absolvo*: porém agora venho a achar, que ha dous; hum da parte do Confessor, outro da parte do penitente; hum da parte do Confessor, com que defata o penitente dos peccados, outro da parte do penitente, com que se defata a si da occasião: e disto que se segue? Direy: segue-se, que se o peccador se não absolve da occasião, pouco importa, que o Confessor o absolva dos peccados. A Pedro absolveo Christo dos peccados, pondo-lhe os olhos depois das negações: *Dominus respexit Petrum*; e Pedro que fez para ser verdadeyro penitente? Que? Absolveo-se a si da occasião, deyxando de todo aquella casa: *Egressus foras fleuit amarè*. Até nisto nos não hade faltar

Luc. 22. 61.

Ibi. 62.

o nosso Euangelho. Os peccadores, que se vinhaõ bautizar, deyxavaõ as Cidades, e concorriaõ ao deserto; porque como nas Cidades tinhaõ commettido as culpas, haviaõ de deyxar os lugares da culpa, primeyro que se viessem purificar no bautismo da penitencia; na penitencia deyxavaõ os peccados, nas Cidades tinhaõ deyxado as occasioens: porẽm affim era razãõ que fosse, para que por esta penitencia ficassem de todo absolvidos de seus peccados: *Prædicans baptismum penitentia in remissionem peccatorum.*

§. VI.

144 **A** Quarta circumstancia he, que na resurreyçaõ do juizo haõde resuscitar todos os estados da terra, e todos elles devem tambem resuscitar pela penitencia. Os estados da terra sãõ quatro, dous em quan-

to á Igreja, e dous em quanto ao mundo: os dous estados, que respeytaõ á Igreja sãõ peccadores, e justos; os dous, que respeytaõ ao mundo, sãõ soberanos, e humildes. Todos estes quatro estados haõde resuscitar ao juizo, e todos elles devem tambem resuscitar á penitencia: deve ser universal a resurreyçaõ da penitencia, affim como hade ser universal a resurreyçaõ do juizo. Comecemos pelos dous primeyros estados.

145 Na resurreyçaõ da penitencia haõde resuscitar os peccadores, e os justos: haõde fazer penitẽcia os peccadores, porque peccãraõ, e haõde fazer penitencia os justos, para que naõ pequem. A penitencia nos peccadores he remedio, nos justos he segurança; os peccadores fazem penitencia para remedio do mal presente, os justos haõde fazer penitencia para remedio do mal futuro.

turo. Ninguem duvida, que devem fazer penitencia os peccadores; vejamos como a devem fazer tambem os justos. Falla Salamaõ no Ecclesiastico, e diz humas palavras taõ pouco reparadas, como muyto difficultosas: *Ante languorem adhibe medicinam.* Antes da enfermidade (diz Salamaõ) toma o medicamento. Notavel receyta na verdade! Nũca tal filosofou Hypocrates; nunca tal imaginou Galeno; se o medicamento he remedio da enfermidade, se antes da enfermidade se logra faude, como no tempo da faude quer Salamaõ, que se tome a medicina: *Ante languorem adhibe medicinam?* Direy; porque este he o modo, com que se curaõ as almas: naõ se curaõ as almas como os corpos; nos corpos só se applica a medicina depois de elles cahirem na enfermidade; porẽm nas almas muy-

Eccl.
18.20.

tas vezes antes da enfermidade se deve tomar a medicina. Nos peccadores he a penitencia medicina, que cura; nos justos he medicina, que preserva; e naõ devem os homens desprezar a medicina, que preserva, affim como naõ desprezaõ a que cura; em quanto andamos nesta vida, ainda que estejamos em pé, como justos, podemos cahir, como humanos: lá cahio a innocencia de Adam: lá cahio a constancia de David: lá cahio a virtude de Pedro: e como os justos se naõ podem dar por seguros, porisso Salamaõ lhes aconselha, que sejaõ penitentes: *Ante languorem adhibe medicinam.*

146 Se os peccadores naõ fizerem penitencia, haõ-se de condemnar; se os justos naõ fizerem penitencia, podem cahir: a penitencia nos peccadores livra-os do inferno, a penitencia nos justos se-

segura-lhes o Ceo; e tanto se hade fazer pela segurança, quanto se faz pelo remedio. Para derubar o Gigante armou-se David de huma pedra; para degolar o Gigante armou-se David de huma espada; porque tanto se hade armar o peccador para que o peccado caya, quanto se hade armar para que o peccado se não levante. Emfim se os justos haõde resuscitar ao juizo, porque não haõde resuscitar tambem á penitencia? Justo era o Bautista do ventre de sua Mãe, e mais fazia penitencia: *Vestitus pilis cameli*; porque com o seu exemplo he, que prégava melhor aos justos, para que tambem fizessem penitencia: *Predicans baptismum penitentiae*.

147 Temos visto, que haõde fazer penitencia os peccadores, e os justos: agora digo, que haõde fazer tambem penitencia os soberanos, e

os humildes: haõde fazer penitencia os humildes, porque os não escusa da penitencia a sua humildade: haõde fazer penitencia os soberanos, porque os não escusa da penitencia a sua soberania. Adam teve espinhos nos pés: *Spinās, & tribulos germinabit tibi*; 3.18. Christo teve espinhos na cabeça: *Plectentes coronam de spinis posuerunt super caput ejus*. Pois, que differença he esta? Espinhos na cabeça de Christo, e espinhos nos pés de Adam? Sim; porque ninguem ha, que não esteja condemnado a espinhos de penitencia: se sois humilde, haveis de ter espinhos, porque tiveraõ espinhos os pés symbolo da humildade; se sois soberano haveis de ter espinhos, porque teve espinhos a cabeça symbolo da soberania: se sois humilde, hade fazer penitencia a vossa humildade, e para isto tendes espinhos na terra: *Spinās ger-*

germinabit; se sois soberano, hade fazer penitencia a vossa soberania, e para isto tendes espinhos na cabeça: *Coronam de spinis posuerunt super caput ejus*. Ainda não disse tudo: a soberania está taõ obrigada á penitencia, que mais obrigação tem de fazer penitencia os soberanos do que os humildes; e a razão he: porque os humildes em rigor só tem obrigação de fazerem penitencia, sendo peccadores; os soberanos porém, ainda sendo justos, tem obrigação de serem penitentes; porque ainda que como justos não devaõ, rigorosamente fallando, fazer penitencia, porque não tem culpas proprias, como Principes devem fazer penitencia, porque tem culpas alheas.

148 No dia do juizo se hade vestir o Sol de cilicio: *Sol factus est niger tamquam saccus cilicinus*. Mas se o Sol não he peccador, porque hade

aparecer penitente? Direy: porque ainda, que o Sol não seja peccador, he Príncipe: *Luminare maius, ut praesset*; e quem no principio do mundo o levantou á Magestade, no fim do mundo o condemnou á penitencia. Não faz o Sol penitencia de culpas proprias, mas faz penitencia o Sol de culpas alheas: não faz penitencia porque tenha culpa a sua luz; faz sim penitencia, porque commetteraõ culpas os homens. Tornemos ao primeyro passo. Christo padeceo os espinhos de Adam; mas com esta advertencia, que os espinhos, que Adam teve nos pés, teve Christo na cabeça. Pois isto porque razão? Porq̄ Christo, ainda que tomasse sobre si na Cruz os nossos peccados, não era peccador, mas ahi foy intitulado Rey: *Rex Iudeorum*; e como não fazia penitencia em quãto peccador, porisso não teve como

como Adam espinhos nos pés; como fazia penitencia em quanto soberano, porisso teve como Rey espinhos na coroa: *Ple-ctentes coronam de spinis, posuerunt super caput eius.* De tudo isto, que tenho dito, se segue, que não só devem fazer penitencia os humildes, mas também os soberanos, e que ainda os soberanos, mais do que os humildes, tem obrigação de serem penitentes. No nosso Evangelho vemos, que faziaõ penitencia os publicanos, e que fazia penitencia o Bautista: os publicanos eraõ homens humildes; o Bautista até diante de Deos era grande: *Magnus coram Domino;* e assim era razão que fosse, porque grandes, e pequenos, soberanos, e humildes, assim como haõde resuscitar todos ao juizo, assim tem todos obrigação de resuscitarã á penitencia: *Prædicans baptisimum penitentia.*

Luc.
I. 15.

S. VII.

149 **A** Quinta circun-
stancia, que ho-
je considero, he, que o ultimo dia, em que os mortos haõde resuscitar, será o dia do juizo, e o dia em que resuscitaõ pela penitencia os peccadores, he o dia do entendimento. O Ceo não chora senão quando nasce o Sol; assim nós também tanto q̄ se nos abre o entendimento para a luz da razão, logo se nos abrem os olhos para o pranto da penitencia. S. Pedro no Horto mostrou-se tão valente, como Christo temeroso: mas sahindo deste lugar ambos, vede como o temor de Christo se converteo em valentia, e a valentia de Pedro em temor. Pedro em casa do Pontifice foy tão cobarde, que temeo a morte na accusação de hũa mulher vil, que lhe disse: *Tu ex illis es.* Christo no

Matth.
Cal-
26. 73.

Calvario foy tão valeroso, que pedio os trabalhos da Payxaõ no fel no Calis, dizendo: *Sitio.* Pois, que differença he esta tão grande? Pedro, que primeyro foy valente, depois he cobarde? Christo, que primeyro se mostrou timido, depois se mostra valeroso? Pedro valente no Horto, nega-se aos trabalhos em casa do Pontifice: *Non sum ego?* Christo timido no Horto, oferece-se aos trabalhos no monte Calvario: *Sitio?* Porque razão? Direy: porque Pedro confessou-se ignorante, como diz S. Mattheos: *Non novi hominem;* e Christo mostrou-se entendido, como adverte S. João: *Sciens quia omnia consummata sunt,* *dixit: Sitio;* e neste *Sciens* de entendido, e naquelle *Non novi* de ignorante esteve toda a differença do caso. Apostolo, que ignora, Apostolo, que não conhece: *Non novi,* nega-se aos

Ibi.

Joann.
19. 28.

trabalhos, nega-se ás perseguiçoens: *Non sum ego;* porque hum ignorante não he facil resolver-se a ser penitente: porém Christo, que sabe, Christo, que conhece: *Sciens,* entrega-se aos trabalhos, oferece-se ao fel: *Sitio;* porque ainda que sejaõ alheas as culpas, em hum sabio he facil a penitencia. Se Pedro conhecêra, não negára a Christo, e offerecera-se aos trabalhos; se Christo ignorára, abominaria o fel, e não pediria o Calis: logo toda a razão de padecer, ou não padecer, esteve em saber, ou ignorar: Pedro, que ignora, nega-se aos tormentos: *Non sum ego;* Christo, que sabe, entrega-se ao fel: *Sciens, dixit: Sitio.* E senão vede. Christo inclinou a cabeça sobre o peyto, que havia de lançar agoa, e sangue; porque sempre se ajuntou a sabedoria da cabeça com a penitencia do coração.

150 Quem entende facilmente se converte. Quem tem hum grande entendimento não retratará facilmente o juizo, mas facilmente retrata a vontade. Sempre quem nasceo com juizo foy facil em refuscitar á penitencia. Tanto que Adam peccou, logo se converteo; porque no conceyto de S. Iryneo aquelle vestido de folhas foy principio da sua penitencia, e por fazer esta penitencia (diz o Padre) lhe dilatou Deos a vida. Pois se Adam peccou ainda agora, como se converte com tanta pressa? Porque peccou na arvore da sciencia; e quem pecca entendido logo se mostra penitente. Os nescios ás vezes se convertem; mas sempre se convertem tarde: a razão a meu ver cuido que he, porque como nesta vida vivem sempre em huma bemaventurança, tarde, ou nunca tratao da Bem-

aventurança da outra vida. Lá chamou Christo vagarosos em crer aos discipulos de Emaús: *O tardi corde ad credendum*. Mas como affim! Luc. 24. 25. A fé não se oppoem ao vagar, oppoem-se á incredulidade, e á dureza; o mesmo Christo o mostrou quando os reprehendeo: *Exprobravit incredulitatem eorum, & duritiam cordis*. Marc. 16. 14. Pois se Christo lhes havia nesta occasião chamarendurecidos, porque lhes chama vagarosos? Sabem porque? Porque lhes tinha chamado nescios: *O'sulti*; e nas materias de Religião sempre os nescios forão vagarosos: *Tardi corde*. Não assim os entendidos, nelles não ha estes vagares: as aguias são as que se renovaõ nas agoas da fonte, os entendidos são os que se renovaõ nas agoas da penitencia. Porisso hoje o Bautista para prégar a penitência buscou as margens do Jordaõ; porq̃ o

Jordaõ chama-se rio do juizo: *Fluvius judicij*, e só no rio do juizo se devia acertadamente levantar o Tribunal da penitencia: *Venit in omnem Regionē Jordanis, predicans baptismum penitentiae*.

§. VIII.

151 **N**ÃO ha tempo para discorrer com vagar as outras circunstancias; mas sempre fallaremos nellas. A sexta circumstancia do juizo he, que a elle haõde refuscitar os homens dentro das escuridades de huma cova; e isto mesmo deve succeder na penitencia: não ha melhor meyo para a resurreyção da penitencia do que a meditação da cova, e a consideração da sepultura. Quando Deos quiz converter a Nabuco, representou-lhe huma arvore destrocada, que tendo golpes nas folhas, nos ramos, e no

tronco, só conservava illefas as raizes, que Deos mandou, que se guardassem: *Verumtamen germen radicum ejus in terra finite*. Dan. 4. 12. Pois se Deos hade mandar guardar as raizes desta arvore, porque lhe não manda tambem guardar o tronco, os ramos, e as folhas? Só as raizes haõde escapar ao golpe da espada? Sim; porque na allegoria daquella arvore queria Deos converter a Nabuco ao caminho da penitencia; e para o converter ao caminho da penitencia, não lhe quiz guardar as folhas, porque se accomoda mal a penitencia com a verdura das esperanças; não lhe quiz guardar os ramos, porque se accomoda mal a penitencia com a riqueza dos frutos; não lhe quiz guardar o tronco, porque se accomoda mal a penitencia com o poderoso das varas; quiz sim guardar-lhe a raiz,

fômente porq̃ se accomoda bem a penitencia cō o sepultado das raizes: *Verūtamen germen radicū ejus in terra finite.* Que tarde vos converteis, ó folhas, vestidas das esperanças do mundo! Que tarde vos resolveis, ó ramos, carregados do fruto das riquezas! Que tarde vos defenganaes, ó troncos, cercados das varas do poder! Mas que facilmente vos defenganaes, vos resolveis, e vos converteis, ó raizes, sepultadas na cova do defengano, e occupadas na imaginação da morte! No mar morto he que defagoa o Jordão; porisso nas suas margens fazia o Bautista os seus Sermoēs; pois no rio, q̃ entra no mar da morte he que se levanta muyto bem o Tribunal da penitencia: *Venit in omnem regionem Jordanis, predicans baptismum penitentiae.*

152 A settima circumstancia he, que para o

juizo haõde resuscitar os homens de varios, e diferentes lugares: haõde resuscitar do campo, haõde resuscitar das Cidades, haõde resuscitar das sepulturas humildes, e tambem dos tumulos magestosos. Pois se em todo o lugar hade haver resurreyção ao juizo, em todo pôde haver tambem resurreyção á penitencia. Pôde-se resuscitar no campo; pôde-se resuscitar no deserto; pôde-se resuscitar na Cidade; pôde-se resuscitar na Corte. Quantas vezes em hum lugar bom pôde haver hum homem máo, e quantas em hum lugar máo pôde haver hum homem bom. Não está a virtude no lugar, está nos homens. Em Babilonia se salvou Daniel, e em Jerusaleem se perdeu Judas. Pois perde-se Judas em Jerusaleem Cidade Santa, e salva-se Daniel em Babilonia Cidade peccadora? Sim; porque a virtude está

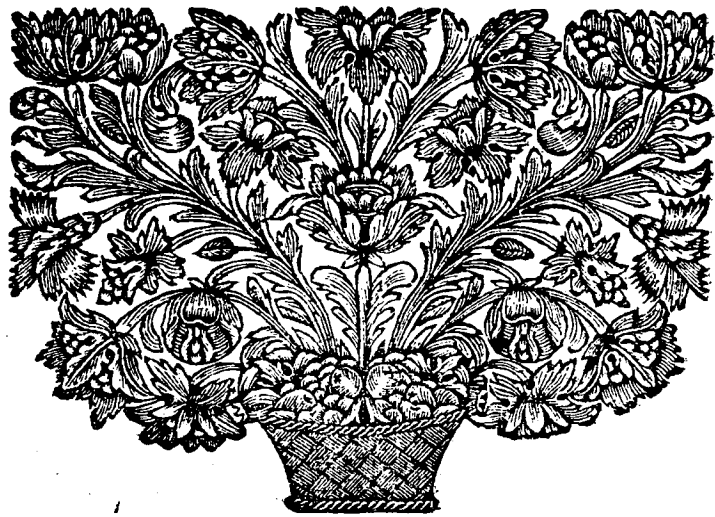
está nos homens, e não está nos lugares: bom lugar era Jerusaleem, e nelle foy máo Judas; máo lugar era Babilonia, e nelle foy bom Daniel. Em duas cruces, que faziaõ o mesmo lugar, estavaõ dous homens, q̃ não eraõ os mesmos homens: hũ era máo, este foy Gestas; outro era bõ, este foy Dimas. E se em huma Cruz se faz bom hum ladrão; se em huma Babilonia vive bem hum Daniel, porque não poderão tambem na Corte viver bem os homens? Em todo o lugar se hade resuscitar ao juizo, e em todo o lugar se pôde fazer penitencia. O Bautista fazia penitencia no deserto do Jordão, e fazia penitencia na Corte de Herodes: e assim como a fazia, assim a pré-gava; fazia penitencia no deserto, e na Corte; na Corte, e no deserto pré-gava penitencia: *Predicans baptismum penitentiae.*

Tom. II.

153 A oytava circumstancia da resurreyção do juizo he, que depois dos mortos resuscitarem não haõde tornar a morrer, e isto que hade haver na resurreyção do juizo, he o que deve succeder na resurreyção da penitencia. Se os resuscitados não haõde tornar á morte, os penitentes não devem tornar á culpa. O peccado antes da penitencia he enfermidade, depois da penitencia he recabida; e sempre a recabida foy mais perigosa do que a enfermidade. Este ponto quizera eu agora largamente discorrer; mas o tempo me obriga a acabar, e assim tenho sómente que pedir ao meu Christão auditorio, que considere huma, e muitas vezes, que da resurreyção á penitencia depende a boa resurreyção ao juizo. Será boa a resurreyção ao juizo, se for boa a resurreyção á penitencia; porque

I que

que os que agora refuscitarem penitentes, entãõ haõde refuscitar fantos, e haõde ouvir aquella voz alegre de Deos com que os chama para huma eternidade de gloria : *Ad quam nos perducatur*, &c.



SER-



SERMÃO DO MANDATO.

Cæpit lavare pedes Discipulorum.
Joann. 13.

§. I.

154



Endo este o Evangelho do amor, bem se segue, que hade fer a historia das finezas. (Senhor) Sendo este o Evangelho do amor, bem se segue, que hade fer a historia das finezas. Nelle se nos traz á memoria a fineza da Encarnação, que foy: *Sciens... quia à Deo exivit.* Nel-
Tom. II.

Joann.
13. 3.

le se nos aponta a fineza da Ascensão, que hade fer: *Et ad Deum vadit.* Ibi. Nelle se nos diz, que já chegou a morte: *Sciens... quia venit hora.* Nelle se nos infinua a ausencia, que se hade fazer: *Ut transeat.* Nelle se nos repete o amor, que Deos nos teve: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Todas estas finezas se fizeram com duas grandes circumstancias; a primeira com huma sciencia, I 2 que

Ibi. 3. q̄ tudo alcançava: *Sci- ens*; a segunda com huma Omnipotencia, q̄ tudopodia: *Quia omnia dedit ei Pater in manus*. E suppostas todas estas finezas, e ambas estas circuntancias, acaba o Evangelista a sua historia, e o seu Evangelho contando a protentosa acção do Lavatorio: *Capit lavare pedes Discipulorum*; e logo fechou o Evangelho, e acabou a historia, suspendeo o discurso, e poz de parte a penna. Pois (valhame Deos!) no Evangelho do amor, na historia das finezas a ultima acção, que se conta, he a fineza, que se fez no Lavatorio? Sim; porque a fineza do Lavatorio foy a mayor de todas as finezas.

155 Para intelligencia desta materia havemos de advertir, que no amor huma fineza póde ser necessaria, e outra póde ser mayor: no amor não se unem sem-

pre a maioria com a necessidade. Ponho exemplo. A fineza do Sacramento do Altar he mayor, que a fineza do Sacramento do Bautismo; porém a fineza do Sacramento do Bautismo foy mais necessaria, que a fineza do Sacramento do Altar. Assctada por verdadeyra esta advertencia, digo, que neste Evangelho do amor houverão finezas mais necessarias, do que a fineza do Lavatorio; porque mais necessaria foy a fineza da Encarnação, mais necessaria foy a fineza da morte, mais necessaria foy a fineza da Ascensão; porém tomada fineza por fineza, a mayor fineza do amor no Cenaculo foy a acção do Lavatorio; porq̄ ali sacrificou Deos a sua honra. Provo.

156 Acabado o Lavatorio disse Christo aos seus Discipulos, que elle era Mestre, que elle era Senhor: *Vos vocastis* Joann. 13. 13.

ne:

S. II.

ne: *Et benè dicitis: sum etenim*. Pois agora diz Christo a seus Discipulos quem elle he pelo officio, e quem elle he pela pessoa? Sim; para que advertissem os Apostolos, que naquella bacía sacrificava o seu credito, sacrificava a sua honra; sacrificava o seu credito, pois sendo Mestre lavava os pés aos Discipulos; sacrificava a sua honra, pois sendo Senhor lavava os pés aos servos. E bem! Agora tiro a minha consequencia, e exponho a minha materia. No mundo o humilde he o que lava os pés ao soberano, o soberano não lava os pés ao humilde: logo na fineza do Lavatorio a honra, que foy a materia do sacrificio, ficou sendo o credito da fineza: e assim será o titulo do Sermão: a honra sacrificada foy a mayor fineza do amor de Christo. Comecemos.

Tom. II.

157 **C**ontra esta materia, contra esta proposição sahem a campo todas aquellas cousas, que o amor póde sacrificar neste mundo: ouçamo-las, que temos bem que ouvir. A primeyra cousa, que sahe hoje a campo contra a honra, he a vida, e diz, que sendo ella sacrificada, logo a fineza fica encarecida. Traz por exemplo ao Principe Sicheu, que na sua morte encareceo a sua fineza. Assim será, porém eu digo, que mais ama quem sacrifica a honra, do que quem sacrifica a vida; e a razão he; porque estimando os homens muyto a sua vida, estimão muyto mais a sua honra. Para prova desta verdade ouçamos aos mais generosos homens, que houve nas Escrituras; Adam, Jacob, David, e o mesmo Christo.

L3

Chri-

stes a espada daquelle gigante, como temeis a lingua deste maldizente? Porque aquella espada (diz David) accomettia a minha vida, esta lingua offende a minha hõra; e eu como mais amigo da honra, q̄ da vida, porey a vida na ponta daquelle espada, porém a honra não a quero pôr na ponta da lingua daquelle maldizente: diga elle mal, porém não seja no meu rosto, offendendo a minha honra, e porisso se elle fallar, eu me heyde esconder: *Si inimicus meus... super me magna locutus fuisset: abscondissem me forsitan ab eo.* O Leão, que a traveffa os desertos da Africa, se nota, que o cavalleyro o não vê, retira-se, e foge; porém se advertio o tinha visto, pára, e detem-se valeroso, espera a batalha resoluta, offerece-se á contenda. Pois, Rey dos brutos, porque não te retiras? Não vez aquelle ca-

vallo? Não vez aquelle homem? Não vez aquella lança? Pois porque não foges? Porque fuy visto, e antes perder a vida batalhando, do que perder a honra fugindo. Assim, diz David, perderey a vida com o gigante, mas não quero perder a honra com hum maldizente; porisso me heyde esconder para não ser visto: *Si inimicus meus... super me magna locutus fuisset: abscondissem me forsitan ab eo.* Atéqui David, agora entra o mesmo Christo.

161 Esta noyte entrou o Senhor em casa de Caifas, e dando-lhe hum golpe no rosto hum Ministro da Synagoga, se queyxa o Senhor dizendo: *Quid me cædis?* Por-
Joann. 18.23.
que me feres? Porque me maltratas? Dahi a poucas horas entrou o Senhor em casa de Pilatos, e depois de grandes trabalhos, dando-lhe huma sentença injusta, o Senhor não disse palavra,

de-

desorte, que se admirou o Presidente: *Ita ut miraretur præses.* Pois, Senhor, se vos não queyxaes em casa de Pilatos, porque vos queyxaes em casa de Caifas? Porque em casa de Pilatos, dando-me huma sentença de morte, offenderão-me a vida; em casa de Caifas, dando-me hum golpe no rosto, offenderão-me a honra; e como eu sou mais amigo da honra, que da vida, não me queyxo de quem me offende o vivente, lastimo-me de quem me offende o honrado: *Quid me cædis?* Logo se todos estimaõ mais a honra, que a vida, não faz mayor fineza quem sacrifica a vida, falla sim quem sacrifica a honra. O' honra abatida! O' honra sacrificada! Até vós, Senhor, não reparando á manhaã em sacrificar a vida, vos queyxastes esta noyte de ver ultrajada a honra. Porém agora no Cenaculo subio tanto

o vosso amor de ponto, que para lhe acrisolar as finezas, quizestes obrar a que he entre todas a mayor: e assim prevenido já para a manhaã o sacrificio da vida: *Sciens quia venit hora; anticipastes o mayor sacrificio, que he o da honra, lavando os pés aos Discipulos, e mostrando nisto o excessõ do amor: In finem dilexit eos. Cæpit lavare pedes Discipulorum.*

§. III.

162 **T** Em o sacrificio da honra vencido ao sacrificio da vida; porém ainda tem mais que vencer. Agora sahe o segundo combatente, e he a riqueza contra a honra. Diz ella, que quẽ a sacrifica obra mayor fineza; e a razão, que dá, he esta: quem pintou o amor despido, nisso mesmo insinuou, que a mayor fineza, que o amor faz, he sacrificar os bens, que tem. Assim ferá;

ferá; porém quem sacrifica a sua honra, ainda faz mais do que quem sacrifica a sua riqueza: vay a razaõ: os bens são filhõs da fortuna, que cegamente os reparte; a honra he filha das acçoens, que generosamente a produzem: logo mais devem de estimar os homens serem generosamente honrados, do que serem venturosamente ricos: vamos á Escriitura.

163 Saúl, perdido o Reyno, perdida a Coroa, perdido o Ceptro, perdidos os thesouros da casa de Israel por sentença de Deos, fallou deste modo a Samuel: *Peccavi: sed...honora me coram senioribus populi mei.* Samuel, eu pequey, mas honra-me diante destes homens: *Honora me coram senioribus populi mei.* Que he isto, Saúl? A vós o que se vos vem tirar he o Reyno, he a casa, he a fazenda; pois já que pedis, pedi o que vos tiraõ,

e não o que vós tendes; mas não (diz Saúl generosamente altivo) perca-se o Reyno, perca-se a casa, perca-se a riqueza, perca-se tudo, porém conserve-se a honra: quem vir passar a Saúl diga: ali vay hum homem, que perdeu tudo o que tinha, mas sempre conservou o credito que tem: *Honora me coram senioribus populi mei.*

164 Que bem representáraõ esta materia David, e o Apostolo S. Pedro! Entra David no exercito de Saúl a tempo, que o gigante desafiava o mais valeroso soldado, e pergunta: que se hade dar a quem vencer este animado Colosso? *Quid dabitur viro, qui percussit Philisthæum hunc?* E bem! Vós, David, fois interesseyro? Ainda não está feyto o serviço, e já quereis saber o premio? Ora deyxemos a David; ouçamos a Pedro. Entra elle na presença de Christo, e diz: Senhor, tudo por

por vós deyxey, quizera saber o premio, que me haveis de dar? *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Que he isto Apostolo? Vós tambem cuidaes nos interesses? Ainda agora entrastes a fervir, e já quereis saber o que vos haõde dar? Ora agora comparemos aquelle *Dabitur* de David com este *Erit* de Pedro. David pergunta, que se lhe hade dar? Pedro pergunta o que hade fer? Sim; porque o dar respeyta á riqueza, e o fer respeyta á honra; e David, como era ainda pastor humilde, não poz os olhos no fer da honra, poz os olhos no dar da riqueza: *Quid dabitur?* Porém Pedro, como era já Principe, não poz os olhos no dar da riqueza, poz os olhos no fer da honra: *Quid erit?* Cada hum. delles explicou os seus affectos pelas suas palavras: o pastor explicou o seu affecto

pelo *Dabitur*, e poz os olhos na riqueza; o Apostolo explicou o seu affecto pelo *Erit*, e poz os olhos na honra. Notem: os Apostolos deyxáraõ os seus bens: *Reliquimus omnia*; e pertendêraõ cadeyras: *Dic ut sedent*; que altivos desprezaõ riquezas, e pertendem honras: *Ut sedent.*

165 Lá appareceraõ diante de Christo os tres Reys do Oriente, e o q̄ offerecêraõ á Magestade Divina foy o thesouro das riquezas humanas: *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera*; mas não lemos, que lhe offerecessem as Coroas: depois apparecêraõ aquelles Anciaõs do Apocalypse diante do Throno de Deos, e ali lhe offerecêraõ as suas Coroas: *Mittebant coronas suas ante thronum*; e não lhe offerecêraõ thesouros. Ora valha-me Deos! Na terra offerecem-se thesouros, e não se offerecem

cem as Coroas? No Ceo offerecem-se as Coroas, e não se offerecem os thesouros? Sim; porque na Coroa está a honra, e no thesouro a riqueza; e como a riqueza he menos que a honra, e a honra he mais que a riqueza; porisso a honra na Coroa offerecida he fineza do Ceo soberano, a riqueza no thesouro sacrificada he fineza da terra grosseyra: quanto vay do Ceo á terra, tanto vay da honra á riqueza: a terra como mais bayxa, como mais grosseyra, esquecida da honra das Coroas, offereceo a riqueza dos thesouros: *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera*; O Ceo como mais alto, como mais soberano, esquecido das riquezas dos thesouros, offereceo a honra das Coroas: *Mitabant coronas suas ante thronum*. E se he mais digna de se estimar a honra, do que a riqueza, como vimos no Ceo: *Mit-*

tebant coronas suas; como vimos em Pedro: *Quid ergo erit nobis*; como vimos em Saúl: *Honorame coram senioribus*; que chegasse a taes pontos o amor de hoje, que tendo Christo sacrificado as riquezas, que o Pay lhe depositára nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*; fizesse sacrificio do que no mundo se estima mais que a riqueza? Que fizesse sacrificio do credito de Mestre? Que fizesse sacrificio da honra de Senhor? Que tudo abatessse aos pés dos homens: *Cepit lavare pedes Discipulorum*? Grande, e defusado amor: *In finem dilexit eos*.

§. IV.

166 **V** Encida a riqueza pela honra, entra agora a contender a virtude, e diz, que ella he a mais estimada, e a mais appetecida dos homens; porque não ha homem

mem, que não queyra ou parecer bom, ou ser bom: isto he certo. No Templo entrárao dous homens; hum queria ser bom, este foy o Publicano; outro queria parecer bom, este foy o Fariseo. Taõ estimada como isto he a virtude; porém eu digo, que mais costumão estimar os homens a sua honra. Grande prova em duas figuras insensiveis, em huma arpa, e em huma espada.

Luc.
18. 10.
& seq.

167 Apertava o demonio o coração de Saúl, pegava David na arpa, e ao som, que desframente fazia o pastor, deyxava o demonio a Saúl: *David tollebat citharam*, & *percutiebat manu sua*, & *refocillabatur Saül*, & *levius habebat*. *Recedebat enim ab eo spiritus malus*. Acabada a medicina, e conseguido o remedio, encoitava David a arpa a hum canto. Ha tal caso! Huma arpa com quatro cordas, tocada com quatro dedos vence

ao demonio? Não he o demonio o mayor, e mais poderoso inimigo, que tem o mundo? Digaõ-no tantos homens vencidos, digaõ-no tantas almas condemnadas. Pois se a arpa vence a este inimigo taõ poderoso, porque se hade pôr a hum canto esta arpa? Deyxemos o coro, e vamos á campanha. Sahe David á batalha com o gigante, derubava-o em terra com o tiro de huma pedra, corta-lhe a cabeça com a sua mesma espada, e por estimação da victoria pendura a espada no tabernaculo: *Arma verò ejus posuit in tabernaculo suo*. 1. Reg. 17. 54. Que he isto, David? Eis aqui a espada, eis aqui a arpa. A quem venceo a espada? A hum gigante, que podia muyto: a quem venceo a arpa? A hum demonio, que pôde mais; pois ao instrumento, que venceo ao inimigo mais poderoso, como foy a arpa, deyxaes vós a hum canto; e áquel-

áquelle instrumento, que venceo ao inimigo me- nos poderoso, como foy a espada, penduraes vós no tabernaculo? Sim; porque na arpa cifrava David a sua virtude ini- migã do demonio, na espada cifrava David a sua honra triunfadora de hum gigante, e ha casos em que os homens fazem mayor estimação da honra da sua espada, do que da arpa da sua virtude. A virtude he mais con- templativa que a honra, a honra he mais altiva q̄ a virtude; porisso ordi- nariamente a honra mo- ve mais aos homens, que a virtude. Aquelle Anjo, que appareceo a Tobias, não quiz dizer, que era filho de hum Patriarca Santo, disse, que era fi- lho de Ananias illustre; porque em quanto an- damos cá neste mundo, não sey que tem a honra, que nos move mais que a virtude. Porisso David taõ pratico na honra, como na virtude,

encoftou a huma parede a arpa da sua virtude, e pendurou no tabernacu- lo a espada da sua honra. He isto taõ certo, que até os Santos, quando não estimem mais a honra do que a virtude, a mesma estimação que daõ á virtude, daõ á honra.

168 Na noyte deste dia fahio Pedro depois de peccar para chorar a sua culpa, e metendo-se em huma cova, cuberto com a sua capa, chorou ahi o feu peccado. Pois, Pe- dro, occultais-vos para sentir? Cubris-vos para chorar? Sim; diz elle, porque quero adquirir a virtude chorando, e con- servar a honra cubrindo- me: a minha virtude, e a minha honra quero conservallas; a minha vir- tude banhando o meu ro- sto com as minhas lagri- mas; a minha honra cu- brindo acabeça com a minha capa: e que sendo a honra taõ estimada dos homens, como vimos em Pedro, como vimos em

Da-

David, que vejamos hoje aos pés dos homens a virtude, e a honra do Filho de Deos sacrifica- da: *Cœpit lavare pedes Discipulorum?* Grande, e desusado amor: *In fi- nem dilexit eos.*

S. V.

169 **V** Encida, ou i- gualada a vir- tude pela honra, entra agora a contender a pa- tria. Muyto amaõ os ho- mens a sua patria: são fi- lhos, e sempre estes amá- raõ a sua mãy; tanto, q̄ os Antigos suavizáraõ a hora da morte com o amor da patria: *Dulce est pro patria mori.* Assim he, porém ainda os ho- mens amaõ mais a sua honra; basta para prova da razaõ a experiencia: ninguem sacrificou a sua honra á sua patria, e muytos deyxáraõ a sua patria pela sua honra. Ouçamos a Escritura.

170 Falla Deos com o Patriarca Abraõ, e diz-

lhe: sahe da tua patria: *Egredere de terra tua*; Genes. 12. 1. que eu te farey grandes, e notaveis honras: *Faci-* Ibi. 2. *amque te in gentem ma- gnam.* Admiravel suc- cesso! E bem! Para o Patriarca deyxar a sua patria, he necessario o premio, que Deos lhe promette? Não bastava o preceyto, que o mes- mo Deos lhe punha? E se não notem: ou este ho- mem cré em Deos, ou não cré em Deos; se cré em Deos, não he neces- saria a promessa da honra; se não cré em Deos, não se hade confiar na promessa; pois porque razaõ para deyxar a sua patria: *Egredere de ter- ra tua*; lhe promette a- quella honra: *Faciam- que te in gentem ma- gnam?* Direy: porque só o amor da honra pô- de vencer o amor da pa- tria: he a patria de cada hum de nós aquella, que nos levou os primeyros amores; e as primeyras flores da vontade são co- mo

mo as raizes da arvore, custão muyto a arrancar; e assim para que o Patriarca se aparte, he necessario, que Deos o honre; e para que a honra vença tudo, também vence o amor da patria: *Egretere de terra tua, faciamque te in gentem magnam.* Agora me está lembrando Absalaõ.

171 Quando o Príncipe Amnon manchou o leyto de Thamar, entrãõ no peyto de Absalaõ dous affectos ambos encontrados, ambos oppostos, a patria, e a honra; a patria lhe dizia: não mates a Amnon, porque se o matares, he força, que deyxes a tua terra, que deyxes a Corte, que deyxes os amigos, e que deyxes a fazenda; a honra lhe dizia: he força, que mates a Amnon, porque se não o matares, como hasde apparecer na tua patria? Como hasde sair de tua casa? Como hasde apparecer diante dos teus amigos?

Voltava a patria, e dizia: não mates; que hasde fazer tu, Absalaõ, por terras estranhas, sem seres conhecido, sem seres estimado? Voltava a honra, e dizia: morra Amnon; como has tu, Absalaõ, de apparecer nas ruas, como hasde subir ao Paço, violado o teu sangue, manchado o teu credito? Largas horas batalháõ estes dous affectos da honra, e da patria no peyto de Absalaõ; e que succedeo? Venceo a honra, e ficou vencida a patria; morreo Amnon, e foy-se Absalaõ: tanto póde a honra com os homens. E que, podendo mais a honra do que a patria, fosse tal o amor de Deos, que depois de deyxar (digamo-lo assim) o Ceo, que era a sua patria: *Sciens quia à Deo exiuit*; sacrifique hoje também a sua honra no seu Lavatorio: *Capit lavare pedes Discipulorū?* Grande, e desulado amor: *In finem dilexit eos.*

S. VI.

S. VI.

172 **V** Encida a patria pela honra, entra finalmente o mesmo amor a ver se póde concluir a victoria. Muyto póde o amor com os homens; elle lhe perturba o entendimento, como fez a Salamaõ; elle lhe domina a vontade, como fez a Jacob; elle lhe cega os olhos, como fez a Samsaõ; elle lhe ata o coração, como fez a Jonathas: taõ poderoso como isto he o amor; porém ainda he muyto mais poderosa a honra; a razão he esta; o amor he hum fogo activo no coração, a honra he hum fogo ardente no rosto; e com os homens generosos mais podem os incendios do rosto, que os ardores do coração. E porque não hade ser assim? Com o fogo do amor se perdeu Troya, com o incendio da honra se acreditou Grecia;

Tom. II.

com o fogo do amor se perdeu Amnon, com o incendio da honra se despicou Absalaõ; com o fogo do amor se rendeo a Eypcia, e com o incendio da honra se authorizou José: vamos á prova em termos proprios do nosso caso.

173 Quando Jacob estava para morrer, ordenou em seu testamento, que se sepultasse o seu corpo no sepulchro, onde estava sua esposa Lia. Pois que he isto, Jacob? Não sois vós aquelle, que amastes com excessõ a Raquel? Sim: logo se lhe dedicastes na vida o vosso fogo, porque lhe não tribuastes na morte as vossas cinzas? Semorestes por ella, porque não morreis com ella? Se antigamente foy a vossa morte, porque não he agora a vossa sepultura? Se antigamente por amor della vestistes as pelles; porque razão agora com ella não unís os ossos? Que he isto, Jacob? Tor-

K no

no a dizer: se o amor vos unio com Raquel, porq̄ razaõ a morte vos unio com Lia: *Ibi & Lia* Genef. 49. 31. *condita jacet.* Direy: porque a Raquel dedicou Jacob o seu amor, ella foy a prizaõ da sua vontade; porém em Lia tinha Jacob a sua honra, porque era ella a mãy do filho, de quem havia de proceder o Messias, honra da casa de Israel; e hum homem como Jacob, havendo de se unir ou com a sua honra, ou com o seu amor, antes se quiz unir com a sua honra, que estava em Lia, do q̄ com o seu amor, que estava em Raquel: como se differa Jacob: ali está sepultada Raquel, deposito do meu amor, aqui está sepultada Lia, esperança da minha honra; pois soffra, soffra o meu amor, que eu quero-me pôr da parte da minha honra; e assim fique-se embora Raquel, busquemos a Lia; porque quando concorre a honra, e

o amor, he força, que me esqueça do amor, e que me ponha da parte da honra: *Ibi & Lia condita jacet.*

174 E fenaõ entremos Judic. em casa de Dalila. Que 16. homem he aquelle, que ali está deytado, dormindo com os braços presos, e junto d'elle hum thesoura na mão para lhe cortar os cabellos? Aquelle homem he Samsão o valeroso, a quem atou o amor. Olhemos agora para outra parte. Pergunto: quem he aquelle, que está com as cordas quebradas, com os braços livres, zombando dos Filistheos? Aquelle he Samsão, o que ainda agora estava preso; e quem o soltou? Quem? Obrio, e a honra. O' honra briosa, que quanto ata o amor, tudo tu desfatas! He a honra como a espada de Alexandre, por mais cegos que sejaõ os nós do amor, tudo ella póde cortar: ata tu embora,

bora, Dalila, a Samsão, q̄ quanto ata o amor, tudo desfata a honra; porq̄ póde muyto mais a honra do que o amor. E que podendo mais a honra do que o amor, seja tal nesta hora o excessõ do Filho de Deos, q̄ tendo dedicado aos homens o seu amor: *Cum dilexisset*, ainda agora a seus pés sacrifique a sua honra: *Cœpit lavare pedes Discipulorum?* O' prodigiõsa fineza desta hora ultima: *In finem dilexit eos.*

175 Esta foy brevemente ponderada a mayor fineza, que hoje obrou o Filho de Deos por amor de nós: a honra, que tudo vence, q̄ vence a vida,

que vence a riqueza, que vence a patria, que vence o amor, e que compete com a virtude, foy a q̄ elle sacrificou aos pés de seus Discipulos no acto do Lavatorio. E á vista disto quem se não hade lançar hoje agradecido aos pés do mesmo Filho de Deos, sacrificando-lhe o amor da honra, o amor da vida, o amor da riqueza, o amor da patria, e conservando só em si o amor da virtude, principalmente da mayor entre todas mais, qual he a caridade, companheya inseparavel da graça, e certo penhor da Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*





SERMÃO
DAS DORES
DE
MARIA SS.
NA PAYXÃO
DE SEU UNIGENITO FILHO.
Pregado na Misericordia de Lisboa.
Congregentur aque in locum unum.
Genes. I.

S. I.

176



Izer sentimētos, explicar penas, custolo empenho, difficulosa obrigação. Nos sentimentos mais facil

he a compayxaõ do que a rethorica; mais facil he o pranto do que a lingoagem; mais facilmente correm as lagrimas do que occorrem as razoens. Deu-nos a natureza o coraçãõ para sentir, e o juizo para entender; mas nun-

nunca se doeu o coraçãõ, que logo se não perturbasse o juizo. Tanto que a Magdalena teve o coraçãõ sentido: *Maria Joann. 20. 71. foris plorans*; Juntamente teve o juizo ignorante: *Nescio ubi posuerunt eum.* Naquelle dor Maria não acertava com o conhecimento: *Nescio*; e acertava com o pranto: *Plorans*; porque nos sentimentos acerta mais facilmente o coraçãõ, que o juizo: quando o coraçãõ sabe chorar, nunca o entendimento sabe dizer. Na sangria das veas logo corre o sangue, tanto que se põe a venda no braço; na sangria do coraçãõ logo corre o pranto, tanto que se põe a venda nos olhos. Tanto que se poz nos olhos de Christo o veo da morte, logo se lhe fez no coraçãõ a sangria do amor; porque nos sentimentos grandes o mais acertado he fechar os olhos, e abrir o peyto: fechar os olhos do entendimento, e abrir o peyto para a magoa: disto he que se paga mais o amor.

177 He o amor em certo modo semelhante ao Ceo: o Ceo não se paga de bons entendimentos, paga-se de bons coraçõens. Muytos duvidaõ que se salvasse Salamaõ, e todos crem que se salvou David. Pois Salamaõ não tinha bom entendimento? Sim; mas David tinha hum bom coraçãõ: *Inveni virum secundum Act. 13. cor meum*; e no Ceo entra mais facilmente o bom coraçãõ de David, do que o bom entendimento de Salamaõ. Assim, pois, como he o Ceo, he o amor; paga-se mais o amor do coraçãõ, do q̃ do entendimento: antes coraçãõ aberto para sentir, do que boca aberta para dizer. Na morte de Abel abriu a terra a boca, e recebeu-lhe o sangue: *Aperuit os suum; Genes. 4. 11. suscepit sanguinẽ fratris tui.* Depois na morte de Christo abriu a

Tom. II.
K 3 mes-

Matth.
12. 40.

mesma terra o coração, e recebeo-lhe o corpo: *Sic erit filius hominis in corde terra.* Pois, que differença he esta? Se a terra abre primeyro a boca na morte de Abel, porque depois o coração na morte de Christo? Direy: porque Deos não se paga tanto de boas razões, como de bons affectos, porisso a terra na morte de seu filho não abre a boca como entendida, e abre o coração como amante. Quando na morte de Abel abriu a terra a boca, da sua parte não houve mais que fallar: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* Quando porém na morte de Christo abriu o coração, da sua parte tudo foy sentir: *Terra mota est.* E como para com Deos estejaõ mais acreditados os sentimentos, do que as palavras, os affectos, do q̄ as razões, porisso aquella terra, que primeyro na morte de Abel abriu a

Genes.
4. 10.Matth.
27. 51.

boca, para fallar como entendida, hoje melhorando a fineza, abriu o coração, para sentir como amante. E se em materias tristes tem mais credito os sentimentos que as palavras, he mais acertado chorar, do que dizer, he mais facil o pranto, do que a rethorica, a bono será hoje do Orador errar o juizo, com tanto que acerte o coração; credito será seu, desconcertar a rethorica, cõ tanto que apure o sentimento.

178 Cresce a difficuldade deste ponto na materia do presente caso. A materia de hoje he discorrer o sentimento de huma Mãe desconsolada, as penas de huma mulher afflicta, as dores de huma Senhora desamparada: e quem poderá discorrer as dores desta Senhora, as penas desta mulher, os sentimentos desta Mãe? Verdadeiramente que mal se poderá discorrer na terra, quan-

Josue.
10. 13.Luc.
23. 45.

quando se não poderaõ retratar no Ceo. Em todas as maravilhas, que obrou o Sol, sempre foy sua fiel companheya a Lua. Na batalha de Josué havendo de obedecer o Sol ás vozes deste capitaõ esforçado, parou a Lua juntamente com o Sol: *Steteruntque Sol, & Luna.* Nos ultimos dias do mundo, em que hade ter fim esta maquina universal, tanto que se escurecer o Sol, logo se hade ensangontar a Lua: *Luna convertetur in sanguinem.* Porém no dia de hoje não lemos, que houvesse final na Lua, sendo que houve final no Sol: *Obscuratus est Sol.* Já vejo, que todos se admiraõ desta notavel differença. E bem! Se assistem o Sol, e a Lua a Josué, quando peleja contra os Amalecitas, porque não haõ de assistir tambem o Sol, e a Lua ao Josué verdadeyro, quando batalha contra os infernos. Se
Tom. II.

no dia, em que se acabará o mundo, hade apparecer a Lua com sangue, e o Sol com trévas, na hora, em que se consuma a redempção, porque não hade dar final de sentimento a Lua, dando final de sentimento o Sol: *Obscuratus est Sol?* Direy: porque querendo o Ceo retratar a tragedia do Calvario, não pode retratar as dores da Mãe, e pode retratar as penas do Filho; e porque não pode retratar as dores da Mãe, porisso não mostrou final de sentimento a Lua; e porque pode retratar as penas do Filho, porisso deu final de sentimento o Sol: *Obscuratus est Sol.*
179 Muyto padeceste hoje, ó Mãe desconsolada, pois não pode retratar o Ceo as dores de hũa Lua em outra Lua, podendo retratar as penas de hum Sol em outro Sol. Muyto padeceo o Filho; mas pode retratar o Ceo quanto elle
K 4 pade-

padeceo na terra : mais parece , que padeceo a Mãy , pois o que sentio na terra não pode ter exemplo no Ceo. E se não pode ser retratado o sentimento de Maria Santissima na dilatada esfera da Lua , como poderá ser explicado nos breves periodos de huma oração? O' que grande acerto fora fazer hoje o Prêgador no Calvario , o que fez Deus antigamente em Siao. Cõsiderou Deus antigamente o monte Siao , e remetteo ao silencio todas as suas maravilhas. *Sileat Deus in Sion.* Pois se considerando as maravilhas de Siao , se remetteo ao silencio a eloquencia Divina , considerando as penas do Calvario , porque se não hade remetter ao silencio a eloquencia humana? Mais entendido fora hoje o calar , do que o dizer , mas supposto he força o dizer , começemos mais altamente a considerar o sentimento

grande desta desamparada Senhora , e supposto pode o Sol retratar as penas do Filho , e não pode a Lua retratar as dores da Mãy , levantemos o pensamento , e digamos , q̄ padeceo mais a Mãy do que o Filho. Esta será a materia do presente discurso , mas para haveremos de a seguir , devemos primeyro suppor. Ora supponhamos , e depois discorreremos.

§. II.

180 **E**M dous estados se deve suppor neste dia aquella magoada Senhora : o primeyro he ao pé da Cruz , onde vio o Filho crucificado , onde o vio morto , e onde depois de morto o recebeu nos proprios braços. O segundo estado he , quando teve o Filho sepultado nos horrores de hum tumulo. O primeyro estado he o das suas dores ; o segundo o da sua soledade. Agora

vem

vem cahindo aqui huma pergunta : e em qual destes dous estados padeceo mais a Senhora? Digo , e devo hoje dizer , que mais padeceo no primeyro , do que no segundo ; mais padeceo no Calvario assistindo ao Filho , do que padeceo vendo-se sem a sua companhia , e posta na soledade. Muitas são as razoes ; mas como ainda este não he o discurso , ouçamos hũa só , e será breve.

181 A razão porque no Calvario padeceo a Senhora mais que na soledade , he , porque no Calvario tudo eraõ trabalhos sem descanso : assim o descreve o Evangelista : *Stabat juxta crucem* ; e quem está em pé pouco descanso admite : na soledade sempre houve algum repouso , ainda que houvessem muytos cuidados : assim o insinuou Jeremias : *Quomodo sedet sola?* E quem está assentado algum descanso goza. Isto

mesmo , que atéqui tenho dito , considerou tambem o mais experimentado homem em trabalhos , que houve no mundo , o Santo Job. Vay o exemplar da paciencia contando os golpes de seus trabalhos , e desejando a morte para alivio da vida , diz assim : *Et nunc requiescerem cum regi-* Job. 3.
bus , & consulibus , qui 13.
ædificant sibi solitudines. Nova , e grande difficuldade tem este texto , tantas vezes ponderado nos pulpitos. Deseja Job descansar com os Reys , que edificaõ soledades? Encontrado está o lugar cõ o desejo ; porque o lugar he de soledades : *Solitudines* , e o desejo he de descanso : *Requiescerem*. E como pôde haver descanso na soledade? A soledade he hum desamparo da companhia , he huma companhia de penas , he huma noyte de tristezas , he hum leyto de imaginaçoens. Logo como pôde

Joann.
19.25.Thren.
1. 1.

de Job entre todos estes trabalhos achar ainda algum descanso : *Requiescerem?* Direy : porque considerando Job as penas , que traz consigo huma soledade , e as penas , que trazia consigo a sua vida , julgou como experimentado , que não podendo ter alivio nas dores da vida , poderia ao menos ter algum descanso nas penas da soledade . Logo não he a soledade tão fea , como os Prégadores a pintaõ : lá admittem resposno as suas penas , lá admittem descanso os seus trabalhos : *Et nunc requiescerem cum regibus , qui ædificant sibi solitudines.*

182 O' Virgem ! O' Mãy ! O' mulher . Fostes no Calvario como Job era ; fostes na soledade como Job desejava ser . Que golpe houve no Calvario , que não apurasse a vossa paciencia ? Ali vistes morrer o Cordeyro , q̄ creastes , manfa ovelha : ali vistes ar-

ruinar o Templo , que edificastes , piedosa mulher : ali vistes acabar o Filho , que gerastes , amorosa Mãy . Todas estas penas vistes no Calvario , e pelas já não ver parece , que tivestes algum alivio , e algum descanso na soledade : *Et nunc requiescerem* : logo menor he a pena da soledade , pois admitteste este descanso . Não affim as dores , que sentio no Calvario a Senhora , porque nellas se não descobre algum alivio .

183 E' daqui infiro eu , que a Senhora na soledade foy nas suas penas , como os Santos Padres no Limbo ; e a Senhora no Calvario he nas suas dores , como os condemnados no inferno . Era a Senhora na soledade como os Santos Padres no Limbo , porque os Padres no Limbo tinhaõ pena *Damni* , mas não tinhaõ pena *Sensus* . Não tinhaõ pena *Sensus* , porque estavaõ livres de to-

do

do o mal ; tinhaõ pena *Damni* , porque estavaõ privados de todo o bem . Affim a Senhora na soledade não tinha pena *Sensus* , porque ja não ouvia as affrontas dos Judeos , já não via as chagas do Filho ; já não apalpava os instrumentos do odio . Tinha na soledade pena *Damni* ; porque estava privada de todo o bem : era Mãy sem Filho , que se lastima : era dia sem Sol , que se entristece : era Sol sem luz , que se eclipsa : era jardim sem fonte , que se murcha : era corpo sem vida , que desfmay : era peyto sem ar , que não respira : era lamina sem cor , que se escurece : emfim a Senhora na soledade era como os Padres no Limbo .

184 Mas sendo na soledade como os Padres no Limbo , era no Calvario como os condemnados no inferno ; tinha pena *Damni* , e tinha pena *Sensus* . Tinha pe-

na *Sensus* ; porque os olhos viaõ o penetrante das chagas : os ouvidos ouviaõ o affrontoso das injurias : as mãos apalpavaõ o agudo dos espinhos . Tinha pena *Damni* ; porque estava privada de todo o bem : era Mãy , que tinha Filho ; mas o Filho estava ferido : era dia , que tinha Sol ; mas o Sol estava eclipsado : era Sol , que tinha luz ; mas a luz estava amortecida : era jardim , que tinha fonte ; mas a fonte estava seca : era corpo , que tinha vida ; mas a vida estava morta : era peyto , que tinha ar ; mas o ar estava immovel : era lamina , q̄ tinha cor ; mas a cor estava desfmayada . Logo se no Calvario tinha a Senhora a pena do damno , e juntamente a do sentido , e na soledade lhe faltava a do sentido , ainda que tivesse a do damno , como acabey de mostrar : se no Calvario se não admitteste alivio , e

na

na soledade se considera descanço, como dizia o Santo Job: se he como o Limbo a soledade, se he como o inferno o Calvario; bem se segue, que mais padeceo a Senhora no Calvario, do que padeceo na soledade; que as dores do Calvario foraõ as que mais a feriraõ, foraõ as que mais a penetraraõ. Isto supposto, entremos já no nosso discurso, e vejamos como padeceo a Mãy mais do que o Filho, quando lhe assistio no Calvario: e faõ horas de nos valermos do thema.

§. III.

185 **N**A creação do mundo estavaõ as agoas espalhadas pela face da terra: quiz Deos fazer o mar, e mandou, que as agoas todas, que estavaõ divididas, se ajuntassem em hum lugar: *Congregentur aquæ in locum unum.* Se eu me não engano

fundado na authoridade de S. Bernardo, que neste lugar, em q̄ se ajuntaraõ as agoas, allegoriza a Maria Santissima, digo, que o que succedeo na creação do mundo, succedeo tambem com alguma semelhança na sua redempção. Estavaõ varios rios de sangue espalhados pelo corpo de Christo, estavaõ varias agoas de tormentos (que sempre foraõ symbolo de tormentos as agoas) espalhadas pela terra de sua Humanidade Santissima: e assim como na creação do mundo as agoas da terra corrêraõ todas para hum lugar, onde formaraõ hum mar de agoas; assim tambem na sua redempção as penas do Filho corrêraõ todas para o coração da Mãy, onde formaraõ hũ mar de dores: *Congregentur aquæ in locum unum.* Disse-o expressamente, como eu podia desejar Arnoldo Carnotense: *Omnia flumina, que* Arnold. Carnot.

quæ obruere filium, intraverunt in viscera matris. Todos os rios (diz o Carnotense) que cobrião o corpo do Filho, entraraõ no coração da Mãy. E se os rios da terra, entrando em hum lugar, formaraõ hum mar de agoas, como não haviaõ fazer hum mar de dores os rios da Payxaõ, entrando no coração da Mãy.

186 O' Mãy desconfolada! O' mulher affligida! Era o vossõ coração como a terra no meyo do mar, cercada, e combatida de dores. E quem poderá duvidar, q̄ mais padecestes no Calvario do que o Filho; porque a Payxaõ do Filho he comparada a hum rio: *De torrente in via bibet;* porém a mesma Payxaõ no vossõ peyto he comparada a hum mar: *Magna est velut mare contritio tua.* E o excesso, que leva o mar ao rio, he o que levaõ vossas dores ás que padeceo o Fi-

Pfalm.
109. 7.

Thren.
2. 13.

lho no Calvario. Emfim a Payxaõ era hum rio, que nascendo no monte do Filho, corria para o mar da Mãy: *Ad locum unde exeunt flumina revertuntur,* que he o mesmo que dizem as palavras do meu thema: *Congregentur aquæ in locum unum.* Eccl. 1. 7.

187 E agora entendo eu duas authoridades, ambas difficultosas, huma de S. Ambrosio; outra de meu Padre S. Agostinho. Diz S. Agostinho meu Padre estas formaes palavras, fallado de Christo Senhor nosso: *Quod passus est, de Maria Virgine assumpsit.* Recebeo Christo da Virgem Maria, o que padeceo. Notavel modo de fallar! Se differa o grande Agostinho, que Christo recebeu da Virgem a humildade, bem dito estava; mas dizer, que recebeu da Virgem o mesmo que padeceo: *Quod passus est, de Virgine assumpsit?* Sim; porque he Maria mar

mar de dores : e assim como as agoas sahem, e tornaõ para o mar, assim as dores sahirãõ, e tornaõ para Maria. Quando as agoas sahem, recebe-as a terra : quando as dores sahiaõ da Mãy, padecia-as o Filho. Quando as agoas tornaõ, recebe-as o mar : quando as dores tornavaõ, recebia-as a Mãy : *Congregentur aquæ in locum unum*. Passemos á authoridade de S. Ambrosio. Diz elle, considerando no Calvario a Senhora : *Stantem lego, flentem non lego*. Mas porque não havia chorar a Senhora em caso taõ lastimoso ? Dizey : porque vay muyta differença das agoas, que sahem, ás agoas, que entraõ : as agoas, que sahem, formaõ rios, as agoas, que entraõ, fazem mares ; e como as dores da Mãy fossem mar, e não fossem rio ; como não fossem rio, porisso não sahirãõ em lagrimas pelos olhos : *Flentem non*

Ambr.

lego; e como fossem mar, porisso entrãõ no coração : *Congregetur aquæ in locum unum*.

188 E se foy hum mar de dores o coração de Maria Santissima, quando assistio a seu Filho no Calvario, bem devemos levantar o pensamento de consideraçõens vulgares, e bem podemos dizer, que mais padecio a Mãy no Calvario, assistindo ao Filho, do que padecio o mesmo Filho, estando crucificado, principalmente tendo expresse abono para este pensamento em huma authoridade do Serafico Doutor S. Boaventura, o qual, fallando da Senhora, diz assim : *Maiorem dolorem habuit, quam Salvator sustinuit*. Não se podia mais dizer; mas para procedermos com clareza havemos distinguir tres tempos, e tres estados : o primeyro, quando a Senhora vio atormentado o Filho: o segundo, quando

Bonav.

Chrif.

o vio morto: o terceyro, quando depois de morto o recebeo nos braços, e em todos estes tres estados, e tempos digo, que padecio mais a Mãy. Ora comecemos pelo primeyro.

§. IV.

189 **N**O primeyro tempo, e no primeyro estado, em que hoje consideramos a Maria Santissima, via a Senhora padecer o Filho ás mãos do odio, e ella estava padecendo ás mãos do amor. Dava o amor no coração da Mãy, quãtos golpes dava o odio no corpo do Filho : e se era tyranno o odio, que dava os golpes no corpo, tambem era tyranno o amor, que dava os golpes no coração : assim lhe chamou S. João Chriftomo : *Dulcis animæ tyrannus*. He tyranno o odio, que martyrizo o corpo ; mas tambem he tyranno o amor, que martyrizo a alma. O odio,

cuja jurisdicãõ não passa de molestar os corpos, será como a morte, porém o amor, cuja jurisdicãõ se estende a martyrizar as almas, he como o inferno : e se se sentem mais as dores do inferno, que os golpes da morte, bem se segue, que mais se sentem as dores do amor, que os golpes do odio.

190 Recebeo a Esposa dos Cantãres em certa occasiãõ feridas no corpo : *Vulneraverunt me*. Cant. 5. E não lemos, que pedisse remedio para estas feridas, que recebeo. Enfermou outra hora a mesma Esposa, e logo pediu remedio para a sua enfermidade : *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo*. Cant. 2. Pois como assim ! Se não pede remedio para as feridas, como pede remedio para a enfermidade ? Sente tanto a enfermidade, que logo lhe busca remedio, sente taõ pouco os golpes, que lhe não appli-

applica medicina? Porque razão? Porque os golpes eraõ dados pelo odio: *Vulneraverunt me, qui custodiunt civitatem.* A enfermidade era causada do amor: *Amore langueo.* E como se fintaõ mais as dores, que causa o amor, do que os golpes, que dá o odio, aquella Esposa amante, que sentia taõ pouco as feridas do odio, que lhe não buscava lenitivos, effa mesma sente tanto as dores do amor, que logo lhe busca o remedio. Na Esposa os golpes do odio eraõ feridas, os golpes do amor eraõ desmayos: e mais se sentem os desmayos, que as feridas; porque nas feridas conserva-se a vida, nos desmayos representa-se a morte: porisso (diz a Esposa) não me acudaõ ás feridas; acudaõ-me aos desmayos: *Fulcite me floribus, quia amore langueo.*

191 O odio ordinariamente não fere, como

fere o amor: o odio fere da parte de fóra, o amor fere da parte de dentro; e quem duvida, que os golpes quanto mais interiores são, são tanto mais sensiveis. Quando o odio fere da parte de fóra, rasga-se o corpo; quando o amor fere da parte de dentro, arrebenta o peyto; e quem duvida, que são mais perigosas as minas, do q̃as balas. Christo no Calvario tinha Cruz, e não se queyxava da Cruz: tinha espinhos, e não se queyxava dos espinhos: tinha cravos, e não se queyxava dos cravos: teve sede, e pediu remedio para a sede: *Sitio.* Pois se póde soffrer os cravos, sem pedir remedio para os cravos: se póde soffrer os espinhos, sem pedir remedio para os espinhos: se póde soffrer a Cruz, sem pedir remedio para a Cruz: porque não soffre a sede, deyxando de pedir remedio para a sede? Porque a Cruz, os espinhos,

Joann.
19.28.

Cant.
4.9.

Joann.
19.34.

e os cravos eraõ instrumentos, com que o molestava o odio; a sede era hum fogo, com que o abrazava o amor: e levava tanto excessõ o golpe do amor ao golpe do odio, que aquelle Senhor, que póde sopportar o pezo da Cruz, a agudeza dos espinhos, a crueldade dos cravos, não póde soffrer os ardores da sede. Pode soffrer os golpes do corpo, porque os dava o odio da parte de fóra: não póde soffrer a sede no peyto, porque a causava o amor da parte de dentro: *Sitio.*

192 Lá disse Christo nos Cantares, que o amor lhe ferira o coração: *Vulnerasti cor meum.* Referio depois o seu Evangelista como o odio lhe abriu o peyto: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* Pois como assim? O odio abre, e o amor fere? O odio abre o peyto: *Latus ejus aperuit;* e o amor fere o coração: *Vulnerasti cor*

Tom. II.

meum? Sim; porque he taõ pouca a crueldade do odio, que quando fere como odio, parece, que abre como amor: *Aperuit;* e he taõ grande a tyrannia do amor, que quando abre como amor, parece, que fere como odio: *Vulnerasti.*

193 O' Mãy affligida! O' Senhora desconsolada! O odio em vosso Filho abriu-lhe o peyto, como se fora amor; em vós o amor ferio-vos o coração, como se fora odio. Vosso Filho padecio os golpes, que lhe dava o odio da parte de fóra; vós padecestes os golpes, que vos dava o amor da parte de dentro. Em vosso Filho foraõ os golpes, que lhe dava o odio, feridas, que se podiaõ soffrer: *Vulneraverunt me;* em vós foy o golpe, que vos dava o amor, doença que se não póde sopportar: *Fulcite me floribus, quia amore langueo.* Condemnou a natureza a rosa a que viveffe cercada

L

de

de espinhos ; condemnou-vos o amor o coração a que estivesse cercado de dores. Considerada a rosa entre os espinhos, não parece a natureza sua mãe, parece sua madrasta : considerado o vosso coração entre estas dores , vosso amor não parece amor , parece odio. O' rosa cercada de espinhos ! O' Senhora cercada de angustias ! O' coração cercado de dores ! O' peyto combatido de agoas , que juntas nelle fazem hum mar de penas : *Congregentur aquae in locum unum !*

§. V.

194 **N**O segundo tempo, e no segundo estado da Senhora, que foy o de ver morrer o Filho, acho eu, que padeceo tambem mais a Mãe ; porque o Filho, ainda que ás mãos do odio perdesse a vida, com tudo não perdeu o titulo : ficou morto, mas fi-

cou Rey : *Quod scripsi* ^{Joann.} *scripsi.* Porém a Mãe a- ^{19. 22.} inda que padecendo ás mãos do amor, ficasse conservando a vida, não ficou conservando o titulo : ficou viva, mas não ficou Mãe : faltou-lhe o termo desta relação em quanto o Filho esteve morto; porisso elle quando houve de morrer, lhe deo só o titulo de mulher, substituindo-lhe em seu lugar hum puro homem : *Mulier ecce fi-* ^{Ibi. 26.} *lius tuus.* E que seja menor mal perder a vida, do que perder hum titulo de honra, entendeu-o muy bem Saúl.

195 Chegou Samuel a Saúl para lhe tirar o titulo de Rey pela sua desobediencia a Deos : eis que Saúl se prostra humildemête, confessando a culpa, e pedindo ao Profeta o credito : *Pec-* ^{1. Reg.} *vavi, sed honora me co-* ^{15. 30.} *ram senioribus.* Perde o mesmo Saúl a ultima batalha, que teve com os Filisteos ; eis que pede a hum

hum soldado, que lhe tire fem mais dilacão a vida: ^{Ibi. 31.} *Evagina gladium tuum,* ^{4.} *& percute me.* Pois que he isto, Saúl? Pedis a Samuel, que vos não tire o titulo de Rey : *Honora me* ; e pedis a hum soldado, que vos tire a vida : *Percute me?* Melhor parece, que he a vida, que a Coroa ; porq̃ com a Coroa não se pôde conseguir a vida, e com a vida ainda se pôde vir a recuperar a Coroa. Logo porque razão aquelle Saúl, que pediu a Samuel, que lhe não tirasse a Coroa, pede depois a hum soldado, que lhe tire a vida? Direy : porque posta de hũa parte a vida, e de outra parte o titulo, que he de honra, sente-se mais perder o titulo, do que a vida. Se perdeis a vida, deyxais de ser vivente; se perdeis o titulo, deyxais de ser estimado ; e como no conceyto do mundo seja melhor o ser estimado, do que o ser

vivente, porisso Saúl cuidou em conservar o titulo, e fem elle quiz perder a vida : *Percute me.* Pela vida vive huma pessoa ao tempo, pelo titulo vive á eternidade ; e como seja melhor a eternidade da honra, do q̃ o tempo da vida, porisso os homens estimaõ menos a vida, e mais a honra. Que muyto logo que aquelle Saúl, que faz tanto caso da honra, que pede a Samuel lha conserve : *Honora me coram senioribus*, faça depois taõ pouco caso da vida, que peça a hum soldado, que lha tire : *Evagina gladium tuum, & percute me.*

196 O odio ou vos tira a vida, com que viveis, ou vos tira o titulo com que vos honraes. Não sey agora qual odio he mayor, se o que vos tira o titulo, se o que vos tira a vida? Ouvi vós o caso. Os mayores inimigos, que teve Christo, foraõ o Ministro Gentili-

Luc.
23. 21.Joann.
19. 5.

co, e o povo Hebraico, Pilatos, e os Judeos: os Judeos de huma parte clamavaõ, que Pilatos crucificasse a Christo: *Crucifige, crucifige eum*: Pilatos clamava de outra parte, dizendo aos Judeos, que Christo era homem: *Ecce homo*. E porque razão? Porque visse, e foubesse o mundo, que não houve odio grande, que se não armasse contra Christo: se he grande o odio, que tira a vida, ahí está o odio dos Judeos, que lhe quer tirar a vida, pondo na Cruz: *Crucifige*. Se he grande o odio, que tira o titulo, ahí está Pilatos, que havendo de chamar-lhe Jesus, e Rey, lhe dá o nome de homẽ: *Ecce homo*. De modo, que no odio de Pilatos perde Christo o nome de Rey, e de Salvador, e conserva o nome de homem: *Ecce homo*. No odio dos Judeos perde Christo a vida, e encontra a morte: *Crucifige*.

Não sey qual destes dous odios he mayor: sey, que Saúl pede a hum soldado, que lhe tire a vida, porque a estima menos: *Percute me*; e pede a hum Profeta, que lhe conserve o titulo, porque o estima mais: *Honora me coram senioribus*.

197 Ouvi agora, fieis, o caso todo: assim he, que no pretorio tirou o odio a Christo o nome de Rey, e de Jesus, dando-lhe só o nome de homem: *Ecce homo*; Porém depois no Calvario lhe restituhio aquelles nomes, dando-lhe o de Jesus, e juntamente o de Rey: *Jesus Nazarenus Rex*; ainda que lhe não restituhisse a vida, pois ahí he que Christo a perdeu: *Inclinato capite emisit spiritum*. Porém no mesmo Calvario conservando a Mãe a vida, ahí he onde perdeu o titulo de seu mayor credito, e de sua mayor honra. No Calvario tirou o amor á Senhora

Joann.
19. 19.

Ibi. 30.

nhora o nome de Mãe, e deu-lhe o nome de mulher: no Calvario tirou o odio a vida ao Filho, ainda que lhe não desse o nome de homem. O' crueldade grande do odio! Mas ó mayor tyrannia do amor! Tira o amor o titulo de honra a quem conserva a vida: conserva o odio o titulo a quem dá a morte: e como seja mais sensível perder o titulo, do que a vida, segue-se, que mais padeceo a Mãe no Calvario ás mãos do amor, que o Filho ás mãos do odio.

198 Vendo a Senhora a seu Filho morto, diria: hoje, Filho meu, destes a Deos o nome amoroso de Pay: *Pater, dimitte illis*; e tirastes a esta affligida mulher o nome glorioso de Mãe: *Mulier, ecce filius tuus*. Seria, porque o Pay vos gerou no seu entendimento para glorias, e eu vos gerey nas minhas entranhas para penas? Mas não; porque

Luc.
23. 34.

vós hoje estimastes mais as penas, do q̃ as glorias. Seria, porque elle como Pay amoroso, sempre vos teve em seu peyto? Mas não; porque tambem esta affligida mulher sempre vos sustentou em seus braços. Seria, porque elle vos gerou para seres Senhor dos Anjos, e eu vos criey para seres servo dos homens? Mas não; porque mais vos presastes vós desta servidaõ, do que daquelle senhorio. Seria, porque elle vos gerou para viveres no Throno do Ceo, e eu vos criey para morreres no Lenho da Cruz? Mas não; porque mais quizestes vós esta Cruz, do que aquelle Throno. Seria finalmente, porque elle hoje vos desamparou: *Ut quid dereliquisti me*; e eu hoje, como sempre, vos assisti: *Stabat juxta crucem*? Seria fim, amado Filho meu; porque bem era, que estimasseis mais hoje os desampa-

Matth.
27. 46.Joann.
19. 25.

ros, vindo padecer tantas penas, para remir tantas culpas. Porisso acabou agora de entender, que era justo, que aquella Payxaõ, que vos levou a vós a vida de homem, como corrente de rio, me levassê a mim o nome de Mãy, como tempestade de mar: *Congregentur aque in locum unum.*

§. VI.

199 **N**O terceyro tẽpo, e no terceyro estado, em que vemos, e consideramos a Senhora, tendo a seu filho morto nos braços, digo, que tambem padecio mais do que elle, quando estava nos braços da Cruz; porq̃ Christo, quando estava nos braços da Cruz, fallava com o Pay, e era ouvido do Pay: *Exauditus est pro sua reverentia.* A Senhora porém, tendo nos braços o Filho morto, fallava com o Filho, e não era ouvida do Fi-

Hebr.
5. 7.

lho: e quam grande trabalho seja fallar, e não ser ouvido, considerou-o muy bem Moyfes. Mandou Deos Moyfes ao Egypto, para que refgatasse o seu povo, e a escusa, que Moyfes allegou a Deos, foy, que não havia ser ouvido: *Neque audiant vocem meam.* Pois que escusa he esta, Patriarca Santo? Allegay antes, que aquelle povo, por ser naturalmente ingrato, vos poderá perseguir, vos poderá matar, como matou, e perseguio depois a muytos Profetas; mas offerecer por impedimento, que elle vos não hade ouvir: *Neque audiant vocem meam.* Sim; porque amava Moyfes muyto aquelle povo, e para hum amante, que falla, considerou o mesmo Moyfes, que não he taõ grande trabalho o ser perseguido, e o ser morto, como o não ser ouvido: porisso não põe diante dos olhos de Deos

Exod.
4. 1.

a ingraticidãõ do povo, que o podia matar; porisso põe diante dos Divinos olhos a insensibilidade do povo, que o não havia ouvir: poem por impedimento não haverem de fer as suas palavras ouvidas, e cala o perigo de hir a sua vida arriscada: como se differa Moyfes: Senhor, eu não me atrevo a fallar com quem me não hade ouvir: *Neque audiant vocem meam.*

200 O amor introduz a sua correspondencia no coração do amado, e introduz os seus affectos no coração do amante; mas com huma grande differença, e he, que o amor, quando introduz os affectos no coração do amante, introduz effes affectos pelos olhos: porisso amamos, porque vemos; se não vira-mos, não amara-mos: e o mesmo amor, quando introduz a correspondencia no coração do amado, introduz esta corresponden-

Tom. II.

cia pelos ouvidos, porisso correspõdemos, porque ouvimos; se não ouvira-mos, não respondera-mos. Temos tudo na vocação de S. Pedro.

201 Vio Christo a S. Pedro: *Vidit... Simonem,* Matth. 4. 18. e logo se affeyçoou, porque lhe introduzio o amor o affecto pelos olhos: assim o chamou como affeyçoado: *Venite post me,* Ibi. 19. Ouvio S. Pedro a Christo, e logo lhe correspõdeo, porque lhe introduzio o amor a correspondencia pelos ouvidos: assim deyxou tudo pelo seguir: *Relictis retibus secuti sunt eum.* Ibi. 20. O mesmo succedeo nas negaçõens. Peccou Pedro, e pondo-lhe o Senhor os olhos, logo como amante lhe deo os auxilios: *Couversus Dominus respexit Petrum.* Luc. 22. 61. Ouvio Pedro o final, que Christo lhe tinha dado: *Et recordatus est Petrus verbi Domini;* e logo correspõdeo ao amor de

L 4 Chri-

Ibi. 62. Christo , fazendo penitencia de suas culpas cõ hum fluxo copioso de lagrimas : *Egressus foras flevit amarè*. Detorte , que o amor introduzia-se em Christo pelos olhos, e a correspondencia introduzia-se em Pedro pelos ouvidos.

202 O' Senhora desconsolada sobre todas as mulheres! Tendo vós a vosso Filho morto em vossos braços , pôde o amor introduzir-vos os affectos pelos olhos, mas não lhe pôde a elle introduzir a correspondencia pelos ouvidos. Pôde o amor introduzir-vos affectos pelos olhos, porque os tendes abertos para ver o Filho ; não lhe pôde a elle o amor introduzir a correspondencia pelos ouvidos, porque os tem fechados para ouvir a Mãy. Fallaes , gemeis , suspiraes (O' magoada Senhora) significaes a vosso Filho vossas ancias, vossas penas , vossas dores ; mas

naõ fois ainda assim ouvida de vosso Filho. Amais logo sem correspondencia, porque a correspondencia do amor se introduz pelos ouvidos do amado; como vimos, e temos ainda que ver.

203 Sempre reparey, em que havendo de vir ao mundo o Divino Verbo , mandasse por Precursor feu ao Bautista , que era voz : *Ego vox*; e que não era luz: *Non erat ille lux*. Pois, Senhor, o mundo se estava surdo, também estava cego : logo manday-lhe a diante huma luz, que lhe abra os olhos, assim como lhe mandaes hũa voz, que lhe bata nos ouvidos. Mas não? Hade vir a diante a voz, e não hade vir a luz? Sim; porque Deos queria, que os homens correspõdessem seu amor, e a correspondencia do amor não se introduz pelos olhos, introduz-se pelos ouvidos: e como se não introduz pelos olhos, porisso não

veyo.

veyo hum Bautista, que fosse luz; como se introduz pelos ouvidos, porisso veyo hum Bautista, que era voz : *Ego vox*. Como se differa o Senhor: ouçame o mundo, que como elle me ouvir, logo quando eu for me hade corresponder.

204 E se a correspondencia se introduz pelos ouvidos do amado, se não ouvia as vozes da Mãy feu amado Filho, he certo, que mal podia esteentão corresponder a hũa Mãy, que estava tão amante. Consideray vós agora, Catholicos, o grande excessõ de dores, que leva a Mãy ao Filho. O Filho fallava com o Pay,

e era correspondido, porque era ouvido do Pay : *Exauditus est*: a Mãy fallava com o Filho, e não podia fer correspondida, porque não era ouvida do Filho : *Neque audit vocem meam*. O' dor sobre todas as dores! O' tormenta, ó tempestade de penas, e de angustias! Ronca o mar, e não he ouvido das furdas penas; falla a Senhora, e também não são ouvidas do Filho morto as vozes das suas lagrimas, que brádaõ, que clamaõ, que gritaõ no coração da Mãy, onde como em hum mar estaõ juntas : *Congregentur aquæ in locum unum*.





SERMÃO

DO

ESPIRITO SANTO,

Com o Santissimo Sacramento
exposto.

Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.

Joann. 14.

SENHOR.

S. I.

205 **O**brigação, e não fineza he hoje a vossa assistência, e a vossa presença nesta Solemnidade.

Palavras são de vosso Servo Agostinho, que o Sacramento de vosso Corpo sahira do Sagrado de vosso peyto: *De latere Christi exierunt sacramenta.* Obrigação he logo hoje, e não fineza a vossa

do *Espirito Santo.*

171

vossa presença, e a vossa assistência; porq̃ he justo, q̃ o Sacramento do coração assista na solemnidade do amor.

206 Hum dos mayores trabalhos, que padecem os Prégadores em seus Sermoões, he cõcordarem a razão, e a Fé. A razão he humana, a Fé he Divina: a razão he natural, a Fé he sobrenatural: a razão he clara, a Fé he escura. Ha cousas mais diferentes? Ha extremos mais encontrados? Pois desta opposição, e desta differença nasce, como eu dizia, ser hum dos mayores trabalhos dos Prégadores cõcordarem a razão, e a Fé. E se em quasi todas as solemnidades do anno concorre esta difficultade, hoje mais que nunca he difficultosa esta obrigação. O Espirito Santo he o Author dos Sermoões: assim o disse Christo: *Non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri,*

qui loquitur in vobis; e nas mesmas palavras do thema diz o Senhor, que o Espirito Santo he o que nos vem a ensinar tudo quanto havemos de dizer. Porém esse mesmo Espirito Santo, que nos outros dias faz os Sermoões, he hoje o que difficulta os discursos; e he grande trabalho opporem-se ás obras os mesmos Artifices dellas.

207 Tanto que me encomendáraõ esse Sermoão, fuy logo ler a vinda do Espirito Santo, e depois de larga consideração vim a resolver, que a vinda estava encontrada com a promessa: a promessa conta-se no Evangelho de S. João: *Para-* Joann. *clitus autẽ Spiritus San-* 14.26. *ctus, quem mittet Pater in nomine meo.* A vinda refere-se nos Actos dos Apostolos: *Cum completur dies Pentecostes...* Act. 2. *Factus est repente de Cælo sonus tanquam advenientes Spiritus... Seditque supra singulos eorum:*

Crepleti sunt omnes Spiritu Sancto. E bem consideradas todas as circumstancias desta mysteriosa vinda, acho que huma cousa he o que se lê no Evangelho, outra a que se lê na Epistola: huma cousa a que escreve S. João, outra a que referem os Actos dos Apostolos. No Evangelho de S. João promette Christo dar-nos o Amor Divino: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo*; e consideradas as circumstancias da vinda, que S. Lucas nos conta em seus Actos, parece, que se nos dá o amor humano; e sendo isto affirm, encontrada, e bem encontrada está hoje a razaõ, e a Fé; porq̃ a razaõ persuade-nos, que a vinda he do Amor Divino, e a Fé seguranos a promessã do Amor humano. Porém no concurso desta opposição toda, será hoje a materia do meu Sermão, e o empenho do meu discurso,

explicar o Amor de Deos pelo amor dos homens; mostrar o Amor Divino explicado pelo amor humano. Se conseguirmos isto com acerto, logo ficarão concordadas a Fé, e a razaõ; para o que, entremos a ponderar as circumstancias, que concorrêrão na vinda do Espirito Santo.

S. II.

208 **A** Primeyra, e mais relevante circumstancia, q̃ confidéro na amorosa vinda do Espirito Santo, he a de vir este Espirito de repente: *Factus est repente de Cælo sonus*; e amor repentino, quem haverá, que não diga, que he humano? Jacta-se esta humana, e cega divindade aquem nós chamamos amor, de render tudo, e de render logo: nem perdoa a estado, nem gasta tempo; donde vem ordinariamente, que nas suas conquistas tem mais par-

parte a cegueyra, com que se arroja, do que a consideração, com que procede: apenas abristes os olhos, quando elle logo vos abriu o peyto. Grande exemplo nesta materia foy Jacob.

209 Tanto que o Pastor abriu os olhos, e vio a Raquel, logo o amor fez tiro, e ferio o Pastor no coração: *Quam cum vidisset Jacob... elevatâ voce flevit.* Agora vede a desigualdade, com que se houve o amor de Jacob, e o interesse em Labão. Labão em sette annos não pode entregar Raquel a Jacob, e o amor em hum instante pode entregar Jacob a Raquel: nas leys do amor não passa hum instante, e já Jacob he de Raquel: nas leys do interesse passaõ sette annos, e ainda Raquel não he de Jacob: Labão movido do seu interesse teve razaõ para não entregar logo Raquel; o amor governado pela sua tyrannia teve

poder para entregar logo Jacob. Na casa de Labão ha liberdade para replicar, porisso Labão entregou primeyro Lia do que Raquel; na casa do amor não ha liberdade para replicar, porisso se entregou logo Jacob. Taõ infamado como isto está o amor humano. Se o amor he fogo, como dizem, eu digo, que he fogo de rayo no repente, com que mata. He o amor huma enfermidade, de que o coração adoce; e que enfermidade houve já mais no coração humano, q̃ não fosse accidente repentino? Tal como isto he o amor dos homens.

210 E se as acçoens repentinas são proprias do amor humano; se o repente das acçoens anda annexo ao amor dos homens; humano parece o amor, que hoje desce sobre os Apostolos; pois desce tanto de repente: *Factus est repente.* Porém o certo he, que tam-

bem

Genes.
1. 2.

bem obra de repente o Amor Divino; mas de tal modo obra, q̄ he repentino sobre considerado: he primeyro considerado para resolver, e logo he repentino para executar. A primeyra pessoa, que veyo ao mundo, das tres que veneramos na Trindade Santissima, diz Moyses, que fora o Espirito Santo, e que este apparecêra passeando sobre as agoas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*. Apparecer passeando era cousa impropria do Espirito Santo, assim pela razão de Deos, como pela razão da Pessoa: era-lhe improprio pela razão de Deos; porque era contra o attributo da sua immensidade: era-lhe improprio pela razão da Pessoa; porque o Espirito Santo he a Pessoa do amor, e quem já mais vio o amor passeando? Se passára o Verbo Divino, que he a Pessoa do entendimento, bem estava; porque

os passeos fizeraõ-se para os entendidos, e passeando he que melhor se resolvem negocios de muyta consideraçãõ. Assim o obsevou S. Pedro Damiaõ, quando disse: *Ambulamus aliquando*, Petr. *cum cogitationibus detinuemur*; mas passear o Espirito Santo? Considerar o Amor? Sim (diz Tertulliano) porque já entãõ considerava o Espirito Santo no principio da ley da natureza, o que depois havia obrar no principio da ley da graça: e para tomar resoluçãõ na materia, houve de dar alguns passeos nas agoas: *Ferebatur super aquas*. Andava no principio do mundo aquelle Espirito Amante pensativo, e cuidadoso: hum onda o trazia, outra o levava; e assim passeando: *Ferebatur*, veyo entãõ a resolver considerado, tudo quanto hoje obrou repentino: *Factus est repente*.

211 Assim como se hou-

Genes.
1. 26.

houve antigamente Deos para nos dar a vida, assim se houve hoje o Espirito Santo para nos dar a graça. Deos para dar a vida a Adãõ primeyro fez hũ conselho de toda a Trindade Santissima: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*. O Espirito Santo para dar graça aos Discipulos, primeyro considerava passeando: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*. E para que he esta consideraçãõ? Para que he aquelle conselho? Direy: he verdade, que nem a Trindade toda, nem huma das Pessoas só podiaõ errar; com tudo, aconselha-se Deos, para que nós estimemos as suas obras nos seus conselhos: considera o Espirito Santo, para que nós veneremos os seus repentinos nas suas consideraçõens.

212 Da mesma sorte, que antigamente pintou o Profeta Malaquias a Christo, pintára eu hoje

ao Espirito Santo. Malaquias chamou a Christo Sol, e poz-lhe juntamête azas: *Orietur vobis timē. Malach. 4. 2. tibus nomen meū sol iustitiae, & sanitas in pennis ejus*. Mas ó que bella pintura do Amor Divino. Menino cego, e com azas pintáraõ os Antigos o amor humano; e o Divino, digo eu, que se deve pintar com azas, e com luzes. O amor humano tem azas, e não tem luzes; o amor Divino tem luzes, e juntamente tem azas: e nestas duas figuras (torno a dizer agora) se explicaõ bem estes dois amores. O amor humano tem azas, e não tem luzes; porque hum menino com olhos fechados, e azas abertas, que he, senãõ hũ amor muyto repentino, e pouco considerado? Diga-o o Principe Amnon, aquelle filho desgraçado de David. Se Amnon chegára a fazer huma breve consideraçãõ, pôde ser, que não chegára a ter amor:

amor: se elle considerára, que o podia matar Absalão, nunca elle quizera bem a Thamar: mas perdeu-se, porque em seu amor faltaraõ olhos, e so-bejáraõ azas.

213 O Amor Divino porém, digo, que se deve pintar com azas, e com luzes; porque hum Sol com luzes para ver, e com azas para voar, que outra cousa he, senão hũ amor muyto considerado, e sobre considerado, repentino. Tanto q̄ hoje desce o Espirito Santo, diz S. Lucas, que logo se assentára sobre as cabeças dos Apostolos: *Seditque super singulos eorum*. Pois assenta-se o amor? Ainda agora tanta preça, q̄ desce de repente: *Factus est repente de Cælo sonus tanquam advenientis Spiritus*; e já agora tantos vagares, que se assenta: *Seditque super singulos eorum?* Sim; que estas são as considerações, com que o Espirito Santo móderá os repentes: primey-

ro passêa sobre as agoãs, como quem considera, para resolver; depois se assenta sobre as cabeças dos Apostolos, como quẽ depois de resolver, torna a considerar. Demodo, que depois de considerar: *Ferebatur*, desceo à terra repentino: *Factus est repente*; e depois de ser repentino, assenta-se para obrar outra vez considerado: *Seditque super singulos eorum*.

214 E se não forão os repentes do Espirito Santo (tiremos agora deste discurso huma consequência proveytosa) senão forão os repentes do Espirito Santo, que fora das almas dos peccadores? Ser Dimas hontem Ladrão, e hoje Santo; ser David hontem adultero, e hoje penitente; ser a Magdalena hontem peccadora, e hoje amante; ser Pedro ainda agora negativo, e já justificado; ser Paulo ainda ha pouco contrario, e já agora amigo; que outra cousa he,

he, senão aquelle mysterioso repente do Espirito Santo, que nós experimentamos, e não entendemos? E se não só he repentino o amor dos homens, se tambem obra de repente o amor de Deos, he certo ser Amor Divino, e não humano o amor, que Christo hoje promete no Evangelho: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo*.

S. III.

215 A Segunda, e não menos mysteriosa circumstancia, que na vinda do Espirito Santo hoje cõfidero, he, a de descer com estrondo: assim o diz expressamente S. Lucas: *Factus est repente de Cælo sonus tanquam advenientis Spiritus vehementis*: e amor com estrondo, por certo que parece amor humano; porque não ha amor nos homens taõ recatado, que não queyra

ser manifesto. A razão he; porque o amor he huma eleyção, que fazemos do bem, que amamos; e todos quantos ha, por mostrarem, que não entendem mal, gostãõ, que os outros conheçaõ, que elles elegêraõ bem.

216 Tanto que Jacob começou a amar a Raquel, logo levantou a voz, e chorou: *Elevatã voce, Genes. 29. 11.*

Pastor entendido? Suspendey o pranto, que as lagrimas são contra o credito de hum homem valeroso: fallay bayxo, que as vozes altas são contra o respeyto de hum varaõ nobre. Mas ódey-xem levantar a voz, e correr o pranto; que todas essas razoens atropê-la Jacob, com tanto que manifeste o seu amor. Se o mundo (diz Jacob) não conhece o meu amor, veja as minhas lagrimas; se ignora o meu affecto, ouça as minhas vozes, e saybaõ todos, que Jacob ama a Raquel, que por-

isto clama, e por isto chora: *Elevatâ voce, flevit.* O amor dos homens de qualquer forte, que se pinte, sempre hade ser manifesto. Se dizeis, que he cego, como elle nos não vê a nós, mal se pôde livrar de que nós o vejamos a elle. Se dizeis, que he menino, sempre se hade dar a conhecer, porque se não sabe calar. Se dizeis, que tem azas, tanto hade voar do peyto, que hade vir a fahir pela boca. Finalmente se dizeis, que he fogo, mal se pôde esconder, porque o fumo o hade descobrir. Deforte, que o amor, huma vez que he humano, por força hade ser publico.

217 Logo se o amor publico, se o amor com estrondos he amor proprio dos homens, amor parece dos homens aquelle amor, que com tanto estrondo desce: *Sonus tanquam advenientis Spiritûs vehementis.* Mas ainda que assim

pareça, digo, que não he isto assim. Com estrondos de amor humano desce ordinariamente o Amor Divino, para despertar o descuido dos homens. Hum dos effeytos do peccado he, ficarem os homens surdos: assim o deo a entender o Senhor no Paraíso, quando o primeyro remedio, que applicou a Adaõ, forão as suas vozes, e os seus brados: *Adam ubi es?* Genef. 3. 9. E sendo isto assim, que muyto he, que aquelle amor, que antigamente desceo. cõ brados ao Paraíso, desça hoje com estrondos ao Cenaculo: *Factus est sonus.* Adaõ, tanto que no Paraíso ouvio as vozes, logo respondeu: *Vocem tuam audivi,* Ibi. 10. e os Apostolos, tanto que no Cenaculo ouviraõ os estrondos, logo falláraõ: *Loquebantur.*

218 Para melhor intelligencia deste ponto, quero propor, e resolver huma questãõ. Pergunto pois: qual he mais fino

fino amor, o amor occulto, ou o amor manifesto? A' primeyra vista parece, que he mais fino o amor occulto; e a razão vem a ser: porque o amor he huma enfermidade da alma, que assim o disse primeyro a Esposa dos Cantares: *Amore languet;* e depois o diffinio assim meu P. Santo Agostinho: *Morbus animæ.* E se a mayor enfermidade he a que está encuberta, segue-se, que o mayor amor he o que está occulto. Arder interiormente o corpo, e não baterem os pulsos, he a mayor febre, que pôde ter o corpo: arder interiormente a alma, e não o publicarem as vozes, he o mayor amor, que pôde ter a alma. Esta razão abona a melhor, e mais authorizada Pessoa, que assiste nesta Igreja; o Divinissimo Sacramento do Altar. Que outra cousa he aquelle Divinissimo Sacramento, senão huma fineza ambrosa:

Sacramentum amoris; e juntamente hum mysterio escondido: *Mysterium absconditum.* Logo o amor occulto he o mais fino amor.

219 Assim será; mas eu com tudo dissera, que o amor manifesto he o amor mais fino, e a razão, em que me fundo, he: porque o amor para ser fino, hade-se estimar como a honra; e assim como trazer manifesto o rosto, he honra, da mesma sorte fazer manifesto o amor, he fineza. Quem encobre o rosto, tem defeytos na honra; quem encobre o coração, tem defeytos no amor: quem encobre o rosto, ou commetteo, ou quer cometer algum engano; quem encobre o amor, ou commetteo, ou quer commetter alguma falsidade. Huma das cousas que Christo mais sentio, foy cubrirem-lhe com hum veo o rosto: *Velaverunt* Luc. 22. 64. *eum;* porque não ha tor-

ter o rosto cuberto, e a vida innocente. E se para hum homem he honra trazer descuberto o rosto, sendo innocente a vida, para hum amante he gloria fazer manifesto o amor, sendo fino o coração. A honra está em tirar o veio, para que se veja o rosto; a fineza está em tirar a venda, para que se veja o amor.

220 Quero resolver huma questaõ com outra; e assim pergunto: qual he mayor gloria para o amor? O ver, ou o ser visto? Christo morto na Cruz he o que por mim hade responder; pois a hi he a melhor figura do amor; e senão vejaõ: na Cruz está coroadado de espinhos, porque o amor faz estimação dos trabalhos: na Cruz está com a cabeça inclinada, porque promette obediencia: na Cruz está com os braços abertos, porque o amor offerece agasalho: na Cruz está com as mãos

rotas, porque o amor todo he beneficios: na Cruz está despido, porq̃ o amor blasona de verdadeyro. E que maistem Christo na Cruz? Que? Tem fechados os olhos, e aberto o peyto. Pois peyto aberto, e olhos fechados? Sim; porq̃ para o amor, o qual Christo representa na Cruz, mais gloria he ser visto, do que ver: porisso para não ver tem fechados os olhos, e para ser visto tem aberto o peyto; como se o Senhor dissera: não veja eu muyto embora os homens, e para os não ver a morte me feche os olhos; mas vejaõ os homens meu amor, e para o verem a lança me abra o peyto; porque eu acabarey comigo ter olhos fechados, para não ver; mas não posso acabar comigo deyxar de ter o peyto aberto, para ser visto: *Lanceâ latus ejus aperuit.*

221 He o amor hum fogo, q̃ arde para crescer,

cer, e cresce para se manifestar. O mayor acto de amor, que fizeraõ os homens no mundo, foy o celebrado sacrificio de Abrahaõ. Mandou Deos ao Patriarca, que lhe fosse sacrificar seu filho, quem amava: *Tolle filium tuum, quem diligis Isac*; e he de advertir, que o lugar, que lhe destinou para o sacrificio, se chamava, terra de Vifaõ: *Vade in terram visionis.* Mysterioso lugar por certo! E que tem este lugar com aquelle sacrificio? Que tem com o sacrificio, q̃ se havia fazer, o chamar-se aquelle monte terra de Vifaõ: *In terram visionis?* Direy: tem o ser sacrificio de amor; e o amor, que he verdadeyro, não sabe estar occulto, hade-se fazer manifesto, e assim para que todos vejaõ o sacrificio do amor, hade-se fazer na terra da Vifaõ: *Vade in terram visionis.* Como se disse-ra Deos ao Patriarca: Tom. II.

hade fazer por amor de mim huma fineza; mas não hade ser esta fineza lá no escondido de tua casa, onde ninguem a fayba, hade ser no publico de hum monte, onde todos a vejaõ, que se assim for, eu conhece-rey o teu amor por grande: *Nunc cognovi, quod*

amas Deum.

222 E se estes exemplos ainda não são bastantes, digaõ-no os Serafins, q̃ antigamente vio Isaias assistir ao Throno de Deos. Abriaõ elles as azas, para manifestarem o amor no coração: *Du-*

abus volabant; e para não verem, cubriaõ com duas azas o rosto, que assim lê o Texto S. Jeronymo: *Duabus velabant facies suas.* Desorte que fechavaõ os olhos para não ver, e para o seu amor ser visto, abriaõ o peyto: porém assim havia de ser, porque eraõ Espiritos de amor: *Seraphim, idest charitate ardentis.* Finalmente di-

Genef. 22. 12. ex vers. apud A. lap. hic.

Isai. 6. Hieron.

ga-o aquelle Divinissimo Sacramento, que se a Sabedoria Divina o instituiu escondido, hoje o Divino Amor o tem descoberto. E se o amor manifesto he o amor mais fino, que muyto que hum amor, que a todos excede nas finezas, se manifeste hoje nos estrondos: *Factus est repente de caelo sonus, tanquam advenientis Spiritus vehementis.*

223 Mas que o amor de Deos se manifeste hoje para credito de suas finezas, bem está; porém hade-se manifestar com estrondos? Ora isto não parece proprio do amor de Deos. Quando as agoas bradaõ no mar, que outra cousa são aquelles roncões, senão vozes, que prognosticaõ ao mundo tormenta? Quando bradaõ as nuvens no Ceo, que outra cousa são aquelles trovões, senão vozes, que vomitaõ sobre a terra rayos? Quando brada

Deos no Paraíso, que outra cousa são aquelles brados, senão vozes, que publicaõ sobre Adão castigos? E se isto assim he, ó que castigos, ó que rayos, ó que tormentas ameaçaõ hoje estes estrondos: *Factus est de caelo sonus!*

224 Porém melhor considerado, tudo, o que nós podiamos imaginar castigos, foraõ na realidade favores; que costuma o amor de Deos dispender os favores pelos sinaes dos castigos. Cuido, que tudo temos na Cruz. Estando Christo na Cruz, cubriose o ar de trevas: *Tenebrae factae sunt super universam terram.* Nuvens negras, ares escurecidos, Sol eclipsado! Grande tempestade se ameaça ao mundo. Depois clamou o Senhor em voz alta: *Clamans voce magna.* A Magestade dá vozes, ouvem-se-lhe brados? Deve de estar offendida. Grande

ca-

castigo se ameaça aos homens. Ultimamente, do peyto de Christo morto sahio agoa, e sangue: *Exiit sanguis & aqua.* Agoas enfangoentadas, rios turvos! Grande tormenta se ameaça á terra. Pergunto agora: foy isto assim? Não; porque das nuvens negras, de que nós temiamos o fogo dos rayos, sahio a luz da Redempção: *Consumatum est.* Das vozes altas, de que nós temiamos o castigo, sahio o exemplo do premio, que se nos promete na Bem-aventurança: *Clamans.. emisit spiritum.* Das agoas sanguinolentas, donde nós receavamos a tormenta, sahio a bonança dos Sacramentos: *Exierunt sacramenta.* Bem digo eu logo, que pelos sinaes dos castigos nos faz o Amor Divino os favores. Notay: clamando mandou Christo o seu Espirito para o Pay: *Clamans.. emisit spiritum.* Tom. II.

Joann.
19. 34.

Ibi. 30.

tum. Bem dito; porque se hum Deos Homem clamando, mandou o seu Espirito a Deos, hoje hum Deos clamando, mandou o seu Espirito aos homens: *Factus est de caelo sonus, tanquam advenientis spiritus.* E se Deos faz os favores pelos sinaes dos castigos; se os estrondos são propios do amor de Deos; se o mais fino amor he o que se manifesta; quem poderá duvidar, que o amor, que se nos promete no Evangelho, he o que hoje veyo com estrondo sobre os Apostolos: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.*

§. IV.

225 **A** Terceyra; e ultima circũstancia, em que ferey breve, foy a de descer o Espirito Santo sobre

M 4

a

a cabeça dos Apóstolos: *Seditque super singulos eorum.* E nisto não ha duvida, que parece mais humano, do que Divino este amor. O amor humano he hum mal, que logo commette a cabeça. Na conquista da alma o primeyro vencido he o entendimento. Se o amor nos não cegára o juizo, nunca nós lhe entregáramos o coração. O ladrao que entra a roubar huma casa, a primeyra coufa que faz, he apagar a luz; e o amor, que entra a roubar a liberdade, a primeyra diligencia que faz, he cegar o entendimento. Pintaõ o amor menino, e hum menino, que outra coufa he, senão huma alma, que falla muyto, e entende pouco? Soube Jacob fallar a Raquel, mas não soube entender a Labão; porque o amor, que lhe deo palavras para

explicar os affectos, tirou o juizo para não entender os enganõs.

226 A melhor figura, que houve neste mundo do amor humano, foy Samsão. Tanto que o cativáraõ os Filisteos, logo lhe arrancáraõ os olhos: *Erue-^{Judic.} runt oculos ejus.* E ^{16. 21.} porque lhe não cortáraõ antes as maõs? Porque lhe não tiráraõ antes a vida? Para darmos a repolla, havemos primeyro de saber, quem he Samsão, e quem saõ os Filisteos? Os Filisteos saõ figura do mundo; Samsão he figura dos loucos amantes, que o seguem. Ah fim? Pois tire o mundo a Samsão os olhos, que o mundo he tal, que quem o houver de amar, não hade ver: tenha Samsão vida para amar; mas não tenha olhos para ver a quem ama, que se os tivera, por ventura, que não ama-

ra: tenha Samsão maõs para servir, mas não tenha olhos para ver por quem servê; que se os tivera, pôde ser que não servira: tenha Samsão pés para andar, mas não tenha olhos para ver por quem anda, que se os tivera, talvez que não andára. Quem visse a Samsão cego passear as ruas da Corte Filisteia, que havia dizer, senão: a li vay o escravo do mundo: a li vay o amante de Dalila; a li vay o cego do amor. Mas bem fizestes, ó amor, em lhe tirar os olhos, para que elle te entregasse o coração: *Erue-
runt oculos ejus.*

227 E se o amor humano a primeyra coufa que rende, he a cabeça, buscando hoje o Espirito Santo a cabeça dos Apóstolos, parece que tem pouco de Amor Divino. Mas bem dito seja Deos, que he tal o Amor

Divino, que para melhor o juizo, he que nos commette a cabeça. O amor humano, e o Amor Divino ambos nos cõmettem a cabeça; mas o amor humano he para nos fazer nescios; ó Amor Divino para nos fazer entendidos. No nosso thema temos expressa a prova. Diz Christo, que o Espirito Santo nos hade ensinar todas as coufas: *Ille vos docebit omnia.* Notavel dizer por certo! E como nos pôde ensinar o Espirito Santo? O Espirito Santo procede pela vontade, e quem já mais vio a vontade ensinando? Se Christo differa, que elle, que he a Pessoa do entendimento, nos havia de ensinar, eu o crêra, e não o duvidára; porque dos Sabios he o serem Mestres: mas ensinar o Espirito Santo, ensinar a Pessoa da vontade? Ora dobremos a qui

Joann.
15. 9.

qui a folha. Veyo o Verbo Divino ao mundo, e sendo a Pessoa da Sabedoria, diz elle mesmo, que todo o seu empenho fora amar-nos: *Ego dilexi vos*. Grande difficuldade! Ajuntamos agora tudo: a Pessoa da Sabedoria ama? A Pessoa do amor ensina? Ama o Filho, que he a Sabedoria do Pay: *Ego dilexi vos?* Ensina o Espirito Santo, que he o Amor do Pay, e do Filho: *Ille vos docebit?* Sim: porque em Deos a Sabedoria he amante, e o Amor he entendido: a Sabedoria ama como se fora amor, e o amor ensina como se fora Sabedoria: estaõ entre si trocados a luz, e o fogo; o fogo, que havia estar no amor, está na Sabedoria, e a luz, que havia estar na Sabedoria, está no amor; porisso alumia o Amor: *Docebit omnia*, e arde a Sabedoria: *Dilexi vos*.

228 E se ainda vos não acaba de persuadir este exemplo, ouvi outro não menos effcaz, com que concluirey o Sermão. Se perguntares o lugar, onde está o Divino Verbo? Dirvos-ha o Euangelista S. João, que está no peyto do Eterno Pay: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*. E quem já mais vio a Sabedoria no peyto? Se estivera no peyto o Espirito Santo, bem estava; porque no peyto costuma estar o amor: mas o Verbo Divino, a Sabedoria do Pay, he a que hade ter por lugar o peyto: *Unigenitus, qui est in sinu Patris?* Ora demos hum passo a diante. Se perguntares o lugar, onde hoje está o Espirito Santo? Dirvos-ha o Euangelista S. Lucas, que está sobre a cabeça dos Apostolos: *Seditque super singulos eorum*; e quem já mais vio residir o amor

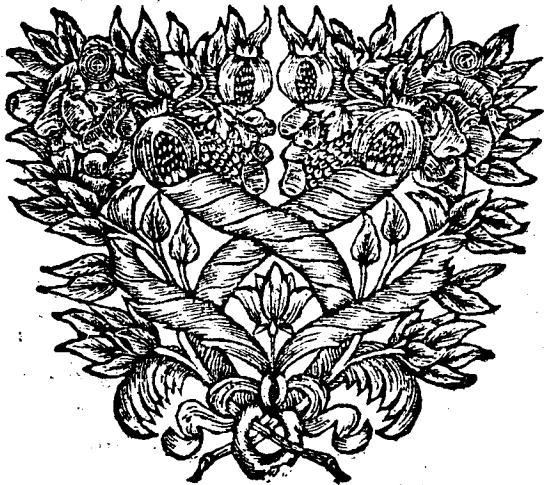
Joann.
1. 18.

amor na cabeça? Se differa o Euangelista, que descera o Espirito Santo a entranhar-se no peyto dos Apostolos, bem dito estava; porque he o peyto o lugar do amor: mas o Espirito Santo, que he amor, hade bayxar sobre a cabeça, que he o lugar da sabedoria? Ajuntemos agora, e comparemos hum Texto com outro Texto, hum lugar com outro lugar. O Espirito Santo está sobre as cabeças dos Apostolos, e o Divino Verbo está dentro do peyto do Pay? Sim; porque em Deos obra a Sabedoria como se fora amor, e o Amor como se fora Sabedoria; porisso a Sabedoria he a que está no peyto do Pay: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*; porisso o Amor he o que está na cabeça dos Discipulos: *Seditque super singulos eorum*. Logo se com-

metter a cabeça, não he só proprio do amor humano; porque tambem pertence ao Amor Divino: Divino he o Amor de que hoje trata o Euangelho, e que nelle promette Christo a seus Apostolos: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo: ille vos docebit omnia*.

229 Tenho acabado o Sermão, em que vimos hoje ao Amor Divino explicado pelos effeytos do amor humano. Vimos, que veyo de repente depois de considerado, para nos ensinar a considerar, antes de nos resolvermos a querer: vimos, que veyo com estrondo, para despertar nossos ouvidos, que estavaõ surdos ás Divinas vozes pela culpa de Adaõ: vimos, que desceo sobre as cabeças, para nos communicar as sciencias, e ensinar-nos o amor. Se abraçar-

çarmos todas estas doutrinas, e dermos ouvidos áquellas vozes, será o nosso amor o mais puro, e como tal será inseparavel da graça, que identificando-se com a caridade, nos assegurará huma eterna Bemaventurança de Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO

DE

S. ANTONIO.

Vos estis sal terræ : vos estis lux mundi.
Matth. 5.

§. I.

230 **T**ambem a Arca do Testamento havia ter seu dia de festa na ley da graça. Aquelle titulo deu o Papa Gregorio IX. ao nosso illustre Portuguez, Irmão meu no habito, o Glorioso S. Antonio: e na verdade que assim he; porque se a Arca do Testamento ti-

nha dentro em si o maná, Antonio tem em seus braços a Christo; se a Arca tinha dentro a vara de Moyses, Antonio tem em sua mão a Cruz do Senhor: Arca he logo do Testamento Antonio, e considerando eu agora os passos desta animada Arca no decurso de sua vida, me vim a resolver, que em dous passos de sua vida esteve o prodigio de sua Santidade.

Paf-

Passou Antonio na sua mocidade do mundo para a Religião dos Conegos Regrantes : eis aqui o primeyro passo. Depois correndo alguns annos, muda Antonio de habito, deyx a Religião de Agostinho, e passa-se para a Religião de Francisco : eis aqui o segundo passo. Pois que he isto, Antonio Santo? Tanta inconstancia? Tãta variedade? Do mundo para huma Religião? De huma Religião para outra? Sim; porque nestes dous passos de sua vida esteve o prodigio de sua virtude, e de sua Santidade. Vay Antonio no primeyro passo do mundo para a Religião por amor de si; vay Antonio no segundo passo da Religião de Agostinho para a Religião de Francisco por amor de nós. Vay do mundo para a Religião por amor de si, como sal da terra: *Vos estis sal terræ.* Vay de huma Religião para outra por

amor de nós, como luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Esta hade ser a materia do Sermão: Antonio, que em dous passos de sua vida desempenhou os dous titulos do Evangelho. Começemos.

§. II.

231 **P** Assou Antonio do mundo para a Religião por amor de si, e passou de huma Religião para outra por amor de nós. Exponhamos primeyro esta materia em commum, depois a discorreremos em particular. O amor ou póde tratar de si, sem tratar de outrem; ou póde tratar de outrem, sem tratar de si; ou póde tratar de si, e tratar de outrem. Desembaraffemos estes fios: o amor, que trata de si, e não trata de outrem, nas materias do mundo está tão fóra de ser fineza, que he grossaria; nas materias da graça poderá ser virtude, mas

mas está longe de ser fineza. Santo, que só tratou de si, pouco lhe devemos nós. Sempre reparey, que neste mundo Christão se não edificasse huma Igreja, ou se levantasse hum Altar ao Santo Dimas. Pois porque? Não foy Santo? Não foy penitente? Não conseguiu a gloria? Sim: logo porque não tem Igreja? Porque não tem Altar? Porq̃ não tem devotos? Sabeis porq̃? Porq̃ se esqueceo de nós, e tratou de si. Dizia elle: *Domine, memento mei:* Senhor, lembrayvos de mim. De mim? Pois Dimas não tinha na Cruz companheyro? Tinha; mas esqueceo-se de pedir a memoria para o outro, e só para si a pedio: *Memento mei.* E bem: pois se elle na sua salvação tratou só de si, que muyto, que na sua solemnidade lhe faltemos nós: faltamos-lhe com os obsequios, porque elle nos faltou com as fi-

nezas; que não ha, nem póde haver fineza em amor, que sem tratar de outrem, cuida só em tratar de si: *Memento mei.*

232 Amor, que sem tratar de si, trata de outrem, tem mais de encarecido, que de praticado. São ordinariamente as finezas mais defaço de hum coração, que arde, do que obras de hum affecto, que executa. Deste genero foy o amor de S. Paulo. Dizia

elle: *Optabam anathema esse pro fratribus* Roman. 9. 3.

meis. Não reparo em perderme, com tanto que meus irmãos se salvem. Pois que he isto, Doutor das Gentes? Que? He fineza de hum coração, que ama tanto, que esquecido de si, trata sómente dos outros: salvem-se os outros, ainda que me perca eu: *Optabam anathema esse pro fratribus meis:* O prodigio! Mas ó encarecimento! Eltes são os hiperboles de hum amor, que trata de outrem

Luc.
23.42.

trem, sem tratar de si.

233 Amor, que trata de si, e trata de outrem, he aquelle, que junta as finezas do coração com os dictames do juizo: trata de si como entendido, e trata de outrem como amante. Deste genero foy o amor de S. Pedro. Dizia elle a Christo: Senhor, por amor de vós deyxámos tudo, agora que nos haveis de dar? *Ecce nos reliqui-*

Matth.
19. 27.

mus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis?

234 Suppostas estas tres classes do amor, já se vê em qual dellas se deve pôr S. Antonio: na classe do amor de Dimas não; porque elle tambem tratou dos outros: na classe do amor de Paulo menos; porque elle tambem tratou de si: logo a classe, em que devemos collocar a Antonio, he a classe do amor de Pedro; porque tratou de si, e tratou dos outros: tratou de si, passando do mundo para a Religião, como sal da terra: *Vos estis sal terræ*: Tratou dos outros, passando de huma Religião para outra, como luz do mundo: *Vos estis lux mundi*. Mas antes de passarmos adiante, agora vem cahindo aqui huma pergunta: qual he mais fino amor? Aquelle, que trata de outrem sem tratar de si, ou aquelle, que trata de si, e juntamente de outrem? Não per-

pergunto pelo amor, que sem tratar de outrem, trata só de si; porque este não deve entrar na questão, pois está muyto remisso nas finezas: e assim toda a duvida se reduz ao amor, que trata de outrem, sem tratar de si, e ao amor que trata de si, e juntamente de outrem: e qual destes he mayor amor?

235 Eu não quero resolver-vos a questão; quero sim propor-vos hū exemplo. Estando Christo na Cruz; pediu a seu Eterno Pay perdaõ para os homens: *Pater dimitte illis; non enim sciunt, quid faciunt*. E bem: se o Senhor via, que aquelles homens actualmente estavaõ cometendo tão enormes culpas, e sabia mais, que se não haviaõ emendar dellas, porque lhes pede o perdaõ: *Dimitte illis*? Ora dobre-mos aqui a folha, e vejamos o que mais succedeo no monte Calvario. Falla outra vez Christo

Luc.
23. 34.

com seu Padre Eterno, e diz assim: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum*. Pay, encõ-mendo-vos a minha alma, e o meu espirito. Ah tal petição? A alma de Christo não estava já por cõta do mesmo Deos? Não era já neste mundo Bemaventurada? Não era Santissima? Não era impeccavel pela uniaõ ao Verbo? Sim: logo como a encõ-menda Christo ao Pay? Se isso fizera hum puro homem, que tivera duvida da sua salvação, bem feyto estava; mas Christo, o Filho Unigenito de Debs? Ora comparemos agora hum texto com outro texto; hum passõ com outro passõ: falla Christo na Cruz duas vezes com o Pay, e em huma pedelhe o perdaõ para os homens, em outra encõ-menda-lhe a sua alma? Sim; porque era Christo verdadeyro amante, e como amante verdadeyro, para nos dar exemplo

Ibi. 46.

a nós, ainda que não necessitasse de encomendar a Deos a alma, encomendou-a, mostrando, q̄ tratava de si; e ainda que soubesse, que os homens se não haviaõ arrepender, pediu-lhes a Deos o perdaõ, mostrando que tratava dos outros: nisto nos deu o exemplo para sermos entendidos, e para sermos amantes; para sermos entendidos disse-nos, que tratasse-mos de nós, assim como elle tratou de si, encomẽdando ao Pay o seu espirito: *Pater, in manus tuas cõmendo spiritum meum*: para sermos amantes disse-nos, que tratasse-mos dos outros, assim como elle tratou dos homens, pedindo para elles ao mesmo Pay o perdaõ: *Pater, dimitte illis*.

236 O que grãde exẽplo de Christo na Cruz! Mas ó q̄ grãde imitação de Antonio no mudo! Tratou Antonio de si, e tratou dos outros; tratou

de si entregando a Deos o seu espirito na sua innocencia, quando buscou a Religiaõ Canonica; tratou de outrem ensinando aos homens a virtude na sua prẽgação, quando passou para a Religiaõ Serafica; mas com esta advertencia, que quando tratou de si abraçando a clausura da Religiaõ Canonica, houve-se como o fal, que se enclaustra na marinha: *Vos estis sal*. E quando tratou dos outros, passando-se para a Religiaõ Serafica, houve-se como a luz, que communica os seus resplandores ao mudo: *Vos estis lux*. O que supposto, como he hoje obrigação vermos estes dous passos de Antonio, e estes dous extremos de seu amor, depois veremos como á maneyra de luz tratou dos outros, vejamos primeyro como á maneyra de fal tratou de si.

§. III.

§. III.

237 **D**igo primeyramente, q̄ Antonio tratou de si, como fal, por tres razoes: ouçamos logo a primeyra. A primeyra razaõ, porque Antonio tratou de si, he porque buscando a Religiaõ, deyxou os bens do mundo. Notavel razaõ na verdade! Antes em deyxar Antonio os bens do mundo, parece que não tratou de si: na politica do mundo só trata de si aquelle, que adquire os bens; mas quem os gasta, quem os deyxá, tão fóra está de tratar de si, que antes parece trata só dos outros. Os bens do mundo ou se podem dar aos pobres, ou se podem gastar com os amigos: se os gastaes com os amigos, fois liberal; se os gastaes com os pobres, fois esmoler; e de qualquer modo que os deyxais, sempre ficas pobre: e quem se faz po-

Tom. II.

bre, deyxando o que tinha, mais trata de outrem, do que trata de si. Logo como digo eu, que Antonio tratou de si, deyxando os bens? O' que grande mysterio! São tales os bens do mundo, q̄ quem os quizer adquirir, hade-os deyxar; hade-os desprezar quem os quizer ter: e como conhecesse isto S. Antonio, para os possuir, se resolveo a deyxallos.

238 Lá vio S. Joãno seu Apocalypse vinte, e quatro Anciãos, que assistiaõ ao Throno de Deos, e diz, que cada hum delles tinha sua coroa de ouro na cabeça: *Et in capitibus eorum Apocal. corona aurea*. Porém 4. 4. adverte o mesmo Evangelista; que tanto que os Serafins em figuras visiveis cantavaõ glorias a Deos, logo elles tiravaõ da cabeça as coroas, e as lançaõ diante do Throno: *Et cum darent illa animalia gloriam, & honorem sedenti super thronum,*

N 2

num,

num, procidebant viginti quatuor seniores, & mittebant coronas suas ante thronum. Grande duvida considero agora neste texto, e pergunto: quando, e em que tempo cantavaõ aquelles Serafins os Divinos louvores? Diz o mesmo S. João, que os cantavaõ sempre, sem já mais fazerem pausa no seu canto: *Et requiem non habebant die, ac nocte, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus*; logo como se podem entender aquellas primeyras palavras do texto, que propuz, de que os Anciãos tinhaõ na cabeça as suas coroas? Se elles punhaõ as coroas da cabeça diante do Throno, quando os Serafins cantavaõ, e estes cantavaõ sempre, segue-se, que sempre haviaõ ter as coroas diante do Throno os Anciãos: pois se tinhaõ sempre as coroas diante do Throno, como diz o Evangelista, que as con-

servavaõ na cabeça: *Et in capitibus eorum coronæ?* Direy: porque este he o mysterio, que tem as grandezas, as honras, e os bens, que entaõ melhor se possuem, quando se deyxãõ, entaõ melhor se lograõ, quando se sacrificãõ; e como estes Anciãos fizessẽm das coroas sacrificios a Deos, em cada sacrificio logra-vãõ huma posse: o amor os obrigava a tirar as coroas da cabeça, e pollas aos pés do Throno; mas o mesmo era sacrificallas ao Throno: *Mittebant coronas suas ante thronum*; Que restituillas á cabeça: *Et in capitibus eorum coronæ.*

239 O' bens do mundo, ó honras, ó grandezas melhor possuidas, quando deyxadas? Os bens do mundo ou os podemos deyxar por amor do mundo, ou os podemos deyxar por amor de Deos: deyxar os bens por amor do mundo, he vangloria, e isto fez

fez Socrátes; deyxar os bens por amor de Deos he virtude, e isto fez Antonio. Quem deyxã os bens por vangloria, naõ os torna a ter; quem os deyxã por virtude, torna-os a possuir. Lá deyxou Pedro barcos, e redes para seguir a Christo: *Relictis retibus secuti sunt eum.* Depois passados alguns tempos encontrou-se o mesmo Senhor com Pedro, que estava pescando com humas redes, e lhe mandou, que continuasse a pesca: *Mittite in dexteram navigij rete.* Pois que he isto, Pedro? Que acção he esta, Apostolo Sagrado? Naõ sois vós aquelle, que deyxastes as redes, que deyxastes o barco? Sim: pois como agora tornaes ao barco, e tornaes á rede? E vós, Senhor, se aceytastes a Pedro a renuncia, como lhe approvaes agora a continuação do exercicio, que tinha renunciado? Mas ó que este

he o natural dos bens do mundo, quando deyxados, possuidos: se por amor de Deos se deyxãõ, como Pedro os deyxou; nisto mesmo de novo se possuem, como Pedro os possuio: quereis possuir as redes? Pois haveis de deyxar por amor de Deos as redes, que ellas deyxadas ficaõ possuidas, e porisso Pedro teve redes, porque deyxou redes: *Relictis retibus.* E sendo isto assim, que muyto he, que Antonio entendido para possuir os bens, deyxasse os bens, tratando de si por hum estylo novo? Os outros homens trataõ de si adquirindo, Antonio tratou de si deyxãdo; porisso tratou de si como sal: a agoa para se fazer sal, e tratar de si, deyxã o mar; Antonio para tratar de si, e ser Santo, deyxã o mundo. O' que grande arbitrio! Deyxã a terra para ser Santo, assim como a agoa deyxã o mar para ser sal.

Matth.
4. 20.

Joann.
21. 6.

Vos estis sal terræ.

S. IV.

240 **A** Segunda razaõ porque Antonio tratou de si, foy porque deyxou Antonio o mundo sendo moço; antes que conhecesse o mal, tratou de si, e abraçou o bem: ainda Antonio era menino, e já era Santo; apenas tinha dias de vida, e já tinha annos de Santidade; ainda ditcurfava mal, e já vivia bem. Mas contentou-se com isto S. Antonio? Não: Para tratar de si buscou o mais seguro, unindo a Primavera dos annos ao Inverno da penitencia; vivendo, como quẽ começava ainda, e fazendo penitencia como quem acabava já: affim mortificava o seu corpo innocente, como se tivera sido grande peccador; e não se contentando com ser Santo no mundo, quiz ser ainda mayor Santo na Religiaõ, bus-

cando a Religiaõ, e deyxando o mundo, antes que o mundo o deyxasse.

241 Hum moço, que se converte a Deos, e abraça a Religiaõ, deyxando o mundo, quando o mundo o busca; hum velho deyxando o mundo, quando o mundo lhe foge: hum velho deyxando o mundo depois do mundo o ter vencido; hum moço deyxando o mundo quando o mundo o acclama vencedor: hum velho sacrifica a Deos os estragos da batalha; hum moço sacrifica a Deos os trofeos da victoria: hum velho havendo de hospedar a Deos nos edificios, o hospeda nas ruinas; hum moço podendo hospedar a Deos nas ruinas, o hospeda nos edificios: hum velho sacrifica-se a Deos na tarde; hum moço sacrifica-se a Deos na manhaã: e quem se sacrifica na tarde, dedica a Deos o dia, q̃ não pôde possuir; quem se

se sacrifica na manhaã dedica a Deos o dia, que ainda pôde gozar, e não ha duvida que este sacrificio he a Deos o mais agradável.

242 Lá insinuou Deos em huma occasiaõ a Job, que se agradava muyto de o louvarem os astros da manhaã: *Ubi eras dum me laudarent astra matutina.* E bem: não louvaõ tambem a Deos os astros da tarde? Não o louvaõ as estrellas da noyte? Quem o duvida? Os astros todos do Ceo he certo que continuamente estaõ dando a Deos gloria: *Cæli enarrant gloriam Dei*: logo como se mostra Deos esquecido do louvor, que lhe daõ os astros da tarde, e só se lembra dos astros, que lhe daõ os louvores de manhaã: *Ubi eras dum me laudarent astra matutina?* Sabeis porque? Porque os astros da tarde dedicaõ a Deos o dia, que já não podem ter; os astros da manhaã

dedicaõ a Deos o dia, que ainda pôdem possuir; e como seja mayor sacrificio dedicar o que posso possuir, do que dedicar o que já não posso ter; porisso esquecido Deos do louvor dos astros da tarde, se lembra só dos louvores dos astros da manhaã: *Ubi eras dum me laudarent astra matutina?*

243 O' Antonio Glorioso, astro da manhaã, Santo na mocidade; de menino servistes a Deos na Sé de Lisboa; a penas tinheis alentos para viver, e já tinheis espiritos para servir; mas com toda esta virtude, sem deyxar passar muytos annos, abraçastes a Religiaõ, para melhor servir, e para mais santamente viver. Isto sim, q̃ foy tratares de vós: os velhos quando se convertem, já tinhaõ tratado do mundo esquecidos de si; vós, que de menino fostes Santo, buscando na Religiaõ os apertos, esquecestes-vos

do mundo, para tratares de vós, qual outro Bautista. O Bautista cõ poucos annos de idade deyxou os enganos do mundo, e abraçou as asperezas do deserto; vós em poucos annos de vida deyxastes as delicias do seculo, e buscastes os rigores da Religião. Porém que muyto, se fois sal! A agoa para ser sal deyxou o mar, onde tem o seu nascimento; vós para seres Santo, deyxastes o mundo, que pouco antes vos tinha dado o berço. O Antonio Glorioso! Desde o vosso nascimento começastes a ser Santo, assim como a agoa desde o seu nascimento começou a ser sal: *Vos estis sal terræ.*

§. V.

244 **A** Terceyra razão, porque Antonio tratou de si, he porque de poucos annos abraçou a clausura da Religião. Entrou Anto-

nio no Mosteyro de S. Vicente de Fóra, e professando nelle a Religião, ahi abraçou a clausura; e quem duvida, que em buscar a clausura se esqueceo dos outros, e ficou tratando só de si. Mandou Deos a Noé que se recolhesse na Arca com a sua familia: obedece o Patriarca a Deos, entra com a sua casa, mas não leva consigo alguem mais. Eu sempre tive nesta acção hũa grande duvida: não havia de ter Noé naquelle tempo algum amigo? Havia por certo; porque as suas partes, e os seus dotes conciliavaõ muitas amizades. Mais: não era poderoso com Deos? Sim era, que este valimento lhe dava a sua virtude. E bem: logo porque não pede a Deos, que o deyxé levar consigo mais algum parente, ou algum amigo? Hade elle entrar só com a sua casa? Sim; porque aquella Arca era huma estreyta,

Genes.
7.16.

estreyta, e apertada clausura: *Inclusit eum Dominus de foris.* E como em materias de clausura todos trataõ de si, e ninguém trata de outrem, porisso Noé esquecido dos outros, cuidou só em tratar de si. O que grande semelhança! O que grande conformidade! Na clausura da Arca trata Noé só de si para ser salvo; na clausura de S. Vicente trata Antonio só de si para ser Santo, assim como na clausura da marinha trata a agoa só de si para ser sal: *Vos estis sal.*

§. VI.

245 **E** Staõ ouvidas as razoes, porque Antonio tratou de si, como esquecido dos outros; ouçamos agora as razoes, porque tratou dos outros, como esquecido de si. Onze annos tinha Antonio de Religioso Professo na minha Congregação Canonica, quando movido

de superiores influxos se passa este Espirito Angelico para a Religião Serafica. Não posso deyxar de reparar no mysterioso desta acção: não era já Antonio Religioso? Não estava já recolhido em huma Religião taõ perfeyta, como a de Agostinho meu Padre? Sim estava. Pois como busca a Religião de Francisco? Isto parece variedade; e não póde a variedade ser virtude. Porém o certo he, que considerados os dous extremos da Santidade de Antonio, he facil a solução da duvida. Era Antonio aquelle espirito Religioso, q̄ havia tratado de si, e tinha obrigação de tratar de outrẽ; e havendo tratado de si na Religião Canonica, para tratar de outrem, devia buscar a Religião Serafica. Eu me explico: era Antonio sal, e era tambem luz; e se como sal tratou de si, como luz devia tratar de outrem: esta he a segun-

da parte do Sermão, em que temos de ouvir as razões, porq̄ Antonio tratou dos outros como luz: *Vos estis lux.*

246 Primeiramente digo, que para tratar de outrem deyxou Antonio a Religião Canonica, buscando a Serafica. De dous modos pôde hum Religioso licitamente fahir da sua Religião: ou pôde fahir descendo, ou pôde fahir subindo: entã sahe descendo, quando se abate para mayor humildade; entã sahe subindo, quando se exalta a mayor soberania: entã sahe para mayor humildade, quando deyxahũa Religião Monastica, e busca huma Mendicante: entã sahe para mayor soberania, quando deyxou o estreyto da cella, e vay eleyto para huma Cadeyra Pontificia. De ambos estes modos pôde hum Regular fahir da sua Religião, e em ambos pôde tratar das almas: mas de qual

destes dous modos fahio Antonio? He certo, que não fahio subindo, porque não fahio para Bispo Antonio: logo fahio descendo: sim; porque deyxado o habito Canonico de Agostinho, tomou o habito menor de Francisco: porém que muyto que Antonio assim fahisse descendo, se elle era luz, que sahia ensinando.

247 Depois de Christo subir ao Ceo, desceo o Espirito Santo á terra: mas he de notar, que desceo no elemento do fogo: *Apparuerunt dispersite lingue tamquam ignis.* Que Deos para tratar dos homens lhe mande a pessoa de seu amor, bem está; porque este não soffre ausencias dilatadas; porém descer no elemento do fogo, he no que reparo agora: já que havia de descer, não era mais conveniente o elemento da agoa, sobre o qual tinha descido no principio do mundo:

Genes.
1. 2.

do: *Spiritus Domini ferebatur super aquas?* A agoa naturalmente desce; o fogo naturalmente sobe: logo para descer, porque buica hum elemento, que tem por natureza subir? Cresce mais a difficuldade, para explicar melhor o pensamento. Depois de Christo remir o mundo, subio outra vez para o Ceo: *Assumptus est in celum;* porém o Espirito Santo depois de descer, diz S. Athanasio, que não tornára a subir: *Spiritus Sanctus autem non est assumptus.* E que differença he esta? O Verbo Divino sahe do Ceo para subir, depois de descer; e o Espirito Santo sahe para descer, sem tornar a subir? Se as pessoas são iguaes, como sahe huma para subir, outra para descer? Direy; porque o Espirito Santo fahio como luz: *Tamquã ignis,* e fahio para eninar: *Docet vos omnia;* E quando Deos sahe como luz

a tratar dos homens, e a ensinar as almas, diga-se, que desce; mas não se diga, que sobe: não se diga, que sobe, que isso fora tratar dos homens como Pastor: assim o fez Christo; tratou como Pastor dos homens: *Ego sum Pastor bonus,* e assim não foy muyto que subisse. *Assumptus est.* Diga-se só, que desce, que isso he fer luz, isso he fer fogo: assim o fez o Espirito Santo; tratou dos homens descendo, porque desceo alumiando: *Tamquam ignis.* O Antonio! O Espirito Religioso! Sahe o Espirito Santo, deyxou, ao nosso modo de fallar, o Ceo, e logo desce sobre os Apóstolos como fogo: sahe Antonio, deyxou a Religião Canonica, e logo se comunica aos Menores, como luz; aquillo obrou o Espirito Santo, porque havia tratar de outrem, ensinando os Apóstolos como fogo: *Tamquam ignis;* isto obra

Joann.
10. 11.

Act. 2.

3.

bra Antonio, porque trata de outrem, enfiando os homens como luz: *Vos estis lux.*

248 De dous modos, se bem considerarmos, pôde huma pessoa tratar de outrem: ou pôde tratar do remedio alheyo com conveniencia propria, ou com propria desconveniencia; eu me declaro: ou pôde fazer bem a outrem, e juntamente bem a si; ou fazendo mal a si, pôde fazer bem a outrem. Em dous exemplos de S. Pedro temos retratados estes dous modos de obrar: tratou Pedro de fazer bem a outrem, e de fazer bem a si na petição, que propoz a Christo: *Quid ergo erit nobis?* Sem tratar de si, tratou de outrem no conselho, que deu ao mesmo Senhor de fazer no Thabor os Tabernáculos, onde elle se deytava de fóra: *Faciāmus hic tria tabernacula: tibi unum, Moysi unum, & Eliæ alterum.*

Matth.
19.27.

Luc. 9.
33.

Isto supposto, pergunto agora: e qual destes dous modos escolheo Antonio, quando buscou a Religião Serafica? Direy: escolheo o de tratar de outrem, sem tratar de si, mas ainda não disse tudo: foy tal a caridade deste grande Santo, que por fazer a outrem bem, escolheo fazer a si mal: tratou a outrem bem, porque lhe communicou a Fé; tratou-se a si mal, porque vestio o burel: tratou a outrem bem, porque o tirou das cadeas do peccado; tratou-se a si mal, porque se cingio com o cordão da penitencia: tratou a outrem bem, porque de servos os fez senhores; tratou-se a si mal, porque de mayor se fez menor: e não he isto, se bem considerarmos os extremos, hum prodigio de finezas, hum excesso de Santidade? Quem o duvida?

249 Duas Divinas Pessoas vieraõ ao mundo,

e

e ambas a tratar dos homens: huma foy o Verbo Divino, outra foy o Espirito Santo: mas qual destas duas Pessoas obrou mayor fineza? Não ha duvida, que a fineza mayor foy a do Divino Verbo. Porém em que esteve o excesso desta fineza? Se desceo o Verbo Divino, tambem desceo o Espirito Santo; e este, como acabey de dizer, desceo para ensinar, e para não tornar a subir: logo porque razão se ha de dizer, que a fineza do Divino Verbo foy mayor? A razão está clara: o Espirito Santo veyo tratar de outrem, sem se molestar a si; veyo tratar do remedio alheyo, sem inconveniencias proprias; porém o Verbo Divino molestou-se a si, vindo tratar de outrem; foy tal o excesso do seu amor, que abraçou o discommodo proprio por tratar do remedio alheyo; para nos dar a vida, tomou a morte; para nos

dar o pão, tomou os espinhos; para nos dar a agoa, padeceo a fede: e este modo de obrar, quem duvida, que he exceder?

250 Porém este excesso, que levou na fineza ao Espirito Santo o Divino Verbo, he o que leva tambem na fineza aos outros Santos, Antonio: o Verbo Divino de tal modo amou, que para nós termos os bens, tomou sobre si os males; Antonio de tal modo obrou, que para os homens terem o descanso, tomou sobre si os trabalhos: o Verbo Divino para tratar de nós, tomou sobre si o habito de homem, a que estão vinculadas todas as molestias; Antonio para tratar dos outros, tomou sobre si o habito de Francisco, a que estão vinculados todos os rigores. Que Adam deyxer o Paraíso, e no mundo abraçe os espinhos, isto he tratar do remedio proprio;

prio; que Antonio deyx-
xe a Santa Cruz, e na
Religião de Francisco
abrace o burel, isto he
tratar do remedio alheyo:
mas tanto fez Antonio
por amor de outrem,
quanto fez Adam por a-
mor de si. Fazer hum ho-
mem penitencia por a-
mor de si, isto he obri-
gação; fazer hum Santo
penitencia por amor de
outrem, isto he fineza.
Quem sendo já Santo se
recolhe á Religião, pro-
cura o augmento da sua
virtude no seu recolhi-
mento; quem depois de
Santo sahe para outra
Religião a fazer peniten-
cia, busca só o nosso re-
medio na sua mudança,
e tudo fez Antonio; bus-
cou a minha Religião,
para augmentar a virtu-
de propria; saho para
a de Francisco, para tra-
tar do remedio alheyo.

251. Lá diz a Escritu-
ra, que o Sol se hade ve-
stir de cilicio no dia do
juizo: *Sol factus est ni-*
ger tamquam saccus ci-

Apoc. 6.
12.

licinus. Agora vede, e
comparay o que hade fa-
zer o Sol, e o que fez
Antonio: o Sol ha-se de
vestir de cilicio, quando
o mundo se houver de
perder; Antonio vestio-
se de cilicio, para que
se não perdesse o mun-
do: o Sol ha-se de vestir
de cilicio, quando o mū-
do se vestir de cinzas;
Antonio vestio-se de ci-
licio, para que o mundo
ultrajasse as gallas: o Sol
ha-se de vestir de cilicio,
quando o mundo se des-
enganar comfigo; An-
tonio vestio-se de bu-
rel, para que o mundo se
desenganasse a si: o Sol
ha-se de vestir de cilicio,
quando o mundo pade-
cer o castigo; Antonio
vestio-se de burel, para
que se não castigasse o
mundo: o Sol finalmen-
te hade vestir o cilicio
sobre as luzes; Antonio
vestio o burel sobre a in-
nocencia. Que muyto lo-
go que vejamos aquelle
Sol excedido desta luz?
E que muyto que por
tra-

tratar bem a outrem se
trate mal a si aquelle
Santo, que como luz
soube sahir da Religião
descendo, como quem
havia de alumiar ensi-
nando: *Vos estis lux*
mundi.

§. VII.

252. **D**igo em segun-
do lugar que
buscou Antonio a Reli-
gião Serafica para tratar
de outrem por meyo da
sua doutrina. Feyto já
Frade menor Antonio,
entrou a ter o exercicio
de ensinar, já lendo
Theologia a seus Reli-
giosos como Mestre, já
explicando os Euange-
lhos ao povo como Pré-
gador. O' que grande sa-
crificio de Antonio pelo
amor das almas! O en-
sinar he sacrificio de grã-
de merecimento, he of-
ficio de grande trabalho.
Logo veremos como he
trabalhoso o officio; ve-
jamos primeyro como he
o sacrificio meritorio.

253. Entra David no
Psalmo 50. a pedir a
Deos o perdaõ de suas
culpas, e diz, que seja
o perdaõ conforme á sua
grande misericordia: *Mi-*
serere mei Deus secundum Psal. 50. I.
magnā misericordiam tu-
am. Pergunto: e que fi-
neza, que serviços, que
merecimentos allega o
Profeta para que Deos
lhe conceda o perdaõ,
para que uze da sua mi-
sericordia, e se esqueça
das suas culpas? Que? O
mesmo David o vay di-
zendo: *Docebo iniquos* Ibi. 14.
vias tuas, & impij ad te
convertētur. Senhor (diz
elle) perdoay-me as mi-
nhas culpas, que eu pro-
metto ensinar os pecca-
dores, para que se con-
vertaõ a vós. Ha tal fi-
neza! Ha tal serviço!
Ha tal merecimento! Se
David differa: Senhor
perdoay-me; porque eu
continuamente estou ba-
nhado em pranto; por-
que eu sempre ando ve-
stido de cilicio; porque
eu sempre estou em con-
tinua

tinua oração; porque eu nunca largo da mão as disciplinas; estava bem: mas dizer: Senhor, perdoay-me a mim, porque eu heyde ensinar os outros; perdoay-me a mim os meus peccados, porque eu heyde ensinar aos outros os vossos caminhos: *Docebo iniquos vias tuas?* Sim; porque David como homem de grande entendimento, achou que não havia sacrificio de mayor valor, nem de igual fineza. Tomou David a balança da estimação, e nella poz de huma parte os cilicios, os jejurs, as lagrimas, as disciplinas, e tudo o mais que costuma fazer a hum homem penitente; da outra parte poz as doutrinas, e as pregaçãoens, que constituem hū homem Mestre; e como achou, que Deos estimava mais ser hum homem Mestre, do que ser hum homem penitente, porisso não diz a Deos: Se-

nhor perdoay-me, porque eu como penitente me mortifiquey a mim; mas diz sómente: Senhor perdoay-me, porque eu como Mestre heyde ensinar os outros: *Docebo iniquos vias tuas.*

254 O Mestre he penitente da alma, o penitente he Mestre do corpo: he o penitente Mestre do corpo, porque ensina a natureza; he o Mestre penitente da alma, porque mortifica o espirito: logo mayor sacrificio he o que faz o Mestre, do que o que faz o penitente: o sacrificio do penitente he no corpo; o sacrificio do Mestre he no entendimento, e mais he sacrificar o entendimento, do que sacrificar o corpo. Abrahão sacrificou seu filho Isac: o Padre Eterno sacrificou seu Filho Christo Jesus: bem sey eu, que este segundo sacrificio foy infinitamente

ma-

mayor na razão do sacrificio; mas comparando os dous Pays, pergunto: e qual delles fez mais no sacrificio de seus filhos? Não ha duvida que o Padre Eterno. Mas se este era Pay de Christo, tambem Abrahão o era de Isac: logo porque fez mais o Padre Eterno do que Abrahão? Porque Abrahão sacrificou em Isac o seu sangue, o Padre Eterno sacrificou em Christo o seu entendimento; e como seja mayor sacrificio o do entendimento, que o do corpo, porisso fez mayor sacrificio aquelle Pay, que em seu Filho sacrificou o seu entendimento, do que aquelloutro, que em seu filho sacrificou o seu sangue.

255 E como he igual esta ventagem, que leva o Eterno Pay a Abrahão no sacrificio, á que levão os Mestres aos penitentes, sendo

Tom. II.

elles os sacrificados! Abrahão sacrificou em seu filho o seu sangue; os penitentes sacrificão na sua penitencia o seu corpo: o Eterno Padre sacrificou em seu Filho o seu entendimento; os Mestres sacrificão na sua doutrina o seu juizo: logo se os penitentes imitaõ a Abrahão, se os Mestres imitaõ ao Eterno Padre, quem duvida, que mayor he o sacrificio dos Mestres, e que fez mais Antonio, sendo Mestre com a sua doutrina, do que fizeraõ os penitentes todos da Igreja com as suas mortificaçãoens.

256 Mas se o sacrificio de hum Mestre he meritorio, não ha duvida que tambem he trabalhoso o officio; e esta era a segunda parte do pensamento. Quando Judas se resolveo a entregar a seu Divino Mestre no Horto, lhe disse estas breves palavras: *Ave Rabi:* Deos

O

Matth. VOS 26.49.



vos guarde Mestre : notavel titulo em tal occasião ? E bem ! Que razaõ tem Judas para chamar nesta occasião Mestre a Christo ? Se lhe chamára Senhor , bem estava ; porque a não lhe querer dar nesta occasião titulos de injuria , mas sim de honra , o nome de Senhor he o mais honrado titulo : logo porque lhe não dá o titulo de Senhor , e lhe dá o titulo de Mestre ? Houve o Centuriaõ de dar a Christo hum titulo de honra , e deu-lhe o de Senhor : *Domine , non sum dignus , ut intres sub tectum meum* : houve de lhe dar outro titulo o cego de Jericó , e deu-lhe o de Filho de David : *Jesu Fili David , miserere mei*.

Matth. 8. 8.

Luc. 18. 38.

Joann. 19. 19.

Jesus Nazarenus Rex Judeorum : logo se Judas não quiz imitar o

Centuriaõ chamando-lhe Senhor , porque não imitou o cego de Jericó , ou a Pilatos , chamando-lhe Filho de David , ou Rey dos Judeos ? Mas determinadamente no Horto lhe hade dar o titulo de Mestre : *Ave Rabi* ? Sim , e fazeis porque ? Porque no Horto entrava Christo a padecer os trabalhos da Payxaõ , e para cahirem bem estes trabalhos , haviaõ cahir sobre o titulo de Mestre ; porisso Christo havia ter o titulo de ensinar , onde os homens o começavaõ a perseguir ; aquelle titulo , que tinha , foy profecia dos trabalhos , que havia ter. O que grande trabalho he o de ensinar ; mas com quanta pontualidade fez S. Antonio este officio ? Ensinava como Mestre os Religiosos ; ensinava como Prégador os peccadores : os outros Santos sacrificáraõ a Deos o seu corpo na penitencia ;

cia ; Antonio depois de sacrificar na penitencia a Deos o seu corpo , sacrificou a Deos o seu entendimento no pulpito , e na cadeyra.

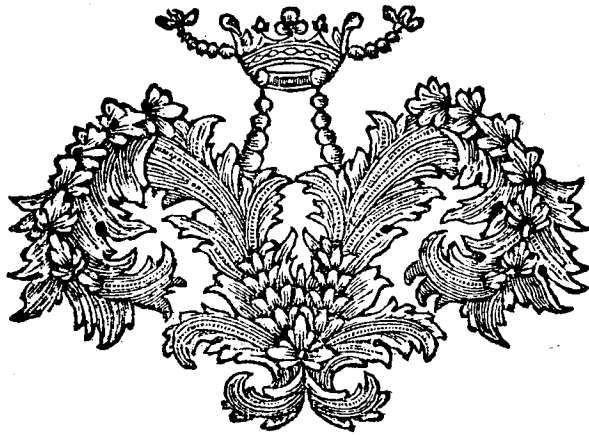
257 Agora entendo eu huma cousa , em que vejo ninguẽ repara. Ninguem repara em pintarem a S. Antonio com huma Cruz na mão ; e a causa ainda agora a entendo , e senaõ digaõ-me : S. Antonio morreo crucificado ? Não : padeceo outro algum martyrio , em que desse a vida pela Fé ? Tambem não , ainda que bem o desejava. Pois se elle não padeceo martyrio , se elle não morreo crucificado , porque razaõ o pintaõ com huma Cruz ? Direy : porque S. Antonio ainda que não tivesse o martyrio do corpo , porque não morreo martyr , sempre teve o martyrio do entendimento , porq̃ foy Mestre : e como não haja cadeyra , que não se-
Tom. II.

ja Cruz , como não haja pulpito , que não seja martyrio , porisso Antonio tem na Cruz a insignia do martyrio , porque foy martyr na cadeyra ; e no pulpito. Porém que muyto , que Antonio não reparasse em abraçar todos estes martyrios , e todos estes tormentos , se elle buscou a Religiaõ Serafica para remediar os outros , esquecendo-se de si ; porisso não reparou em padecer , cuidando sómente em ensinar , para assim cumprir fielmente as obrigações de luz : *Vos estis lux*.

258 Este fostes , ó Glorioso Antonio , fostes Santo para vós , e Santo para os outros ; Santo para vós , como sal da terra ; Santo para os outros , como luz do mundo. Toda a perfeição Catholica cõsiste em amar a Deos , e em amar o proximo ; e ninguem foy mais perfeyto , que
O 2 vós,

vós, porque com tanta pontualidade foubestes amar o proximo, e amar a Deos: amastes a Deos quando por tratar de vós vos recolhestes a sua casa; amastes ao proximo, quando para tratar de outrem passastes para a Religião de

Francisco. E se este foubestes na terra, este deveis ser no Ceo; porque lá espero que trateis dos proximos, alcançando-nos a todos graça, assim como estaes amando a Deos por toda huma eternidade de gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*



SER-



SERMÃO
 NA
 PROFISSÃO
 DA MADRE SOROR
 MARIA DO ESPIRITO
 SANTO,
 No Mosteyro das Religiofas de S.
 Bento do Porto.

Si quis diligit me, sermonem meum servabit. Joann. 14.

§. I.

259



Um defengano bem fundado, huma resolução bem en-

Tom. II.

tendida, he toda a materia, he todo o assumpto deste grande, e alegre dia. Chamo grande, e alegre ao dia de hoje; porque não conta a Arithmetica dos annos dia

O 3 de

Luc.
1. 66.

de mayor grandeza, nê vem os olhos dos homens dia de mayor alegria, do que este, que nós vemos, do que este, que nós contamos. Dia, em que huma alma resoluta sobre entendida se desposou com Deos, ó que alegre dia! O dia mais alegre, que vê o mundo no circulo do anno, he o dia do Bautista: se perguntares, porque se festeja mais este dia, que os outros? Achareis a resposta da duvida nas clausulas do seu Evangelho. Apenas nasceo o Bautista (diz o Evangelho) quando logo se desposou com Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo.* O dia do nascimento foy o dia do desposorio; quantas horas contou de nascido, tantas contou de desposado; pois dia, em que huma alma tanto que deyxou a clausura do ventre, logo deu a mão de esposa, dia, em que João se desposou com Deos, ó que

alegre dia! Os dias naturaes fállos tristes, ou alegres a morte, ou o nascimento do Sol; quando o Sol nasce, converte-se a noyte em dia; quando o Sol morre, converte-se o dia em noyte. Desorte, que pelo curso do Sol se corta o trage dos dias; quando o Sol nascendo apparece no Oriente, o dia se veste de gala, e fica alegre: quando o Sol morrendo se esconde no Occaso, o dia se veste de luto, e fica triste. O mesmo succede nos dias Moraes. Os dias Moraes fállos tristes, ou alegres a morte, ou o nascimento de Deos: he Deos o nosso Sol, e por elle se formaõ os nossos dias: assim como o Sol no curso do dia para huns nasce, e para outros morre; assim Deos no curso da vida para huns morre, e para outros nasce: assim como o Sol nascendo faz os dias alegres, e morrendo faz os dias tristes; assim Deos mor-

morrendo faz os dias tristes, e nascendo faz os dias alegres.

260 E quando morre, e quando nasce Deos? Perguntaráõ agora. Facil he a resposta. Morre Deos para nós, quando nós nos não desposamos com elle; nasce para nós, quando elle se desposa cõ nosco. Quando Deos morre para nós, he o dia, em que o matrimonio se annulla; ó que dia tão triste! Quando Deos nasce para nós, he o dia, em que o matrimonio se contrahẽ; ó que dia tão alegre! O tempo da morte de Christo nos Cantares conta-se por dia alegre: *In die lætitiæ ejus*; no Evangelho conta-se por dia triste: *Tenebræ factæ sunt.* Que contradicção he esta? O mesmo dia he alegre, e he triste? Sim; porque na Cruz houverão dous desposorios, hũ, que se contrahio, outro, que se annullou; o desposorio, que se annullou, foy o

Cant. 3.
11.

Matth.
27.45.

desposorio, que Deos tinha feyto com a Synagoga; o desposorio, que se contrahio, foy o desposorio, que Deos fez com a Igreja: pois pelos trajes do dia se explicáraõ os matrimonios de Deos; por conta do matrimonio annullado se vestio o dia de trévas, e ficou triste: *Tenebræ factæ sunt*; por conta do matrimonio contrahido se vestio o dia de luzes, e ficou alegre: *In die lætitiæ ejus.* A morte de Christo na Cruz, em quanto á satisfação, e merecimento, foy por todos: *Pro omnibus mortuus est Christus.* Porém em quanto ao effeyto na Cruz morreo Deos para huns, e nasceo para outros. Na Cruz morreo Deos para a Synagoga, e em final desta morte se rasgou o véo do Templo: *Velum templi scissum est.* Nasceo para a Igreja, e em final deste nascimento se abriu o peyto de Christo: *Latus ejus aperuit.* De

2. Cor.
5. 15.

Matth.
27.51.

De Joann.

modo (concluímos o pensamento) de modo que se houve Deos como o Sol ; morreo para huns, nasceo para outros; morreo Deos para a Synagoga , porque a Synagoga se não desposou com Deos, e nasceo Deos para a Igreja , porque a Igreja com Deos se desposou ; e porq̃ não houve aquelle desposorio, porisso foy aquelle dia triste : *Tenebræ factæ sunt*; e porque houve este desposorio, porisso foy aquelle dia alegre : *In die lætitiæ ejus*. Logo bem dizia eu, que era dia este de grande alegria, pois he dia de tal desposorio; he como o dia do Bap-
Luc. 1. 14. 66. *Multi in nativitate ejus gaudebunt... etenim manus Domini erat cum illo.*

261 Mas se he alegre, tambem he grande o dia de hoje. A grandeza he a segunda excellencia deste dia. Ao dia do juizo chamaõ as Escrituras dia grande : *Magnus enim*

Joel 2. 11.

dies. Pois se he grande aquelle dia, por ser dia do juizo, tambem he grande este dia, porq̃ he dia de entendimẽto: se he grande aquelle dia, porque se acaba o mundo nelle; tambem he grande este dia, porque nelle se acaba o mundo: se he grande aquelle dia, porque nelle haõde refuscitar os homens á vida; tambem he grande este dia, porque nelle refuscita huma alma á graça. He aquelle dia grande? Pois eu digo, que este dia he dia mayor: he aquelle dia grande, porque nelle se hade abraçar o mundo em chamas de fogo? Pois he mayor este dia, porque nelle se abraza huma alma em incendios de amor. He grande aquelle dia, porque nelle haõde vir as estrellas do Ceo para a terra? Pois he mayor este dia, porque nelle vay huma estrella da terra para o Ceo. He grande aquelle dia, porque nelle, deyxadas as

lu-

luzes, se hade vestir o Sol de luto? Pois he mayor este dia, porque nelle, deyxadas as galas, se veste hoje outro Sol de negro. He grande aquelle dia, porque nelle se hade meter o mundo todo no aperto de hum valle entre quatro montes? Pois he mayor este dia, porque nelle se recolhe huma alma no estreyto de huma clausura entre quatro paredes. Finalmente, he grande aquelle dia, porque nelle se hade dizer aquelle amoroso: *Venite*; aos justos, e aquelle terrivel: *Discedite*; aos peccadores? Pois he mayor este dia, porque nelle se diz aquelle discreto: *Discedite*; ao mundo, que se despede, e aquelle amoroso: *Venite*; á Religiaõ, q̃ se busca. O' que grande he o dia daquelle juizo! Mas ó quanto mayor he o dia desta Profissãõ! Esta he a grandeza, esta he a alegria deste grande, e alegre dia;

Matth. 25. 34. Ibi. 41.

grande para a terra, alegre para o Ceo; alegre para o Ceo pela resoluçãõ, com que esta alma se desposa com Deos; grande para a terra pelo defengano, com que esta alma deyxã o mundo. Ora vejamos este defengano, e vejamos aquella resoluçãõ, nas palavras do nosso thema.

262 *Si quis diligit me*. Se alguem me ama, hade guardar a minha ley (diz Christo) *Sermonem meum servabit*. Aquelle adverbio condicional *Si*, bem considerado, deyxã o nosso amor em duvida. Não suppõe Christo, que amamos; suppõe, que podemos amar, ou não amar: *Si quis diligit me*. Pois duvida Christo do nosso amor? Duvida Deos do amor dos homens, e os homẽs não duvidaõ do amor de Deos? Parece, que havia fer ao contrario: podiaõ os homens duvidar do amor de Deos; porque Deos não nos ama

por

Matth.
22. 37

por preceyto; e condenaõ ha obrigação, póde haver duvida: não devia Deos duvidar do amor dos homens; porque os homens amaõ a Deos por ley: *Diliges Dominum*; e não ha duvida onde ha obrigação: como logo, não estando Deos obrigado a amar os homens, os homens não duvidaõ do amor de Deos, e estando os homens obrigados a amar a Deos, duvida Deos do amor dos homens: *Si quis diligit me?* Cresce a dificuldade. A materia da duvida, que he amar aos contrarios, fála Christo obrigação, e manda, que amemos aos inimigos: *Diligite inimicos vestros*; a materia da obrigação, que he amar a Deos, Christo a deyxá em duvida, e não manda aqui, que o amemos a elle: *Si quis diligit*. Porque razão? Pergunto eu agora. A razão he; porque quiz Christo deyxar o nosso a-

Matth.
5. 44.

mor á nossa eleyção. Todo o merecimento está na eleyção, quem, falando ao humano, offende por força, na realidade não offende; quem ama por violencia, na realidade não ama; quẽ he inimigo violentado, na realidade não he inimigo; quem he amante constringido, na realidade não he amante. De forte, que o amar, e não amar, ser amante, ou não ser amante, consiste em amar, ou não, por eleyção: isto não tem duvida, e tem exemplo. Todo o merecimẽto desta alma, que hoje professa, consiste na eleyção de feu amor, e na liberdade de sua eleyção; amou porque quiz amar. Nesta liberdade de amante, neste amor livre confidero eu tres eleyçoens; a eleyção, com que deyxou o mundo; a eleyção, com que buscou a Religião, e a eleyção, com que escolheo o nome. Esta he a materia de

to-

todo o Sermaõ; comecemos pela primeyra.

§. II.

263 **A** Primeyra eleyção foy deyxar o mundo. Grande eleyção, mas difficultosa! O mundo explica-se pelo tempo; taõ vario he hum como o outro. O tempo divide-se em tres tempos; o mundo divide-se em tres mundos: divide-se o tempo em tres tempos; porque ha tempo passado, ha tempo presente, e ha tempo futuro: assim tambem o mundo se divide em tres mundos; porque ha mundo, que foy, ha mundo, que he, e ha mundo, que hade ser; ha mundo passado, ha mundo presente, e ha mundo futuro: todos estes tres mundos poz hoje aos pés de Christo esta alma Religiosa: poz o mundo passado, esquecendo-se do que teve; poz o mundo presente,

renunciando o que tem; e poz o mundo futuro, desprezando o que podia ter. O' que grande valentia de desengano! Discursẽmo-la em particular, mas com esta advertencia, que quem deyxá o mundo passado sacrificá lembranças, quem deyxá o mundo presente offerece desenganos, quẽ deyxá o mundo futuro martyriza esperanças. Comecemos logo pelo mundo passado.

264 O mundo passa, como passa o tempo; assim o disse S. Paulo: *Præterit enim figura hujus mundi*. E se está canonizado entre os homens por melhor o tempo, que passou; igualmente está venerado entre os desejos o mudo, que foy. Não ha coração humano, que por mais satisfeyto, que esteja do presente, não deseje o passado; e a razão desta destemperança he; porque o mundo, que passou, he mundo, que fugio, e o que fu-

I. Cor.
7. 31.

Eccl.
II. I.

fugio, he o que mais se desejou. Não ha passos fugitivos, que não levem desejos arrastados. Lá fallava Salamaõ ao homem em fraze de lavoura, e dizia assim: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas.* Lançay o vosso pão sobre as agoas, que passãõ. Que Salamaõ nos mande semear nas agoas, grande duvida tem: como pôde ser firme o fructo daquelle lavoura na inconstancia daquelle elemento? Poderém eu por hora não reparo em que mande semear sobre as agoas; o em que reparo he, que mande semear sobre as agoas, que passãõ: *Super transeuntes aquas.* E bem! Neste mundo ha agoas, que vaõ, e ha agoas, que vem; ha agoas, que vem do mar para as fontes, e ha agoas, que vaõ das fontes para o mar; pois já que havemos de semear, já que havemos de fazer a nossa lavoura nas agoas,

porque a não fazemos nas agoas, que vem, e porque semeamos nas agoas, que vaõ: *Super transeuntes aquas?* Direy: As agoas, que vem, são agoas, que nos buscaõ; as agoas, que vaõ, são agoas, que nos fogem; e esta he a condiçãõ humana, semea, assiste, ferve, e deseja o que lhe foge: assim? Pois porisso Salamaõ havendo de nos mandar semear nas agoas, não nos mandou semear nas agoas, que vem, porque o que nos busca, he o que ordinariamente despresamos; manda-nos semear nas agoas, que passãõ; porque o que nos foge, he o que mais appetecemos: *Super transeuntes aquas.* Não ha coraçãõ humano, que não faça a seara de seus appetites sobre o bem, que lhe fugio; não ha vontade humana, que não faça a lavoura de seus desejos sobre o gozto, que passou; porisso Salamaõ, como entendido, man-

mandou semear sobre as agoas, que se vaõ; porque nós, como nescios, appetecemos o mundo, que foy: *Super transeuntes aquas.*

265 Hetaõ verdadeyra esta doutrina, por mais que a Filosofia se lhe opponha, q̄ succede muytas vezes desejar-se o bẽ, que passou, por grande que seja o que se tem: por mais que se empregue o pensamento, nunca se diverte a memoria; por mais que se empregue o pensamento no que se possui, nunca se diverte a memoria do que possuio: podeis sacrificar bem a posse do que tendes; mas nunca sacrificareis bem a lembrança do q̄ tivestes. Sacrificou Pedro barcos, e redes, sacrificou o que tinha: *Relictis retibus*; mas não sacrificou as memorias do que teve: *Ecce nos reliquimus omnia.* Sacrificou os bens, porque os deyxou: *Relictis retibus*; mas não sacrificou as me-

Matth.
4. 20.Matth.
19. 27.

morias, porque se não esqueceo: *Ecce reliquimus.* Não sey que tem o mundo passado, que nunca he bem esquecido, como se vio em Pedro, e muytas vezes he muito desejado, como se verá nos Israelitas. Estavaõ elles no deserto, e ali os Ceos lhes davaõ maná, as pedras lhes tributavaõ agoas, os ares lhes offerciaõ aves; com tudo, no meyo destas grandes felicidades, e destas continuas assistencias, desejavaõ os manjares, e as iguarias do Egypto: *Quis dabit nobis ad vescendum carnes? Recordamur piscium quos comedebamus in Aegypto.* Ha tal desejo em tal occasiãõ! Se tinhaõ os manjares mais suaves, que até aquelle tempo gostáraõ os homens; se estavaõ nas delicias do deserto, porq̄ razaõ desejaõ as grossarias do Egypto? Porque era bem passado, e ninguem ha taõ feliz no que tem, que não deseje

Numer.
II. 4. 5.

je o que teve; não ha coração, que não suspire pelo que passou; não ha vontade, que não deseje o que foy; não ha memoria, que se não lembre do que teve: *Recordamur piscium quos comedebamus in Aegypto.* Bem dito: *Recordamur.* Deyxáráo o Egypto na posse, mas não deyxáráo o Egypto na lembrança; deyxáráo o Egypto, quando o tinhaõ, mas não se esqueceráõ do Egypto, depois que o deyxáráõ; pode Deos fazer com elles, que deyxassem o Egypto por amor do deserto, mas não pode acabar, q̄ no deserto se não lembrassem do Egypto: *Recordamur.* O' coração amante do que passou! O' memoria lembrada do que possuho!

266 Aquella jornada, que os filhos de Israel fizeram do Egypto para o deserto, he figura da jornada, que fazem as almas do mundo para a

Religião; pois não hade succeder ás almas o que succedeo aos Israelitas; se os Israelitas no deserto se lembravaõ do Egypto, as almas Religiosas na Religião não se haõde lembrar do mundo; se os Israelitas no deserto se lembravaõ do Egypto, que foy, as almas Religiosas não se haõde lembrar do mundo, que passou; se os Israelitas no deserto ainda se lembravaõ das iguarias, que já tiveraõ; as almas Religiosas na Religião já se não haõde lembrar dos regalos, q̄ algum tẽpo possuhiro. Os Israelitas fizeram sacrificio do Egypto, pois o deyxáráõ; mas não fizeram sacrificio das lembranças, pois se não esqueceráõ: *Recordamur.* As almas Religiosas não sómente haõde sacrificar o mundo, mas haõde tambem de sacrificar as lembranças do mundo: assim o disse David em nome de Christo em proprios termos: *Oblivif-*

Pfalm.

14. cere. 44. 11.

cere populum tuum, & domũ patris tui. O mundo, que he, deyxase por desengano, o mundo, que foy, deyxase por esquecimento; e deyxar o mundo, que foy, he a mayor valentia, que se faz; taõ grande, que della faz grande estimação o Apostolo S. Paulo: Galat. 6. *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* O mundo (diz o Doutor das Gentes) virou-me as costas, e crucificou-se em mim: *Mibi mundus crucifixus est.* Mas eu logo virey as costas ao mundo, e me crucifiquy nelle: *Et ego mundo.* E que acção he esta, para que della se glorie S. Paulo? Se o mundo foy o que primeyro virou as costas a Paulo, que valentia fez Paulo em virar depois as costas ao mundo? Que S. Paulo virasse as costas ao mundo, quando o mundo virava a rosto para S. Paulo, bem estava, porque essa era a valentia, fugir de quem me ama,

como fez José; mas virar S. Paulo as costas ao mundo, quando o mundo tem já virado as costas a S. Paulo, he valentia, para que S. Paulo se jacté della: *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo?* Sim; porque mundo, que virou as costas, he mundo, que fugio, he mundo, que já foy, he mundo, que já passou; e ser Paulo taõ Santo, e taõ resolute, que deyxase o mundo, que fugio, o mundo, que foy, e o mundo, que passou, he taõ grande acção, considerada bem a condição dos homens, que a conta S. Paulo por huma das suas façanhas. Como se differa o Apostolo: saybaõ os homens, que fiz tanto, que deyxey o mundo, que fugio; saybaõ as gentes, que fiz tanto, que me esqueci do mundo, que já foy; saybaõ todos, que fiz tanto, que desprezey o mundo, que já passou; não sou como os outros homens; os

outros homens ainda se lembraõ do mundo, que foy; eu já me esqueço totalmente do mundo, que passou: *Mibi mundus crucifixus est, & egomundo.* O' que grande acção de Paulo! Mas ó que grande imitação desta alma! Que semeem os corações humanos sobre as agoas, que passaráõ; e que já senão lembra esta alma do mundo, que passou! Que resolvendo-se os Israelitas a deyxar do Egypto as terras, se não resolveão a deyxar do Egypto as lembranças; e que esta alma depois de deyxar do mundo os bens, dê tão grande golpe nas lembranças do mundo! Que dê finalmente com tanta resolução as costas ao mundo, que passou! He tão grande acção, q̄ só he digna de tão grande amor: *Si quis diligit me.*

S. III.

267 **T**emos visto como esta alma Religiosa deyxou o mundo passado; vejamos agora como deyxou o mundo presente. O mundo presente tem a esfera mais limitada; que o mundo passado, e que o mundo futuro; o mundo futuro he tão dilatado, que se estende deste instante até o valle de Josaphat; o mundo passado he tão comprido, que começou do campo Damasceno até este instante; porém o mundo presente tem mais encolhidas as azas, tem menos estendidos os braços. He hum instante o mundo presente, e também hoje se deyxá este instante; e este instante deyxado sempre foy sacrificio bẽ recebido: muytas vezes succede (como agora) que em hum instante de tempo se deyxáõ muytos annos de riquezas. Quem

Quem deyxá o mundo passado, não deyxá bens, porque os bens passados nem se possuem, nem se haõde possuir, e assim sacrifica sómente lembranças, como já dissemos; quẽ deyxá o mundo futuro, também não deyxá bens, porque os bens futuros haõ-se de possuir, mas ainda se não possuem, e assim sacrifica sómente esperanças, como diremos; quem deyxá os bens da vida, he quem deyxá o mundo presente. Não podeis sacrificar os bens passados, podeis sacrificar a memoria do que passou; não podeis sacrificar os bens esperados, podeis sacrificar o desejo do bem, que esperaes; sómente sacrifica bens, quẽ sacrifica posses. Este genero de sacrificio parece pequeno, mas he difficuloso: depois veremos como he difficuloso, vejamos primeyro como he pequenõ.

268 Neste sacrificio a Tom. II.

materia sacrificada são os bens possuhidos; os bens possuhidos ou são bens, a que vós chamais de raiz, ou são bens, a que vós chamais moveis; e tanto os bens moveis, como os bens de raiz, todos são bens moveis pelo pouco, que duraõ, e pela grande inconstancia, que tem. Quiz Deos representar a Nabuco a ruina de seu Imperio, e representou-lhe huma estatua destruhida. Quiz o mesmo Senhor representar outra vez a Nabuco a destruição de sua Monarquia, e representou-lha em huma arvore cortada. E bem! Que variedade he esta? Ainda agora se representava a ruina do Imperio nos estragos da estatua, e já se representa outra vez a queda da Monarquia nos pedaços da arvore? Para representar aos olhos daquelles Monarca a ruina daquelles Reynos, ou bastava a estatua, e sobeja-

va a arvore, ou bastava a arvore, e sobejava a estatua; porque razão logo huma só ruina se representa em duas figuras, em estatua, e em arvore? Porque na materia das figuras estavaõ os bens do mundo; na estatua estavaõ os bens moveis, como são ouro, e prata; na arvore estavaõ os bens de raiz, como he a mesma arvore; pois para que Nabuco sayba, e entenda, que todos os bens são nada, que todos os bens são moveis, ainda os que são de raiz, destrua-se-lhe a arvore, arruine-se-lhe a estatua; arruine-se-lhe a estatua, para que veja o pouco, que são, e o pouco, que duraõ os bens moveis; destrua-se-lhe a arvore, para que entenda a pouca entidade, que tem, e a breve duraçãõ, que gozaõ os bens de raiz. Não ha bẽ constante, não ha bem firme, tudo he vario, tudo he mudavel; não ha estatua, que não tenha sua pedra, não ha arvore, que não tenha sua espada; olhe a arvore para a estatua, e verá destruhida a estatua, olhe a estatua para a arvore, e verá destruhida a arvore; a estatua tinha bronze, a arvore tinha raizes; no bronze se promettia á estatua duraçãõ, nas raizes se esperava á arvore permanencias; mas se se arruinaõ os bronzes, que segurças se promettem as raizes? E se se arruinaõ as raizes, que firmiza se promettem os bronzes? Nem as raizes por firmes estorvãõ a queda, nem o bronze por duro impedio a ruina; emfim tudo são bens moveis; aos moveis levados o vento, como os bens da estatua: *Quæ rapta sunt vento*; aos bens de raiz corta-os a espada, como os bens da arvore: *Succidite arborem*. Pois se tudo he pouco, se tudo he nada, pouco, ou nada deyxã, quem deyxã tudo; se tudo he mudavel,

vel, ou seja de raiz, ou seja movel, pequeno sacrificio faz quem deyxã bens.

269 Assim he: deyxar os bens do mundo he sacrificio pequeno, pela materia, que se deyxã; mas sendo sacrificio pequeno, he sacrificio difficultoso. Esta he a segunda parte do pensamento; vejamos a difficultade. Os bens do mundo unem-se tanto com os coraçõens humanos, que o coraçãõ, e os bens são como Jonathas, e David; ora vede. David não estava atado a Jonathas, Jonathas era o que estava atado a David: *Anima Jonathæ conglutinata est anima David*. A riqueza não está atada ao coraçãõ, o coraçãõ he o que está atado á riqueza: disse-o o mesmo Christo: *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum*. O thesouro não está atado ao coraçãõ, o coraçãõ he o que está atado ao

thesouro. Desorte, que o nosso thesouro he o nosso David, e o nosso coraçãõ he o nosso Jonathas; David não se atã a Jonathas, o thesouro não se atã ao coraçãõ; Jonathas he o que se atã a David: *Anima Jonathæ conglutinata est*; o coraçãõ he o que se atã ao thesouro: *Ubi est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum*. Vede agora a difficultade. Por mais que fez Saúl, por mais que disse este Rey, nunca pode apartar a Jonathas de David; porque he difficultoso apartar a hum Jonathas unido. Por mais que faça Christo, por mais que diga este Senhor, não póde apartar o coraçãõ do thesouro; porque he difficil apartar hum coraçãõ atado. Se David se atara a Jonathas, bem se podera apartar Jonathas de David; se o thesouro se atara ao coraçãõ, bem se podera apartar o coraçãõ do thesouro; mas como

1. Reg. 18. 1. *Anima Jonathæ conglutinata est anima David*.

Matth. 6. 21.

Jonathas, e o coração são atados, he muyto difficultoso o ficarem livres. Pode Christo com muyta facilidade fazer, que Judas buscasse a Religião; mas aquelle Senhor, que fez com Judas, que buscasse a Religião, nunca pode acabar com Judas, que deyxasse os bens; tão difficultoso he este defengano, que sendo defengano parece martyrio.

270 Considera S. Ambrosio a ultima entrada, que fez Christo na Corte de Jerusalem, e diz, que o povo offereceo aos Apostolos ramos de palma:

Ambros. *Non habuit maius præmiũ, nisi palmas, quod eis devotio plebis offerret.*

E se collige tambem do

Joann. 12. 13. *ceperunt ramos palmarum.*

Grande difficultade, bem considerados os termos della! A palma he final de victoria, a victoria supõe batalha; pois se os Discipulos ainda não deraõ batalha, ainda não alcançaraõ vi-

ctoria, como já lhe daõ palmas? Que dessem as palmas a Christo, que dahi a poucos dias havia batalhar, e havia vencer ao mundo, bem estava, mas aos Discipulos? Cresce a difficultade; porque Tertulliano diz, que a palma he premio do martyrio: *Præmium enim quoddam est palma martyrij.* Pois se elles ainda não padeceraõ martyrio, como já recebẽ palmas? S. Ambrosio fundou a duvida, e o Evangelista S. Mattheos nos dará a resposta. Diz o Evangelista S. Mattheos, que os Discipulos se despojaraõ dos seus vestidos, e os dedicaraõ aos pés do Senhor: *Adduxerunt asinam, & pullum: & imposuerunt super eos vestimenta sua.* Ah sim? Pois homens tão resolutos, e tão defenganados, que dedicaõ a Deos esses poucos bens, que tem, que se despojaõ a si por servir a Deos, não são só homens Discipulos, mas

Tertul.

Matth. 21. 7.

mas parecem Discipulos com insignias já de Martyres; despirem as roupas, despojarem-se tanto, que chegaraõ a dar a capa, não he só defengano, he em certo modo martyrio, e como he martyrio, bem he, que levem palmas: *Præmium enim quoddam est palma martyrij.* O' alma Religiosa! O' mulher despojada! Imaginava eu, que huma Religiosa, que professa, tinha só a palma de virgem, e agora considero, que tambem em certo modo alcança a palma do martyrio pelo defengano do mundo, e profissão Religiosa. Que os bens moveis da estatua desapareçaõ pela violencia da pedra, que os bens de raiz da arvore se arruinem pelo golpe da espada, ó que grande victoria da Justiça Divina! Mas q̄ sem espada vejamos as arvores cortadas, e sem pedra vejamos as estatuas abatidas, ó que grande triunfo do amor.

Tom. II.

humano! Que não possa Saúl apartar a Jonathas de David, he pouco poder de Saúl! Que não possa Deos apartar o coração do thesouro, he grande dureza do coração! Mas que se aparte tão facilmente o coração do thesouro, he grande excessõ do amor! Que os Discipulos no defengano consigaõ a palma, este he grande credito do defengano! Que esta alma no desprezo consiga, na fórma que tenho dito, o martyrio, he grande honra do desprezo! Que a alma dos Cantares se queyxe despojada, quando se vio ferida, he grande victoria da paciencia! Mas que esta alma se considere ferida em se ver despojada, he grande triunfo do defengano! Mas assim triunfa quem assim ama: *Si quis diligit me.*

§. IV.

271 **O** Terceyro, e ultimo mudo, P 3 do,

do, que deyxá esta alma Religiosa neste grande sacrificio, he o mundo futuro. Quem deyxá o mundo futuro sacrifica as esperanças; grande sacrificio! Todos vivemos de esperanças: S. Paulo o disse na materia do Ceo, os homens o executão na materia da terra: *Gloriamur in spe*. Assim se ha a esperança com o coração, como a sombra com o corpo; ainda não digo bem; assim como se ha o corpo com a sombra, se ha o coração com a esperança, o corpo não anda sem sombra em quanto dura a luz; o coração não anda sem esperança em quanto dura a vida; tão entendida he a esperança como he a morte: a morte com a sua fouce a ninguém perdoa; a esperança com as suas promessas a todos consola. Todas as arvores grandes, e pequenas estão fogeytas ao golpe da fouce; todas as arvores humildes, ou sobera-

Roman.
5. 2.

nas estão vestidas das folhas das esperanças. Estasão tão vinculadas as nossas esperanças á nossa natureza, que mais facilmente nos saltará a vida, do que as esperanças. Mysteriosa foy aquella petição, que fez Dimas a Christo: Senhor (dizia elle) lembrayvos de mim, quando lá vos vires no vosso Reyno: *Domine, memento mei*, Luc. *cùm veneris in regnum tuum*. 23. 42. Notavel petição! Dimas estava já no ultimo da vida; pois porque não pede despacho, porque pede lembranças? Quer o bom ladraõ ficar esperando, quando se vê estar morrendo: *Memento mei*? Sim; porque a hum homem pode-lhe faltar a vida, mas nunca lhe podem faltar as esperanças; pode acabar morrédo, mas hade morrer esperando; pode acabar de viver, mas nunca acaba de esperar: bem miseravel estado era o de Dimas; estava cruci-

ficado, estava despido, estava morrendo; mas ainda assim estava esperando: *Domine, memento mei, cùm veneris in regnum tuum*. Eis aqui quam difficultoso he despirem-se das esperanças os homens; e a razão desta difficultade he; porque a esperança, dando pouco, promete muyto: assim se ha a esperança no prometter, como se houve S. Pedro no deyxar: S. Pedro deyxá pouco, e diz, que deyxá muyto, a esperança promete muyto, e concede pouco: não ha esperança, que não seja hum S. Pedro, o seu tudo vem a ser nada, o seu muyto vem a ser pouco. Quem desembaraçar aquelle: *Reliquimus omnia*; de S. Pedro, hade achar hum barco, hade achar hūas redes: quem desembaraçar aquelle: *Omnia tibi dabo*; das esperanças, não sey ainda se achará redes, não sey ainda se achará barco. A espe-

Matth.
19. 27

Matth.
4. 9.

rança no prometter, he o filho Prodigio, e no dar, he o rico Avarento; he o filho Prodigio no prometter; porque promete tudo; he o rico Avarento no dar; porque o que dá he nada: promete Gigantes, e dá Pigmeos; promete diamantes, e dá vidros; promete vida, e desfata-se em morte; promete senhorio, e despacha-vos com escravaidão; promete descansos, e dá trabalhos; promete hum mundo inteiro, e quando muyto davos hum palmo de terra; promete firmezas, e dá mudanças; promete frutos, e dá flores; mas dar flores he meños mal; porque he pagar huma esperança com outra esperança; o peor he, que vos promete flores, e no fim ou vos dá huma floresta, que vos afronta, ou vos dá huns espinhos, que vos molestaõ. Estas são as esperanças; e que sendo estas, possaõ mais com os homens as promeffas.

messas da imaginação, e os fantasmas do desejo, do que o conhecimento da realidade, e os defenhanos da experiencia? O' que grande descredito da natureza humana.

272 Mas desaffrontados estão hoje os defacertos da natureza nos acertos da graça. Bemdito seja Deus, que de tantas vezes, que elle vê no mundo os homens tão vestidos de suas esperanças, e tão casados com suas posses, vê hoje nas aras de seu Altar, em sacrificio de amor, huma alma tão cabalmente defenganada, que não só soube renunciar as posses, mas tambem se resolveo a cortar as esperanças; mas assim hade ser universal no defengano, quem houver de ser ajustada na penitencia. Quando Deus sentenciou a Adam, e a Eva pela desobediencia, que commetérao, o Senhor lhe tirou o vestido de folhas, em lugar do qual

lhes deu hum de pelles: *Fecit quoque Dominus Deus Adæ, & uxori eius tunicas pelliceas.* Escusada parece naquelle castigo esta diligencia. Adam era senhor do Paraíso, e de todos os frutos d'elle: o mesmo Deus o disse: *Ex omni ligno paradisi comedite.* Pois se Deus pela culpa priva a nossos primeyros pays dos frutos, para que os prive tambem das folhas? Vão elles embora desterrados do Paraíso, mas porque não haõde levar comfigo se quer aquellas pobres folhas de figueyra? Se deyxão no Paraíso os frutos, haõde deyxar tambem as folhas? Sim; porque entravaõ Adam, e Eva no caminho apertado da penitencia; haviaõ elles ser os primeyros penitentes do mundo; e para serem bons penitentes, era necessario, que deyxassem os frutos, e que deyxassem as folhas; era necessario, que deyxassem os fru-

frutos; porque nelles renunciavaõ as posses; e era necessario, que deyxassem as folhas; porque nellas cortavaõ as esperanças. Como no mundo havia de haver Religiosos, e havia de haver Religiosas, aos Religiosos deu o Senhor regra em Adam, e ás Religiosas a deu em Eva: huma, e outra regra não continhaõ mais que dous capitulos, desprezo das posses na deyxação dos frutos, renunciadas esperanças no despojo das folhas; que assim haviaõ de ser cabalmente defengados homens, q̄ haviaõ de ser tão perfeytamente penitentes. Mas que faça isto Adam peccador, que obre isto Eva culpada, bem está; porque tão grande culpa não pedia menos satisfação; mas que isto faça huma alma innocente? Que obre tanto huma alma justa, como hũa Eva peccadora? Grande victoria sua contra a nos-

sa cegueyra! Que a alma dos Cantares viva com tanta segurança em sua virtude, que peça frutos, e flores: *Fulcite me floribus, stipate me malis;* e que esta alma viva com tal desconfiança da sua innocencia, que deyxes os frutos, e deyxes as flores, que sacrifique as esperanças depois de deyxar as posses? Maravilha grande! Que Pedro se resolva defengado a deyxar as posses: *Ecce nos reliquimus omnia.* Grande defengano! Mas que não acabe comfigo por intereceyro de deyxar as esperanças: *Quid ergo erit nobis?* Grande franqueza! Que esta alma esteja tanto sobre todas defenganada, que na Cruz da Religião crucifique as posses, e crucifique as esperanças; prodigio raro! Mas com este excessõ se resolve, quem com tanto excessõ ama: *Si quis diligit me.*

S. V.

273 **A** Segunda eleyção, que fez esta alma, foy buscar a Religião, e logo nesta maravilhosa acção se levanta huma grande duvida. Se no mundo ha mulheres virtuosas, se tambem se serve a Deos no mundo, parece, que pouco necessario he para servir a Deos buscar a Religião. Mais claro: serve-se a Deos no mundo, serve-se a Deos na Religião; pergunto agora: quem serve com mayor fineza? Qual he mais amante? Quem serve a Deos na Religião, ou quem serve a Deos no mundo? Ouçamos primeyro o mundo, depois ouviremos a Religião. Diz o mundo, que quem serve a Deos nelle, que esse he o mayor amante, esse he o melhor fervo: funda este seu parecer na razaõ, no exemplo, e na Escritura: comece-

mos pela razaõ, que he esta. Na guerra o posto de mayor perigo, he o de mayor credito; o batallar no mundo com os vicios he o mais perigoso: logo he o mais honrado. Eis aqui a razaõ; vejamos agora o exemplo. Universalmente o mundo dá o seprõ do campo á rosa, como rainha das flores; e isto porque? Porque a rosa não he flor entre as flores, he flor entre os espinhos. Ser virtuosa entre as Santas, isso não he muyto, ser flor entre as flores, isso he pouco; ser virtuosa entre os peccadores, isso he prodigio, ser rosa entre os espinhos, isso he maravilha. Grande prova na materia, que tratamos! Chegou a Magdalena aos pés de Christo, e depois de fazer a mais heroica profissão, que viraõ os olhos do mundo (nesta frase explica meu Padre Santo Agostinho aquella penitencia) acabado o acto da

August.

da profissão, lhe disse o Senhor estas palavras: Luc. 7. *Vade in pace.* Ide-vos outra vez embora. Senhor, esta mulher ainda agora se converteo, ainda agora se emendou; pois como logo a apartaes da vossa companhia? Aquella penitente estava ainda nos primeyros passos da penitencia, começava naquella hora o caminho áspero da virtude, corria grande risco no mundo, e só podia estar segura na companhia de Christo; pois logo como a manda o Senhor para o mundo: *Vade?* Porque era já, e havia de ser ainda a Magdalena muyto amante: *Dilexit multum;* e grande penitente: *Ibi. 38. Lacrymis cepit rigare.* E para ser grande penitente, para ser muyto amante, não havia de ser virtuosa entre os Santos, havia de ser virtuosa entre os peccadores, e como não havia de ser virtuosa entre os Santos, por isso o Senhor a apartou

de sua companhia; e porque havia de ser virtuosa entre os peccadores, porisso o Senhor a mandou para o mundo: *Vade.* Como se differa Christo: homens, quereis saber quam virtuosa, e quã Santa he a Magdalena? Pois sabey, que he virtuosa, e que he Santa, não só quando cá está na minha Religião, mas tambem quando vive lá no vosso mundo: *Vade in pace.* Mede-se o excessõ da virtude pelo perigo da santidade, e onde a santidade está mais perigosa, ahi vive mais acreditada. Lá vio Moyses arder a farça, e pasmou de ter aquella vizaõ: *Vadam, Exod. 3. & videbo visionem hanc 3. magnam.* De que vos admiraes, Moyses? Olhay para esses Ceos, vede esse Sol, e vereis esse Planeta, que sempre arde, sem que já mais se queyme; pois se isto vedes no Sol, de que vos admiraes na farça? Porque o Sol arde no Ceo, e arder no Ceo

Ceo isso he cousa ordinaria; a farça abraza-se na terra, e abraçar-se na terra, isso he prodigio raro. Abraçar-se o Sol entre as luzes do Ceo, abraçar-se huma alma entre as estrellas da Religião, isso he cousa de todos os dias; porém abraçar-se huma farça entre os espinhos da terra, abraçar-se huma alma entre os peccados do mundo, essa he a maravilha, este he o prodigio. Isto he o que diz o mundo, e diz bem; mas nada tem contra nós; porque esta alma, que hoje professa, foubeser farça, e foubeser Sol; foubeser farça abrazando-se na terra, e foubeser Sol abrazando-se no Ceo: de tal modo viveo em casa de seus pays, como se vivera na Religião; de tal modo vive na Religião, que vay augmentando as virtudes, que trouxe de casa de seus pays. O' farça abraçada! O' Sol incendiado! O' farça abrazada entre

os espinhos do mundo! O' Sol incendiado entre as estrellas da Religião.

274 Sem querermos, estamos metidos no segundo ponto. Diz a Religião, que quem serve a Deos nella, esse he o mayor amante, esse he o melhor penitente; e podendo ella allegar por si muytas razoens, como he Religião, não quer contendas com o mundo; a modestia do silencio pela justiça da defeza lhe permite huma só, que he esta. Quem serve a Deos no mundo, sacrifica-se a Deos só na vontade de Deos; quem serve a Deos na Religião, sacrifica-se a Deos na vontade de Deos, e na vontade dos homens: quem serve a Deos no mundo, tem por superior de sua vontade sómente a vontade de Deos; porém quem serve a Deos na Religião, tem por superiores de sua vontade a

von-

vontade Divina, e a vontade humana; e sacrificar-se huma alma no mundo sómente a Deos, he hum sacrificio muyto suave; porque Deos he hum superior muyto brando; porém fugeytar-se huma alma na Religião á vontade de Deos, e á vontade dos homens, he sacrificio muyto custoso; porque as vontades dos homens muytas vezes não são conformes cõ a vontade de Deos. O mais custoso sacrificio, que houve no mundo, foy o sacrificio, que Christo fez na Cruz. Que fosse grande, e muyto grãde este sacrificio, eu o não duvido, pela pessoa, pela materia, e pela causa; pela causa, q̄ eraõ os peccados dos homens; pela materia, q̄ era a perda da vida; e pela pessoa, q̄ era o mesmo Filho de Deos. Mas em quanto sacrificio sómente, deyxadas estas tres razoens, porque foy este sacrificio tão grande? Direy: o sacrificio de Chri-

sto foy feyto a Deos: *Factus obediens.* Mas foy sacrificio feyto a Deos na vontade dos homens; não só se fugeytou Christo á vontade Divina, mas fugeyton-se tambem á vontade humana: *Jesum verò tradidit voluntati eorum.* E fugeytar-se hum homem, ainda que seja Christo, á vontade dos homens, e á vontade de Deos; fugeytar-se á vontade humana, para haver de obedecer á vontade Divina, he sacrificio tão custoso, que não custou a Christo menos, que a vida. Na Cruz foy Christo exemplar dos Religiosos, na sua obediencia instituhio a nossa Religião, e para que os Religiosos fizessẽ depois este grande sacrificio de obedecerem a Deos, e de obedecerem aos homens, houve Christo, como cabeça dos Religiosos; de obedecer á vontade dos homens: *Jesum verò tradidit voluntati eorum;* e de obedecer á vontade de

Philip.
2. 8.

Luc.
23. 25.

de Deos: *Factus obediens usque ad mortem.*

275 Eis aqui o que he o aperto da Religião, he como a Cruz de Christo. Os homens no mundo leuão a Cruz dos homens: *Tollat crucem suam*: disse o Senhor aos homens; na Religião leuão a Cruz de Christo: assim o disse Christo áquelles dous Religiosos de seu Collegio Apostolico: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Agora vejaõ qual he mais pezada, se a Cruz de Christo, se a Cruz dos homens. O que eu sey dizer he, que a Cruz dos homens, he tão leve, que hum só homem a pode levar; porque cada hum leva a sua: *Tollat crucem suam*; e a Cruz de Christo, he tão pezada, que a não pode levar só Christo; porque o ajudava hum homem; nem a pode levar hum só homem; porque a levava tambem Christo. O mesmo succede

Matth.
16. 24.

Matth.
20. 22.

nos estados, que succedeo nas Cruzes. Se fois virtuoso no mundo, levais sômête a vossa Cruz, e não levais a Cruz dos outros; se fois virtuoso na Religião, levais a Cruz dos outros, depois de levar a vossa Cruz; e muytas vezes o que succedeo na Cruz, succede na Religião. Na Religião hoje tendes a vossa vontade sugeyta a huma Prelada, que quer hũa coufa, á manhaã tendes a vossa vontade sugeyta a outra, que quer o contrario: ó que grande sacrificio! Sugeytar huma pefsoa a sua vontade a vontades encôtradas! O mesmo succedeo na Cruz. Clamavaõ huns Judeos, que puzessem a Christo na Cruz: *Crucifige, crucifige eum*; e depois bradavaõ outros, que se descesse da Cruz: *Si Filius Dei est, descende de cruce.* Pois que variedade he esta? Que? Vontades encontradas; hũa querem-vos crucificar, ou-

Luc.

23. 21.

Matth.

27. 40.

outras não vos querem crucificado. Mas a tudo se sugeyta, quem a tudo se sacrifica, e a tudo se sacrifica, quẽ tanto ama: *Si quis diligit me.*

§. VI.

276 **E** Sta foy a eleyção discreta, que fez esta alma entendida: podendo servir a Deos no mundo em todo o decurso de sua vida, quiz sepultar a sua vida na clausura da Religião. Mas já me não admiro tanto da materia da eleyção, como do particular da escolha. Elegeo viver na Religião, e elegeo por Religião para viver a de S. Bento: ó que entendida escolha pelo particular da Religião! Mas outra coufa quizera eu saber: e porque hade ser esta escolha a mais acertada? Para dar-mos resposta a esta pergunta, haremos de suppor huma coufa certa, e he; que todas as Religioens são

tão perfeytas humas como outras. O Sacramento he hum retrato das Religioens; e assim como no Sacramento se encerraõ todas as maravilhas: *Memoriam fecit mirabilium suorum*; assim em qualquer Religião se encerraõ todas as perfeçõens; se lhe faltára alguma não fora perfeyta Religião: hum homem, se lhe falta huma virtude, já não he cabalmente virtuoso: huma Religião, se lhe falta alguma perfeçãõ, já não he perfeyta: fallo das perfeçõens, que constituem; donde está a differença, he nas perfeçõens, que augmentaõ, e he nas cores, que trazem; o que supposto: tres são, ordinariamente fallando, os habitos, que vestem as Religiosas; ou vestem habito branco; ou vestem habito pardo; ou vestem habito negro; no habito branco significaõ a castidade, primeyra perfeçãõ das Religiosas; no habito pardo significaõ a peni-

Pfalm.

110. 4.

penitencia, que he o exercicio continuo da Religião; no habito negro significão a mortalidade, que he a contemplaçãõ mysteriosa do estado Religioso: pergunto agora: qual destes estados, qual destes habitos, he mais perfeyto? Eu não diminuo o credito dos outros, mas digo, que o mais perfeyto habito, he o habito da mortalidade. Os primeyros penitentes de habito, que houve no mundo, foraõ Adaõ, e Eva; Deos lhes tirou o habito de folhas de figueyra, e lhes vestio hũ habito de pelles. Repara

Chryf.

estavaõ vestidos de folhas asperas, para que lhe tira Deos as folhas, e lhe veste as pelles? Já está dada a razaõ; o vestido de folhas asperas, significava a penitencia, e as pelles dos animaes mortos significavaõ a mortalidade; e para Adam ser grande penitente, e o parecer, quanto ao habito Religioso, melhor lhe está o habito da mortalidade, que o habito da penitencia; melhor lhe está o habito de pelles, que o habito de folhas; porisso Deos lhe tirou o habito de folhas, e lhe deu o habito de pelles: *Fecit Ade, & uxori ejus tunicas pelliceas.* Hum Religiosa, qual era Eva, hum Religioso, qual era Adam, bem pôde ser penitente sem habito de penitencia; mas não pôde ser penitente sem habito de mortalidade. Quiz o Sol fazer huma grande penitencia no Ceo, quando Christo fazia hum grande sacrificio

Genef. 3. 21.

crificio na Cruz; e que habito vestio? Não vestio por certo o habito de luz, em q̄ se significava a castidade; não vestio o habito de cilicio, em q̄ se significava a penitencia; vestio o negro habito das trévas, em que significava a mortalidade: *Tenebrae factae sunt super universam terram.* Esta foy a bem observada politica do Sol para afflittir a Christo, esta foy a bem fundada doutrina de Deos para encaminhar a Adam, e esta foy a discreta eleyçãõ desta alma para se encaminhar a si. Mas assim escolhe, quẽ assim entende, e quẽ assim entende, assim ama: *Si quis diligit me.*

Matth. 27. 45.

S. VII.

277 **A** Terceyra eleyçãõ he a do nome, que escolheo. Ainda não está acabada a proposta, e já entra a duvida. O soberano nome de Maria, com que esta al-

Tom. II.

ma Religiosa se nomea, não he nome tomado agora na Religião, he nome já recebido no mundo. Pois se ella tinha esse nome já no mundo, não o elegeo agora na Religião; e se ella o não elegeo, como dizemos nós agora, que a terceyra eleyçãõ he a do nome? Se recebeo este nome no Bautismo, como dizemos nós agora, que o elegeo na Religião? Porque o não deyxou; e o que se não deyxou, tambem se elege. Podia esta alma Religiosa na sua profissaõ, como muytas vezes se uza, deyxar o nome de Maria, e tomar outro nome; pois ella, que o não deyxou, he certo, que o elegeo. Quando circumfidáraõ a Christo, diz o Evangelista S. Lucas, que lhe puzeraõ ao Senhor o nome de Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* Luc. 2. 21. E bem! Não tinha Christo já este nome? Não lhe estava já antes este

Q no

Ibi.

nome posto? Sim estava: assim o disse o mesmo Euangelista: *Quod vocatum est ab Angelo.* Pois se o nome de Jesus estava já posto a Christo pelos Anjos, como diz o Euangelista, que lho puzeraõ os homens? Se estava este nome posto muyto tẽpo antes: *Quod vocatum est ab Angelo;* como diz o Euangelista, que lho puzeraõ depois: *Vocatum est nomen ejus Jesus?* Porque a circuncisaõ era o tempo, em que se costumava pôr o nome aos meninos; e não porem entaõ a Christo o nome, que não tinha ainda, foy o mesmo, que porem-lhe o nome, que tinha já; podiaõ-lhe pôr outro nome, e não lho puzeraõ; e o mesmo foy não lhe porem outro, que porem-lhe aquelle. O mesmo succedeo logo no nosso caso. Em Christo na circuncisaõ foy o mesmo porem-lhe o nome: *Vocatum est;* que não lhe tirarem o nome,

que lhe tinhaõ posto; esta alma Religiosa na sua profissãõ o mesmo foy não deyxar aquelle nome, que tinha, que eleger o nome, que tem: Christo, quando se circuncida, não muda o nome, e mais diz-se, que aquelle nome foy posto; esta alma, quando professa, não muda o nome, e mais diz-se, que este nome he eleyto; pois se Christo na circuncisaõ toma o nome, que já tinha, esta alma na profissãõ elege o nome, que ja tem: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo.*

278 Mas desta duvida fatisfeyta nasce outra mayor duvida: e porque não mudou o nome? Parece que havia mudar o nome; porque mudava o estado. Caso sey eu, e em materia semelhante, que trouxe grandes mudanças no nome. Jacob, quando andou a braços com Deos, mudou o nome de Jacob no de Israel.

Genes. 32. 28. *el: Nequaquam Jacob appellabitur nonem tuum, sed Israhel.* Pois se Jacob muda o nome, quando dá a Deos os braços de amigo; porque não muda tambem esta alma o nome, quando dá a Deos a mão de esposa? Direy; porque ha muyta differença entre esta alma, e Jacob; Jacob não só mudou de estado, mas mudou tambem de vida; vinha de Labaõ casa de enganõs, e casa de vicios, para os braços de Deos, onde achou toda a verdade, toda a virtude; e quem como Jacob muda de vida, he justo, que como Jacob mude tambem de nome: poderá esta alma Religiosa, ainda que mudou de estado, passando do mundo para a Religiaõ, não mudou de vida; porque de tal modo viveo em casa de seus pays, como se vivera nas clausuras da Religiaõ: viveo na casa de seus pays com tanto recolhimento, com

tanta virtude, com tanta mortificaçaõ, com tanta abstinencia, e com tanta modestia, que mais parecia a sua casa Moiteyro, do que casa; e quem como se vivera na Religiaõ, vive no mundo, na sua Profissãõ muda de lugar, mas não muda de vida; e quem não muda de vida, bem póde não mudar de nome.

279 No mesmo dia vieraõ dous Irmãos para o Collegio de Christo, Pedro, e André; André não mudou o nome, e mudo-o Pedro; chamavase elle antes Simaõ, e disse-lhe o Senhor, que dali em diante se chamasse Pedro: *Tu es Petrus.* Pois se elles ambos saõ Irmãos, se ambos vieraõ no mesmo tempo, que razaõ ha para que hum mude o nome, e o outro o não mude? Que razaõ ha para q̃ não mude o nome André, e mude o nome Pedro? Porque havia muy-

Matth.
16. 18.

ta differença entre Pedro, e André: Pedro não só mudou o estado, passando de homem particular a Apostolo, mas mudou tambem de vida; deyxou a inquietação das agoas, e buscou o silencio do recolhimento, deyxou os embarços das redes, e buscou a contemplação da virtude, deyxou os ganhos da barca, e buscou o remedio da alma; e Pedro, que muda de vida, bem he, que mude de nome, como Jacob; se antes se chamava Simão, bem he, que agora se chame Pedro: *Tu es Petrus*. Porém André, ainda que mudou de estado, passando tambem de homem particular a Apostolo, mudando de estado, não mudou de vida; antes d'elle entrar no Collegio de Christo, já elle vivia no Collegio do Bautista, onde se vivia com tal modestia, com tal penitencia, e com tal mortificação, que passar

do Collegio do Bautista para o Collegio de Christo, era mais mudar de lugar, que mudar de vida; e quem não muda de vida, bem he, que não mude de nome; se se chamava André antes, chame-se André depois. O' que grande semelhança! O' que grande conformidade entre esta Filha de S. Bento, e aquelle Discipulo de Christo! Como não mudou a vida, não mudou tambem o nome aquelle Discipulo, sempre se chamou André; como não mudou de vida, não mudou de nome esta Religiosa, sempre se chamou Maria. O' que discreta elevação! Mas como havia de mudar o nome, quem nunca mudou o amor: *Si quis diligit me?*

§. VIII.

280 **E** Stá bem, que não deyxasse o nome de Maria sempre puro, sempre santo, sempre

pre glorioso, já no Ceo, já na terra, já no mar; mas porque razão escolheo o sobrenome do Espirito Santo? Porque não tomou antes o sobrenome de S. Bento? Era seu pay, e ordinariamente se conserva a memoria dos pays no sobrenome dos filhos; porque razão deyxou logo o glorioso nome de S. Bento? Porque era o nome do pay, e he aquelle o costume do mundo; e quem fugia do mundo, tambem devia fugir dos seus costumes. Na Cruz não puzerao a Christo o sobrenome de Filho de David, sendo que no livro da sua geração este era o seu sobrenome: *Liber generationis Jesu Christi, Filij David*. E isto porque? Porq̃ Christo na Cruz foy exemplar dos Religiosos, e cabeça de todas as Religioes; e onde se professa a vida da Religiao, não se toma o nome dos pays: David era pay, Nazareth

era patria; e quiz antes o sobrenome humilde de Nazareth, que o sobrenome illustre de David: tanto foge aos costumes do mundo, quem abraça a Cruz da Religiao. Não se chama Christo na Cruz Filho de David, pois não se chame Maria na Religiao Maria de S. Bento, que tão grande acção como esta, não merecia menor exemplo, que aquelle: obedeceo, e passou a obediencia Religiosa os termos da ley commua. Commumente Deos manda esquecer dos pays da terra, a quem professa a vida do Ceo: *Obliviscere populum tuum, & domum patris tui*. Esta ley tão justa como santa he por nossa desgraça muytas vezes mal interpretada. Busca hũa alma a Deos, entra nos apertos da Religiao, e quantas, e quantas vezes succede esquecer-se do pay da Religiao, e lembrar-se do

Matth.
I. I.

Psalms.
44. 1. 1.

pay do mundo? Pois esta alma Religiosa vive tão livre de ser assumpto desta queyxa, que antes he consolação de nossa lastima; tanto se esquece dos pays do mundo para amar seus costumes, que nem se lembra do pay da Religião para tomar seu nome. O' que piedoso esquecimento! A medicina muitas vezes dá o golpe na faude, por evitar a enfermidade. Esquecer-se em parte do pay da Religião foy por se esquecer em tudo dos pays do mundo; deu o golpe na faude do justo, por evitar, e curar a enfermidade do profano.

281 Ora seja assim, interprete os preceitos rigorosa, quem os hade observar pontual; mas porque escolheo o sobrenome do Espirito Santo? Esta era a primeyra duvida, e cresce agora mais a difficuldade. O Espirito Santo, he o seu Es-

poso; pois se já tem o Espirito Santo hũa vez em razão do desposorio, porque o quer segunda vez por causa do sobrenome? Porque quem ama sempre multiplica; na Arithmetica do amor de tal modo se conta, que sempre multiplica os objectos quem sacrifica o gosto. Dá-se Christo huma vez na Hostia, e dá-se logo outra vez no Calis; e porque causa? Pergunto eu agora. Porque o Divinissimo Sacramento he huma dadiva, que sempre se dá aos justos, e amantes; o Sacramento do Bautifino dá-se a peccadores, o Sacramento da Penitencia he remedio de peccados; só o Divinissimo Sacramento do Altar he manjar de homens já justos, de coraçoes já amantes; pois porisso se multiplica, quanto á presença; porque o amor não quer nos seus objectos a unidade, sempre busca o numero; he o bem, que se ama,

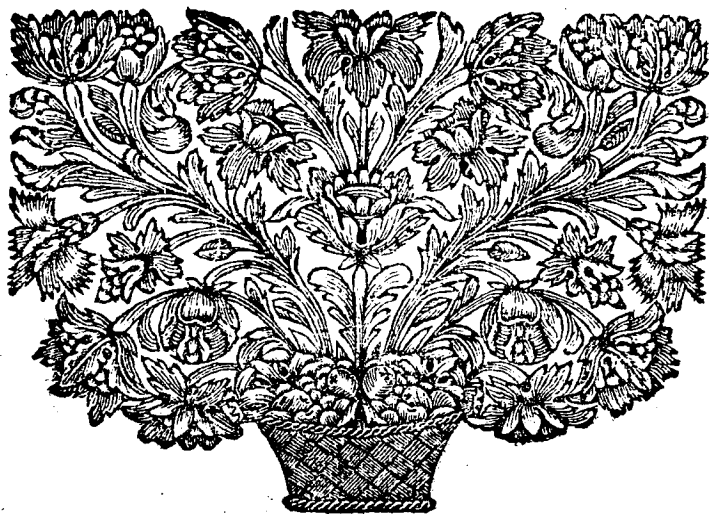
ama, hum na realidade, e o amor o faz deus por multiplicação: e isto porque? Porque na extenção do bem se declara mais o gosto do amor: pois como o Divinissimo Sacramento, se dê a homens já amantes, e Christo conhecesse, que os amantes querendo sempre o amor em unidade, desejavaõ sempre o amado em numero; porisso no Sacramento, onde se dá a quem o ama, se multiplica, quanto á presença: *Hoc est Corpus. Hic est Sanguis.* O' espirito Religioso! O' alma devota! Que bem explicastes o vosso amor nesta multiplicação! Assim (em quanto ao numero fallo) como os fieis gozaõ a Christo no Sacramento; assim vós tendes o Espirito Santo nesta gloriosa profissão: gozamos a Christo na Hostia, e gozamos a Christo no Calis; tendes o Espirito Santo no desposorio, e

tendes o Espirito Santo no sobrenome. Jacte-se embora Eliseo, de ter dobrado o espirito de Elias; que vós mais entendida, tendes hoje dobrado o Espirito Santo de Deos. Que haja tantas almas, sem nenhum espirito; e que tenha Deos hoje huma alma com deus espiritos? O' que gloriosa multiplicação! Mas assim multiplica, quem assim ama: *Si quis diligit me.*

282 Espirito Religioso, alma devota; tres eleyçoens fizestes. Na primeyra eleyção deyxastes resoluta tres mundos, havendo apenas quem deyxehum. Na segunda eleyção buscastes a Religião, preferindo-a ao mundo, que na materia da salvação o lugar mais seguro, he o melhor. Buscando a Religião escolhestes a de S. Bento, que fóra está do amor da vida quem escolheo o habito da mortalidade. Na terceyra elegestes con-

Matth.
26. 26.
28.

servando o nome glorioso de Maria, e segurastes a graça de esposa, e o nome da May. Ultimamente coroastes o discreto desta eleyção com o sobrenome do Espírito Santo, e quem multiplica o Esposo, gozosa vive no desposorio. A estas tres eleyçoens vos darão por premio tres coroas, hũa de penitente no defengano, outra de Religiosa pela vida, e outra de entendida pelo nome, q̄ quem fez taes tres eleyçoens por graça, tres coroas deve ter na gloria: *Quam mihi, &c.*



SER-



SERMÃO

DO

MANDATO.

Prégado no Real Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra.

Ante diem festum Paschæ sciens Jesus, quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mūdo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finē dilexit eos.

Joann. 13.

§. I.

283



A vespera de sua mortefabendo o Amorolo Jesus, que era

chegada a hora da sua partida, como amasse aos seus, q̄ estavaõ no mundo, se lá no principio os amou muyto, porque os possubia, agora no fim os amou mais, porq̄ os deyxava.

xava. (Senhor) Este he aquelle Euangelho tantas vezes ponderado , e tão poucas vezes entendido : nelle se contém as mayores finezas , e os mayores extremos do amor , que Deos teve aos homens ; amor tão mal empregado , como pouco merecido . Varios são os discursos , que formão os Prégadores neste grande dia sobre as clausulas deste profundo Euangelho : porém considerando eu huma , e muytas vezes com alguma advertencia , e com largo estudo os escondidos mysterios , que nelle se comprehendem , me parece que desta terceyra vez , em que neste dia subo a este pulpito , hey de acertar a materia do presente Sermão , conformando-me com a circumstancia da casa ; e assim digo , que todas as finezas de amor , que se encerraõ naquella palavra do thema : *Dilexit* , as explica o Euangelista

pela palavra antecedente : *Ut transeat* ; porque este *Ut transeat* da Cruz he o que melhor explica aquelle *Dilexit* do amor . Quem quizer saber o muyto , que Christo nos ama hoje : *Dilexit* , considere o muyto , que por nós na Cruz hade padecer á manhaã : *Ut transeat* ; porque o sacrificio da Cruz he o que nos manifesta os extremos do Divino Amor . Este hade ser hoje o meu assumpto : mas antes de o discurrer o quero provar .

284 Esta noyte fallando o Divino Mestre com seu Discipulo S. Pedro , lhe disse estas palavras : *Quod ego facio tu nescis* Joann. modò ; *scies autem postea* : 13. 7. as finezas , que eu hoje obro no Cenaculo , tu as não alcanças agora ; mas depois as virás a conhecer : *Scies autem postea* . Nestas ultimas palavras está toda a minha duvida : que Pedro ignore ao presente as finezas , q̄ Christo está obrando , passe ; mas

mas se agora as não sabe , porque as hade vir a saber depois ? E este depois quando hade ser ? A esta ultima pergunta respondem Ruperto , Beda , Euthymio , e Theofilacto , que este depois se refere á morte da Cruz : *In posterum distulit , quæ nunc non poterant percipere , nisi primitus in capite nostro magisterium , & forma crucis præiret* . Mayor duvida acho eu na resposta , do que no mesmo Texto : se as finezas de Christo são ignoradas de Pedro no Cenaculo , depois da morte da Cruz , porque haõde ser conhecidas : *Scies postea* ? Sabem porque ? Porque todo o sacrificio da Cruz foy huma explicação das finezas do amor : no Calvario he onde se explicáraõ melhor as finezas do Cenaculo : no Cenaculo estava o Amante vivo , e o amor ignorado : *Nescis modò* ; no Calvario estava o Amante morto , e o amor

conhecido : *Scies autem postea* .

285 Tanto que se rasgou o veo do Templo ; logo se conhecêraõ os segredos , e mysterios daquella ley , como ponderou S. Ambrosio : da mesma forte tanto que se abriu o peyto de Christo , logo se conhecêraõ as finezas , e maravilhas de seu amor . A Cruz , em q̄ Christo padeceo , chamou David vara : *Virga tua , & baculus tuus ipsa me consolata sunt* . E bem : a Cruz não he vara de perdoar , porq̄ não tem vara a misericordia ; a Cruz não he vara de castigar , porque não foy throno de justiça : de que he logo a Cruz vara ? Digo , que he vara de medir ; porque pela vara da Cruz se deve medir a grandeza do amor de Christo . Quem quizer saber o que elle amou , tome a medida pelo que elle padeceo : quem quizer averigoar quam grande foy o amor , veja , e

Psalma.
22. 4.

repare quãt grande foy a Cruz, que esta he a vara, com que se devem medir os extremos de finezas, com que elle nos chegou a amar: *Virga tua, & baculus tuus.*

286 Que outra cousa he hum amor, se não huma pesada Cruz? Que outra cousa he hum amante, se não hum crucificado? Ora vejaõ. Que he hum crucificado, se não hum homem coroadado de espinhos? Que he hum amante, se não hum homem cercado de pensamentos? Assim amou Jacob desvelado: *Fugiebatque somnus ab oculis meis.* Que he hum crucificado, se não hum homem com a cabeça inclinada? Que he hum amante, se não hũ homem cõ a vontade obediente. Assim obedeceo Abrahaõ como pontual: *De nocte consurgens... Abiit ad locum, que præceperat ei Deus.* Que he hum crucificado, se não hum homem

com as mãos cravadas? Que he hum amante, se não hum homem com as mãos rotas? Assim se defenganou Pedro liberal: *Ecce nos reliquimus omnia.* Que he hum crucificado, se não hum homem com o peyto aberto? Que he hum amante, se não hum homem com o coração ferido? Assim se queyxou Salamaõ affeyçoado: *Vulnerasti cor meum.* Que he hum crucificado, se não hum homem despi-do? Que he hum amante, se não hum homem despojado? Assim se despojou Jonathas rendido: *Expoliavit se tunicã.* Que outra cousa finalmente he hum crucificado, se não hum homẽ morto de penas? E que outra cousa he hum amante, se não hum homem morto de amores? Assim clamou a Espo-sa enterneçada: *Amore languet.* Pois como sejaõ a mesma cousa crucificado, e amante; Cruz, e amor;

Genef.
31. 40.

Genef.
22. 3.

Matth.
19. 27.

Cant.
4. 9.

1. Reg.
18. 4.

Cant.
2. 5.

mor; porisso Christo, quando quiz explicar a Pedro o feu amor, lho veyo a explicar pela sua Cruz: *Scies autem postea.* E porisso tambem hoje o Euangelista pelo transito, que Christo teve na Cruz: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat,* nos explicou o fino, e acrisolado deste amor: *In finem dilexit eos.* E se assim o explicou o Euangelista, assim o havemos nós tambem discorrer hoje. Será o titulo do Sermaõ: finezas do amor de Christo, explicadas pelo sacrificio da sua Cruz; porque as circunstancias, q̃ ama-nhaã se haõde ver na Cruz, saõ as que hoje explicaõ o amor no Cenaculo. Comecemos pela primeyra.

S. II.

287 **A** Primeyra circunstantia, que observe em Christo na sua Cruz, he a da sua sa-

bedoria; e a primeyra circunstantia, que observe no feu amor, he a da sua sciencia. Sabendo (diz o Euangelista S. Joaõ) pedio Christo na Cruz o Calis: *Sciens,* Joann. *quia omnia cõsumata sunt,* 19. 28. *dixit: sitio.* Sabendo (diz o mesmo Euangelista) amou o Senhor no Cenaculo aos homens: *Sciens... dilexit eos.* Nem aquella fineza de pedir o Calis podia ser fineza, se não fora acompanhada daquella sabedoria: *Sciens... dixit: sitio;* nem este affecto de amar aos homens podia ser amor, se não fora acompanhado daquella sciencia: *Scies... dilexit.* Houve quem disse que era nescio o entendimento dos amantes: *Amantium ceca mens;* e o mundo põe huma venda nos olhos do amor: mas isto como póde ser? Ou a venda se hade pôr nos olhos, ou no juizo: a venda no juizo faz o amor ignorante; a venda



da nos olhos faz o amor cego: e qual destas duas cegueyras havemos de attribuir ao amor humano? Dislera eu que ambas. O amor não só se pinta com venda, mas também menino: amor, que he menino, não tem uzo de razaõ, e eis ahi a cegueyra do juizo: amor com venda no rosto não tem exercicio de ver, e eis ahi a cegueyra dos olhos. Hoje se quizeraõ mostrar amantes com muyto particular affecto Pedro, e Joaõ; Joaõ buscando o peyto: *Recubuit in cæna supra pectus ejus*. Pedro seguindo a Christo: *Sequebatur eum*; Mas he de advertir, que Joaõ buscou o peyto com os olhos fechados pelo fomo: Eis ahi a venda nos olhos. Pedro seguio a Christo cõ o entendimêto ignorante pela negaçãõ: *Nescio quid dicis*. Eis ahi a venda no juizo. Amavaõ ambos elles; mas amavaõ ainda cõ as im-

Joann.
21. 20.

Matth.
26. 58.

Ibi. 70.

perfeyçoens, com que amaõ os homens: porisso hum amava cego, outro amava ignorante; hum tinha a venda nos olhos, quando buscava o peyto: *Recubuit supra pectus*; outro tinha no juizo a venda, quando seguia a Christo: *Sequebatur eum*.

288 Daqui se infere, que he taõ propria no amor humano a ignorancia, que para o amor introduzir o fogo no coraçãõ, sempre apaga primeyro a luz no entendimento: assim os dous effeytos do amor humano são ignorar, e arder. Quando os soldados prẽdêraõ esta noyte a Christo, levou Pedro da espada, e deo hum golpe em Malco, que trafia a luz. Pois que he isto, Pedro? Que vos fez a luz para que lhe deis o golpe? Ora deyxemos o Horto, e vamos a casa do Pontifice. Entra Pedro no Paço, e tanto, que vê o fogo, logo se che-

Marc. 14. 54. chega a elle: *Calefaciebat se*. Ajuntemos agora rudo: ha tal contradicção? Se Pedro ainda agora matou a luz, como já busca o fogo? Direy: naquelle tempo ainda Pedro amava como amaõ os homens; ainda seguia de longe: *Sequebatur eum à longè*; e ainda tinha seus intentos: *Ut videret finem*: e como todo o amor humano tenha o ignorar, e o arder; para ignorar matou Pedro a luz, e para arder buscou o fogo.

Matth.
26. 58.

289 Não ha amor humano, que não seja hum S. Pedro no Horto, inimigo da luz, e hum S. Pedro no Paço, amigo do fogo; porque toda a sua natureza he ignorar, e arder: porisso Pedro quanto mais ardia: *Calefaciebat se*, tanto mais ignorava: *Nescio quid dicis*. Ainda não disse tudo: notem agora mais. Apagou S. Pedro a luz, e cortou a

orelha; porque ainda aquella amor era imperfeyto nas obras, e nas palavras; e assim veyo a dizer S. Pedro: meu amor nem he para ser visto, nem para ser ouvido; não he para ser visto nas obras, pois quando Christo vigia, eu durmo: não he para ser ouvido nas palavras, pois quando Christo me ama, eu o nego: e se não he para ser ouvido, cortemos aquella orelha; se não he para ser visto, matemos aquella luz: matemos aquella luz, para que se não vejaõ meus descuidos; cortemos aquella orelha, para que se não ouçaõ minhas negações: *Amputavit auriculam ejus*. Eis aqui como ordinariamente o amor dos homens; he como o amor de Pedro no Horto; e no Paço; tem venda nos olhos, e tẽ venda no juizo; quanto mais arde, mais ignora; nem he para visto, nem pa-

Matth.
26. 51.

ra ouvido.

290 Não assim o amor do bom Jesus; tanto hoje amou, como padeceo: padeceo o Calis, conhecendo o Calis: *Sciens... dixit, sitio*; e amou os homens, conhecendo os homens: *Sciens... dilexit eos*. Hoje tirou Christo as vendas ao amor; nem teve venda nos olhos, nem teve venda no juizo: não teve venda nos olhos, pois hoje vio a Pedro, que o negava: *Respexit Petrum*; não teve venda no juizo, pois hoje conheceo a Judas que o vendia: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum*. Porém assim havia de ser; porque se assim não conhecêra, nunca assim amára: e a razão he, porque o ser huma acção fineza, ou não ser fineza, consiste em ser conhecida, ou em ser ignorada; se he ignorada, não he fineza, porque lhe tira o valor a ignorancia; se he conhecida he fineza, por-

Luc.
22. 51.

Joann.
13. 11.

que lhe dá valor o conhecimento, e senão vejaõ.

291 Manda Deos ao Patriarca Abrahaõ, que lhe sacrifique seu amado filho Isac, e ainda q̃ o sacrificio não foy executado, foy com tudo de Deos tambem aceyto, que o conta o Senhor por huma das grandes finezas, e heroicas acçoens deste Patriarca: *Quia fecisti* Genes. *banc rem... multiplicabo* 22. 16. *semen tuum*. Trata Samsaõ de obrar a ultima facanha de sua vida, abraça as columnas, deruba o Templo, mata os Filisteos com dispendio da vida propria, e não vejo que a Escritura encareça esta acção por grande. Comparemos agora hum com outro successo: Abrahaõ sacrificava a vida de hum filho amado, Samsaõ sacrificou as vidas de tantos Filisteos inimigos; Abrahaõ sacrificou a vida alhea, Samsaõ sacrificou a vida propria: pois se

se se encarece o sacrificio de Abrahaõ, por ser victima seu filho, porque se não encarece a facanha de Samsaõ, por ser victima a propria vida? Direy: Abrahaõ hia sacrificar, vendo o que sacrificava; assim o disse Deos: *Vade in terram visionis*; Samsaõ obrava; sem ver o que obrava assim o diz a Escritura: *Eruerunt oculos ejus*; de modo que o Patriarca hia obrar na terra da visaõ, e Samsaõ veyo a obrar no tempo da cegueyra; e dà, ou tira tanto o valor ás cousas o ver, ou o não ver, que em Samsaõ o sacrificar a vida propria, não se avalia por fineza, porque se obrou com cegueyra: *Eruerunt oculos ejus*; e em Abrahaõ o hir sacrificar a vida alhea se avalia por extremo, porque se hia obrar com vista: *Vade in terram visionis*. Assim como obrou Samsaõ, amaõ os homens; assim como

Ibi. 2.

Judic.
16. 21.

obrou Abrahaõ, amou Christo: os homens amaõ, como obrou Samsaõ; porque todas as suas finezas são filhas da sua cegueyra, e quanto falta de vista nos olhos, tanto falta de estimação nas finezas: Christo ama, como obrou Abrahaõ, porque as suas finezas são filhas da sua sabedoria, e tanto sóbe a sabedoria, quanto sóbe o amor: emfim Abrahaõ sacrificou vendo o filho que sacrificava: *Vade in terram visionis*; Christo amou conhecendo os homens a quem queria: *Sciens... dilexit eos*.

§. III.

292 **H**E taõ certo não ter venda nos olhos o amor de Christo, que logo elle deyxou de ter amor, onde começou a ter cegueyra; ali deyxou de ser amante, onde começou a estar cego. Ora notem: nos olhos de Christo

Luc.
22. 64.

sto puzeraõ esta noyte hum veo em casa do Pontifice : *Velaverunt eum*. Reparo porque lhe não puzeraõ tambem veo nos olhos em casa de Pilatos? Na Payxaõ de Christo não houve circumstancia , que não tivesse mysterio : pois q̄ mysterio teve não lhe porem a Christo venda em casa de Pilatos, e porem-lhe venda em casa do Pontifice? Para darmos a reposta havemos de saber, que Christo no sacrificio de sua morte começou a amar o povo Gentilico, como dizem os Santos Padres, e deyxou de amar o povo Judaico. Ahim! Pois porisso lhe não põe a venda nos olhos em casa de Pilatos Gentio; porque onde começa o amor, não se põe a venda: porisso lha põe em casa do Pontifice Judeo; porque onde o amor acaba, ahi he que a venda se põe: *Velaverunt eum*. Quem visse a Christo em

casa do Pontifice com huma venda nos olhos, que havia de dizer, se não, ó que excellente figura do amor! Mas enganava-se; porque he taõ proprio deste amor o ver, e conhecer a quem ama, que logo deyxou de ter amor, tanto que teve venda; logo Christo deyxou de ser amante, tanto que o fizeraõ cego: pelo contrario ali onde começou a amar, he que teve livre a vista; porque assim como acaba o amor, onde lhe põe a venda nos olhos: *Velaverunt eum*; assim começa a crescer o mesmo amor, onde lhe falta a venda no juizo: *Sciens... dilexit eos*.

293 Daqui se segue, que he taõ propria do amor de Christo a sciencia, que muytas vezes faõ nelle as finezas mais filhas da sua fabedoria, do que do seu amor. Houveraõ em Christo finezas, em que teve mais parte o seu entendimento, do

que a sua vontade : ora vejaõ. Estando o Senhor na Cruz pedio o Calis conhecendo-o : *Sciens... Joann. 19. 28. dixit sitio*; porém dando-lhe dantes os Judeos o Calis, o Senhor o não quiz beber : *Cum gustasset, noluit bibere*. *Matth. 27. 34.* Notavel, ainda que apparente contradicção ! E bem ! Se Christo pede o Calis, porque o não bebe? E se o não quiz beber, para que he pedillo? Sabem para que ? Para que visse-mos, e soubessemos, que aquellagrande fineza de gostar o Calis era filha da sua fabedoria, e não da sua vontade ; era filha da fabedoria, pois na fabedoria esteve o Calis pedido : *Sciens... dixit sitio*; não era filha da vontade, pois na vontade esteve o Calis regeytado : *Noluit bibere*. Aquella grande fineza de beber o Calis apresentava-se diante dos dous principaes attributos Divinos : apresentava-se diante do attributo Tom. II.

to da fabedoria, e diante do attributo do amor : propunha-se ao entendimento, e á vontade; e assim proposto, o entendimento o deseja, e a vontade o regeyta : a vontade o regeyta, como se fora entendimento, que o conhece; o entendimento o pede, como se fora vontade, que o ama : emfim na vontade, que pelo amor o havia de receber, houve hum *Noluit*; no entendimento, que pela fabedoria o havia de regeytar, houve hum *Sitio*. Mas que muyto que a fabedoria manifestasse a sede, se ella era, a que padecia os ardores ? E assim se na Cruz haviaõ de ser as sedes filhas da fabedoria : *Sciens... dixit sitio*, que muyto que tambem hoje no Cenaculo sejaõ os ardores filhas da sciencia : *Sciens dilexit eos*.

§. IV.

294 **A** Segunda circumstancia, que
R 2 con-

considero na Cruz, foy a de morrer Christo por todos os homens, não só pelos que vivião, mas também pelos que já viverão: *Passus est pro omnibus*; e a segunda circumstancia do Cenaculo he amar Christo a todos, não só aos que estão vivos, mas também aos que são mortos: assim explicaõ aquellas palavras: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo*, São Cyrillo Padre antigo, e Novarino Expositor moderno. Mas ó que novo, e defusado amor! He o amor hum fogo, que o amado introduz no coração do amante, e assim ordinariamente dura o fogo do amor no coração do amante aquelle tempo só, que dura a luz da vida nos olhos do amado: tanto que no amado se apagou a luz, logo no amante se esfriou o fogo: tanto que o amado fechou os olhos, logo o amante cerrou o peyto.

295 Jacob, aquelle exêplo de amantes, contou no Egipto a José seu filho a morte, que na volta de Mesopotamia sobreveyo a Raquel sua esposa: *Mibi enim, quando veniebam de Mesopotamia, mortua est Rachel*. Porém he de notar, que contando Jacob toda esta historia, não lançasse huma só lagrima. He sem duvida, que muytas pedia o successo: a morte de huma esposa, o occaso de huma formosura, taõ servida como amada, hade-se contar com os olhos enxutos? Que he isto Jacob? Não fois vós aquelle, que chorastes a primeyra vez que a vistes? He certo: *Elevatâ voce flevit*. Pois se vos obrigaraõ a chorar as vistas, porque vos não obrigaõ a chorar as memorias? A razaõ he, porque já tinha Raquel cerrados os olhos pela tyrannia da morte; e como cerrou os olhos Raquel, logo havia fechar

Genef. 48. 7.

Genef.

29. 11.

o

o peyto Jacob; e fechando o peyto já não podem correr as lagrimas dos olhos. Haverá Jacob, que ame a Raquel viva; mas não ha Jacob, que chore a Raquel morta: haverá Jacob, que misture as suas lagrimas cõ as suas vistas: *Elevatâ voce flevit*; mas não ha Jacob, que misture as suas lagrimas com as suas memorias: *Mibi mortua est Rachel*. Noray bẽ a energia do Texto: morreo Raquel para mim (diz Jacob) *Mibi mortua est Rachel*. O' que grande desgraça! Mas ó que mayor sem razaõ! Tanto que a vida acabou para Raquel, logo Raquel morreo para Jacob: *Mibi mortua est Rachel*.

296 O amor dos homens he como a borboleta: a borboleta busca no fogo a luz, mas não busca as cinzas: assim o amor humano, quando bate as azas, namóra a luz da vida, mas nun-

ca assiste ás cinzas da morte. Quando Christo caminhava do Pretorio de Pilatos para o monte Calvario, o seguia hum grande acompanhamento de mulheres devotas, que choravaõ enternecidas, e tanto, que obrigaraõ o Senhor a dizer-lhes: *Filia Jerusalem, nolite flere super me*. Morre o mesmo Senhor, levaõ-no á sepultura, e não se lê que estas mulheres com o seu pranto o acompanhassẽ. Pois que he isto, filhas de Jerusalem? Choraes a Christo, quando vay para a Cruz, e não o choraes quando o levaõ para a sepultura? Não; porque este he o coração humano; chora os passos para a Cruz, porque ainda são passos de vivo; não chora os passos para a sepultura, porque já são passos de morto: chegará o amor á Cruz, porque ordinariamente chega o amor a onde chega a vida;

Luc.

23. 28.

mas não hade chegar o amor á sepultura, porque não costuma chegar o amor aonde chega a morte: porisso as filhas de Jerusaleem não choraõ a Christo morto; porisso Jacob não chora a Raquel sepultada: *Mibi mortua est Rachel.*

297 He taõ certa esta doutrina, que basta hum homem parecer morto, para não ser querido, antes ser desprezado. Esta noyte foy Herodes o que desprezou a Christo: *Sprevit illum*, sendo que o não devia desprezar Herodes. Fundo-me no mesmo Texto: Herodes desejava muyto ver a Christo: *Ibi. 8. Erat enim cupiens videre eum.* Pois se o Senhor atéqui foy objecto do desejo deste Ministro, como já agora he assumpto do seu desprezo? Se Herodes atéqui o desejava ver, como já agora o entra a desprezar? Dizey: porque Herodes nesta occasiaõ mandou vestir

ao Senhor huma vestidura branca, e tanto, que ficou assim amortalhado, logo foy desprezado do mesmo de quem era appetecido: desejava Herodes vello, em quanto vivo: *Erat cupiens videre eum*; mas tanto que o amortalhou, logo entrou a desprezallo: *Sprevit illum indutum veste alba.*

298 Este he o amor, e o desejo dos homens; mas não foy este o amor, e o affecto de Christo: mais dilatado foy o seu amor, do que o amor de Jacob, mais permanente foy a sua piedade, do que a das filhas de Jerusaleem; mais firme foy o seu affecto, do que o desejo de Herodes; porque foy tal o seu affecto, foy tal a sua piedade, foy tal o seu amor, que o affecto não acabou nas mortalhas, a piedade não espirou na morte, e o amor não morreo na sepultura: a todos os seus amou, assim aos que estavaõ vi-

vos,

vos, como aos que eraõ já mortos: chegou o Amor Divino aonde não chega o amor humano; mas emfim amou como padeceo, padeceo por todos: *Passus est pro omnibus*, e amou a todos: *Cum dilexisset suos... in finem dilexit eos.*

S. V.

299 **A** Terceyra circumstancia digna de se notar na Cruz, foy a de ser Christo nella juntamente Sacerdote, e sacrificio; e a terceyra circumstancia do Cenaculo he ser Christo nelle juntamente bemfeytor, e beneficio. Na Cruz foy Christo juntamente Sacerdote, e sacrificio, porque ali foy elle o sacrificado, e foy o que a si mesmo se sacrificou: *Oblatus est, quia ipse voluit*; no Cenaculo he juntamente bemfeytor, e beneficio, porque aqui he elle o que dá, e he o que se dá: *Accipite, & co-*

Matth.
26.26.

Tom. II.

medite: eis aqui a liberalidade de bemfeytor: *Hoc est corpus meum*: eis Ibi. aqui a fineza de beneficio: que a tal excessõ chega quem assim ama, e se assim não obrára, não amára com este excessõ: *In finem dilexit.* Se Christo fora bemfeytor sómente, não amára quanto amou; porque alguns houve, que fizeraõ bem, e não amáraõ muyto. Quem fez mais bem a Saúl do que David? E mais não nos consta, que David amasse muyto a Saúl; e a razão he, porque o ser hum homem bemfeytor, ou póde nascer da generosidade do animo, ou dos intentos do interesse; e de qualquer sorte, que seja, não se segue de ser só bemfeytor o ser amante. Se Christo fora sómente beneficio, não fora seu amor taõ excessivo como foy; porque alguns houve, que foraõ beneficio, e não consta do excessõ do seu amor. Encarece

R 4 Deos

Genes.
22. 12.Apud
Alap.

Deos muyto o amor do Patriarca Abrahaõ: *Nunc cognovi, quod times Deum*: outra letra tem: *Quod amas Deum*; e com isto está, que não falla no amor de Isac seu filho. Pois porque não hade fallar no amor do filho, encarecendo tanto o amor do Pay? Porque sendo o Pay bemfeytor, o filho foy sómente sacrificio: Abrahaõ foy o que offereceo, Isac foy o offerecido; Abrahaõ o que sacrificou, Isac o sacrificado; Abrahaõ o q̄ deo como bemfeytor, Isac o que se deo como beneficio; e no beneficio não se póde considerar amor, ainda que no bemfeytor se confidére algum; mas ainda este não sóbe a ser grande, se não quando se ajunta o ser bemfeytor, e o ser beneficio.

300 E que bem conheceo hoje a bom Jesus estes dous extremos! Como conhecesse, q̄ quem he beneficio não ama, e

quem he bemfeytor ainda ama pouco, para elle hoje amar muyto ajuntou estes extremos ambos, foy bemfeytor, e beneficio juntamēte, foy o que sacramentou, e foy o sacramentado, que só quem assim ama, assim obra. Na Escritura se chama Christo expressamente flor: *Ego flos campi*. Eis aqui o titulo, que elle tem nos Cantares. Resuscita o mesmo Senhor, e a Magdalena o avalia por hortelaõ: *Existimans quia hortulanus esset*. Ha tal encontro! Se Christo he flor, como póde ser juntamente hortelaõ? Ou seja hortelaõ, ou seja flor; mas tudo junto? Sim; porque a estes pontos o chegou o seu amor: fez-se flor, e juntamente hortelaõ, para ser juntamente bemfeytor, e beneficio; em quanto hortelaõ he bemfeytor, porque elle he o que dá como amante; em quanto flor he beneficio, porque elle he o que

que se dá como prenda: se Christo fora sómente hortelaõ, seria só bemfeytor, como Abrahaõ que offerece; se fora sómente flor, seria só beneficio, como Isac que he offerecido. Pois para que elle excedesse a Isac, que foy só beneficio, e para que excedesse a Abrahaõ, que foy só bemfeytor, era necessario, que fosse juntamente flor, e hortelaõ; flor para se dar como beneficio, excedendo a Isac: *Ego flos campi*; hortelaõ para se mostrar bemfeytor, excedēdo a Abrahaõ: *Existimans quia hortulanus esset*. O' Abrahaõ amante! O' Isac obediente! Antigamēte amaveis sendo bemfeytor, mas nunca amastes sendo beneficio; porém depois que tomastes a nossa natureza, chegou a raes extremos o vosso amor, que sendo só bemfeytor antigamente, hoje no Cenaculo ajuntastes o ser bemfeytor, e o ser beneficio.

Porém que muyto, se amastes como padecestes; se foy o vosso amor igual ao fim de vossa vida: *In finem dilexit eos*.

§. VI.

301 **A** Quarta, e ultima circunstantia, que considero na Cruz, foy padecer nella Christo pelos homens, que tinhaõ culpas; e a ultima circunstantia do Cenaculo he amar Christo aos homens, que tem defeytos, que sempre amou defeytos que amou homens. O anno passado neste dia ponderey eu como o Senhor amára ignorancias, como amára enganãos, como amára ingraticios; ignorancias em Pedro, enganãos em Judas, e ingraticios em todos. Porém hoje levantando mais o pensamento, digo, que amou defeytos mayores; porque amou retiros, e amou despresos. Vejamos brevemente huma, e outra

tra coufa.

202 Amou o Senhor retiros; porque estando no Horto, diz o Texto, que os Discipulos fugirão, e *deyxáraõ: Relicto eo, fugerunt.* Retirarse do amante a pessoa, que he amada, isto nem para todo o amor he aggravado, nem para todo o amor he lizonja; he lizonja para o amor humano, e he aggravado para o Amor Divino. Os retiros, que faz o fogeito amado, são lizonjas para o amor humano; porque o amor humano arde mais no que mais lhe foge: os mesmos retiros são agravados para o Amor Divino; porque o Amor Divino arde mais em quem mais o busca. Nos Cantares, que he o livro dos amores, pedia Deos á Alma Santa, que viesse: *Veni de Libano*; e a mesma Alma pedia a Deos, que fugisse: *Fuge, dilecte mi.* E porque razaõ, quando Christo pede á Alma que venha: *Veni,*

a Alma pede a Deos que fuja: *Fuge?* Sabem porque? Porque este he o amor humano, e aquelle he o Amor Divino: porisso a Alma, que amava ao humano, vendo que este amor se accende mais nos retiros, para mais arder pede ao Amante, que fuja: *Fuge*; e porisso Deos, que amava ao Divino, conhecendo que este amor se accende mais na presença do bem que se ama, para mais arder pede á Alma, que venha: *Veni.* Quem mais obriga o coração de Deos he quẽ mais o busca; porisso Deos pede á Alma que venha: *Veni.* Quem mais cativa o coração humano, he quem mais lhe foge; porisso a Alma pede a Deos que fuja: *Fuge.*

303 Não ha duvida, que o que Deos mais sente, he que huma alma a quem elle ama, delle se retire. Esta noyte chamou Christo a Judas no Cenaculo traydor: *Unus* Matth.

ve. 26. 21.

vestrũ me traditurus est; e ao mesmo Judas no Horto chamou amigo: *Ibi. 50. Amice.* Pois porque razaõ? O mesmo homem he no Horto amigo, e no Cenaculo traydor? Sim, porque no Cenaculo ajuntou á sua culpa os seus retiros: *Ibi. 14. Tunc abiit unus de duodecim, qui dicebatur Judas;* no Horto ajuntou á sua culpa a sua presença: ainda que viesse para entregar, veyo com tudo buscar a Christo: *Ibi. 47. Adhuc eo loquente, ecce Judas venit,* e estima Deos tanto as nossas vistas, sente tanto os nossos retiros; estima tanto, que o busquemos, sente tanto, que lhe fuja, que o mesmo culpado, o mesmo Judas, quando vem he amigo: *Amice,* e quando se retira he traydor: *Unus vestrum me traditurus est.*

304 Mas ó amor de Christo extremo! Estes retiros, que o Senhor tanto sentio no Cenaculo, veyo pouco de-

pois a amallos no Horto; e senão vejaõ. Diz o Evangelista, que os Discipulos fugirão, e se apartarão no Horto de seu Mestre: *Omnes relicto eo, fugerunt.* Outro Texto diz, que o mesmo Senhor fora o que os mandára apartar: *Sinite hos abire.* Pois que he isto, meu Deos? Se vós tanto sentis, que os homens se retirem de vós, e se apartem, como fois agora o mesmo, q̄ quereis, que se apartem, e se retirem: *Sinite hos abire?* Mas já sey: he porque em tal estado poz hoje a Christo o seu amor, que houve de quebrar pelo seu sentimento, amando, e querendo elle mesmo os nossos retiros: *Sinite hos abire.* Esta he humas das grandes finezas do amor, querer o contrario do que deseja, para conservar, o que ama; porisso Christo para conservar os homens, desejando as suas vistas, veyo a pedir os seus retiros.

Ver-

Verdade he, que estes retiros foraõ nos homẽs defeytos; porẽm até estes defeytos chegou hoje a estimar, e a antepor o excessõ do amor de Christo: *Sinite hos abire.*

S. VII.

305 **M**As se Christo amou hoje o defeyto dos retiros, e nisto amou muyto, não foy menos o que amou, amando o defeyto dos desprefos. Quantos beneficios fez, quantas palavras disse, quantas lagrimas derramou hoje pela conversão de Judas? E tudo hoje desprezou este Discipulo ingrato. O desprezo pôde ser de dous modos: ou se pôde desprezar a hum homem, em razão a elle mesmo, ou em razão a outro: ou se despreza este homem porque he aborrecido, ou se despreza, porque outro he o amado. O primeyro desprezo, em que o homem he abor-

recido, não ha duvida que causa hum sentimento grande; mas nelle ha ainda assim hum alivio; porque se alivia o homem, ainda que se veja desprezado, vendo que o outro não he querido: o segundo desprezo, em que outrem he o amado, além de causar sentimento grande, he sentimento sem algum alivio, he huma pena cheya de toda a dôr; porque a dita do preferido acrescenta a magoa do desprezado: e este desprezo foy o que Christo hoje padeceo aos pés de Judas.

306 Este Discipulo ingrato não só negou o coração a Christo desprezando-o; mas deo o coração ao demonio preferindo-o: *Cum diabolus jam misisset in cor.* O' que grande dôr! O' que grande magoa seria a do Divino Amante nesta hora! Todas as queyxas, que Raquel dava a Jacob, porque Jacob, lhe não dava filhos, não se fun-

fundavaõ em Jacob lhe não dar filhos a ella, fundavaõ-se sim em lhos não dar a ella, dando-os a Lia. Desõrte, que Raquel formosa não sentia as desgraças, sentia as preferencias. E se isto era o que sentia Raquel, que sentiria hoje o bom Jesus? Ah Judas ingrato! Não dás hoje os filhos de teu coração, que são os affectos de teu peyto, á formosura de Raquel, dá-los á fealdade de Lia: não os dás a Christo, dá-los ao demonio: *Cum diabolus jam misisset in cor.* E que conhecendo Christo, que Judas lhe preferia o demonio, e o desprezava a elle, ainda assim se lançasse hoje aos seus pés! O' que extremo do Divino Amante! Porẽm q̃ muyto que quem amava aquelles desprefos, se puzesse debayxo daquelles pés: *Cepit lavare pedes!* E que muyto que entendesse cõ os pés, se estava ferido de amor: *Dile-*

xit.

307 Andava Deos huma hora a braços com o Pastor Jacob, e diz o Sagrado Texto, que o Senhor o ferira em hum pé: *Tetigit nervum femoris ejus.* Notavel acção por certo? E quem mandou a Deos entender naquella occasião cõ os pés de Jacob? Que fineza era esta, para que a fizesse Deos? Direy: andou Deos a braços com Jacob toda aquella noyte: *Luctabatur cum eo;* e tanto que Deos se lhe unio com aquelles laços de amor, logo teve inclinação áquelles seus pés: dar Deos os braços a Jacob era final de amor, e tanto que o Senhor deo os braços, começando a amar; logo assinalou os pés, mostrando que havia de servir; como se dissera Deos a Jacob: muyto te amo; pois me chego a teus braços; mas muyto mais te heyde amar; porque em teus descendetes me hey-

Genes. 32. 25.

de pôr a seus pés; e esta promessa te affeguro neste golpe: *Tetigit nervum femoris ejus.*

308 Esta promessa, que o Senhor fez na luta, que teve com Jacob no caminho, se cumprio na luta, que hoje teve com Judas no Cenaculo. E como ficou (quizera eu saber) o coração de Judas, quando Deos lhe tocou os pés, ajoelhando diante delles? Sabeis como ficou o coração de Judas? Ficou como o pé de Jacob: e como ficou o pé de Jacob? A Escritura o diz: *Statim emarcuit*: tocou

Genes. 32. 25. Deos o pé de Jacob, e logo se secou o pé de Jacob aos toques de Deos. Mas ah Senhor! Melhor vos succedeo antigamente, do que vos succedeo hoje: antigamente tocaveis o pé, e secava-se o pé; hoje tocaes os pés, e seca-se o coração. Grande fineza no amor de Deos! Mas grande sem razão na

correspondencia dos homens! Que se ponha Jacob aos pés de Esaú no ventre, e que se não abraque com isto o odio de Esaú! Grande maldade de irmão! Que se ponha Christo aos pés de Judas no Cenaculo, e que se não abraque com isto o odio de Judas! Grande maldade de Discipulo! Que no diluvio da justiça se salve hum Noé, e se percaõ todos os homens! Grande triumpho da virtude de Noé? Que no diluvio do amor se salvem todos os Discipulos, e só hum Judas se perca! Grande argumento da malicia de Judas! Que bastasse descer huma pedra aos pés da estatua, para que a estatua se desfizesse em pó, e que não bastasse descer hoje a verdadeyra pedra, que he Christo, aos pés de Judas, para que Judas se desfaca em pranto! Grande dureza. Grande rebeldia.

309 Aquella estatua que

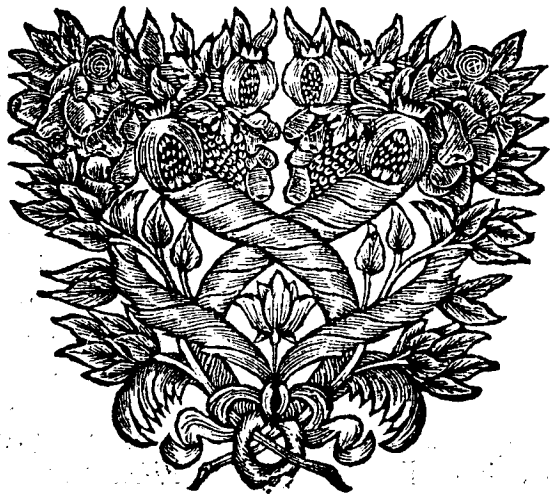
que outra cousa era, se não hum Judas? A estatua tinha ouro na cabeça; Judas tinha ouro na vontade: a estatua tinha prata nos braços; Judas tinha prata nas mãos: a estatua tinha bronze no ventre; Judas tinha bronze no coração: a estatua tinha barro nos pés; Judas tinha lodo nas plantas. E que bastasse (aqui deve entrar agora a nossa admiração) que bastasse descer aquella pedra aos pés daquella estatua, para destruir o barro daquelles pés, e que não bastasse descer Christo aos pés de Judas, para desfazer o lodo destas plantas? Que bastasse aquella pedra para derreter o bronze daquelle ventre, e que não bastasse Christo para abrandar o bronze deste coração? Que bastasse aquella pedra para resolver a prata daquelles braços, e que não bastasse Christo para desapegar a prata destas mãos? Que bastas-

se aquella pedra para cõsumir o ouro daquella cabeça, e que não bastasse Christo para desterrar o ouro desta vontade! O que grande obediencia da estatua! Mas ó que grande obstinação de Judas! Emfim foy o coração de Judas como o pé de Jacob: aos toques de Deos se secou: *Statim emarcuit*. E que á vista deste desprezo ainda profiga Christo no seu amor! O que extremosa fineza! Porém que muyto se elle amou como padeceo; na Cruz padeceo pelos homens, que tinham tantas culpas; no Cenaculo amou aos homens, em que havia tantos defeytos: *In finem dilexit eos.*

310 Senhor: estes são de vosso amor os extremos, obrados no Cenaculo, e explicados na Cruz: os tormentos da vossa Cruz explicarão os affectos do vosso amor: forão os passos daquelle tran-

trânsito huma explica-
ção das finezas desta ho-
ra: amastes como pade-
cestes; e no que á ma-
nhã padecestes nos de-
stes a conhecer o quan-
to hoje nos amastes. Mas
se todos os vossos tor-

mentos foraõ para reme-
dio de nossas culpas, fa-
zey q̄ estas vossas finezas
sejaõ para augmento de
nossa graça, certo pe-
nhor da eterna Gloria:
Ad quam nos perducatur,
Ec.



SER-



SERMÃO

DO

SANTÍSSIMO NOME

DE

JESUS,

Em dia da Circuncisaõ.

*Postquam consummati sunt dies octo, ut cir-
cumcideretur Puer, vocatum est no-
men ejus Jesus. Luc. 2.*

§. I.

311



Emos no
Euange-
lho hum
nome, e
huma cerimonia: a ce-
Tom. II,

remonia he da ley escri-
ta, o nome he da ley da
graça; a cerimonia já se
acabou, o nome ainda du-
rá, e hade sempre durar;
a cerimonia foy dada
para huma só gente, o
nome

nome foy posto para todo o mundo; a cerimonia foy a Circuncisaõ: *Postquã consummati sunt dies oõto, ut circumcidetur Puer*; o nome he o Santissimo de Jesus, excellente sobre todos os nomes: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Admiravel nome! Notavel cerimonia! E para que tudo seja prodigio, a cerimonia nos offerecerá hoje as duvidas, e o nome nos dará as repostas. Esta sem mais preludeos hade ser toda a materia do Sermão. Comecemos.

§. II.

312 **A** Primeyra duvida, que nos funda a Circuncisaõ, he, porque se havia de circuncidar hoje Christo? A circuncisaõ era remedio de culpas, Christo era impeccavel: logo não necessitava de circuncisaõ. Isto he certo. Pois se Christo não necessitava de circuncisaõ,

porque razaõ se circuncidou: *Ut circumcidetur Puer?* Esta he a duvida: agora vay a resposta. Porque era Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus*: e porque era Jesus, porque era Salvador (que he o que quer dizer este nome) tinha obrigaçaõ de se circuncidar; não pela ley, que estava posta; mas sim pelo nome, que tomava. Quem tem hum nome grande, quem tem hum nome illustre, quando não deva obrar as cousas por obrigaçaõ, sempre deve obrallas por exemplo; e porque Christo tinha o soberano, e illustre nome de Jesus, porisso nos deo o grande, e notavel exemplo da circuncisaõ.

313 Lava Christo os pés a seus Discipulos na quinta feyra da cea, e chama a esta sua acçaõ exemplo: *Exemplum enim dedi vobis*. Agora pergunto: e porque dá Christo neste dia este exemplo? Porque dá o exemplo mais

Joann.
13. 15.

na quinta feyra da cea, do que em outro qualquer dia? Nos outros dias de sua vida não obrou Christo varios prodigios? Não fez muytos milagres? Não nos edificou com suas acçoens? He certo. Pois porque não diz, que nos dá nellas o exemplo, e porque affirma, que no-lo dá nesta acçaõ da cea? Sabeis porque? Porque na cea se intitidou Christo Mestre, e se declarou Senhor: *Vos vocatis me Magister, & Domine*: e se declarou Senhor: *Vos vocatis me Magister, & Domine*: e *bene dicitis sum etenim*: e quem he Senhor, quẽ he Mestre este he o que tem obrigaçaõ de dar exemplo. Está o exemplo vinculado ao fenhorio, e deve ser exemplar quem diz, que he Senhor. Assim como as flores exhalão fragancia, assim os homens devem dar exemplo; nasce a rosa, porque he Rainha, he a mais fragrante, tambem o homem, que he grande, deve ser o mais

ibi. 13.

exemplar. Entre as pedras a que mais brilha he o diamante, porque he o principe das pedras: entre os astros o que mais resplandece he o Sol, porque he o senhor dos astros: entre as feras o mais generoso he o Leão, porque he o Rey das feras. Taõ unido está o exemplo á mayoria; porisso na occasiaõ, em que Christo se declara Senhor: *Vos vocatis me Magister, & Domine*: entaõ confessa a obrigaçaõ, que tem de nos dar o exemplo: *Exemplum enim dedi vobis*.

314 Institue o mesmo Christo o seu Collegio Apostolico, e a fôrma, que dá aos Discipulos, he, que vão caminhando atraz, e que elle os hirá a diante precedendo: *Se-*

Matth.
16. 24.

Marc.
14. 28.

quatur me. Resuscita o mesmo Senhor, e observa o mesmo estylo de caminhar: *Præcedam vos in Galileam*. Pois como assim? Quer Christo viva, quer resuscite, sem

pre, hade caminhar a diante? Sim, porque he Mestre, he Principe, he Superior; e quem manda a todos, hade hir diante de todos. Quem manda a todos com imperio, hade preceder a todos com exemplo: todos (diz Christo) me haveis de seguir; porque se eu tenho o nome, se tenho o officio; se tenho o officio de superior, se tenho o nome de Jesus, quem duvida que se vós me dais a obediencia, eu vos heyde dar o exemplo; e assim vós hireis a traz, como quem segue, e eu hirey a diante, como quem guia: *Sequatur me: Præcedam vos.*

315. Agora entendo eu a razão, porque este Senhor chamou a seus Discipulos luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* E he, porque os constituhia Principes para o governarem: *Constitues eos Principes;* E quem he Principe para o governo, deve ser luz para o

exemplo. A luz sempre vay a diante, e tal deve fer quem governa: deve hir a diante, como luz para o exemplo, já que está em cima, como luz para o governo. A estrela dava exemplo aos Magos, e caminhava a diante; os Magos tomavaõ o exemplo, e seguiaõ a estrela: pois tal deve fer o superior, deve fer luz do mundo, que vá dando exemplo a diante, para que os subditos vão a traz abraçando a imitação; porque desta sorte se compõe o governo acertado, havendo quem guie, e quem figa: porisso quer o Senhor de Jesus Discipulos, que para que o mundo os figa, como a seus Principes, sejaõ elles luz do mundo, que vão precedendo com exemplo: *Vos estis lux mundi.* E fenaõ vejaõ.

316 Dous Discipulos correrãõ para o Sepulchro; Pedro, e Joãõ. Joãõ era mais moço, correo mais: *Præcucurrit citius Petro.* Joann. 20.4.

tro; mas ainda assim pergunto: e qual entrou na sepultura primeyro? O mesmo Texto diz, que fora S. Pedro, o que entrara: *Petrus... introivit:* mas se Joãõ primeyro chegou: *Venit primus ad monumentum:* porque havia Pedro primeyro entrar? Sabem porq̃? Porque Pedro era o superior de Joãõ, como Principe de todos os Apostolos; e para os horrores de huma sepultura, o superior deve fer o primeyro que entre, deve fer o que vá a diante; porisso para Joãõ entrar, Pedro lhe deve dar o exemplo. Tanta obrigação tem para o exemplo quem teve a dita para o Throno: e vós Pedro sois superior, pois hide a diante; sois Principe, pois day exêplo; porque no bom governo, onde Joãõ he subdito, e Pedro superior, Joãõ hade entrar depois para a imitação, e para o exemplo Pedro hade entrar primeyro:

Tom. II.

Venit ergo Simon Petrus, & introivit.

317 Meu Deos, e meu Senhor; sois Superior, e sois Principe; porisso quizestes tomar por Principe aquella circuncisaõ, que se naõ entendia com voscõ por innocente: estaveis livre desta ley, porque naõ tinheis culpa; mas obedesteis á ley por nos dar exemplo a nós: o exemplo, e naõ o peccado foy o que vos circuncidou, porque ainda que estaveis livre da circuncisaõ, estaveis obrigado a nos dar o exemplo, supposto tomaveis o nome de Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

§. III.

318 **M**uyto póde cõ os homens a doutrina, muyto póde o preceyto; porém mais que tudo póde o exemplo: depois compararemos o exemplo com o preceyto, comparemolo primeyro com a dou-

S 3

tri-

trina. Digo pois , que pôde mais o exemplo , que a doutrina , e a razão he : porque a doutrina entra pelos ouvidos , e o exemplo entra pelos olhos : os olhos são mais activos , que os ouvidos : logo para obrar , mais persuade o exemplo , que a doutrina : a doutrina ouve-se , o exemplo vê-se ; e nós obramos mais pelo que vemos , do que pelo que ouvimos : logo se a doutrina pôde com nosco muyto ; o exemplo ainda pôde mais. Que bem cõsiderou isto Tertulliano : *Philosophus auditur , dum videtur* : o Mestre (diz Tertulliano) não se segue porque se ouve , segue-se porque se vê : agora notem : o ouvilho he doutrina , que se recebe , o vello he exemplo , que se toma ; e mais se segue a hum Mestre pelo exemplo , que nelle vemos , do que pela doutrina , que delle ouvimos : *Auditur dum videtur*. Passemos agora á Escri-

tura , em que veremos provada claramente esta verdade.

319 Entrou Jonas na grande Cidade de Ninive , prégando aos homẽs penitencia , e profetizando á Cidade destruição. Agora pergunto : e algũ daquelles homens , que ouviraõ este Sermão , converteo-se ? Fez penitencia ? Emendou-se ? Vestio-se de cilicio ? Não nos consta. Eis que sabendo o Rey da prégacão de Jonas , logo se arrepende , logo jejua ; e tanto , que se vio a penitencia no Rey , logo foy penitente a Cidade toda. A primeyra parte nos diz a Escriitura , a segunda observa S. Ambrosio : *Pervenit verbum* (diz o Joann. Sagrado Texto) *ad Regem Ninive... & indutus est sacco , & sedit in cinere*. Agora S. Ambrosio admiravelmente : *Ut tota civitas jejunaret , famem sibi Rex primus indixit*. Notavel caso por certo ! Homens de Ninive,

nive , que he isto ! Ali está Jonas , aqui está o Rey ; ali está o Profeta , aqui está o Principe : pois seguis ao Principe , e não seguis ao Profeta ? Seguis ao Rey , e não seguis a Jonas ? Porque razão ? Porque Jonas diz , e o Rey faz ; o Profeta intima a doutrina , e o Rey dá o exemplo : e como pôde mais o exemplo que a doutrina ; porisso aquelles homens , que se não movem ás vozes de Jonas , que diz a doutrina , esses mesmos imitaõ ao Rey , que obra , e dá exemplo : Jonas Prégador entrava pelos ouvidos , o Principe penitente entrava pelos olhos ; e como os olhos sejaõ mais efficazes que os ouvidos , porisso o povo de Ninive imita a hum Rey , que faz , e não a hum Profeta que diz : e assim a penitencia do Rey foy a causa de ser o povo penitente : *Ut tota civitas jejunaret , famem sibi Rex primus indixit*. O' ex-

Tom. II.

emplo como hes efficaç ! O' exemplo como hes poderoso ! E sendo isto affirmado , porisso aquelle Senhor , que he Jesus : *Vocatum est nomen ejus Jesus* , havendo de nos encaminhar depois com a doutrina de sua Divina palavra , nos quiz hoje guiar primeyro com o exemplo de sua circuncisaõ : *Ut circumcidetur Puer*.

320 Temos visto como o exemplo he mais efficaç que a doutrina ; vejamos como he mais poderoso , que o preceyto : este era o segundo ponto ; mas taõ certo como o primeyro : o preceyto pôde muyto ; mas o exemplo pôde muyto mais , e a razão he ; porque pelo preceyto , que põe , mostra o homem que he superior , pois manda ; pelo exemplo , que dá , mostra o homem q̃ he subdito , pois obedece ; e mais facilmente se accomoda o mundo a hum superior , que se faz

S 4 sub-

subdito, do que a hum subdito, que se fez superior: a hum superior, q̄ se faz subdito, dando exemplo, do que a hū subdito, que subio a superior, para pôr preceyto. O superior no preceyto que põe se mostra soberano, no exemplo que dá se mostra humilde, e os homens mais se persuadem por hum exemplo, que dá o superior como subdito humilde, que por hum preceyto, que põe hum homem, que de subdito passou a superior, e se mostra soberano. Mas passemos já da razão á Escritura, e vejamos como o exemplo he mais efficaz que o preceyto.

321 No Paraíso poz Deos hum preceyto a Adam de que não comeſse; cō tudo elle quebrou o preceyto, e comeo: *Deditque viro suo, qui commedit.* A' porta do mesmo Paraíso poz Deos hum Cherubim para que Adam não entrasse: *Collocavit ante Pa-*

radisum Cherubim: e Adam fielmente não entrou. Pois vinde cá, Adam, dizeyme: se comeis o que Deos manda, que não comaes, porque não entraes onde Deos manda, que não entreis? Ali haviaõ duas couſas prohibidas, o pomo, e a entrada, o pomo da arvore, e a entrada do Paraíso. Pois se vos resolveis a comer, porque não intentaes tambem entrar? Porque o comer prohibio-fe a Adam com o preceyto, que Deos lhe poz: *Ne comedas*, e a entrada prohibio-fe-lhe com o exemplo, que o Anjo lhe dava; porque para Adam não entrar dentro, estava o Anjo de fóra: *An-*

Genef. 2. 17.

An-

Anjo, que está fóra do Paraíso he bom, eu, que estou tambem de fóra, fou máo; pois porque não estará de fóra o máo, quando tambem está de fóra o bom, e assim já que como máo quebrey o preceyto de não comer, quero ao menos agora imitar o bom em não pertender entrar. Eis aqui o que póde o exemplo, e se o exemplo póde tanto, que muyto que aquelle Senhor, que conhece o natural dos homēs, comece hoje adar o grande exemplo de sua circuncisaõ: *Ut circumcideretur Puer*, no mesmo dia em que toma o soberano, e excellente nome de Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

S. IV.

322 **A** Segunda duvida, q̄ nos funda a cerimonia da circuncisaõ, he, porque razão se circuncidou Christo logo a tão poucos di-

as depois de nascido: *Postquã consummati sunt dies octo?* Christo he certo, que não estava obrigado á circuncisaõ, como já disse: logo se não estava obrigado á subſtancia da ley, menos podia estar obrigado ao tẽpo; e assim que se circuncide para noſſo exemplo, bem está; mas seja iſſo depois de alguns annos; porém logo a tão poucos dias, e porque razão he tanta preſſa? Porque he Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* E quem he Jesus, quem he Salvador, sempre deve ser diligente nos beneficios, sempre deve ser apressado nos remedios.

323 Deraõ a Christo bem noſſo, quando estava na Cruz, huma lançada no peyto, e diz o Sagrado Texto, que logo sahira ſangue, e agoa: *Continuò exiivit ſanguis, & aqua.* Mas para que he este logo: *Continuò?* para que he esta preſſa? De-se a lançada, fique aber-

Joann. 19. 34.

aber-

aberto o peyto, e depois fahirá esta agoa, e fahirá este fangue; porém apenas a lançada se deo, logo o fangue, e a agoa fahio: *Continuò exiuit sanguis, & aqua?* Porque razaõ? Porque Christo nesta occasiã estava intitulado Jesus: *Jesus Nazareus*, e tinha acabado de nos remir: *Consummatũ est.* Aquelle fangue, e aquella agoa eraõ beneficio, e remedio, beneficio de Deos, e remedio dos homens; e quem he Jesus, quem he Redemptor, naõ hade dilatar o beneficio, que nos faz, hade apressar o remedio, que recebemos; naõ se hade haver com demóras em nos remediar, mas sim com diligencia, e pressa: *Cõtinuò exiuit sanguis, & aqua.* O vagar no remedio faz desafinar a harmonia do beneficio; porque quando chega acha já frio o desejo, e assim deve-se haver com pressa quem faz o beneficio; deve-se haver com dili-

gência quẽ traz o remedio.

324 Assim o fez Maria Santissima, quando caminhava para casa de Zacharias: hia favorecer a Ifabel, hia remediar ao Bautista, e para este remedio, e para aquelle beneficio poz toda apressa, e foy com toda a diligencia: *Exurgens autem Maria, abiit in montana cũ festinatione.* Onde noto eu dizer o Evangelista, que hia com pressa pelas montanhas: *In montana cum festinatione*: pois pelas montanhas, e com pressa? Sim, e que bemdito está! Porque deve andar com pressa, quem anda por lugares altos, deve apressar-se para o remedio, quem sóbe ao alto para o beneficio: porisso Christo hoje com o alto, e poderoso nome de Salvador: *Vocatum est nomen ejus Jesus*; unio a pressa da circuncisaõ: *Postquã consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer.* No sangue

Luc. 1. 39.

da circuncisaõ estava da parte de Christo o beneficio, e da nossa estava o remedio; pois deva-se por fineza antecipada na circuncisaõ aquelle fangue, que por remedio, e beneficio se hade derramar depois na Cruz, q̃ illo he desēpenhar o nome, e isto he augmētar o beneficio.

325 Apareceo Christo, como Sol a Malaquias, e diz o Profeta que o vira vir com azas: *Orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitie, & sanitas in pennis ejus.* Sol com azas! Notavel prodigio! E porque razaõ traz azas o Sol? Ora logo responderemos; vejamos primeyro como appareceo a David. Apareceo o mesmo Christo noutra occasiã a David como Gigante, e diz elle que o vira vir correndo: *Exultavit, ut Gigas ad currendam viam: à summo caelo egressio ejus.* Pois como assim! Hum Gigante hade vir correndo? Ora comparemos o

Pfalm. 18. 6.

Gigante, e o Sol. O Sol voa, e o Gigante corre? O Sol vem voando, e o Gigante vem correndo? Sim; porque quem he Gigante poderoso, quem he Sol illustre, tanto se deve apressar, que, ou hade voar, ou hade correr; ou hade correr como Gigante, ou hade voar como Sol: o Sol vinha para nos trazer o beneficio da nossa faude: *Et sanitas in pennis ejus.* O Gigante vinha para nos dar o remedio na sua morte: *Ad currendam viam.* E quem dá o remedio como Gigante, quem faz o beneficio como Sol, hade fer diligente correndo: *Ad currendam viam*; e hade fer apressado voando: *Et sanitas in pennis ejus*: se o Gigante naõ corrêra, que tarde chegára o nosso remedio; se o Sol naõ voára, que vagaroso viera o teu beneficio? Pois para que naõ hajaõ vagares, nem demóras, voe o Sol, corra o Gigante, que isto he fer

Matth. 27. 37.

Joann. 19. 30.

fer Gigante: *Exultavit, ut Gigas*; que isto he fer Sol: *Orietur Sol*; e para que diga tudo de hũa vez, isto he fer Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

§. V.

Genes.
2. 2.

326 **A** Terceyra, e ultima duvida, q̄ nos funda a circuncisaõ, he fer determinadamente no outavo dia: *Post-quã consummati sunt dies octo.* Deforte, que Deos na creação começou a descansar no dia settimo: *Requievit die septimo ab universo opere, quod patrarat.* Pois se o descanso de Deos começou no dia settimo, porque hade começar o trabalho de seu Filho logo ao dia outavo? Porque he Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* E quem he Jesus, quem he Senhor, quem he soberano, no tempo de seu descanso he que entra no seu trabalho; porque quando mais trabalha, entãõ he

q̄ gloriosamente descãça.

327 Se perguntarmos aos Expositores, que era o que significava aquelle celebrado leyto de Salamaõ: *En lectulum Salomonis*, de que se trata no livro dos Cantares? Sem duvida nos haõde responder, que significava o Sagrado Lenho da Cruz, em que Christo padeceo para nos salvar: *Lectulus Salomonis est Crux Christi.* Pois he leyto a Cruz? E porque razaõ? Porque sendo Salamaõ figura de Christo, se visse que em Christo o lugar do seu trabalho he o lugar do seu descãço, e o lugar do seu descanso he o mesmo lugar do seu trabalho; porisso sendo leyto a sua Cruz, he a Cruz para elle o seu leyto: *Lectulus Salomonis est Crux Christi.* Quem visse a Salamaõ no leyto, havia dizer: ali descãça. Quem visse a Christo na Cruz, havia dizer: ali trabalha; mas he certo, que o verdadeyro Salamaõ

Cant.
3. 7.

maõ no leyto, em que parece tem descanso, ahi tem o trabalho; e na Cruz, onde parece que tem o trabalho, ali he que tem o seu descanso; que desta sorte confundem os lugares aquelles, que sabiamente governaõ, aquelles que perfeitamente mandaõ: *Lectulus Salomonis est Crux Christi.*

Cant.
5. 2.

328 He o superior, he o soberano como o coraçãõ da Esposa: no sono tem o cuidado, no descanso tem o trabalho: *Ego dormio, & cor meum vigilat.* O Leaõ quando para o descanso se reclina, entãõ para o cuidado abre os olhos; que isto he fer Rey; isto he fer Senhor. Mas ó Divino Senhor, ó poderoso Rey! Vos fois o verdadeyro Leaõ de Judá; pois tendes o trabalho no tempo do descanso: havieis entrar a descansar no dia settimo, e entrastes a trabalhar no dia outavo; mas isto he fer Rey,

isto he fer Senhor, isto he fer Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

329 Agora entendo eu o mysterio, com que differaõ alguns Padres, que Christo Senhor nosso entraõ aceytãra o titulo de Rey, quando inclinãra acabeça sobre o peyto, estando na Cruz: *Inclinato capite.* Pois quando na Cruz inclina a cabeça, entãõ he que aceyta o titulo? Sim; porque entãõ aceyta o Senhor o titulo de Rey na Cruz para o trabalho, quando inclina sobre o peyto a cabeça para o descanso; porque o seu descanso está no seu trabalho; trabalhar, e descansar he para elle o mesmo: porisso a mesma cabeça, que aceyta para o trabalho o titulo, está he a que para o descanso busca o peyto: *Inclinato capite.* E sendo isto raõ certo, como na verdade he, que muyto que o mesmo Deos, que no settimo dia descansou, logo hoje no dia outavo

Joann.
19. 30.

tavo trabalhe, que isto he fer soberano, isto he fer poderoso, isto he fer Salvador, isto he fer Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

330 Este fois, Senhor poderoso, e menino bello: ainda não tendes o Throno, e já tendes a purpura: ainda não tendes o Throno da Cruz, e já tendes a purpura do sangue: ainda fois menino, e já estaes ferido; ainda não vistes os nossos serviços, e já experimen-

tamos os vossos favores: ahí unis as lagrimas com o sangue, e agora fois candido, e rubicundo, no sangue rubicundo, e candido no pranto: estaes ferido para nos ferir; ferido com o golpe da circuncisaõ, para nos ferir com as settas do amor. Assim seja meu Senhor, assim seja meu Jesus; porq̄ sendo assim, o amor nos hade segurar a graça, que he certo penhor da eterna Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO DO PATRIARCA S. BENTO.

Prégado no seu Convento de Lisboa, com o Santissimo Sacramento exposto, na sexta Sesta feyra da Quaresma.

Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. Matth. 19.

Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium adversus Jesum. Joann. 11.

S. I.

331



Um Patriarca, hum Pontifice, huma Religiaõ, e hum conselho,

saõ a materia, de que constaõ os Euangelhos deste grande dia. (Senhor) Hum Patriarca, hum Pontifice, huma Religiaõ, e hum conselho, saõ a materia, de que constaõ

Naõ os Euangelhos deste grande dia; o Patriarca, e a Religião por parte da Igreja Catholica, o Pontifice, e o conselho por parte da Synagoga Hebraica. O Pontifice he Cayfas; o cõselho consta de Sacerdotes, e Escribas. O Patriarca he S. Bento; a Religião consta de supremos Prelados, de eruditos Mestres, de insignes Doutores, e de pios Anacoretas. O Pontifice, e o seu conselho offendêraõ a Christo: *Adversus Jesum*: o Patriarca, e a sua Religião seguirãõ, e serviraõ aõ Senhor: *Secuti sumus te*: naquelle Pontifice, e no seu conselho houverãõ muytos erros; neste Patriarca, e na sua Religião houverãõ, e ainda ha muytos acertos. Esta pois hade ser hoje a minha materia: os erros de Cayfas emendados pelos acertos de Bento: os erros da Synagoga Hebraea emendados pelos acertos da Religião Benedictina.

Naõ nos cançemos em mais preludios, entremos já pela materia.

S. II.

332 **C**omeça o Euangelho dos Pontifices, e Sacerdotes por esta palavra: *Collegerunt*. Grande erro de Ecclesiasticos, começará logo o seu conselho por hum verbo de ajuntar: *Collegerunt*. Mas este erro emendou S. Bento: emendou o ajuntar com o deyxar; emendou o *Collegerunt* com o *Reliquimus*. Ora vejamos já o que deyxou S. Bento. Deyxou a Roma logo de idade de 14. annos. Pois Bento ainda menino deyxou a Roma cabeça do mundo? A Roma metropoli do universo? Sim; que este golpe generoso só o sabe dar hum coração: resolutivo.

333 Sonhou Nabuco que via huma protentofa estatua, cuja cabeça era de ouro, braços de

prata,

prata, ventre de bronze, e pés de barro: eis que desce do monte huma pedra, e dá o golpe nos pés desta estatua. Pois, pedra valente, pedra arrojada, no barro dá o golpe? Naõ era melhor dallo no ouro, do que no barro? Dás o golpe nos pés? Naõ era mayor valentia dallo na cabeça? Naõ; porque esta gloria de dar o golpe na cabeça do mundo, de que era figura a estatua, estava reservada para o braço de S. Bento. Elle he o que deyxou a Roma, e naõ he Roma a que o deyxou a elle: elle he o que dá o golpe na Senhora das gentes; elle he o que dá o golpe na cabeça do mundo. Ora vejaõ a differença, que vay de Bento á pedra. A pedra batalhou com a figura, que era a estatua; Bento batalhou cõ o figurado, que era o mundo: Bento, e a pedra ambos fizeraõ seu

tiro; mas a pedra fez pontaria aos pés, Bento fez pontaria á cabeça: a pedra fez tiro ao barro, Bento fez tiro ao ouro. Só isto he de enganar-se, só isto he deyxar: *Reliquimus*.

334 Que Adam naõ deyxou o Paraíso, antes espere, que o lancem fóra, grande descredito de hum Pay; que Bento naõ espere, que o lancem fóra de Roma, antes seja elle o que a deyxou, grande credito de hum filho. Que Moyses sendo já crecido em annos, deyxou o Egypto, naõ he grande credito de Moyses. Que Bento sendo ainda menino, deyxou Roma, he grande abono de Bento. Que o velho Abrahaõ faya de Caldea, porque Deos o manda, he obediencia. Que Bento faya de Roma sem lho mandar Deos, he fineza. Mas quem havia exceder o Patriarca mayor da ley da natureza,

se não o mayor Patriarca da ley da graça? Quê havia emendar o erro de Cayfas se não Bento? Cayfas no seu conselho mostrou que tinha medo dos Romanos: *Ne forte veniant Romani.* Bento deo o golpe na patria dos Romanos, sem mostrar que lhe tinha medo: *Reliquimus.*

335 Sabem como foy o golpe de Bento? Como o golpe de David. Sahe este valente soldado a desafio com o Gigante, mete a pedra na funda, faz o tiro, e dá o golpe na cabeça: *Infixus est lapis in fronte ejus.* Eis aqui David, e eis aqui Bento. Quem he o Gigante, se não o mundo? Quem he a cabeça do mundo, senão Roma? Pois daquella sorte, que o braço de David dá o golpe na cabeça do Gigante, dá o desengano de Bento o golpe na cabeça do mundo. O Gigante vencido por David, pois te deo

o golpe na cabeça! O mundo vencido por Bento, pois te deo o golpe em Roma! Mas se aquelle triunfo do Gigante se deveo ao braço de David, este vencimento do mundo se deveo ao desengano de Bento: *Reliquimus.*

336 Porém ainda não disse tudo. Deo Bento o golpe na cabeça do mundo, sahio de Roma; mas para onde sahio? Sahio para huma cova, onde esteve recolhido tres annos: desorte, que tres annos esteve Bento em huma cova, e tres dias esteve Christo na sepultura. Notavel agradecimento! Neste particular ainda Bento parece que fez mais por Christo, do que Christo havia feyto por Bento; porque Christo disse a Bento, que lhe daria cem por hum: *Centuplū accipiet*; e Bento diz a Christo: Senhor se vós estivestes por amor de mim tres dias em hũa

sepultura, eu heyde estar por amor de vós tres annos em huma cova; para que se veja, que agradeço aquelles tres dias de assistencia com estes tres annos de retiro: vós sepultaste-vos por tres dias, e eu heyde-me enterrar por tres annos; porque a tres dias de beneficio corresponde o meu amor com mil, e noventa, e cinco dias de agradecimento.

337 Mas porque razão se sepulta este menino? Porque causa se enterra este Santo? Direy: porque como a sua primeyra fineza, sahindo de Roma, foy a da peregrinação, necessariamente se lhe havia seguir a segunda fineza da sepultura. Com aquelle dinheyro, com que os Fariseos haviaõ comprado o innocête sangue de Christo, restituído outra vez por Judas, fizeram elles segunda compra, e empregaram-no em sepulturas para peregrinos:

Emerunt agrum figuli in sepulturā peregrinorum. Matth. 27. 7.

Pois para peregrinos se sepulturas? Os peregrinos são huns homens, que vem cançados, que vem pobres, e que vem rotos: logo para remediar estas miserias, comprese-lhe huma casa, em que descansem, em que comaõ, e onde os visitaõ; mas hũa sepultura? Huma cova? Sim; porque a cova, e a sepultura he a consequencia da peregrinação: sahiestes peregrino; pois haveis-vos ver enterrado: *In sepulturam peregrinorum.*

338 Agora vay a razão. A sepultura he a de que só necessita hũ morto; e como o peregrinar seja morrer, a quem já na peregrinação padeceo a morte, o que só lhe pôde restar he a sepultura: e senão vejaõ. Morrer he apartar-se a alma do corpo, onde assistia, peregrinar he apartar-se hum homem do lugar, onde estava; e pouco

vay de apartamento a apartamento : o morto aparta-se de si, o peregrino aparta-se dos seus, e tudo he morte. As aves quando voaõ, estendem as azas, em que se crucificaõ : mas porque causa ? Porque quando voaõ saõ peregrinas ; deyxáraõ as agoas, onde nascêraõ, e peregrinaõ nos ares, onde vivem. Pois, aves, porisso a natureza, que vos deo nos ares a peregrinaçaõ, vos dá nas azas a Cruz, e na Cruz vos ensina a morrer crucificadas, porq̃ hides peregrinas. Bemdito sejaes, Senhor Sacramento : lá sois do Ceo, e cá viveis na terra : *Hic est panis, qui de celo descendit* ; porisso nesse Altar vos representaes morto : *Recolitur memoria passionis ejus* ; e se até naquelle Sacramento apparecer Christo peregrino he o mesmo que apparecer morto, bem dizia eu, que na sua peregrinaçaõ anticipára

Bento a sua morte ; e fe a esta se segue a sepultura, porisso elle se recolheo naquella cova ; porque com este defengano de quem se sepulta, e com este acerto de quẽ deyxá : *Reliquimus*, quiz emendar o erro de quem ajunta : *Collegerunt*.

§. III.

339 **O** Segundo erro da Synagoga foy o lugar, onde ajuntou o conselho. Dizem huns que fora o Templo, outros que fora a casa do Pontifice, e em qualquer destas duas partes que fosse, se vê o seu grande erro : era o conselho huma conjuraçaõ contra Deos : *Adversus Jesum*, e cresceo o erro em se fazer no Templo do Senhor, ou na casa do Pontifice de Deos. Mas que bem emendou S. Bento este erro da Synagoga ? Sahe Bento de Roma, e vay fazer penitencia a hum lugar

de

de salteadores, onde havia hum idolo adorado de muytas gentes. Naõ ha melhor acerto para emendar aquelle erro. O erro mayor do conselho consistio em offender a Deos na casa de Deos ; o acerto mayor de Bento foy servir a Deos na casa do demonio. Melhor, e mais claro : os daquelle conselho fizeram da casa de Deos, casa do demonio ; Bento fez da casa do demonio, casa de Deos. Os do conselho fizeram do lugar da graça, lugar da culpa. Bento fez do lugar da culpa, lugar da graça. Grande acerto ! Fizeram os Pontifices, que Deos fosse offendido no lugar, onde especialmente devia ser louvado ; fez Bento, que Deos fosse louvado no lugar, onde especialmente costumava ser offendido. Naõ ha mayor amor !

340 Tanto que a Magdalena fez o mayor acto de penitencia, que até

Tom. II.

gora se representou no theatro do mundo, disse o Senhor estas palavras : *Remittuntur ei peccata multa ; quoniam dilexit multum*. Reconheço o excessõ do amor, mas ignoro a causa do excessõ. Seria porque chorou ? Naõ ; que tambeõ depois de Pedro chorar, poz o Senhor duvidas ao excessõ do seu amor : *Simon Joannis, diligis me plus his ?* Seria porque alimpou as lagrimas dos seus olhos com os cabellos da sua cabeça ? Tambem naõ ; porque se os cabellos alimpavaõ as lagrimas, tambem as recolhiaõ, e recolher o sacrificado naõ he a mayor fineza do sacrificio. Logo em que consistio o excessõ do amor da Magdalena ? Para darmos a resposta havemos primeyro suppor, que o lugar onde os peccadores comettem as culpas, saõ as costas de Deos : assim o diz elle por David : *Supra dor-*

Luc.
7. 47.Joann.
21. 16.Psalm.
128. 3.

T 3

sum

sum meum fabricaverunt peccatores. Bem está; e que lugar escolheu a Magdalena para fazer a sua penitencia? Diz S. Lucas, que escolhera o lugar das costas de Christo: *Stans retro secus pedes Domini.* Ahfim! E vós, mulher amante, fois tão grande penitente, que no lugar, onde os homens fazem a Deos as injurias, dedicaes vós a Deos os obsequios! Pois isto não he só amor, he excesso: *Dilexit multum.* Como se differa a Magdalena: Senhor, aqui neste lugar, onde os homens vos haõde pôr a Cruz com suas culpas, aqui quero eu fazer o acto de minha penitencia: aqui neste lugar, onde haveis ouvir o golpe dos açoutes, aqui quero eu que ouçaes o ecco de meus suspiros: aqui neste lugar, onde os peccados do mundo haõde derramar vosso sangue, aqui quero eu, que a penitencia me faça derramar as

minhas lagrimas: aqui finalmente nestas costas, onde os peccadores haõde levantar o edificio de suas culpas: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.* Aqui quero eu desfazer a torre de minhas vaidades: *Stās retro.*

341 O prodigio! O excesso! Se obrado pela Magdalena, excedido por Bento; porque esta fineza, que obrou a Magdalena sendo já mulher, fez Bento sendo ainda menino; este excesso que fez a Magdalena depois de haver peccado, fez Bento antes de commetter culpas, e ainda passa a diante o excesso; porque esta fineza, que obrou a Magdalena estando já no mundo, fez Bento estando ainda no ventre. Referem as historias Benedictinas, q̄ S. Bento louvára a Deos estando ainda no ventre de sua Mãe. Pois no ventre da Mãe hade dar Bento a Deos louvores? Sim, porque o ventre materno he

o lugar da culpa, nelle se contrahe o peccado original, que he offensa de Deos; e quer Bento que onde Deos pela culpa he offendido, ahi seja com sua voz louvado. Or não ha mayor acerto!

342 Que Adam cometta a culpa no Paraiso, que he lugar de virtude, ó que grande descredito do Pay dos homens! Que Bento se entregue á virtude no ventre, que he lugar da culpa, ó que grande credito do Pay dos Religiosos! O erro do conselho dos Fariseos imitou a culpa de Adam; o acerto da virtude em Bento não só imitou, mas excedeo a fineza da Magdalena. Hũa fantidade victoriosa no lugar da culpa he o mayor descredito da culpa, e o mayor credito da fantidade; assim como huma culpa victoriosa no lugar da fantidade he o mayor descredito da fantidade, e o mayor credito da culpa. Que o de-

monio cometta o peccado no Ceo, que he o lugar da virtude, ó que grande deshonra da natureza Angelica! Que Bento se entregue á virtude no ventre, que he o lugar do peccado, ó que grande honra da natureza humana! Mas quẽ havia assim affrontar o Principe dos Anjos, se não o Principe dos Patriarcas.

343 Contender com a culpa no lugar da virtude he contender só cõ a culpa; contender com a culpa no lugar da culpa, he contender com a culpa, e com o lugar; e quem duvida que crescem as glorias da victoria com o numero dos vencidos. E senão consideray a grande maldade de Judas, e a grande virtude de Daniel. Judas estando em Jerusalem offendeo a Christo: Daniel estando em Babilonia, fazia oração a Deos. Pois que he isto, Discipulo ingrato? Em Jerusalem,

na Corte das virtudes cõmettes a mayor maldade? Que he isto, Profeta entendido? Em Babilonia, na Metrópoli das maldades obras a mayor virtude? Sim; que ha homens tão máos, que no lugar da virtude peccaõ, e cõmettem a mayor maldade; e ha homens tão bons, que no lugar da maldade obraõ bem, e fazem a mayor virtude. Aquillo fez Judas, e isto fez Daniel; mas não he esta acção sómente sua, competida, e não sey se avantajada a confidero eu em S. Bento. Daniel fez oraçaõ a Deos em Babilonia, que era a cabeça dos peccados; S. Bento fez oraçaõ a Deos no ventre, que he a fonte da culpa. Ah Principes da Synagoga, vós fostes como Adam, fostes como Lucifer, fostes como Judas. Bento foy como a Magdalena, e foy como Daniel: vós offendestes a Deos com o vosso conselho na casa

de Deos; Bento louvou a Deos com a sua oraçaõ na casa da culpa; mas isto foy emendar o vosso erro com o feu acerto: vós errastes, porque na casa de Deos seguistes o demonio, Bento acertou; porque na casa do demonio seguio a Deos: *Secuti sumus te.*

§. IV.

344 **O** Terceyro erro deste conselho consistio em fer de homens entẽdidos. Que se não acerte em huma junta de ignorantes, pafse; mas que não seja boa a resoluçaõ de hum conselho de fabios, vistos nas Leys, e versados nas Escrituras, he grande lastima, he grande cegueyra, he grande erro. Mas como emendou S. Bento, e a sua Religiaõ este erro? Digo, que com os acertos da sua vontade. Entregouse Bento a Deos, e entregáraõ-se-lhe seus filhos, seguindo os seus

con-

conselhos, e amando a Christo; e não ha duvida, que com estes acertos da vontade he que se podiaõ emendar melhor aquelles erros do entendimento; porque huma vontade amante he a que melhor emenda hum entendimento errado.

345 Subido já Christo ao Ceo, veyo o Espirito Santo á terra para ensinar o Collegio Apostolico: *Spiritus Paraclitus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* Duvido assim: pois para ensinar o Collegio Apostolico he necessario, que venha a pessoa do Espirito Santo? Não tinha vindo já Christo? Não os tinha já ensinado? He certo; pois para que hade vir ainda o Espirito Santo? Direy; porque a Christo attribue-se a fahedoria, ao Espirito Santo o amor; a Christo o entẽdimẽto, ao Espirito Santo a vontade; e como de-

pois de Christo haver ensinado os Apostolos, ainda houveraõ alguns erros no feu entendimẽto: *Exprobavit incredulitatem eorum*; para se emendarem estes erros do entendimento era necessario vir huma vontade amante.

346 Lá examinou Christo a S. Pedro, quando o fez supremo Pontifice, e o exame foy em materias de amor: não lhe examinou o feu entendimento, examinou-lhe a sua vontade: *Simon Joannis, diligis me plus his.* Pois examina Christo só a vontade de S. Pedro, quando lhe quer dar o governo de sua Igreja? Sim; porque Pedro havia emendar os entendimentos errados, como feu supremo Pastor; e entendimentos errados só se emendaõ por vontades amantes. Ah Bento glorioso! Só vós com vossa vontade amante, e vossos filhos com suas vontades devotas

tas, podeis emendar os entendimentos errados. Emendado está logo este conselho, que errou, com a vossa vontade, que seguio: *Secuti sumus te.*

347 Porém ainda não tenho dito tudo: vós não só emendastes o erro deste conselho com a vossa vontade, mas também com o vossó entendimento. Assim como David para vencer o Gigante uzou primeyro da pedra, e depois da espada, assim Christo, para vencer o demonio, e desterrar do mundo o peccado uzou da pedra fundamental de sua Igreja que foy S. Pedro, e depois da aguda espada do entendimento de S. Paulo. Quiz vencer com o entendimento de Paulo, e com a vontade de Pedro; mas em Bento, e em seus filhos achou tudo, achou a vontade, e achou o entendimento: com a vontade emendáraõ os erros do entendimento, e com o entendi-

mento emendáraõ os erros da vontade. Neste conselho, se bem advertirmos, não só houveraõ erros de entendimento, mas também vontades mal intencionadas: *Adversus Jesum*; e S. Bento com seus filhos, depois de terem emendado por meyo dos acertos de suas vontades os erros daquelles entendimentos, emendáraõ também com seus entendimentos os erros daquellas vontades. Mas como as emendáraõ com seus entendimentos? Seguindo fielmente a Christo, que he o entendimento do Pay: *Secuti sumus te.*

§. V.

348 **O** Quarto erro daquelle conselho da Synagoga foy levantar-se hũ Tribunal, fazer-se huma proposta, e tomar-se repentinamente hũa resolução. A proposta foy: *Quid facimus,* Joann. I. 47. *quia hic homo multa si-*
gna

gna facit. A resolução foy matarem a Christo: *Ibi. 53. Ab illo ergo die cogitaverunt ut interficerent eum.* E he de notar, que tudo isto se propoz, e resolveo, sem naquelle Tribunal apparecer hum papel, nem hum arzeoado. Notavel erro! Assim se toma taõ de repente huma resolução taõ grande, e não menos que contra o Filho de Deos? Porém este erro emendou a Religião de S. Bento; pois para defender a honra de Deos teve innumeraveis Doutores, que com seus papeis, e seus escritos confutáraõ este, e semelhantes conselhos. Não se pôdem numerar os muytos Doutores, que tem dado á Igreja de Deos a Religião Benedictina; mas ouço ainda assim que me poderãõ dizer, que posto a Religião de S. Bento tivesse innumeraveis Doutores, e Escreitores, com tudo de seu Patriarca não consta, que escrevesse mais, que

a sua Regra. Respondo, que assim he, que só a sua regra escreveo S. Bento, mas chea de tal eloquencia, e de tal Christandade, que com ella igualou os mayores Doutores da Igreja: igualou a meu Patriarca Agostinho: igualou a Jeronymo: igualou a Gregorio: e igualou a Ambrosio. He verdade que estes Doutores compuzeraõ muytos, e varios livros; porém Bento com huma regra igualou aquelles livros todos. Logo me acabarey de explicar: ouçamos primeyro a S. Paulo na segunda carta, q̄ escreveo aos de Corinto.

349 Escreve S. Paulo esta Epistola, e começa dando-lhe este titulo: *Paulus Apostolus Jesu Christi, & Thimoteus* 2. Cor. I. I. *Frater.* Pergunto agora: quem escreveo esta Epistola, Paulo, ou Thimoteo? Hum só, ou ambos? Hum só, e não foy Thimoteo, foy Paulo. Bem; pois se o Author deste

deste livro, ou desta Epistola he só Paulo, porque se intitula tambem como Author della Thimoteo? Bem sey, que cõmumente se diz, q̄ ao pé desta Epistola puzera Thimoteo humarecomendação, mas com isto cresce a difficuldade. Se Paulo escreveu a Epistola toda, e Thimoteo lhe sobcreveo só humaregra, porque se hade intitular a Epistola toda juntamente de Paulo, e de Thimoteo: *Paulus Apostolus, & Thimoteus Frater*? Direy: tal podia ser aquella regra, que igualasse toda a Epistola. Se ella, ainda que breve, contivesse toda a sustancia da doutrina, que na Epistola se encerrava, he certo, que tanto ficava valendo a Epistola toda, como aquella só regra. Agora daqui para o nosso caso.

350 Se a regra de S. Bento contiver a doutrina toda em sustancia, que contém tantos, e taõ di-

latados livros de tantos Doutores da Igreja, parece, que bem poderemos dizer, que val tanto como todos esses livros esta só Regra. Mas que ella contenha em sustancia a doutrina de tantos Padres da Igreja, só o poderá acabar de crer quem attentamente a ler, e ponderar. Que documentos nos dêraõ esses insignes Doutores em todos os seus livros, que naõ desse Bento a seus filhos no compendio de sua Regra. Bem sey eu, que vós, meu Patriarca Agostinho, derramastes muyta tinta em vossos Livros; bem sey, que vós, ó Jeronymo, derramastes muyta tinta em vossos Comentarios; bem sey, que vós, ó Gregorio, derramastes muyta tinta em vossos Moraes; bem sey, que vós, ó Ambrosio, derramastes muyta tinta em vossos Sermoens; porém gastãdo S. Bento pouca tinta na sua Regra, a sua Regra igualou os vossos livros

to-

todos. Fallando com a porporção devida, parece que posso afirmar, que a fabledoria dos mais Doutores foy em seu modo como o fangue da Payxaõ de Christo, e a Regra de S. Bento, como o fangue daquelle precioso Calis.

351 He aquelle Divinissimo Sacramento hũa memoria da Payxaõ: *Recolitur memoria Passionis ejus*. Mas isto como pôde ser? O Calis no sacrificio do Altar mostra muy pouco fangue; Christo na Payxaõ derramou muyto, e copioso: derramou fangue no Horto, derramou fangue nos açoutes, derramou fangue nos espinhos, e derramou fangue na Cruz. Logo como pôde o pouco fangue do Calis igualar o muyto fangue da Payxaõ? Direy: porque o fangue do Calis ainda que seja pouco nos accidentes, he tanto como o da Payxaõ na substancia, e a substancia he a que se deve at-

tender; porisso tem todo o valor do muyto fangue da Payxaõ o pouco, que se nos representa no Calis. Parece, que já estamos entêdidos. Foy muyto o que escreverãõ os Doutores: parece-nos pouco o que escreveo S. Bento; mas este pouco iguala na substancia aquelle muyto.

352 Antes naõ sey se chegue a afirmar, que o excede; porque se os Doutores da Igreja differãõ muyto em muyto, Bento disse aquelle muyto em pouco, quando escreveu a sua Regra. Vay fallando Christo do Bautista, e diz, que elle he mais que Profeta: *Plusquam Prophetam*. E isto como pôde ser? Como pode o Bautista exceder a hum Isaias? Como pôde exceder a hum Jeremias? A hum Ezequiel? A hum Daniel? e a outros muytos Profetas? Se elles escreverãõ tanto, como os pôde exceder o Bautista, de quem nada

nos

nos consta que escreveuse? Ora direy: porque todos aquelles Profetas para mostrarem ao mundo o Messias gattárao muyto papel, e muyta tinta, e occuparao em escrever tres dedos; mas o Bautista prégando nas ribeyras do Jordaõ, para mostrar o Messias aos homens bastou-lhe occupar só hum dedo: *Ecce agnus Dei*: e que faça o Bautista com hum dedo só, o que os outros fizeram com tres dedos, isto não he fer só Profeta, he fer ainda mais que Profeta: *Prophetam, & plusquam Prophetam.*

353 A' Bento glorioso! Vós com a vossa regra entre os mais Doutores sois como o Bautista com o seu dedo entre os mais Profetas. O q̄ os outros ensinárao em muy-

tos livros, ensinastes vós em huma só regra, e se o Bautista com o seu dedo foy Profeta, e mais q̄ Profeta; vós com a vossa regra, que he o dedo, por onde se conhece o agigantado da vossa sabedoria, sois Doutor, e mais que Doutor, sois Mestre, e mais que Mestre. E assim vós cõ a vossa Regra, e vossos filhos com seus escritos emendastes o erro daquelle conselho, em que só se cuidou em falar, e não em escrever. Mas quem duvida, que nisto ficastes seguindo melhor o vosso Mestre Divino; porque se elle com hum dedo só escreveo: *Digito scribebat* Joann. *in terra*; vós lhe tomastes bem a lição, e o seguistes no modo de escrever: *Secuti sumus te.*

Joann.
I. 29.

Joann. 8. 6.



SERMAO

NA SOLEMNIDADE

DAS

QUARENTA HORAS,

No Real Mosteyro de Santa Cruz
de Coimbra.

*Ubi abundavit delictum, superabundavit
& gratia. Roman. 5.*

S. I.

354



Ue diferente he o modo, com que Deos procede hoje, ao modo, com que procedia antigamente. (Senhor) Que diferente he o mo-

do, com que Deos procede hoje, ao modo, com que procedia antigamente. Se Deos não fora immutavel, pudera- mos presumir, que era nelle variedade, o que todos reconhecemos providencia. Vemos casos no mundo taõ encontra- dos

SER-

dos ao que disse Deos antigamente, que parece poderia perigar a nossa Fé, se não fora tão segura a nossa Religião. Lá disse Deos antigamente, que não descançaria o seu espirito no homem: *Non permanebit spiritus meus in homine*; e deo logo o Senhor a razão deste defengano; porque era o homem de carne: *Quia caro est*. Eis aqui o que Deos disse; vejamos agora o que Deos fez. Foraõ correndo os tempos, passáraõ muytos annos, Encarnou o Verbo Divino, e feyto homem, hum dia antes de morrer instituhio aquelle Divinissimo Sacramento, onde aquella carne, aquelle corpo, que foy antigamente todo o seu despreso, veyo depois a ser o seu cuidado; e assim dizendo Deos huma cousa, veyo depois a fazer outra; dizendo, que não havia nelle descançar, descançou: *In me manet, & ego in illo*. Pois

Genef.
6. 3.

Ibi.

Joann.
6. 57.

que he isto? Encontra-se Deos, ou póde-se encontrar? Se Deos he imutavel, como se muda?

355 O' altos segredos da Sabedoria Divina! Muda-se Deos, a nosso modo de fallar, e em quanto ao que nos parece, que elle na realidade não se muda, mas ao que parece muda-se Deos em ordem ao bem dos homens; muda decretos, muda preceytos, varia ordens, suspende execuçoens, e tudo isto em ordem ao nosso bem; porq̃ se preza Deos muyto de que revogue o amor, quanto decreta o poder; que mude a Misericordia, quanto mada a Justiça. As retractaçõens nos homens são difficultosas: retractar-se hum poderoso, dizem, que he diminuição do poder; retractar-se hum sabio, dizem, que he discreditto da sabedoria; retractar-se hum valente, dizem, que he menos-

cabo

cabo do valor; retractar-se hum amigo dizem, que he tibieza da amizade; emfim he tão barbaõ este mundo, que só deyxou por licito á formosura o poder-se retractar; que em outro qualquer caso o mudar de parecer, o retractar-se huma pessoa, podendo ser prudencia, dizem, que he variedade; sendo honra, dizem, que he discreditto: assim continuaõ com seus empenhos os homens, como se podéra ser honra, o que he teyma; ou podéra ser acerto, o que he precipicio.

Joann.
19. 22.

Ibi. 21.

356 De todos os desta classe he o melhor exemplo Pilatos. Não deo outra razão para haver de não riscar o titulo, mais do q̃ havello escrito: *Quod scripsi, scripsi*. Não houve neste Presidente outra razão para não receber embargos: *Noli scribere*; mais do que haver dado a sentença: *Quod scripsi, scripsi*. Isto

Tom. II.

he o que passa nos homens; mas não he isto o que passa em Deos. Com quanta facilidade se retracta aquelle Deos amigo, aquelle Deos valente, aquelle Deos sabio, aquelle Deos poderoso! Como poderoso retracta a sentença: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines*. Como sabio retracta o dito: *In me manet, & ego in illo*. Como valente embainha, a espada: *Non ultra percutiam omnem animam viventem*. Como amigo varia as finezas: *Caro mea, verè est cibus*. Mas que fora, se isto não fora assim? Que fora de nós, se assim se não mudára Deos? Estiveraõ para todos abertas as portas do inferno, e fechadas para todos as portas do Ceo; não entrára mais a natureza humana no Paraíso; houvéra morte sem resurreyção; houvéra peccado sem penitencia: mas porq̃ Deos se mudou em ordem ao

V. nosso

Pfalm. Ceo: *Attollite portas*:
 23.7. restituhio-se a natureza
 humana ao Paraiso, on-
 de primeyro esteve: *Ho-*
 Luc. *die mecum eris in Para-*
 23.43. *diso*: deu-se remedio á
 morte com a resurrey-
 1. Cor. ção: *Omnes quidem re-*
 15.51. *surgemus*: e finalmente
 remediou-se o peccado
 com a graça: *Ubi abund-*
avit delictum, supera-
bundavit, & gratia.

S. II.

357. **M**Udando logo
 Deos de pare-
 cer (no sentido catho-
 lico, em que vou fallan-
 do) sendo credito de sua
 sabedoria as mudanças
 de seu governo; facil nos
 fica a razão, porque he
 differente o modo, com
 q̄ Deos procede hoje, ao
 modo, com q̄ procedia an-
 tiguamente: antigamente
 para os homês não come-
 rē da arvore da sciencia,
 houve Deos de pôr hum

preceyto, em que expref-
 samente lhes mandou,
 que não comessem: *De Genes.*
ligno autem scientiæ bo-
ni, & mali ne comedas:
 2. 17. hoje não querendo Deos
 que os homens se divir-
 taõ com os banquetes
 usados nestes dias, não
 estorva as defordens da
 gula com seu preceyto,
 mas fim com sua presen-
 ça: differente he logo o
 modo: e a razão desta
 differença já está dada;
 porque he tal o amor de
 Deos, que facilmente se
 muda aquella Magesta-
 de, para que nós goze-
 mos estas finezas. Mas
 na mesma razão entra
 outra duvida tão grande,
 que hade ser quasi o fun-
 damento do Sermão. Se
 Deos não quer que co-
 mamos, para que nos
 offerece de comer? Se
 Deos nos estorva os ban-
 quetes, para que nos of-
 ferece a meza? Porque
 este he o modo, com que
 Deos ordinariamente re-
 medea os nossos dãos,
 cura os nossos males, e

acode ás nossas enfermi-
 dades. Está em hum ban-
 quete o nosso dano? Pois
 hade estar em outro ban-
 quete o nosso remedio.
 Está nos manjares o nos-
 so mal? Pois hade estar
 em outro manjar o nosso
 bem. Está nas iguarias
 do mundo a nossa enfer-
 midade? Pois na iguaria
 do Ceo hade estar a nos-
 sa cura; porque este he
 o modo, com que proce-
 de o nosso Deos.

Joanna.
 3.5.

358 Quiz aquelle Se-
 nhor instituhir o Sacra-
 mēto do Bautismo, e o in-
 stituhio no elemento da
 agoa: *Nisi quis renatus*
fuerit ex aqua. E bem!
 Não havia outro elemen-
 to, em que Deos podesse
 instituhir o Bautismo?
 Não estava ahi o ele-
 mento da terra? Não es-
 tava ahi o elemento do
 ar? Não estava ahi o
 elemento do fogo? O
 elemento do fogo era
 mais visinho ao Ceo;
 no elemento do ar nos
 tinha Deos dado o seu
 espirito, do elemento da

terra tinha formado os
 nossos corpos; e bem
 consideradas todas estas
 circūstancias, podia Deos
 instituhir o Sacramento
 do Bautismo em qual-
 quer destes elementos:
 porque razão logo o in-
 stituhio no elemento da
 agoa? A agoa havia muy-
 tos annos, que era con-
 traria do genero huma-
 no; porque querendo
 Deos dar hum grande
 castigo ás culpas dos ho-
 mens, não achou outro
 instrumento mais aco-
 modado, do que este ele-
 mento. Pois se a agoa
 servio antigamente de di-
 luvio, porque razão or-
 dena Deos, que sirva de-
 pois de Bautismo: *Nisi*
quis renatus fuerit ex
aqua? Porque este he o
 modo, com que Deos
 obra; cura a enfermida-
 de com a mesma causa
 da doença; de meynos,
 que parecem despropor-
 cionados, tira ordinaria-
 mente os fins proveyto-
 sos. Esteve na agoa o
 nosso mal? Pois na mes-

ma agoa hade estar o nosso bem. Esteve na agoa a morte? Pois na mesma agoa hade estar a vida. Esteve na agoa o nosso dâno? Pois na mesma agoa hade estar o nosso remedio. Esteve finalmente na agoa o diluvio? Pois na mesma agoa hade estar o Bautismo: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua*; porque este he o modo particular, com que a Misericordia Divina remedeia os males humanos.

359 Lá no deserto adoeçêraõ os filhos de Israel de huma enfermidade causada de humas serpentes de fogo; e com que curaria Deos aquelles males, aquellas chagas? A Escritura o diz: mandou Deos em huma vara levantar huma serpente, e todos aquelles, que a viaõ, logo saravaõ: *Fac serpentem aneum, & pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum, vi-*

vet. Ha tal remedio em tal occasiãõ? Se os Israelitas adoeçem de serpentes, como podem, tendo em huma serpente a sua chaga, ter em outra serpente a sua medicina? Se a doença nasce de serpentes de fogo, como lhe põe Deos o remedio na serpente de metal: *Fac serpentem aneum*? Porque este he, como eu dizia, o modo particular, com que Deos nos remedeia; cura serpenres com serpentes; cura enfermidades com o mesmo motivo das enfermidades: quem adoeceo com a serpente de fogo, cura-se com a serpente de bronze: *Fac serpentem aneum, & pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum, vivet.*

360 E qual será a ultima razaõ disto? Para que fundemos melhor o Sermão, e firmemos bẽ o discurso, qual será a razaõ, porque Deos obra

bra deste modo? Qual será a razaõ porq̃ Deos ordinariamente nos cura da mesma forte, que nós adoeçemos? A razaõ vem a ser; porque he Deos tanto nosso amigo, que nos quer dar no remedio o mesmo, que nós appetecemos na culpa. Se perguntares aos DD. porque razaõ havendo de encarnar huma das Pessoas Divinas, encarnou antes a Pessoa do Verbo, do que a Pessoa do Padre Eterno, ou a Pessoa do Espirito Santo? Dirvos-haõ, que encarnou a segunda Pessoa, que he a Pessoa da sabedoria, porque o peccado de Adam se commetteo na arvore da sciencia; e era justo, que peccado commettido na sciencia tivesse o seu remedio na sua sabedoria. Esta he a razaõ dos DD. mas he notavel razaõ esta! E bem! Porisso Deos decretou o remedio do genero humano Tom. II.

na Pessoa da sabedoria, porque o peccado se tinha commettido na arvore da sciencia? Sim; porque este he o modo singular, com que obra o Amor Divino: amamos Deos tanto, que nos dá no remedio o mesmo, que appetecemos no peccado: appetecemos no peccado a sciencia de Deos: *Eritis sicut dii scientes*; pois hade-se-nos dar no remedio a Sabedoria Divina: *Verbum caro factum est*. Na sciencia de Deos appetecida esteve a nossa culpa; pois na sabedoria de Deos encarnada hade estar o nosso remedio; porque he Deos taõ amante de nossas almas, que nos dá no remedio o mesmo, que appetecemos na culpa.

361 E senaõ pergunto: porque razaõ instituiu Christo aquelle Divinissimo Sacramento do Altar? Sabeis porq̃? Porq̃ he taõ proprio de Deos darnos no remedio o

Genes.
3. 5.

Joann:
I. 14.

que nós desejasmos no peccado, que se o nosso peccado foy querermos ser Deoses, comendo da arvore, porisso quiz, que o nosso remedio fosse o sermos como Deoses, comendo do Sacramento: conseguimos no remedio o que desejasmos na culpa; porque se desejasmos na culpa o ser Deoses, comendo o pomo prohibido; conseguimos no remedio o ser como Deoses, comendo a Deos Sacramentado. E se Deos das enfermidades, com que adoecemos, nos faz os remedios, com que faramos; se curou a enfermidade do diluvio com o remedio do Bautismo, como se vio no Jordaõ; se curou serpentes com serpentes, como se vio no deserto; e se curou o peccado da sciencia com o remedio da feitoria, como se vio na Encarnação; que muyto logo cure o peccado de tantos banquetes com

a graça de huma meza? Que muyto, que quem curou a agoa com a agoa, quem curou serpentes com serpentes, quem curou sciencia com sciencia, cure manjar com manjar, cure excessos de peccados com abundancias de graça? *Ubi abundavit delictum, superabundavit, & gratia.*

§. III.

362 **T**Emos visto a razão, porque Deos remedeia os peccados dos nossos banquetes com a graça de sua meza; o que supposto entra agora huma duvida tão propria do nosso thema, como deste tempo; e he, saber porque razão remedeia a Igreja os peccados do mundo com a graça do Sacramento? Se perguntarmos aos DD. qual he o effeyto do Divinissimo Sacramento do Altar, dirnos-haõ, que he o augmento da graça: de mo-

modo que o Sacramento do Bautismo, e o Sacramento da Penitencia tem por effeyto infundir a graça, e lançar fóra o peccado; o Divinissimo Sacramêto do Altar não he assim; não tem por effeyto o lançar fóra o peccado; antes quem o recebe em peccado se faz mais peccador: os outros dous Sacramentos do Bautismo, e da Penitencia são Sacramentos de remedio; o Sacramento da Eucharistia, he Sacramento de augmento: quando chegamos áquella meza, já himos confessados, e já devemos hir justos, e porisso sahimos augmentados: o que assentado por certo na doutrina dos PP. entra agora a nossa grande duvida, fundada no nosso thema: se o Divinissimo Sacramento do Altar foy instituhido para augmento da graça, como o expõe hoje a Igreja para remedio das culpas: *Ubi*

abundavit delictum, superabundavit gratia? A razão he, por ser tão grande o amor de Deos, que chega a offerecer para remedio de nossas culpas aquelle Sacramêto, que instituhio para augmento de nossa graça.

363 Chegou a Magdalena, aquelle prodigio de penitencia, a casa do Fariseo, feytos despojos da graça os que foraõ soldados da culpa, ferido o coração, abertos os olhos, correntes as lagrimas, soltos os cabellos, arrastados os vestidos, mortificado o afseyo, descompostos os passos, e sacrificando aos pés de Christo todas estas mudanças da vida, disse o Senhor, que amava muyto esta penitente: *Remittuntur ei*

Luc.
7. 47.

peccata multa, quoniam dilexit multum. Pergunto: e em que amou muyto a Magdalena? Se ella ainda agora se mostrou com arrependimêto, co-

mo ama já com extremo? Amou muyto, porque deo osculos nos pés de Christo: *Non cessavit osculari pedes meos?* Naõ; porque em Judas vimos osculos de paz em hora de trayção: *Osculatus est eū.* Amou muyto porque chorou: *Lacrymis capitrigare?* Naõ; porque tambem Pedro chorou: *Flevit amarè;* e depois daquellas lagrimas correntes de sua converção, ficáraõ ainda correntes as duvidas de seu amor: *Simon Joannis, diligis me?* Pois se naõ amou muyto nas lagrimas, e se naõ amou muyto nos osculos, em que amou muyto: *Dilixit multum?* Direy: amou muyto nos cabellos, com que limpou os pés de Christo: *Capillis capitis sui tergebat.* Foy taõ amante a Magdalena, que sacrificou para remedio de sua culpa aquelles cabellos, q̄ a natureza lhe deo para augmento de sua graça;

sacrificou para remedio de seus peccados aquelles cabellos, que a natureza lhe deo para ornato de sua formosura: *Capillis capitis sui tergebat.* Que a Magdalena applicasse para remedio a sua boca, dando osculos nos pés de Christo, estava bem; porque a boca he remedio de peccados, quando elles se confessão: que a Magdalena applicasse para remedio os seus olhos, sentindo por elles seus delictos, era justto; porque os olhos são remedio de peccados, quando elles se choraõ; mas sacrificar para remedio de peccados os cabellos? Quem já mais vio tal sacrificio? O' que grande excesso de amor! Arrastar para remedio de seus peccados os cabellos, que penteou para augmento de sua formosura? O' que grande excesso de affeyção: *Dilixit multum!* Amoroso Senhor, admitti a cõ-

para-

paração entre o Divino, e o humano: se aquella alma amante sacrificou os cabellos, augmento de sua formosura, para remedio de sua culpa; vós hoje mais amoroso offerereis o Divinissimo Sacramento, augmento da graça, para remedio do peccado: *Ubi abundavit delictum, superabundavit, & gratia.*

364 Verdadeyramente, que naõ procedeo Deos assim na primeyra idade do mundo: hoje offerrece para remedio o que instituhio para augmento; e antigamente naõ quiz, que servisse para augmento o que tinha decretado para remedio: ora vejaõ. Peccou Adam, e determinado Deos a lançallo fóra do Paraíso, como lançou, deo por causa desta expulção, o naõ querer que elle comesse, nem usasse da arvore da vida: *Ne fortè mittat manum suam, & sumat etiam de ligno vite.* E-

Genes.
3. 22.

sta causa de expulção de nosso primeyro Pay, tem grande difficuldade; porque a arvore da vida era figura da Cruz Sagrada, e dizem alguns contemplativos, que o madeyro da Cruz foy ramo daquella arvore, e fundado-se naquellas palavras que diz a Igreja: *Ipse lignum tunc notavit, damna ligni ut solveret.* Pois se a arvore da vida era figura da Cruz, e Deos nos manda, que abracemos, e que tomemos sobre nossos hombros o madeyro da Cruz; porque prohibe a Adam o tocar, e comer da arvore da vida? Se a arvore da Cruz se nos concede a nós, porque causa a mesma Cruz, e a mesma arvore da vida se nega a Adar: *Ne fortè mittat manum suam?* A razão he; porque aquella arvore tinha Deos decretado para remedio da culpa: *Ipse lignum tunc notavit, damna ligni ut solveret;* Adam podia uzar

uzar della para augmento da vida: *Ne fortè sumat de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum*; e não quiz Deos antigamente para augmento a arvore, que tinha decretado para remedio; não quiz sacrificar para augmento da vida de Adam: *Ne fortè sumat, & comedat*; a arvore que tinha decretado para o remedio da culpa do homem: *Ipse lignum tunc notavit*. Reparay agora bem na consequencia: pois se Deos não quiz sacrificar antigamente para augmento da vida aquella arvore, que estava notada para remedio da culpa; muyto devemos hoje a Deos; pois sacrifica para remedio da culpa aquella Sacramento, que instituhio para augmento da vida; pois expõe para remedio de delictos aquella Sacramento, que instituhio para augmento da graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit gratia.*

365 Já temos visto como he necessario para os delictos destes dias a assistencia daquelle Sacramento; assim por ser abundancia de graça, como por ser manjar do Ceo; agora entra aquelle tão grande, como difficuloso assumpto, que será breve nos discursos, porque foy limitado no tempo: o assumpto, e materia deste Sermão he contrariedades do manjar do Ceo, com os manjares da terra; opposição da graça do Sacramento, com os peccados destes dias. São muytas as razões em que se oppõe, vamos vendo algumas com brevidade; advertindo, que a cada razão do Sacramento, e da graça havemos de pôr logo a razão contraria dos banquetes, e dos peccados. Comecemos pela primeyra.

S. IV.

366 **A** Primeyra razão, porque he grande sacrificio do amor o Sacramento do Altar, he; porque no modo com que se nos dá, convida efficaçmente a nossa aceytação. Não só o instituhio o amor para que se nos desse; mas também buscou traças para que nós com ancia o recebesse-mos: e que traças foraõ estas, que buscou o amor? Direy: instituhio Christo o Divinissimo Sacramento do Altar, e sebem advertirmos na instituição delle, acharemos, que comprehendendo as duas principaes differenças do tempo, presente, e futuro: comprehendendo o tempo presente dizendo, que aquelle era o seu corpo: *Hoc est corpus meum*: comprehendendo o tempo futuro dizendo, que o seu sangue se havia de derramar por todos na

Matth.
26. 26.

arvore da Cruz: *Hic est sanguis meus, qui pro multis effundetur*. Agora entra aqui a minha difficuldade. Se são tres os tēpos, tempo q̄ foy, tēpo q̄ he, tempo que hade ser; tempo passado, tempo presente, tempo futuro; porque razão respeytando o Divinissimo Sacramento ao tempo, que he, e ao tempo, que hade ser, não respeyta também ao tempo, que foy? Se diz, q̄ o seu corpo está na Hostia: *Corpus meum*; se diz que aquelle sangue hade ser sacrificio na Cruz: *Qui pro multis effundetur*; porque não diz também, que aquelle seu sangue foy recebido na Encarnação? Se insinúa o tempo presente, e o tempo futuro, porque não insinúa também o tempo passado? A razão he; porque Christo queria no Sacramento, que o mundo o servisse, que o mundo o recebesse, que o mundo o adorasse;

Ibi. 28.

o mundo nã adora, nem recebe, nã serve ao q̄ foy; adora, recebe, e serve ao que he, e ao que hade ser. Com os homens nada póde o tempo passado, e póde muyto o tempo presente, e o tempo futuro. Póde muyto o tempo futuro; porque póde muyto o que hade ser; e a razã he; porque nã ha homem em estado algum do mundo, que nã ande vestido de esperanças. Notem. Os homens são como as arvores, nem todas leuão frutos, nem todas leuão flores, mas todas leuão folhas: os homens nem todos leuão frutos, porque nem todos possuem riquezas; nem todos leuão flores, porque nem todos conseguem seus gostos; mas todos leuão folhas, porque todos tẽ suas esperanças. Lá o outro na gentildade vendo que levavaõ hũ tronco para casa de hum escultor, logo humilde o venerou, postrãdo-se por

terra; porque ainda que entãõ era tronco, havia depois vir a ser idolo: assim póde muyto com os homens o tẽpo futuro.

367 Tambẽ póde muyto com elles o tempo presente; e a causa disto he; porq̄ os outros dous tẽpos passado, e futuro entraõ pela imaginaçãõ; o tempo presente entra pelos olhos; e como aquillo que he presente he o que leva os olhos; porisso ordinariamente he o que arrasta o coraçãõ. Podendo emfim tanto com os homens o tempo presente, e o tempo futuro, he pouco, ou nada o que póde com elles o tempo passado: que pouco estimaõ, e selembraõ os homens do que foy! Assim como as coufas passadas nã tem ser em si; assim tambem nã tem operaçãõ em nós: taõ pouco he o que nos obrigaõ. Singular prova temos de todo este discurso na sarça! Perguntou Moyfes a Deos, que

quem era o que o mandava ao Egypto? O Senhor lhe satisfez á pergunta com estas mysteriosas palavras: *Ego sum qui sum*. Eu sou o que sou. Onde a nossa Vulgata diz: *Ego sum qui sum*; lê o Hebreo: *Ego sum, qui ero*. Eu sou o que heyde ser. Grande duvida em palavras taõ cômuas! E bem! Define-se Deos pelo tempo, e define-se sómente pelo tẽpo presente: *Ego sum*; e pelo tempo futuro: *Ego ero*? Deos pela sua eternidade tanto contém o tempo futuro, e presente, como contém o tempo passado; assim he; mas Deos queria, que Moyfes fosse ao Egypto com aquella taõ poderosa embayxada sobre o resgate dos filhos de Israel, e achou, que importava muyto o dizer-lhe, que elle era, e o dizer-lhe, que havia de ser, e que importava pouco o dizer-lhe, que elle tinha sido; e porque

importava muyto o dizer-lhe, que elle havia de ser, porisso se definiu pelo tempo futuro; e porque nã importava nada o dizer-lhe, q̄ elle tinha sido, porisso se nã definiu pelo tempo passado.

368 Os homens adoraõ o que hade ser, porque todos se vestem de esperanças; adoraõ o que he, porque todos desejaõ beneficios; mas de nenhum modo adoraõ o que foy, porque o que foy nem póde dar, nem póde prometter; nem póde prometter, influindo esperanças, nem póde dar, fazendo beneficios. Porisso Deos conhecendo esta condiçãõ nos homens, nã tratou de dizer a Moyfes, que elle tinha sido, definindo-se pelo tempo passado; tratou de lhe dizer, que elle era, e que havia de ser, definindo-se pelo tempo presente, e pelo tempo futuro: *Ego sum qui sum*. *Ego sum qui ero*. E porisso tambem Christo, com igual

igual conhecimento da natureza humana, intituyendo aquelle Divinissimo Sacramento para obrigar aos homens, que o ferverem, que o recebessem, e que o adorassem, não tratou do que tinha sido pelo tempo passado, tratou do que era pelo tempo presente: *Hoc est corpus meum*; e tratou do que havia de ser pelo tempo futuro: *Hic est sanguis meus, qui pro multis effundetur*.

369 Mas se isto assim he no banquete de Christo, não he assim nos banquetes do mundo: se no banquete do Divinissimo Sacramento he grande a razão para atrahir aos homens o ser hum Sacramento, que he, e hum Sacrificio que hade ser; nos banquetes do mundo he grande a razão para atrahir aos homens o serem huns banquetes que tem sido: de modo que atégora dizia eu, que para com os ho-

mens nada podia o tempo que foy; agora me retrato, e digo, que para com os homens em muytas cousas póde muyto o que foy, principalmente em duas, nos aggravos, e nos costumes. Nos aggravos não passa o que passa nos beneficios: nos beneficios nada póde o tempo passado; o bem que se fez logo esqueceo: nos aggravos he o contrario; póde muyto o tempo que foy; porisso o mundo pinta ao amor que faz beneficios menino, porque não tem mais idade do que aquella, que dura na vista; porisso meu Padre S. Agostinho ao odio, que faz aggravos, pintou velho: *Vestus ira*; Augusti porque tem toda aquella idade, que dura na lembrança; e como a lembrança respeyte ao tempo passado, vem a poder muyto com nosco o odio que foy, e os aggravos que se fizerao. O mesmo succede nos

co-

costumes; os costumes mal introduzidos podem muyto com nosco; e a razão todos a sabem, e todos a dizem, que he; porque sempre foraõ. Se perguntares aos homens, porque razão se banqueteaõ nestes dias? Dirvos-haõ todos, que o fazem porque he costume, e porque assim foy: valha-me Deos! Tanto póde com nosco nos costumes, e nos erros o tempo passado?

370 Entrou Jacob a servir pela formosura de Raquel em casa de Labaõ, e em vez de Labaõ dar a Jacob aquella Raquel, que era pertendida, lhe deo a aquella Lia, que nunca fora lembrada. Pois que he isto? A hum homem tão illustre no sangue, tão grande nos merecimentos, tão pontual nos serviços, a hum homem como Jacob se faz huma tal femrazaõ? Porque causa? *Genef. Labaõ a disse: Non est* 29. 26. in loco nostro consuetudi-

nis, ut minores antè tradamus ad nuptias. He costume, diz o velho Labaõ ao pastor Jacob, ser primeyra no matrimonio, aquella, que he primeyra na vida; ser primeyra no estado aquella, que he mayor na idade. Ha tal costume? Ha tal femrazaõ? E bem! Os serviços presentes, o contrato feyto não val mais que aquelle costume introduzido, que aquelle uzo praticado? Não; porq̃ podem muyto para com os homens os costumes, e os usos: o que mais para elles val he o que foy: bem vio Labaõ que da parte de Jacob estavaõ os serviços, estava a razão, e estava a justiça, como cousa, que era no tempo presente; mas tambem via, que da sua parte estava o costume, e o uso, como cousa, que sempre fora no tempo passado; e pode mais para com Labaõ o uso do que foy, do que a justiça do que era:

era: *Non est consuetudinis.* O mesmo passava nestes dias: davaõ os homens primeyro lugar aos banquetes do mundo, do que ao banquete do Ceo; davaõ primeyro lugar á fealdade de Lia, do que á formosura de Raquel; e isto porque? Porq̃ era costume, porque sempre foy; que tanto podem com os homens nos collumes os tempos passados; e se não vede. A' vista da figura do Sacramento, que era o Maná, se lembrãõ os filhos de Israel das iguarias do Egypto; porque nestas materias pôde muyto para com os homens o que foy. Mas bendito seja aquelle Senhor, que já isto não he assim; já nos não lembramos das iguarias do Egypto á vista daquelle Maná; já deyxamos o costume, que foy no mundo, á vista do beneficio, que ha no Sacramento; já não antepomos a fealdade de Lia

á formosura de Raquel; já a graça venceo o peccado: *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia.*

§. V.

371 **A** Segunda razaõ, porq̃ he grande sacrificio do amor o Sacramento do Altar, he por ser beneficio de uniaõ. Ali não só ficamos prendados, mas tambem ficamos unidos; ficamos prendados, porque o Sacramento he beneficio: *Accipite, & comedite;* e ficamos unidos, porque o Sacramento he uniaõ: *Im me manet, & ego in illo.* Difficultosa cousa he unir os homens! Não darey agora a razaõ, mas darey o exemplo na estatua de Nabuco. Todos os metaes se uniraõ huns com os outros, só o barro se não unio com os metaes; porque não sey que tem esta nossa natureza, este nosso barro, que nunca se obriga muyto,

Matth.
26. 26.Joann.
6. 57.

e nunca se une bem; nunca na estatua deste mundo, por mais que lhe junteis ouro, ou prata, dadivas, ou beneficios, o barro fica unido, se elle não está affeyçoado; e se não credes este primeyro, vede o segundo exemplo.

372 Unio-se a alma de Jonathas á alma de David, e não se diz na Escritura, que a alma de David se unisse á de Jonathas: *Anima Jonathae conglutinata est anima David.* Pois se a alma de Jonathas, se a alma de hum Principe se une á alma de David, á alma de hum pastor; porque razaõ a alma de David se não une á alma de Jonathas? A razaõ he; porque Jonathas foy o que fez os beneficios, e deo os vestidos a David; David foy o que recebeu os vestidos, e os beneficios de Jonathas; e são taõ ingratos os corações dos amados, que bem se pôde unir quem dá, mas

I. Reg.
18. 1.

373 Isto he o que passa naquella meza, e naquella manjar Divino; porém não he isto o que passa cá nos nossos banquetes, e manjares humanos: na meza do Sa-

cramêto he uniaõ o manjar; nos banquetes do mundo são divisaõ as iguarias: no banquete de Deos chegamos muytos, e todos ficamos hum; nos banquetes do mundo chegamos hum, e todos sahimos muytos: no banquete de Deos chegamos apartados, e todos sahimos unidos; nos banquetes do mundo chegamos unidos, e todos sahimos apartados: no banquete de Deos he tal o manjar, que de muytos faz hum; nos banquetes do mundo he tal o manjar, que de hum faz muytos. Grande prova no Capitulo 32. do Exodo!

Exod.
32. 6.

374 Vay Moyfes falando do modo, com que o povo de Israel se assentou a comer em certa occasiaõ, e diz assim: *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* Sentou-se o povo a comer, e beber: *Sedit populus manducare, & bibere;* e logo se

levantáraõ a festejar: *Et surrexerunt ludere.* Notavel contradicãõ de termos! E bem! Se falla primeyro no singular, se falla primeyro em hum: *Sedit populus;* como falla depois no plural, como falla depois em muytos: *Surrexerunt ludere?* Se diz primeyro que se assentou hum povo: *Sedit populus;* como diz depois que se levantáraõ muytos homẽs: *Surrexerunt ludere?* Para q̄ visse-mos, e soubesse-mos bem o que são os banquetes, e mezas do mundo; começaõ em amor, e acabaõ em odio; começaõ em uniaõ, e acabaõ em divisaõ; começaõ em hum, e acabaõ em muytos; e para que visse-mos que nos banquetes do mundo se assentaõ os homens como amigos, como unidos, e como hum, porisso diz, que se assentou hum povo a comer, e beber: *Sedit populus manducare, & bibere;* e para que

que saybamos, que estes, que se assentaõ amigos, acabaõ contrarios, que estes, que se assentaõ unidos, acabaõ divididos, que estes, que se assentaõ como hum, se levantaõ depois como muytos, porisso diz, que se levantáraõ muytos a festejar: *Surrexerunt ludere.* Esta differença ha entre os banquetes de Deos, e os banquetes do mundo; nos banquetes de Deos chegamos divididos, e sahimos juntos; nos banquetes do mundo chegamos juntos, e sahimos divididos: mais claro: no banquete de Deos chegamos muytos homens, e sahimos hum povo: *In me manet;* nos banquetes do mundo chega hum povo, e sahem muytos homens: *Surrexerunt ludere.* Mas bemdito seja aquelle Senhor, pois por sua virtude já acabou esta divisaõ humana; já todos buscamos aquella uniaõ Divina; já por uniaõ de sua gra-

Tom. II.

ça se acabou a divisaõ do nosso peccado: *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia.*

§. VI.

375 **A** Terceyra razãõ, porque he grande sacrificio do amor o sacrificio do Altar, he, porque contém em si todas as graças. Assim odisse David: *Memoriam fecit mirabilium suorum;* e assim o ensinou Agostinho meu Padre naquella taõ celebre como repetida authoridade: *De latere Christi exierunt Sacramêta.* Vejo que ninguem repara nesta authoridade, tendo muyto em que reparar. Do peyto de Christo naõ sahio mais que sangue, e agoa: *Exiivit sanguis, & aqua;* a agoa, e o sangue são a materia do Calis, que faz hum só Sacramento: porque razaõ logo diz o meu Agostinho, que sahirãõ os Sacramentos todos: *De*

Psaln.
110. 4.

Augusti

Joann.
19. 34.

X 2

la-

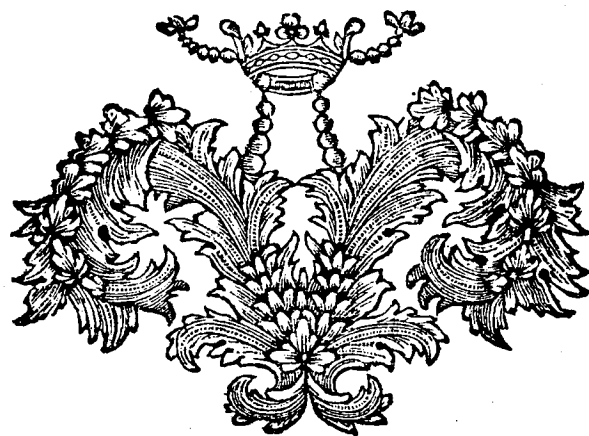
latere Christi exierunt Sacramenta? Porque se não fahiraõ todos os Sacramentos em quanto á realidade, fahiraõ todos os Sacramentos em quanto á graça: toda a graça dos Sacramentos está naquelle Sacramento: *De latere Christi exierunt Sacramenta.* He o Sacramento huma copia da Payxaõ de Christo; que muyto seja huma recopilação da graça? Assim como na creação do mundo se ajuntáraõ todas as agoas em hum lugar: *Congregentur aquae in locum unum;* assim na redempção do mesmo mundo se ajuntáraõ todas as graças em hum Sacramento: *Memoriam fecit mirabiliũ suorum.* Houve-se Deos na redempção do mundo, assim como se houve na creação delle: na creação do mundo deo a cada dia huma criatura, e no settimo dia ajuntou todas as criaturas dos outros dias: *Vidit Deus cuncta, quae*

fecerat: & erant valde bona: na redempção do mundo deo a cada Sacramento huma graça, e no Sacramento do Altar ajuntou a graça de todos os Sacramentos: *Superabundavit gratia.*

376 Porém se aquelle manjar de Deos he recopilação de todas as graças; o manjar do mundo he recopilação de todos os vicios. Na meza de Deos estaõ recopiladas todas as virtudes, na meza do mundo estaõ recopilados todos os vicios. Grandes foraõ os vicios das Cidades infames expressamente relatados no Capitulo 19. do Genesis; com tudo Christo (como diz S. Lucas no Capitulo 17. de seu Euangelho) referindo os castigos, que Deos déra áquellas Cidades, diz assim: *Edebant, & bibebant...qua die pluit igne, 17. 28. & sulphur de caelo.* No-29. tavel circumstancia na verdade! E bem! Que tem o dizer, que estaõ

vaõ em banquetes, para dizer, que foraõ castigados? E selhes diz expressamente os castigos: *Pluit ignem, & sulphur;* Porque lhes não diz tambem expressamente os vicios? Porque achou Christo, que para lhes insinuar os vicios, bastava exprimir-lhes os banquetes: *Edebant, & bibebant.* Mas huma, e muytas vezes demos graças áquelle Se-

nhor, que se atégora os banquetes foraõ recopilação de todos os vicios; se nas mezas humanas se achavaõ todos os peccados; já agora acabáraõ todos os vicios com a superabundancia de sua graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia;* certo peñhor da eterna Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



Genes.
I. 9.

Genes.
3. 31.



SERMÃO DO MANDATO.

Prégado na Misericórdia de
Lisboa.

*Ante diem festum Paschæ, sciens Jesus
quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc
mundo ad Patrem: cum dilexisset
suos, qui erant in mundo, in finem
dilexit eos. Joann. 13.*

S. I.

377



O dia antes de sua morte. (Senhor)
No dia antes de sua mor-

te, sabendo o bom Jesus, que era chegada aquella hora, em que morrendo pelos que amava, deste mundo, que sempre lhe foy ingrato, e enganoso, havia partir, para

o Pay, que sempre lhe foy agradecido, e verdadeyro; como já amasse aos seus, que estavaõ no mundo, agora no fim de sua vida mostrou, que não tinha fim o seu amor. Esta he a historia do Euangelista, e considerando eu huma, e muytas vezes as suas clausulas, desta me vim a resolver, que todo o intento do Euangelista fora mostrar hoje ao mundo, que o Senhor amára conhecendo o amor que tinha, e conhecendo os homens a quem amava. Diz o Euangelista, que o Senhor amou conhecendo, q̄ tinha amado: *Sciens... Cum dilexisset... Dilexit.* Eis aqui o conhecimento do amor: accrescenta logo, e diz, que o Senhor conhecia o Discipulo, que o havia de entregar: *Sciebat enim quis-*

Joann.

13. 11. *nam esset, qui traderet eum.* Eis aqui o conhecimento dos amados.

378 Pois se todo o intento do Euangelista era

Tom. II.

mostrar-nos o quanto amante nosso foy Christo, parece, que bastava dizer-nos sómente, que amava; bastava fazer-nos relação do amor: logo para que he referir-nos a sabedoria? Para se dizer, que hum homem he entendido, basta dizer-se, que entende, não he necessario dizer-se, q̄ ama: para se dizer, que hum homem he amante, basta dizer-se que ama, não he necessario dizer-se q̄ entende. Como logo para o Euangelista nos persuadir, que Christo foy amante, faz tão expressa menção de que sabia q̄ amava: *Sciens dilexit,* e de que sabia a quem amava: *Sciebat quisquam esset, qui traderet eum?* Fundo mais a minha duvida com huma supposiçãõ, que sendo hoje para mim certa, confesso que algum dia a ignorava. Algum dia entendia eu, que o amor era nescio; hoje porém me persuado (e isto he o

X 4

que

que como certo supponho) que todo o amor, seja Divino, ou seja humano, he discreto, he sabio, e he entendido, cada hum conforme a sua natureza. O Amor Divino, como he alumiado de hum entendimento infinito, entende mais; o amor humano, como he assistido de hum entendimêto limitado, entende menos; mas hum, e outro entende.

379 He o amor fogo, e o fogo nunca abraza o coração, que não communique luz ao entendimento. Houve de ser amante hum dos Reys de Israel, e foy Salamaõ, aquelle Rey, que tanto luzia no entendimento, quanto ardia no coração. Da fonte do conhecimento nasce o rio impetuoso do amor. Tanto que a Magdalena abriu os olhos da razão para conhecer como entendida: *Ut cognovit*, logo abriu o peyto para entregar o coração co-

Luc.
7. 37.

mo amante: *Dilexit multum*. Desvaneceu-se o orvalho, que tinha frio o coração, tanto que rompeo o dia do entendimento. O amor nas Sagradas Letras huma vez he enfermidade: *Amore langueo*; outra vez he morte: *Fortis ut mors dilectio*; e ou na morte, ou na enfermidade nunca teve grandes combates o coração, que não tivesse mais vivos discursos o juizo. He o amor como a tristeza, nunca molestou o coração, que não avivasse o entendimento. Se os malencolicos são os mais entendidos, porq̃ não serão mais entendidos os mais amantes? Amor, e malencolia, tudo são imaginaçoens, desvelos, e cuidados: e que nescio ha que cuide, que imagine, que se desvele? Estas pençoens entendidas, assim como se negão aos nescios, se achão todas as horas nos amantes. Ainda que o fogo abra-

Ibi. 47.

Cant.

2. 5.

Cant.

8. 6.

abraze à vontade, nem porisso o fumo cega o entendimento; porque os fumos do amor, que sôbem á cabeça, tem mais de altivos, que de ignorantes. Tanto que Deos se abrazou como amoroso, logo se diffinio soberano: *Ego sum qui sum*. Os Antigos pintáraõ o amor menino, mas não por lhe faltar o uso da razão, porque se este vem aos sette annos, o amor de Jacob chegou a esta idade: pintáraõ-no sim menino, porque he a sua vida breve, e meninice, que dura pouco, he final que entende muyto. A venda que tem o amor nos olhos, não mostra ignorancia no juizo. Nunca o Evangelista S. João teve mais levantado o juizo, que quando na cea teve fechados os olhos, porque quando ao amor falta o lume dos olhos, entãõ tem mais luz de razão. Nas humanas letras Grecia entendida foy a

Exod.
3. 14.

que rendeo Troya abrazada: não ha amante, que não tenha dentro em si a Grecia, e a Troya; Grecia he o juizo que entende, Troya he o coração que se abraza. Finalmente não ha dia de fogo, que não seja dia de juizo.

380 São taõ certas estas razoens, que se o entendimento he muyto agudo, logo faz a vontade muyto fina; e se a vontade he muyto fina, logo faz o entendimento muyto agudo: o entendimento he o que apura a vontade, e a vontade he a que refina o entendimento. Veyo Christo ao mudo, e todo o seu intento foy fazer-nos amantes:

Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos. Veyo ao mundo o Espirito Santo, e todo o seu fim foy fazer-nos sabios: *Ille vos docebit omnia*. Pois como assim? Christo vem metter em nossos coraçõens o amor, e o Espirito Santo vem pôr em nos-

Joann.

13. 34*

Joann.

14. 26*

nossos juizos a sabedoria? Sim: porque Christo era a Pessoa do Verbo, era a Pessoa do entendimento; o Espírito Santo era a Pessoa do amor, era a Pessoa da vontade; e a vontade era a que havia fazer o juizo entendido: *Docerit*; o entendimento era o que havia fazer a vontade amante: *Diligatis*. De maneyra que as lições do amor aprende-as a vontade do entendimento, porisso Christo nos ensinou a amar: *Ut diligatis invicem*; e os dictames da sabedoria, aprende-os o entendimento da vontade, porisso o Espírito Santo nos ensinou a entender: *Docerit vos omnia*.

§. II.

381 **S** Upposto pois, q̄ não ha amor que deyxer de ser sabio, que deyxer de ser discreto, que deyxer de ser entendido, agora cresce mais

a minha difficuldade. E porque se hade empenhar tanto o Evangelista em mostrar a sabedoria de Christo, quando o seu intento he manifestar-nos só o seu amor? Parece que bastava dizer-nos o seu amor, que nós viriamos logo no conhecimento da sua sabedoria; mas declarar-nos juntamente, que foy sabio, e que foy amante: *Sciens dilexit*? Sim; porque como disse no principio, o intento do Evangelista era, que nós foubessemos que Christo conhecia o amor, que tinha, e os homens, que amava, e estes dous conhecimentos foraõ os que lhe refinaraõ mais o seu mesmo amor; porque sendo todo o amor sabio, e entendido, com nenhuma cousa se encarecem mais as finezas de hum amante, do que com dizer, que amou, conhecendo o amor, e que amou, conhecendo os amados.

382 Nestes dous conhecimentos se fundaõ todas as finezas, e ambos elles teve hoje Christo. Conheceo o que o amor tinha fido, e o que o amor havia de ser: conheceo o que o amor tinha fido, porque conheceo que o tinha tirado dos braços de seu Pay. Conheceo o que o amor havia de ser, porque conheceo que este o havia de pôr nos braços da Cruz. Da mesma forte conheceo o que os amados tinhaõ fido, e o que os mesmos amados haviaõ de ser: conheceo o que os amados tinhaõ fido, sabendo que Adam por pouco mais de nada, por huma maçaã, se resolveo a offendello; conheceo o que os amados haviaõ de ser, sabendo que Judas por pouco mais de nada, por trinta dinheyros, estava resoluto a entregallo. E estes dous conhecimentos, digo eu agora, o conhecimento do amor,

e o conhecimento dos amados, foraõ todo o fundamento das finezas, que nesta hora obrou o Divino Amante. Se o Senhor amára hoje, tendo hum só destes dous conhecimentos, não feria taõ amante como foy: se tivera sciencia do amor, e ignorancia dos amados, não seria o seu amor taõ encarecido: se tivera sciencia dos amados, e ignorancia do amor, não seria este amor taõ acrisolado. Prove-mos esta verdade, que não he commua, com os dous mayores penitentes da Igreja S. Pedro, e a Magdalena.

383 A esta grande penitente appareceo o Senhor na manhaã da resurreyçaõ, estando feytos os seus olhos duas perennes fontes de lagrimas, e a reprehendeo porque chorava: *Mulier, quid ploras?* Pois, Senhor, a consideraçã de vos ter morto, a imaginaçã de vos haverem rou-

roubado, não são bastâtes motivos para aquelle prâto da Magdalena? Sim são: logo se tanto estimastes as lagrimas, que ella chorou pelas culpas, que em si tinha, para que lhe reprovaes as lagrimas, que chora pelos males, que em vós considera: *Quid ploras?* Ora em quanto fica chorando a Magdalena, vamos ver o que succedeo a S. Pedro. Resuscitado o mesmo Senhor, perguntou a Pedro se o amava mais que todos: *Simon Joannis diligis me plus his?* Responde Pedro á pergunta, que sim, e que bem sabia o Senhor, que elle o amava: *Tu scis Domine, quia amo te.* Porém o Mestre pouco satisfeyto da resposta, torna a fazer segunda pergunta, como duvidando do amor: *Diligis me?* Pois, q̄ he isto, meu Deos, não basta dizer Pedro huma vez, que ama? Não basta huma só confissão para se acre-

ditar o amor? Sim basta: logo para que he fazer-lhe segunda pergunta? Porque vos não haveis contentar com a primeira reposta?

384 Ora comparemos já hum amante com outro amante, hum penitente com outro penitente, Pedro com a Magdalena: de sorte que as lagrimas da Magdalena são estranhadas, e as confissoens de Pedro não são venturosas? As lagrimas daquella penitente tem tanto de estranhadas, que lhe inquire o Senhor o motivo: *Quid ploras?* As confissoens daquelle Discipulo tem tão pouco de venturosas, que lhe nega o Senhor o credito: *Diligis me?* E porque razão? Cuido, que a Escritura claramête aponta: a Magdalena he verdade, que conhecia o seu amor, e pelos varios successos de sua vida tinha delle experiencias largas; conhecia que o amor a levára a casa do

Fa-

Fariseo, e que ali a puzera, como despojo aos pés de Christo, para lhe tributar do cofre de seu peyto preciosos fios de perolas em suas lagrimas; conhecia que o amor a levára ao pé da Cruz, onde competio o seu affecto com a sua constância; conhecia q̄ o amor atrouxera á sepultura, onde a sua firmeza excedeo a pedra do Sepulcro; pois tirando-se do Sepulcro a pedra, já mais se não afastou a Magdalena da sepultura. Largas experiencias, e grandes conhecimentos tinha logo a Magdalena de seu amor: mas á vista destes conhecimentos, e destas experiencias de seu amor, adverte o Evangelista S. João, que tinha ignorancias de seu amado: *Vidit Jesum Stãtem: & non sciebat quia Jesus est.* Absim! A Magdalena conhece o seu amor, e ignora o seu amado! Conhece o amor,

que tem, e não conhece a pessoa, a quem ama! Pois porisso não são admittidas as lagrimas, que chora. Hum coração chorando parece amante, as lagrimas derramadas parecem finezas; mas nem aquellas, que pareciaõ finezas, eraõ finezas, nem aquelle coração, que parecia amante, era amante, porque tendo tão largo conhecimento do amor, tinha tão grande ignorancia do amado: *Et non sciebat, quia Jesus est.*

385 Pelo contrario, S. Pedro conhecia o amado; porque tinha grandes noticias, e claros conhecimentos do q̄ Christo era; sabia, que elle era o Messias verdadeyro; sabia, q̄ elle era o Redemptor do mūdo; sabia, q̄ elle era verdadeyro Filho de Deos: *Tu es Christus Filius Dei vivi.* Claros conhecimentos, e grandes noticias tinha logo S. Pedro de Christo; mas tendo toda esta sciencia do seu

Joann.
21. 15.

Ibi.

Ibi. 16.

Joann.
20. 14.

seu amado, mostrou na confissão, que tinha ignorancia do seu amor: disse elle assim: *Domine tu scis, quia amo te.* Senhor, vós sois o que sabeis, que vos amo. Bem: logo se Christo he quem sabe o amor, segue-se, que o ignora Pedro. Ah sim! E Pedro conhecendo o amado, ignora o amor? Pois porisso Christo mostra que duvida da confissão. Quem viu a hum homem fazer tres vezes confissão de seu amor, que havia dizer, senão que era amante? Pois de que seja amante Pedro duvida Christo; porque he Pedro hum tal homem, que conhecendo o seu amado, ignora o seu amor: *Tu scis, quia amo te.* Unamos agora a Magdalena, e Pedro. Se as lagrimas da Magdalena assim como eraõ fundadas no conhecimento do amor, foraõ fundadas tambem no conhecimento do amado, he certo que estas lagrimas

haviaõ de ser admittidas: se a confissão de Pedro, assim como foy fundada no conhecimento do amado, fora fundada tambem no conhecimento do amor, não ha duvida que esta confissão havia de ser acreditada; mas como as lagrimas se fundáraõ em huma ignorancia, e em huma sabedoria, como a confissão se fundou em outra sabedoria, e em outra ignorancia, quanto crecia Pedro nos affectos pelo conhecimento do amado, tanto diminubia pela ignorancia do amor: *Tu scis, quia amo te;* e quanto subia a Magdalena nas finezas pelo conhecimento do amor, tanto defcia pela ignorancia do amado: *Et non sciebat quia Jesus est.*

386 De tudo isto, que temos dito, venho a inferir agora, que só Christo amou como se deve amar; porque só Christo teve estes dous conhe-

nhecimentos; teve conhecimento do amor: *Sciens... Cum dilexisset... Dilexit,* e teve conhecimento dos amados: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.* E isto, que o Evangelista quiz dizer ao mundo, he o que eu hoje quizeria persuadir ao meu auditorio: quizeria mostrar hoje como Christo teve perfeyto conhecimento do amor, e perfeyto conhecimento dos amados: teve perfeyto conhecimento do amor, porque sabia, que o amor o havia pôr na Cruz; sabia, que o amor o havia de pôr em servidaõ; sabia, que o amor lhe havia de abater a pessoa: e que tendo todo este conhecimento do amor, ainda assim amasse! Grande maravilha! Teve tambem perfeyto conhecimento dos amados; porque sabia, que os homens eraõ ignorantes; sabia, que eraõ ingratos; sabia, que eraõ

enganosos, e que assim os conhecesse, e ainda assim os amasse! Grande fineza! Ora vejamos a maravilha de amar com conhecimento do amor; depois veremos a fineza de amar com conhecimento dos amados.

§. III.

387 **A** Primeyra circumstancia, que hoje confidero para credito da fineza em Christo, he conhecer elle, que o seu amor o havia levar á morte; e que ainda assim amasse! Grande, e desusado amor! Porém logo aqui entra a oppor-se a este meu pensamento a sabedoria do mesmo Christo. Não foy o amor, fuy eu (diz hoje a sabedoria) a que o puz na Cruz, a que lhe dey a morte. Ora ouçamos a razaõ, em que se funda, que sendo da sabedoria, não pôde deyxar de ser justificada. Pela experi-

encia, e pelo discurso he geralmente assentado, q̄ costuma Deos dar os remedios com alguma semelhança ás enfermidades: a enfermidade, e o peccado dos homens teve principio na arvore da sciencia: logo a cura, e o remedio desta enfermidade compete ao attributo da fabedoria. Deo aos homens a morte, e tiroulhes a vida a sciencia: logo a Christo tirou-lhe a vida, e deo-lhe a morte. Esta he a razão da fabedoria, e se he grande a razão, não he menor a prova.

388 Vay contando o Profeta Zacarias as suas visoens, e diz, que vira hum livro, que voava: *Vidi, & ecce volumen volans.* Livro com folhas, isto he o ordinario, que se vê; mas livro com azas, discreta monstrosidade! E que livro he este (perguntára eu agora) que livro he este, que assim voa? Dizem os Settenta, que era hu-

ma fouce voando: *Vidi*, Verf. *& ecce falx volans.* Ma-LXX. LXX. yor difficuldade! E que semelhança tem a fouce com o livro, para que o livro seja fouce? A fouce he instrumento rustico dos cegadores; o livro he emprego discreto dos entendidos: logo como dizem os Settenta, que era fouce, se diz o Profeta, que era livro? Respondo: porque o livro he o instrumento da fabedoria, a fouce he o instrumento da morte; e tanto mata a morte com a sua fouce, quanto mata a fabedoria com o seu livro. Hum, e outro instrumento voava; porque quando a morte bate as azas, a fabedoria move as pennas: para tirar a vida aos homens tanto voa a morte, quanto voa a fabedoria; a morte voa com a sua fouce, a fabedoria voa com o seu livro. Ainda não digo bem: trocárao-se as armas da fabedoria, e da morte; o livro da

fabedoria se trocou pela fouce da morte, e a fouce da morte se mudou em livro de fabedoria; porque a morte, como se fora fabedoria, mata com o livro, e a fabedoria, como se fora morte, mata com a fouce: *Vidi, & ecce volumen volans: vidi, & ecce falx volans.* E se o mesmo he livro do que fouce; se o mesmo he fabedoria do que morte, diga-se, que a hora, que Christo hoje conheceo ser a da sua morte, teve principio no alto conhecimento da sua fabedoria: *Sciens quia venit hora.*

389 Todos os que nascêrao mortaes, caminhaõ para a morte, mas ordinariamente os que mais entendem saõ os q̄ mais caminhaõ. Ambos os dous Discipulos Pedro, e Joaõ foraõ ao Sepulcro, mas Joaõ com mais preça do que Pedro: *Ille alius Discipulus prae-currit citius Petro: po-*

Joann.
20.4.

Tom. II.

rém se ambos sahiraõ juntos: *Currebant simul;* ibi. porque se adianta Joaõ? Claro está: porque era o Discipulo do entendimento, e caminhava para a sepultura, que he a casa da morte; e para a casa da morte sempre corre mais o Discipulo, que mais entende: *Præcurrit citius.* Joaõ era Aguia entendida, Pedro era pomba singella: *Filius columbæ;* e ainda que ambas tenhaõ azas, para a morte mais voaõ as Aguias do que as pombas: Pedro era velho, Joaõ era moço; e cuidando eu atégora que os velhos eraõ os mais visinhos da sepultura, acho que ainda mais visinhos do que os velhos saõ os entendidos.

390 Sempre reparey, que vindo estes dous Discipulos de fóra, entrassem na sepultura, e que estando ahi a Magdalena tantas horas junto ao Sepulcro, nunca nelle entrasse: *Stabat foris.* Pois Joann.

Y

se 20. II.

se está junto, porque não entra? Direy: porque nesta occasião tudo na Magdalena foraõ ignorancias: Levaraõ-me o Senhor (dizia ella) e não sey onde mo tem posto: *Tulerunt Dominum meum, & nescio ubi posuerunt eum.* Via a seu Mestre (diz o Euangelista) e não sabia que era elle: *Vidit Jesum stantem, & non sciebat quia Jesus est.* Ahim! Pois já me não admiro de que não entrasse no Sepulcro a Magdalena. Não sey que incompatibilidade tem ignorancias, e sepulturas, que por mais perto que estejaõ, nunca entraõ nas sepulturas as ignorancias; porisso não entrou a Magdalena estando perto, porisso entraraõ Pedro, e Joaõ vindo de longe; porque Pedro ainda que não fosse taõ entendido como Joaõ, não lemos, que nesta occasião se mostrasse nescio; a Magdalena po-

rém, quẽ manifestou a ignorancia, segura estava de não entrar, por mais que se chegasse de perto: *Stabat ad monumentum foris.* Vida com ignorancia he vida dilatada; vida com sabedoria he vida breve: bem se pôdem dar juntos, vida, e entendimento, mas se o entendimento for muyto, a vida hade ser pouca; e se o entendimento for pouco, a vida hade ser muyta. Logo se Christo hoje manifestou a sua sabedoria, se fez publico o seu entendimento, que muyto he que o entendimento, e a sabedoria lhe aprefassem a morte! Digasse logo (conclue a sabedoria) que a sua sciencia lhe deo a morte, que o *Sciens* lhe tirou a vida: *Sciens quia venit hora.*

391 Assim parece, fiéis, mas não foy assim como parece. Não deo a Christo a morte a sua sabedoria; deo-lha o seu amor;

amor; que sempre costuma fazer o amor estas, e outras tyrannias: porém ouçamos as razões, que são muytas. A primeyra razaõ he: a morte, que Christo padecio, foy de Cruz; a morte de Cruz he morte com os braços abertos; quem abre os braços, he certo que entrega o peyto; e abrir os braços entregando o peyto he sacrificio de amante, he morte de amor. A segunda he: Christo na Cruz morreo despido; e assim como o amor lhe roubou os vestidos, assim podemos dizer, que lhe deo a morte. A terceyra he: Christo morreo na Cruz com as mãos presas; e sobre presos só o amor he que costuma dar golpes. A quarta he: a batalha, que o Senhor teve com o demonio nõ deserto, foy figura da batalha, que havia ter com o mesmo principe das trévas no Calvario; lo-

Tom. II.

go o amor foy o que o levou ao Calvario, assim como o amor foy o que o levou ao deserto: *Du-* Marth.
etus est Jesus à spiritu 4. 1.
in desertum. A quinta he: o Divinissimo Sacramento do Altar, que hoje Christo instituhio no Cenaculo, he huma memoria da Payxaõ; e assim no sacrificio do Altar ensayou o amor tudo, quanto havia de fazer no sacrificio da Cruz; logo se o amor o sacramenta, o amor o sacrifica. A sexta, e ultima razaõ he: os Judeos antes de crucificarem a Christo, vendaraõ-lhe os olhos: *Velaverunt eum;* Luc.
e depois de morto hum 22. 64.
soldado lhe abrio o peyto: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit:* Joann.
19. 34.
logo claramente se mostra, que o Senhor morreo de Amante, e não de Sabio; porque tapar os olhos, e abrir o peyto, costuma-o fazer o amor, e não a sabedoria.

392 Estas são as razões,
Y 2 zoens,

Matth. 26. 50. zoens, com que se mostra, que o amor foy o que tirou a Christo a vida: e que bem fundadas razoes! Porém vede como são bem fundadas. Quando hoje chegou Judas ao Horto, para entregar a seu Divino Mestre, o Senhor lhe fez esta pergunta: *Amice, ad quid venisti?* Amigo a que vens? Duas duvidas tenho nestas palavras; a primeyra he: se Christo sabia a que Judas vinha ao Horto, para que lhe fez a pergunta? Quem pergunta dá a entender, que duvida, quem duvida mostra, que ignora: logo sendo Christo a mesma sabedoria, para que hade affectar ignorancia? Logo responderemos: ouçamos primeyro a segunda duvida, e vem a ser: se o Senhor sabia, que Judas era seu inimigo, que era traydor, que o vinha vendido, e que o vinha entregar, para que lhe

chama amigo: *Amice?* Contraponhamos agora huma, e outra duvida. Com a pergunta encobre o Senhor a sua sabedoria; com o nome de amigo manifesta o seu amor: e q̄ mysterio tem manifestar Christo no Horto o seu amor, e encubrir a sua sabedoria? Direy: o Horto foy o lugar, onde se executou a prizaõ, e por ella começou o portentoso sacrificio, que se veyo a consumir na Cruz; e para que os homensoubessem, que quem o prendia, quem o crucificava, quem lhe atava as mãos, quem lhe dava a morte, era o seu amor, e não a sua sabedoria, com grande mysterio quiz o Senhor encubrir a sua sabedoria com a apparente ignorancia da pergunta, e quiz manifestar o seu amor com a extrema confissaõ de amigo: *Amice, ad quid venisti.*

Joann. 19. 30. 393. Passemos do Horto ao Calvario, e veremos a final sentença, que a favor de seu amor deo hoje Christo na Cruz. Estando o Senhor na Cruz, ao tempo em que havia de espirar, diz o Euangelista, que inclinára a cabeça sobre o peyto: *Inclinato capite tradidit spiritum.* E porque razão sobre o peyto inclinaria Christo a cabeça? Direy: morria Christo, e via juntamente que no mundo se poderia duvidar, se elle morria porque era fabio, ou se morria porque era amante, e para que os homensoubessem, que elle morria por amante, e não por fabio, fez que a cabeça, lugar da sabedoria, cedesse ao peyto, lugar do amor; como se differa Christo, afinalando com a cabeça o peyto: este peyto me poz neste estado; este amor me poz nesta Cruz:

Inclinato capite, tradidit spiritum. E que sabendo Christo nesta hora, que o amor o havia de pôr na Cruz, que o amor lhe havia de dar a morte; que sabendo isto, ainda assim amasse! Grande amor, ajudado da circumstancia de hũa grande sabedoria: *Sciens dilexit.*

§. IV.

394. **A** Segunda circumstancia foy amar Christo conhecendo, que o amor o havia de fazer servo, e de tal modo, que havia de ser perpetua a sua servidaõ. Muytos amaraõ no mundo, que sem pôrem limite a seu amor, puzeraõ termo a seu serviço; sempre amaraõ, mas nem sempre serviraõ. Jacob, aquelle exemplo dos amantes, não lemos, que puzesse termo ao amor, que teve a Raquel; mas sabemos, que poz ter-

mo aos serviços, que fez a Labão: *Serviam tibi pro Rachel septem annis*; antes se elle foubra, que não havia de ter termo o seu serviço, póde ser, que não servira, ainda que amára. Só o bom Jesus amou com tal excesso, que não deyxou de amar, conhecendo que sempre havia de servir.

395 Esta noyte querendo o Senhor fazer aquelle protentoso acto de humildade, que era lavar os pés a seus Discipulos, vay o Evangelista contando muyto por miudo as circunstancias deste lavatorio, e diz, que o Divino Mestre puzera de parte os seus vestidos, e se cingira com huma toalha: *Ponit vestimenta sua, & cum accepisset linteum præcinxit se.* Acabada esta fineza, continua o mesmo S. João, e sem dizer, que o Senhor deyxára a to-

alha, diz, que tornára a tomar os seus vestidos: *Accipit vestimenta sua.* E como assim! Se antes do lavatorio nos conta o Evangelista que o Senhor deyxára os vestidos, e tomára a toalha, acabado elle, porque nos não diz, que deyxára a toalha, e que tomára os vestidos? Quem toma insignias determinadas para alguma cerimonia, acabada a cerimonia, deyxá outra vez as insignias: logo se o Evangelista nos adverte, que o Senhor acabára a cerimonia do lavatorio, porque nos não diz, que o Senhor depuzera a toalha? Sabem porque? Porque nunca na verdade a deyxou: era a toalha insignia de servo; e quem tinha eternizado o amor, não havia limitar a servidaõ; quem sempre havia de ser servo, nunca havia de deyxar a insignia.

396 Houve-se Christo em seu modo com a toalha, assim como se houve com a humanidade o Verbo Divino: o Verbo Divino nunca deyxou a humanidade, depois q̄ a tomou; Christo nunca largou a toalha, depois que a cingio: o Verbo Divino nunca já mais largou, nem hade largar a humanidade, que o fez homem; Christo nunca deyxou, nem hade deyxar a toalha, que o fez servo: lá no Ceo hade ser homem por todos os seculos dos seculos; e lá tambem hade ser servo por toda a eternidade. Achará Labão enganoso hum Jacob amante, que o sirva com termo; mas o mundo mais venturoso que Labão, achará hum Deos amante, que o sirva sem limite. Lá disse o Senhor, que havia de servir no Ceo: *Transiens ministrabit illis.* E se elle havia de servir no

Luc.
12. 37.

Ceo, que muyto não largasse a toalha na terra: *Cum accepisset linteum præcinxit se.*

397 Mas já ouço que todos me perguntaõ: e no Ceo serve-se? Se o Ceo não he lugar de merecer, como póde ser lugar de servir? Direy: o Senhor não serve para merecer, serve para mais amar; não tem a sua servidaõ por fim o merecimento, tem por principio o amor; e se este lhe eternizou os annos de amante, q̄ muyto que lhe perpetuasse a duraçaõ de servo! Grãde excesso de amor! Grande ambiçaõ de servir! Hoje disse o bom Jesus a seus Discipulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos.* Daqui em diante, Discipulos meus, começay a ser amigos, e deyxay de ser servos; porque eu (diz Christo) estou mais ambicioso da servidaõ do que do amor; antes para manifestar mais o meu

Joann.
15. 15.

amor, quero ser singular na servidaõ: se ninguém hade servir tanto como eu, quero ser o que sirva só; quero ser unico, já que heyde ser perpetuo; e assim permitto-vos, que ameis, mas não quero que sirvaes: *Jam non dicam vos servos ... vos autem dixi amicos.* Atéqui ambição de servir! E atéqui excessõ de amar: *In finem dilexit eos!*

S. V.

398 **A** Terceyra circumstancia do amor de Christo, foy a de amar, conhecendo claramente, que o amor o havia de hir abatendo, que o amor o havia de hir diminuindo. Hum dos mayores actos de amor, q̄ houve no mundo entre os homens, diz Euthimio, que fora aquella acção, em que o Bautista negou, que era o Messias. E bem! Confessar a verdade, que

circunstancia tem para ser fineza? Se o Bautista não era o Messias, que fineza fez em dizer, que o não era? Ora notem: em todo aquelle acto foy taõ grande o amor do Bautista, que não deyxou de amar a Christo, vendo, que o amor o diminuia a elle: entrou naquella occasiã o amor no peyto do Bautista, e de tal forte o diminuo, que aquelle, que podia ser tido por Messias, se vio a poucas horas indigno de ser servo:

Cujus non sum dignus Luc. *solvere corrigiam calceamentorum ejus:* mas não sayamos da consillaõ. Disse o Bautista, que não era Christo: *Non sum ego Christus.* O' como se vay diminuindo! Disse que não era Elias: *Non sum Elias.* O' como se vay abatendo! Disse, que não era Profeta: *Non sum Prophe-* Ibi. 21. *ta.* O' como se vay humilhando. Finalmente aquelle, que na opiniaõ

alhea

alhea era tido por cabeça dos homens, pela consillaõ propria não era digno de se pôr aos pés de Christo. Ha mais diminuir? Ha mais abater? Ha mais humilhar? Não: que muyto logo diga Euthimio, que naquella hora cresceu muyto o amor do Bautista, se o mesmo amor tanto diminuo o amante: *Non sum.*

399 Na arithmetica do amor, lançadas bem as contas, não ha mais, que duas especies, diminuir, e repartir: reparte o amor os bens como liberal, e juntamente diminua o amante como cruel: emfim se o amor he pedra, não ha amante, que não seja estatua. Tocou aquella pedra do monte a estatua de Nabuco, e tanto que a pedra a tocou, logo ella se desfez, logo se diminuo: assim tambem tocou o amor a Christo, e logo se foy diminuindo, logo se foy abatendo, logo

se foy humilhando. O' como se vay humilhando o ouro da cabeça de sua Divindade! O' como se vay abatendo a prata dos braços de sua Omnipotencia! O' como se vay diminuindo o bronze de sua eternidade! O' como se vay abrاندando o ferro de sua justiça! O' como se vay desfazendo o barro de sua Humanidade! Emfim tanto se diminuia a estatua, quanto crescia a pedra: *Factus est mons magnus;* e tanto se diminua hoje Christo, quanto cresce o seu amor: *In finem dilexit eos.*

400 Chegou a tal ponto em Christo esta sua diminuição, que lhe tirou os seus vestidos, e lhe poz a nossa toalha: *Ponit vestimenta sua,* Joann. *cum accepisset linteam,* 13. 4. *præcinxit se.* Lá diminuo antigamente o amor a Jonathas; mas não o diminuo tanto como ao Bom Jesus: deo elle os vestidos proprios

os, mas não tomou os alheos. Quem olhava para David, via no pastor a purpura do Príncipe; mas quem olhava para Jonathas, não via no Príncipe o vestido do pastor. Hoje não foy assim o amor do Príncipe da Gloria: quem olhava para os homens via nelles os vestidos de Christo; quem olhava para Christo via nelle a toalha dos homens: mas assim o vay trocando o mesmo amor, que assim o vay diminuindo; cresce a pedra, diminue-se a estatua; cresce o amor, diminue-se o amante: *Posuit vestimenta sua, & cum accipisset linteum præcinxit se.*

401 Prostrado nesta forma o Bom Jesus por terra, começou a lavar os pés a seus Discipulos: *Cæpit lavare pedes discipulorum.* Ajuntou a agoa ao lodo, a agoa da bacia ao lodo dos pés, como dizendo aos Apostolos: Discipulos meus, já vós me vistes curar a hum cego amassando o pó da terra com a saliva de minha boca: e se aquelle pó molhado com aquella saliva curou aquella cegueyra, ponde vós os olhos neste pó molhado com esta agoa, que talvez que cure essa vossa ignorancia: *Quod ego facio, tu nescis modò.* Vay continuando o Senhor a cerimonia, chega aos pés de Judas, aquelle Discipulo que o chegou a vender, aquelle traydor que o havia entregar, e mais com as lagrimas de seus olhos, do que com a agoa da bacia lhe lava amorosamente os pés. Atéqui abater, atéqui diminuir; mas atéqui amar: e a razão he, porque quando o amor diminue ao amante, he para proveytar o amado: se se despio Jonathas, foy para vestir a David; este Discipulo porém, sabia muyto bem o amor, que se não havia de proveytar, que se não

naõ havia de converter.

402 Mais venturoso foy o amor de Deos com Nabuco, do que hoje o amor de Christo com Judas. Aquella arvore protentosa, que figurava aquelle Monarca soberbo, foytado ao golpe do ferro a verdura de suas folhas, o saboroso de seus frutos, e o robusto de seu tronco; com tudo brádou o Senhor, que lhe guardassem as raizes: *Verumtamen germen radicum ejus in terra snite:* porque ainda daquellas raizes esperava Deos alguns frutos; e assim foy, porque lá se véyo huma hora a converter Nabuco. Mas ó Judas ingrato, ó arvore seca, ó figueyra amaldiçoada! Entregaste em teu coração o tronco de tua vida ao poder do demonio: *Cum diabolus jam misisset in cor;* vendeste o fruto da melhor arvore pelo preço vil de trinta dinheyros; seca-

ste as folhas da esperança com o erro de tua desesperação. Bem he assim, que bráda o amor de Christo, que lhe guardem esses pés; que lhe guardem essas raizes: *Verumtamen germen radicum ejus in terra snite:* para ver se batendo a agoa nesses pés, e molhando essas raizes produzes algumas folhas de esperanças, das algum fruto de penitencia; mas ó desgraçado discipulo, melhor successo teve o amor naquellas raizes, do que hoje tem nesses pés: quando hoje com elles havias de dar passos para o teu remedio, os das para a tua ruina: *Cum accepisset buccellam,* Ibi. 30. *exivit continuo.* Que bastasse subir huma pedra á cabeça do Gigante, para que o Gigante cahisse em terra; e que não bastasse descer a pedra, que he Christo, aos pés de Judas, para que Judas caya em si! Que bastasse o amor de Jacob para aba-

Daniel.
4. 12.

Joann.
13. 2.

Joann.
13. 5.

abalar a pedra de hum poço, e que não baste o amor de Christo para mover a pedra de hum coração! Que se não aproveyte hum Judas amado, diminuindo-se tão hum Senhor amante! E que conhecendo Christo, que se havia de diminuir deste modo, ainda assim se resolvesse a amar com tal excesso! Grande amor á vista de huma tal sabedoria: *Sciens dilexit.*

§. VI.

403 **T**Emos visto as finezas do Divino Amante qualificadas pelo conhecimento do amor: vejamo-las agora encarecidas pelo conhecimento dos amados. Amou o Filho de Deos aos homens, tendo cabal conhecimento que elles eraõ ignorantes, ingratos, e enganosos: e que á vista destas circumstancias ainda assim os amasse! Raro

prodigio! Ora comecemos pela primeyra circumstancia. Amou Christo aos homens conhecendo, que elles eraõ ignorantes. Hoje disse o Senhor, estando aos pés de Pedro, que Pedro não sabia o que elle obrava: *Quod ego facio, Ibi. 7. tu nescis modò.* Em Pedro como em cabeça se entendiaõ todos os homens: logo todos os homens eraõ ignorantes; e q̄ sobre ignorantes fossem ainda assim todos amados: *Dilexit eos!* O que prodigioso amor! Já muytos se abatêraõ a amar defeytos de qualidade: assim se vio em Jonathas para com David. Já alguns se desposáraõ com imperfeçoens de formosura: assim se vio em Jacob para com Lia: já outros amáraõ faltas de agradecimento: assim se vio em David para com Absalaõ. Daqui se segue, q̄ bem pôdem ser objecto do amor os ingratos, como

mo era Absalaõ para com David: que bem pôdem ser objecto do amor os feyos, como era Lia para com Jacob: que bem pôdem ser objecto do amor os humildes, como era David para com Jonathas; mas que possaõ ser objecto do amor os ignorantes, he caso que não tenho encontrado atéqui nas Escrituras, exceptuando o presente; porque só o amor de Christo cuida que reservou para si esta ventagem.

404 Em casa do Pontifice estavaõ Pedro, e Joaõ; mas não lemos, que o Senhor olhasse para Joaõ, lendo, que olhára para Pedro: *Luc. 22. 61. minus respexit Petrum.* Pois não olha para o Discipulo, a quem ama, e olha para o Discipulo, que o nega? Sim; porque o Discipulo amado era entendido, e o Discipulo negativo era ignorante: *Matth. 26. 70. Nescio quid dicis,* e ha muytos tem-

pos que ama Deos os homens, que põe nelles os olhos de seu amor, sem embargo de haver nelles ignorancias. Amar a hum ignorante he amar a hum morto: ainda não disse tudo. Assim como se não pôde offender a hum morto, assim se não pôde amar a hum ignorante: não se pôde offender a hum morto, porque não he capaz de sentir; não se pôde amar a hum ignorante, porque não he capaz de conhecer: hum morto, como incapaz de sentir, não satisfaz o odio; hũ ignorante, como incapaz de conhecer, não satisfaz o amor: mas todas estas razoens, todos estes inconvenientes atropellou hoje o amor de Christo, levando-lhe os olhos a ignorancia: *Nescio quid dicis: Dominus respexit Petrum.*

405 Ainda em outra consideração subio mais o amor das ignorancias em Christo. Das ignoran-

rancias nascem ordinariamente as frialdades; nunca o juizo esteve ignorante, que não estivesse o coração frio; se o juizo não tem luz, também o coração não tem fogo. De todos os doze Discipulos o que buscou o fogo esta noyte foy Pedro. Pois os outros não são também homens, e como taes não estão fogeytos ás calamidades do tempo? Sim estão: logo só em Pedro se haõ de ver as frialdades? Sim; porque só a Pedro se imputaõ as ignorancias; todas aquellas ignorancias no juizo causavaõ frialdades no coração. Bem conhecia Pedro o mal, mas não atinava com a causa: via-se frio, e imaginando, que isto procedia do rigor do tempo, buscava o remedio do fogo, mas enganava-se; porque a frialdade não nascia do tempo, nascia da ignorancia: e bem se vio; pois tanto que teve conhecimento: *Recor-*

datus est Verbi Domini, logo se não achou frio, logo deyxou o fogo, logo buscou as agoas: *Egressus foras flevit amarè.*

406 Tem esta fortuna o fogo do amor humano, que de ambas as partes arde, e ordinariamente a ambas ellas abraza. Tem esta má correspondencia o amor Divino, que ardendo da parte de Deos, regularmente deyxá de arder da parte dos homens: hoje se vio em Christo, e em Pedro esta má correspondencia: de tal modo ardia o fogo do amor da parte de Christo, que lhe fazia tirar as roupas, e tão pouco aqueitava a Pedro, que antes lhe fazia buscar o fogo. Não assim o amor humano: sendo limitado, de forte se estende, que abraza tudo, quando o amor de Deos sendo infinito, tão pouco se estende, que não abraza a todos. Lá nos deo Christo o amor

Joann.
20. 22.

mor envolto no elemento do ar: *Insuflavit: & dixit: accipite Spiritum Sanctum.* Mas porque o não deo antes no elemento da agoa, sobre a qual andou no principio do mundo, ou no elemento do fogo, que com o amor tem tanta connexão? Hade dallo determinadamêteno elemento do ar: *Insuflavit?* Sim; porque assim como he o elemento do ar, assim he o amor de Deos. Do ar diz Bercorio, que he quente, ou frio, conforme as partes donde se toma: o mesmo ar tomado da parte do Sul he quente, tomado da parte do Norte he frio; tomado da parte do Sol abraza, tomado da parte da sombra refresca. Ah meu Deos, e meu Senhor, que assim como he o ar, assim he o vosso amor. O' como he quente, tomado da parte de vosso peyto! O' como he frio tomado da parte de meu coração!

O' como abraza tomado da parte do Sol, em que se representa a vossa sabedoria! O' como esfria, tomado da parte da sombra, em que se symboliza a minha ignorancia! Mas que conhecendo vós as nossas ignorancias, e sabendo, que ellas eraõ a causa das nossas frialdades, ainda assim ardesseis em amor! O' que excessivo amor tomado da vossa parte: *In finem dilexit eos.*

407 Porém ainda não parou aqui o excessivo deste amor; ainda obrou mais: não só amou ignorancias, mas também cegueyras; não só amou defeytos no juizo, mas também defeytos nos olhos. Hoje quando o Senhor estava mais desvelado, orando a seu Padre Eterno, estavaõ mais descuidados os homens entregues á cegueyra do fomno: *Erant oculi eorum gravati*; e ainda assim amava elle, e buscava estes defeytos:

tos: *Venit ad Discipulos suos.* A tanto não chegou Jacob. Não lemos, que elle amasse a Lia; porque nos olhos defeituosos de Lia, não se empregão bem os cuidados do amor. E que não amando Jacob os olhos enfermos daquella pastora, amasse Christo os olhos aggravados destes Discipulos! O' que grande fineza! Sempre que os homens buscão a Deos para serem vistos, achão a Deos com os olhos abertos; e quantas vezes busca Deos aos homens, e os acha com os olhos fechados: *Invenit eos dormientes.*

Ibi.

408 O mayor sacrificio que os homens fizeram por Deos, foy o que fez o Patriarca Abrahaõ; e o sacrificio singular, que Deos fez pelos homens, foy o de morrer por elles seu Filho na Cruz: porém he de notar, que o sacrificio do Patriarca foy feyto em hum monte, que se cha-

mava terra de vizaõ; *Vade in terram visionis*: Genes. 22. 2. e o sacrificio de Christo foy feyto em outro monte, que era o Calvario, e estava cuberto todo de trévas: *Tenebræ factæ sunt.* E bem! Abrahão sacrifica a seu filho Isac em hum monte, que sendo de vizaõ, não pôde deyxar de ser claro: *Terram visionis*; e Deos sacrifica seu Filho Christo Jesus, em hum monte, que estando cuberto de trévas, não pôde deyxar de ser escuro: *Tenebræ factæ sunt?* Pois que he isto? Que differença he esta tão grande? He aquella fortuna, que tem o amor dos homẽs, e aquella má correspondencia, que tem o amor de Deos: o amor dos homens, quando faz sacrificios a Deos, he tão venturoso, que acha huma terra de vizaõ, para Deos o ver: *In monte Dominus vidit eum*: Genes. 22. 14. quando faz hum sacrificio

cio pelos homens, he tão mal correspondido, que acha hum monte de trévas, para elles o não verem: *Tenebræ factæ sunt.*

409 Porém bendito sejaes, Senhor, huma, e muytas vezes, que já nos tirastes desta ignorancia, já nos remediastes esta cegueyra. Esta noyte puzeraõ os Judeos huma vendã nos olhos de Christo: *Velaverunt eum.*

Luc.
22. 64.

Pergunto: que mysterio teve pôrem este veo no rosto do Senhor, pôrem-lhe nos olhos esta venda? Direy: para Christo nos livrar dos espinhos, tirou os espinhos de nossos pés, e pollos na sua cabeça; para nos livrar da morte, tirou a morte de nós, e polla em si; para nos livrar das nossas culpas, tirou as culpas de nossas almas, e pollas em suas costas: logo para nos livrar da nossa cegueyra, tirou o veo de nossos olhos, e pollo sobre seu rosto.

Tom. II.

Atéqui fineza! Eu imaginava, que Christo era só Redemptor de culpas, tomando sobre si nossos peccados; agora acho, que tambem o foy de cegueyras, pondo sobre seus olhos o nosso veo: mas se elle havia remir as nossas cegueyras, que muyto que nos amasse, conhecendo as nossas ignorancias: *Sciens dilexit eos.*

S. VII.

410 **A** Segunda circumstancia, que augmenta a fineza deste amor he a de amar Christo aos homens, conhecendo-os ingratos. Hum homem pôde ser ingrato de dous modos, ou não correspondendo o amor com outro amor, ou correspondendo o amor com odio: e ambas estas ingraticoes fôraõ hoje as nossas; viraõ-se hoje os homens amados de Christo, e sobre o não amarem, o a-

Z bor-

Genes.
3. 19.

borrecêraõ. O' que grande tormento este para o Senhor ! O' que trabalho ! Lá disse Deos a Adam no principio do mundo , que havia de comer o seu paõ com o suor de seu rosto : *In sudore vultus tui vesceris pane.* Bem confiderados os tempos , parece , que era impossivel este suor naquella occasiaõ : primeyramente a terra estava entaõ com todas as suas forças , e a poucas diligencias havia de dar logo frutos grandes ; além de que , para se sustentar hum homem , e huma mulher , como era Adam , e Eva , qualquer alimento bastava , ainda q̄ pouco : logo como diz Deos a Adam , que hade suar para comer ? A razãõ he ; porque Adam , como lavrador , havia de fabricar , e beneficiar a terra ; havia de lançar-lhe a semente ; e a terra havia de lhe pagar com abrolhos ; havia

corresponder-lhe os beneficios com espinhos : *Spinæ , & tribulos germinabit tibi ;* e terra taõ ingrata , que recebendo trigo , dá espinhos , que recebendo beneficios , dá abrolhos , com muyta causa póde affligir , e fazer suar a hum Adam : *In sudore vultus tui vesceris pane.*

411 O' mais fino Adam ! Justificado está hoje o vosso suor , naõ só do rosto , mas de todo o corpo , naõ só de agoa , mas tambem de sangue ; pois lançando hoje ás nossas almas o precioso trigo de vosso corpo , pagámos esse beneficio com estes espinhos ; pagámos esse trigo com estes abrolhos : *Spinæ , & tribulos germinabit tibi.* Porém naõ mettamos mais a nossa fouce por esta seara , que he alhea : basta , que venhamos na consideração do excesso de vosso amor por este conhecimento. Que conhece-

Ibi. 18.

cendo vós a ingratidaõ dos homens , ainda affim empregasseis nelles os vossos affectos ! O' que protento ! O' que maravilha ! O' que amor : *Sciens dilexit eos.*

412 A terceyra , e ultima circumstancia do amor de Christo , em que igualmente ferey breve , foy amar elle aos homẽs , conhecendo , que eraõ enganotos. Amar ingraticoens talvez he porfia ; affim o disse Tertulliano : *O' Deum non naturã , sed emulatione beneficium !* Amar ignorancias muytas vezes póde ter remedio ; affim amou hoje o Senhor aos homens , sem embargo de haver nelles ignorancia : *Quod ego facio tu , nescis modò ;* porque conhecia , que haviaõ de vir a ser fabedorias : *Scies autem postea.* Porém amar enganotos , naõ quero dizer , que seja impossivel , mas digo , que he difficuloso. Se Jacob sou-

Tercul.

Joann.
13.7.

Ibi.

Tom. II.

bera os enganotos de Labaõ , póde ser que naõ servira pela formosura de Raquel. Sóo Bom Jesus sabendo , e conhecendo os nossos enganotos , ainda affim empregou hoje em nós o seu amor.

413 Hoje querendo Judas entregar o Senhor aos Judeos , deo por sinal da entrega hum osculo de paz : *Quemcumque osculatus fuero , ipse est , tenete eum.* Ha tal mentira ! Ha tal engano ! Era traydor , e parecia fiel ! Era contrario , e parecia amigo ! Quem de longe visse , que Judas traydor dava aquelle osculo de paz , sem duvida havia de dizer : ó como he aquelle Discipulo amigo de seu Mestre ! Como he amigo ; pois sabendo que elle caminha para a morte , o aperta com os seus braços ; e sabendo que vay perder a vida , o sauda com aquelle osculo :

Matth.
26. 48.

Z 2

Ave

Ibi. 49. Ave Rabbi? Este havia de ter o discurso; mas havia o discurso enganado; porque era o osculo enganoso. Duas castas ha de inimigos; huns que sempre foraõ inimigos, outros, que o faõ, porém affectaõ-se amigos: os primeyros offendem cõ as armas do odio; assim se vio em Saül para com David, querendo-o atravestrar com a lança: *Tenebat Saul lanceam, & misit eam, putans, quod configere posset David.* Os segundos offendem com as armas do amor; assim se vio hoje em Judas, q̄ vindo entregar a Christo, o saudou com o osculo: *Osculatus est eum.*

Matth. 26. 49. Mas que conhecendo hoje o Bom Jesus todos estes enganos, ainda assim amasse huns homens enganosos? Só o seu amor podia vencer esta difficuldade: e só o arduo da difficuldade podia acreditar melhor este amor: *Sciens: in finē dilexit eos.*

414 Soberano Senhor,

Divino amante, estes saõ os extremos de vosso la-mor ajudados das noticias de vossa sabedoria: amastes conhecendo, que o amor vos havia de dar a morte; amastes conhecendo, que o amor vos havia de perpetuar a servidaõ; amastes conhecendo, q̄ o amor vos havia de abater a pessoa; e sobre todos estes conhecimentos de vosso amor, amastes ainda assim a hũs homens, que conheceis ignorantes, q̄ conheceis ingratos, que conheceis enganosos: porém a tudo isto se fogeyta o amante para que triunfe o amado: assim tomastes sobre vós a morte, para q̄ nós tivessemos a vida; assim abraçastes a servidaõ, para que nós lograssemos o senhorio; assim abatestes a pessoa, para que nós augmentassemos a graça, com a qual vos fossemos assistir por huma eternidade de Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*

S.E.R.



SERMÃO

DA

PRIMEYRA SESTA FEYRA

DA

QUARESMA.

Diligite inimicos vestros; benefacite his, qui oderunt vos... ut sitis filij Patris vestri, qui in cælis est. Matth. 5.

S. I.

415



Empo, em que se reformaõ os costumes, razaõ he seja també tẽpo de reformar os affectos. Se neste tempo havemos melhorar de vidas, por

Tom. II.

que não melhoraremos tambem de coraçõens? Se hontem fomos cinza penitente, hoje porque não havemos de ser fogo amante? Hontem para sermos cinza melhorámos de memorias: *Memento*; hoje para sermos fogo havemos me-

Z3 lho-

Ihorar de vontades. *Diligite*. Tudo he padecer, amar inimigos, que nos perseguem, e lembrar de descomposições, que nos arruinão: mas emfim não se contradizem amor, e penas, antes sempre costumão andar unidos.

416 Ardia a Sarça, e cresciaõ os espinhos; a mesma arvore se via com abrolhos, e com chammas; e esta era a que servia antigamente a Deos de throno: mas emfim era arvore da terra santa, como disse o mesmo Deos a

Exod. 3. 5.

Moyfes: *Locus in quo stas, terra sancta est*. E se huma arvore estando em huma terra santa, assim sabe unir chammas, e espinhos, por que não aprenderá o racional do insensivel? He este o tempo fante, em que Deos nos busca, para fazer de nós o seu throno; e se somos homens, se os homens até por hum cego foraõ vi-

stos como arvores, por que não imitaremos aquella Sarça? Tome-mos pois em nós os espinhos, lembrados de que sahimos da terra, que para nós os produzio: *Spinæ, & tribulos germinabit tibi*: Vejaõ-se em nós incendios assim como na Sarça se via o fogo: *Videbat, quòd rubus arderet*: ou sennaõ, troquemos os espinhos em ardores, que isto he amar os inimigos, que nos perseguem: *Diligite inimicos vestros*.

Genes. 3. 18.

Exod. 3. 2.

417 Mas que difficullosa empreza para a nossa perversa inclinação! Mais facil nos he ser penitentes, do que ser amantes: não sentimos tanto mortificar o corpo, quanto vencer as payxoens da alma. Desorte que para eu ser penitente, heyde observar aquelle jejum, que me enfraquece; mas para ser amante heyde amar aquelle ini-

migo, que me persegue. O' que difficuldade! Para eu ser penitente, heyde cingir aquelle cilicio, que me molesta; mas para ser amante, heyde abraçar aquelle homem, que me maltrata. O' que rigor! Para eu ser penitente heyde tomar aquelle disciplina, que me debilita; mas para ser amante heyde querer aquelle mesmo proximo, que me affronta. O' que sacrificio! Mas he ley de Deos, que no-lo manda: *Ego autem dico vobis*. Não ha mais remedio, que vencer a difficuldade, abraçar o rigor, fazer o sacrificio.

Sap. 3. 6.

418 Notavel he o ouro: apura-se nas mesmas chammas, que o abrazaõ; mas assim deve ser o que quizer ser justo: *Tanquam aurum in fornace probavit illos*. Se as chammas das tribulações saõ as q̄ lhe fabricaõ a coroa, que reme-

Tom. II.

dio, sennaõ entregar-se o justo a estas chammas. Notavel he a Fenis com o Sol: busca os mesmos rayos, que a queymaõ; mas he por que os rayos, que lhe compoem o tumulto, lhe destinaõ o berço: pois que remedio, sennaõ buscar os rayos, quem quizer renascer da sua luz. Notavel finalmente a rosa com os espinhos, e notaveis os espinhos com a rosa: os mesmos que crueis a cercaõ, unidos a coroaõ. Pois que remedio, ó rosa, sennaõ conformarte com os espinhos, se te queres conservar Rainha das flores. O' coraçãõ humano, qual ouro, qual Fenis, e qual rosa! Teus inimigos saõ aquelle fogo, que te maltrata, aquelles rayos, que te consomem, e aquelles espinhos que te cercaõ. Mas se Deos te quer fazer justo, porque não hasde amar aquelle fogo? Se queres renascer

Z 4 para

para Deos , por que não hasde amar aquelles rayos? Se hes Monarca soberano do racional composto , por que te não hasde conformar com aquelles espinhos?

419 Assim espero hoje , que se hade reformar o coração do homem , e para lhe propor mais alto motivo , não o quero hir buscar fóra do nosso Evangelho. Sabes , ó coração humano , o que te deve mover , o que te deve obrigar a amares teus inimigos? Pois não he menos , que ficares filho de Deos : *Ut sitis filij Patris vestri, qui in calis est.* Notavel , e prodigioso motivo ! E haverá Catholico algum de tão vil inclinação , e de tão bayxo espirito , que não queyra ser filho de Deos? Eu o não supponho , nem o mesmo Deos tal permitta. Mas de q̄ sorte (me perguntareis agora vós) fi-

camos filhos de Deos , perdoando a nossos inimigos? Respondo com a mesma fé : Deos tem huma só natureza , mas tres Pessoas : á primeyra Pessoa , que he o Pay , se attribue o poder ; á segunda Pessoa , que he o Filho , se attribue o entendimento; á terceira Pessoa , que he o Espirito Santo , se attribue o amor ; o que supposto digo assim. Homem , amas a quem te aborrece? O' que poderoso ! Não ha mayor poder. Homem , amas a quem te persegue? O' que entendido? Não ha mayor entendimento. Homem , amas a quem te affronta? O' q̄ amante ! Não ha mayor amor. E se os filhos são imagens do Pay , bem se vê , que os que amão seus inimigos são filhos de Deos ; por que nelles está o mesmo Deos imitado ; está imitado o Pay no poder ; o Filho no entendimento , e o Espirito Santo

no

no amor , ou na vontade. - Esta a materia que hoje determino seguir , e queyra Deos , que corresponda o effeyto á sua importancia. Começemos.

§. II.

420 **D** Evem os homens amar seus inimigos ; porque desta forte ficão filhos de Deos , imitando o Pay , a quem o poder se attribue. Mas antes de entrarmos na imitação , havemos primeyro brevemente suppor , que ha neste mundo tres especies de inimigos ; ou ha inimigos da vida , e estes são como Caim ; ou ha inimigos da honra , e estes são como Saúl ; ou ha inimigos da fazenda , e estes são como Esaú : ou vos perseguem neste mundo , porq̄s sois bons , como Abel ; ou vos perseguem , por que sois honrados , como David ;

ou vos perseguem por que sois ricos , como Jacob. Todos os perseguidos neste mundo , ou são como Jacob , ou como David , ou como Abel ; todos os inimigos , ou são como Esaú , ou como Saúl , ou como Caim. Os homens neste mundo , não tem mais que vida , honra , e fazenda ; contra a vida de Abel está Caim ; contra a honra de David está Saúl , contra a fazenda de Jacob está Esaú. E neste caso , que quer Deos q̄ façamos ? Quer que façamos sacrificios como Abel ; quer que perdoemos como Jacob ; quer que façamos bem por mal como David : e para que ? Para imitarmos no poder o Eterno Pay. Este he o primeyro ponto : vamos seguindo a imitação.

421 Não he poderoso entre os homẽs quem se vinga ; he sim entre os homens poderoso quem perdoa. Não he

po-

poderoso Caim, que mata; he poderoso Abel, que sacrifica: não he poderoso Esaú, que persegue; he poderoso Jacob, que se prostra: não he poderoso Saúl com a lança; he poderoso David com a arpa: a li se infama Saúl com o instrumento da crueldade; aqui se acredita David com o instrumento da brandura. Do mesmo coração sahe a vingança, e o perdaõ, que o querer, ou não querer saõ as causas de me vingar, ou não vingar: se o antecedente he máo, como hade ser boa a consequencia? He antecedente o odio, he consequencia a vingança: e como hade ser bom o vingativo, sendo sempre máo o defejo?

422 O' amor! O' fogo! Mas ó agoa! O' odio! Mysteriosos os Egypcios explicavaõ o amor pelo fogo, e encareciaõ o odio pelas agoas; pe-

los incendios os affectos, pelas correntes as perfeiçoões. Agora notem: o fogo sóbe para cima, as agoas descem para bayxo; he superior a esfera do fogo; he inferior a esfera da agoa: assim desce quem se vinga; assim sóbe quem perdoa. No seu Apocalipse vio S. João huma prodigiosa figura, decuja boca sahia huma cruel espada de penetrante fio: *De ore ejus exibit gladius utraque parte acutus.* Mas era boca que articulava vozes como agoa: *Vox illius tamquam vox aquarum multarum;* E quando as vozes saõ agoas, que correm, quem duvida que as palavras saõ espadas, que férem? Quando o odio he a fonte, quem duvida que a corrente saõ golpes? Quando o discurso he odio, que se refina, quem duvida, que os conceytos saõ fios que cortaõ? *De ore ejus exibit gladius utra-*

Apocal.
1. 16.

Ibi. 15.

traque parte acutus. Mas passemos das agoas, que descem, ao fogo, que sóbe.

423 O homeim, que perdoa offensas, imita o Pay no poder: não he poderoso quem se vinga, he poderoso quem perdoa. Sabido, e lastimoso caso foy aquelle da morte de Abel: mas deyxando de ponderar as tyrannias de Caim, ouçamos a Deos fallando com o matador: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra:* A voz do fangue de teu Irmaõ derramado na terra (diz Deos a Caim) me clama sobre ti pedindo vingança. Pois como assim? O fangue podia fallar? O fangue podia dar vozes? E a dar vozes este fangue, logo havia ser o da terra? Morto Abel, em duas partes se dividio o seu fangue; huma parte ficou no corpo, outra cahio na terra: ficou fangue no cadaver, e

Genes.
4. 10.

cahio fangue no chaõ. Pois se o fangue, que fica no cadaver não falla, o que cahio no chaõ, porque hade dar vozes? Mais queyxa tem o fangue do corpo, que o fangue da terra; porque o corpo está ferido, e a terra não está mal tratada: logo não se queyxaõ o fangue do corpo, menos se havia queyxaõ o fangue da terra, mas estar o fangue do corpo calado, e o da terra dando vozes: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra?* Sim, que como as vozes saõ a pedir vingança, não haviaõ sahir do fangue, que ainda se conservava em hũ corpo illustre, haviaõ sahir do fangue, que estava abatido na vileza da terra. E esta differença de fangue a fangue, confidero eu tambem de homens a homens; homens, que se vingaõ, saõ como o fangue na terra abatido; homens, que

que perdoão, são como o fangue no corpo conservado: porisso já me não admiro de ouvir queyxaquelle fangue da terra; pois está unido á infamia do barro, nem de ver calado aquelle fangue do corpo, pois ainda está unido a quem na vida foy illustre, que estes não se costumão vingar, ainda que se vinguem os abatidos: e fenaõ ouçamos o Profeta Euangelico.

424 Interpreta Isaias o poder de Christo neste mundo, e diz assim: *Factus est Principatus super humerum ejus*: esteve o poder de Christo sobre seus hombros. Este texto parece antinomico com outro do Euangelista S. Joaõ: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus*. Pois se o poder está nas mãos, como está o Principado nos hombros? Nas mãos, onde está o Sceptro, porque não hade estar o Principado? He

Principe pelo que toma nos hombros, e não he Principe pelo que dispende com as mãos? Se os hombros ficaõ mais perto da cabeça, tambem as mãos correspondem ao peyto, e não he menos Principe o entendido, que o liberal: logo como he Christo mais Principe nos hombros, do que nas mãos: *Factus est Principatus super humerum ejus*? Sabem porque? Porque nas mãos, ainda que esteja a misericordia, tambem está a justica, ainda que esteja o perdoão, tambem está a vingança: o Santo Job o experimentou dizendo: *Manus Domini tetigit me*; nos hombros ^{21.} porém estando as nossas offensas: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores*; esteve tambem a Cruz em que Christo nos veyo remir para nos perdoar; e o poder não se coroa no lugar, onde tambem ha justica, mas

no

no lugar, onde só ha misericordia; não se coroa no lugar da vingança, coroa-se fim no lugar do perdoão: não he poderoso Principe quem me favorece, mas tambem me castiga; he fim Principe poderoso quem me soffre, e quem me perdoa. Muyto devemos áquellas mãos, que nos favorecem liberaes; porém mais devemos áquelles hombros, que remedeão nossas offensas, como piedosos: porisso, entre poder, e poder, mais do que o poder, que dispende, he o poder, que soffre; mais, que o poder das mãos he o poder dos hombros: *Factus est Principatus super humerum ejus*.

425 O mesmo Christo no Calvario nos está authorizãdo esta doutrina. No Calvario está Christo intitulado Rey; mas Rey só do povo Judaico: *Rex Judeorum*. Reparo: e porque não hade estar

Joann.
19. 19.

intitulado Rey das naçoens todas? Se por todas padecio, se por todas morreo, se todas remio, porque se não hade intitular Rey de todas? Só o hade coroar Rey a nação Hebraea: *Rex Judeorum*? Sim: porque no Calvario esta nação he a que mais o agrava, a que mais o offende, a que mais o injuria; e ainda assim está Christo no Calvario pedindo ao Pay que lhe perdoe: *Pater dimitte illis*; E o poder de hum Rey mais se acredita nos agravos, que perdoas, do que nos favores, que dispende; porisso, ainda que Christo na Cruz favorecesse as naçoens todas, remindo-as, só hade estar intitulado poderoso Rey da nação Hebraea, a quem especialmente perdoa as offensas, as injurias, e as affrontas: *Dimitte illis. Rex Judeorum*. Eis aqui como imita o Pay no poder

Luc:
23. 34.

der quem perdoa agravos, e assim o devemos imitar nós, tomando exemplo de seu Filho natural Christo bem nosso. E se não coroemos este discurso com huma auctoridade de S. Agostinho meu P. Funda-se a Aguia dos Doutores naquelle texto: *Dimittite, & dimittimini*: Perdoay para se vos perdoar; e tira muyto ao nosso caso esta consequência: *Si ergo prior dimisi, dimittite illis postea*: Se Christo perdoou primeyro, sendo Christo, porque não havemos nós perdoar depois, sendo Christãos? Christo he Filho de Deos, e poderoso: pois se o poderoso Filho de Deos perdoa agravos, porque não havemos nós amar nossos inimigos, para sermos como filhos de Deos poderosos: *Diligite inimicos vestros: ut sitis filij Patris vestri, qui in caelis est.*

Luc. 6.
37.

August.

S. III.

426 **T**Emos visto como se imita o Pay no poder pelo amor dos inimigos; por que quem os ama he poderoso: vejamos agora imitada a segunda Pessoa, a quem se attribue o entendimento. Todos os homens neste mundo somos humas creaturas racionaes, a quem governa a luz da razão, a quem encaminha, e guia o entendimento. Aos dias, e aos homens repartio Deos o ser com muyta semelhança: não ha dia sem Sol; não ha homem sem entendimento: o dia tem manhaã, e tem tarde; o homem tem mocidade, e tem velhice: a luz do dia acaba com as trévas da noyte; a vida do homem acaba com as sombras da morte: não ha cousa mais triste do que são as trévas, nem cousa mais agradavel do que he

he a luz; não ha cousa mais triste do que he a morte, nem cousa mais agradavel do que he a vida: finalmente quando o dia se confunde com tempestades, logo se escurece o Sol, e quando o homem se perturba com iras, logo deyxá de governar a razão. Falta o exercicio ao racional, quando se poem em execução o irascivel. Porisso nos aconselha S. Paulo: *Sicut in die honestè ambulemus*: Vivamos (diz o Apostolo) como quem anda de dia; porque assim como o dia se governa pela luz do Sol, assim o homem se deve governar pela luz da razão. Para eu ser bom, para eu ser honesto, para eu não escandalizar, mais de pressa me reprimem as luzes, que me descobrem os defeitos, do que as trévas, que me encobrem as imperfeições: para isto (diz S. Paulo) heyde suppor

Roman.
13. 13.

que he dia; heyde-me valer do entendimento, que assim evitarey as vinganças: *Sicut in die honestè ambulemus.*

427 Neste mundo ordinariamête hum vingativo obra levado da ira: e que faz a ira? Pergunto eu agora: que? Diz S. Gregorio, que faz perder o juizo: *Per iram sapientia deperditur.*

Gregor.

Não ha mais dizer; mas já dantes o tinha dito o Principe dos Estoicos: *Nibil inter insanum, & iracundum est*: Não ha differença (diz o Seneca) entre hum louco, e hum agastado. Bem: logo se a vingança nasce da ira, e a ira he huma loucura, bem se segue, que he louco quem se vinga, e entendido que perdoa. O Sol como busca a terra, aquella mesma, que te corresponde em vapores; o que recebe em rayos! Mashas o entendimento do mundo como te chamou o Filosofo: e se isto

isto

isto fazes sendo insensível, porque não hade fazer isto o racional. Porém não gasteemos o tempo em razoens; entremos já pelas Escrituras, e vejamos como imita o Filho no entendimento, aquelle, que ama os inimigos, aquelle, que busca aos que o aggravão.

428 Notavel foy aquella encontro, que teve antigamente Jacob com seu Irmaõ Esaú. Disseraõ a Jacob, que o vinha buscar Esaú com maõ armada: *Ecce proferat tibi in occursum cum quadringentis viris*: Enche-se de medo o Pastor: *Timuit Jacob valde*: pede a Deos, que o livre daquelle encontro: *Erue me de manu fratris mei Esaui*; Mas em fim vieraõ entre si a avistar-se os dous irmaõs: e que fez Jacob? Cuidou em como se havia vingar daquelle, que sabia o vinha offender? Não; antes prostrado

humildemente por terra sette vezes o adorou: *Ipsè progrediens adoravit pronus in terram septies*. Nada disto he o em que reparo; mas sim nas palavras, que disse Jacob a Esaú: *Vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei*: Irmaõ (diz Jacob) vi o vosso rosto, como se vira o rosto de Deos. Pois como assim? Dizeyme agora a mim, Jacob, parece-vos o rosto de Deos; o rosto de vosso Irmaõ? Não póde ser; que o rosto de Deos he muyto formoso, e o de Esaú muyto defagradavel; e agora ainda mais o hade ser para vós; porque o temeis: logo como affirmais, que no rosto de Esaú se vos representa a Divina face? Já vós para lhe levares o morgado uzastes de huma tal epiquêa, que não faltou quem lhe chamasse mentira: pois quereis agora por encarecido, que vos tornem a infamar de

Genes. 33. 3.

Ibi. 10.

de mentiroso? Não (diz Jacob) o que digo nem he mentira, nem he encarecimento: eu não digo que vejo o rosto de Deos no de meu irmaõ; digo sim, que vejo o rosto de meu irmaõ como se vê o de Deos: *Vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei*. E como se vê o rosto de Deos? Pergunto eu agora: ve-se com os olhos do corpo? Não; ve-se sim com os olhos do entendimêto. E bem: pois esta foy a energia daquelle dito de Jacob. Via-se Jacob perseguido de seu irmaõ Esaú, e taõ longe esteve de se querer vingar, que antes o adorou: *Progrediens adoravit*. E homem, que assim perdoa agravos, não póde deyxar de ser o mais entendido; porisso não vê com os olhos do corpo, porisso vê com os olhos do entendimento; porisso não vê a Esaú como se vira a outro homem; por-

Tom. II.

isso vê a Esaú como quem vê a Deos: *Vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei*.

429 Como estava bem nesta doutrina toda meu grande P. S. Agostinho: *Hominum multitudo* (diz elle) *non in corde cor habet, sed in oculis*: A mayor parte dos homens não tem o coração no coração, tem o coração nos olhos. Bem dito: os que tem o coração no coração olhaõ como Jacob com o entendimento, e não olhaõ com os olhos; mas estes são muy poucos, porque os que perdoã não são muytos; e assim os mais olhaõ com os olhos, e não com o entendimento, que se olharaõ com elle, haviaõ de perdoar. Se Jacob vira com os olhos do corpo a Esaú, havia-se querer vingar, e havia vello como homem; mas como se não vingou, vio-o com os olhos do coração, que he o entendimento, com

Aa que

que se vê a Deos: *Vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei.* Ora pois, fieis, para haver-mos de perdoar aggravos não olhemos para o inimigo com os olhos do corpo; olhemos com os olhos do entendimento, com os olhos do coração, e não figuamos a multidão daquelles, que havendo de ter os olhos no coração, tem o coração nos olhos: *Hominum multitudo, non in corde cor habet, sed in oculis.* E se o caso de Jacob com Esaú não basta, ouçamos outro successo dos filhos de Jacob, que nos explica.

430 Todos ouvimos repetidas vezes fallar nas affrontas, e aleyvozas, com que os filhos de Jacob tratárao a seu irmão José. Despiraõ-lhe os vestidos: ey-los com seu irmão piratas; lançaõ-no em huma cisterna: ey-los tyrannos; vende-raõ-no aos Egypcios: ey-los ambiciosos: não

vos disse eu, que não ha ardil que não descubra o odio para sua vingança! Mas já José está vendido. Eis que passaõ alguns annos, constitue-se José Principe, dependem delle os irmãos (que assim triunfaõ os bons das perseguiçoens dos máos) vem buscar paõ ao Egypto, dispende-lho o mesmo José, que tinha esta superintendencia, e noto eu dizer a Escritura: *Fratres ipse cognoscens, non est cognitus ab eis:* conheceo José aos irmãos, e não foy conhecido delles. Pois como assim! Entre tantos irmãos nem hum conhece a José? Se era pela distancia dos annos, e pela dilação da ausencia, a mesma razão que havia para José não ser conhecido, se dava tambem para José não conhecer: logo se não conhecem os irmãos, José como conhece? Direy: José era o aggravado de seus irmãos, e tão longe

ge esteve nesta occasião de se vingar, que antes liberal, e amorosamente os favoreceo; e quem assim perdoa aggravos, não pôde deyxar de conhecer: nunca o coração se abrazou, que deyxasse de luzir o entendimento: só quem perdoa he o entendido; por isso da parte dos irmãos estava a ignorancia, e da parte de José o conhecimento: *Fratres ipse cognoscens, non est cognitus ab eis.*

431 Passemos do testamento velho ao novo: vamos ter com Christo ao Jordaõ, que se está lá bautizando. Grande humildade, porém mayor mysterio! Grande humildade a de se vir lavar Christo no bautismo, não tendo culpas de que se purificar; porém mayor mysterio o de vir Christo buscar as agoas do Jordaõ. Se Christo se quer bautizar para nosso exemplo, basta que se bautize nou-

tra qualquer fonte, noutra qualquer rio; por que todas as suas agoas são bastante materia deste Sacramento: logo se Christo se podia bautizar em qualquer fonte, em vir buscar o Jordaõ não pôde deyxar de se encerrar mysterio. Mas que mysterio teria ser mais o Jordaõ, que outro rio? Sabem em que o mysterio esteve? Em ser o Jordaõ rio de entendimento: *Fluvius judicij:* E em ser o bautismo aquelle Sacramento, onde Deos perdoa o peccado de Adaõ; e qual hade ser o instrumento de perdoar, se não as agoas do rio de entendimento? Como se differa Christo: eu não tenho culpas de que me lave; mas quero dar exemplo, e quero dar doutrina; quero dar exemplo em me bautizar, ainda que seja Santo; e quero dar doutrina em me bautizar no Jordaõ, para que co-

Matth.
3. 13.

nheção os homens, que onde se acha o instrumento de perdoar, he no rio do entendimento: *Tunc venit Jesus à Galilæa in Jordanem ad Joannem, ut baptizaretur ab eo. Jordanis, idest, fluvius judicij.* E se só he entendido quem perdoa, se são synonimos perdoar, e entender, para que entendamos, perdoemos, que assim imitaremos a segunda Pessoa da Trindade, a quem o entendimento se attribue, e della ficaremos participando a denominação de filhos de Deos: *Diligite inimicos vestros... ut sitis filij Patris vestri, qui in cælis est.*

S. IV.

432 **E** Stá imitado no entendimento o Filho, porque he entendido quem perdoa agravos, quem ama os inimigos: vejamos agora finalmente como imita tambem o Espirito

Santo, a quem se attribue o amor, aquelle; q̄ emprega o seu nos q̄ o perseguem, nos q̄ o offendem, nos q̄ o injurião. Amay, homens, a vossos inimigos, que isto he imitar a terceyra Pessoa da Trindade; porque não ha mayor amor. Lá disse Christo, que não havia amor mayor que o daquelle, que chegava a dar a vida por quem o amava: *Maio- Joann. rem hac dilectionem ne- 15. 13. mo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis;* Mas se dar eu a vida por quem me ama he o mayor amor, que será amar eu a quem me persegue? Assim como sem entendimento não ha amor, assim tambem o mayor amor nasce do mayor entendimento: logo se o mayor entendimento, como acabey de mostrar, he o de quem perdoa, bem se segue, que em perdoar consiste o mayor amor. Mas ouçamos ainda duas razeas,

em que vejamos, que só tem grande amor quem ama inimigos.

433 A primeyra razeão he muy conforme á boa filosofia. Entre o entendimento, e a vontade ha esta differença, que o entendimento traz a si o objecto, a quem conhece; a vontade segue, e vay apoz o objecto, a quem ama: o entendimento (dizem os Philosophos) *Trahit*; a vontade: *Fertur*. Isto supposto, digo assim: o inimigo persegue-me levado do seu odio: e que cousa he odio? He huma fugida: logo se o inimigo pelo odio foge, e a vontade pelo amor o segue, não ha mayor amor, que o que tem por objecto os inimigos, pois vay seguindo a quem lhe foge. Ora ouçamos a este intento hum grande lugar da Escritura.

434 Quando Deos antigamente se considerou mais empenhado de Moyses, á vista das ac-

çoens heroicas, que obrava na liberdade de seu povo, depois de varias finezas lhe pede o mesmo Moyses, que lhe mostre o seu rosto. E que faria Deos neste caso? Que? Responde mysterioso: *Videbis posteriora mea:* Exod. O rosto me não verás 33. 23. tu, verás sim as minhas costas. Pois como assim? Se Moyses hade ver alguma cousa de Deos, porque lhe não vê o rosto? Em Deos não ha cousa distinta mais que as tres Divinas Pessoas; e ainda nellas a natureza he a mesma: logo se Moyses não merece ver o rosto, porque hade ver as costas? Deyxando á parte os mysterios desta resposta, respondo ao meu intento. Moyses vendo o rosto de Deos, mostrava Deos, que vinha para Moyses. Moyses vendo as costas de Deos, mostrava Deos que fugia delle; e o Senhor para fazer experiencias de huma vontade grande, e

de hum amor extremo-
fo, não quer ser buscado
fenaõ fugindo, como se
o mesmo Deos differa:
ou tu, Moyses, tens von-
tade de me ver, ou não
tens? Se tens vontade,
deyxá-me fugir; porque
seguindo-me tu, quando
eu fujo, entãõ ficarey
conhecendo, que he o
teu amor grande, que
he a tua vontade verda-
deyra: *Posteriora mea
videbis.* Aquelles Sera-
fins, que vio Ifaias affi-
stindo ao throno de De-
os, com as azas dos pés,
e com as azas do rosto
estavaõ quietos; mas cõ
as azas do peyto davaõ
voos: *Duabus volabant;*
Porque como o peyto
he o lugar do amor, nun-
ca as azas de hum amor
grande, como he o dos
Seráfins, estaõ quietas,
sempre voaõ; porque o
amor grande hade bus-
car voando, ainda a quem
delle vay fugindo; e se
em buscar a quem me
foge consiste a grande-
za do amor; se o inimi-

Ifai. 6.
2.

go foge de mim pelo o-
dio, grande he o meu
amor, se o vay seguindo.
Mas passemos á segun-
da razaõ.

435 A segunda ra-
zaõ, porque o amor dos
inimigos he o mayor a-
mor, colhe-se da sua
mesma natureza: o a-
mor he huma uniaõ; e
unirme eu a quem comi-
go se une, isto não he
muyto; unirme a quem
de mim se sepára, isto
he o mais. Quando Deos
creou a maquina de to-
do este universo, vio a
luz, e pareceo-lhe boa a
luz; vio as plantas, pa-
receraõ-lhe beĩnas plan-
tas; vio cada huma das
mais obras, e cada hũa
lhe pareceo boa; porẽm
vendo tudo junto ainda
lhe pareceo melhor: *Vi-*
dit Deus cuncta que fe-
cerat, & erant valde bo-
na. Pois como affim?
Atẽqui cada huma destas
obras da maõ omnipo-
tente de Deos, era só-
mente boa; agora todas
juntas já são melhores?
Já

Genes.
1. 31.

Já he melhor a terra? Já
he melhor o Ceo? Já he
melhor a luz? Já são me-
lhores as plantas? Já são
melhores os animaes?
Sim; porque da primey-
ra vez olhou Deos só pa-
ra os animaes, só para
as plantas, só para a luz,
só para o Ceo, só para a
terra; e cada huma des-
tas cousas em si não
mostrava tanta bondade
como todas juntas; mas
ver a terra juntamente
com o Ceo, as agoas
com o fogo, a luz com
as trévas, e finalmente
ver unidas aquellas cre-
aturas, que até-li vio
separadas, isto he bonda-
de mayor: *Vidit Deus
cuncta que fecerat, &
erant valde bona.* Amar
eu a quem me ama, u-
nir-me a quem se me
une, isto he obrigaçãõ
da natureza, isto he u-
nir-se a terra com a ter-
ra, a agoa com a agoa,
o fogo com o fogo, a luz
com a luz; mas amar eu
a quem me aborrece,
unir-me a quem de mim

Tom. II.

se sepára, isto he unir o
Ceo com a terra, isto he
unir as trévas com a luz,
isto he unir o fogo com
as agoas, e porisso mes-
mo isto he muyto me-
lhor: *Et erant valde-
bona.*

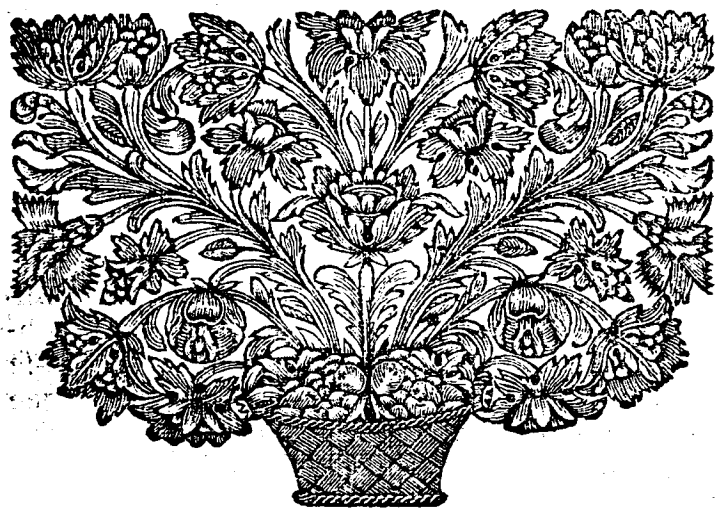
436 Em que Deos
mostrou o seu mayor a-
mor ao mundo foy em
lhe dar seu Filho Uni-
genito: *Sic Deus dilexit*
mundum, ut filium suum
unigenitum daret. E em
que consistio este exce-
sso, fenaõ na uniaõ de
taõ oppostos extremos?
Unir-se o Creador á cre-
atura, o Senhor ao ser-
vo, o immenso ao limi-
tado, o infinito ao fini-
to, o eterno ao tempo-
ral, finalmente unir-se
Deos ao homem, ó que
excesso de amor em De-
os! Mas se elle triunfou
de tantas distancias só
pelo nosso remedio; nós
porque não venceremos
pelo nosso bem as di-
stancias, que ha entre
o odio, e o amor, a-
mando a nossos inimi-

Joann.
3. 16.

Aa 4 gos

gos, e parecendo-nos
assim com Deos: *Dili-
gite inimicos vestros, be-
nefacite his, qui ode-
runt vos... ut sitis filij
Patris vestri, qui in cælis
est.* Se assim o fizermos,
naõ ha duvida, que ne-

sta vida nos conserva-
remos filhos de Deos pela
graça, até finalmente nos
transformarmos na ima-
gem de seu Filho natu-
ral por huma eternida-
de de Gloria: *Ad quam
nos perducatur, &c.*



SER-

COLO 1



SERMÃO DA CINZA.

Prégado na Capella Real.

*Memento homo, quia pulvis es, & in pul-
verẽ reverteris. Ex Eccles. cærem.*

S. I.

437



Ous pós
nos re-
presenta
hoje a I-
greja no dia do nosso
desengano. (Muyto al-
tos, e Poderosos Princi-
pes, e Senhores nossos)
Dous pós nos represen-
ta hoje a Igreja no dia

COB

do nosso desengano: hũ
he o pó que fomos, ou-
tro o pó que havemos
de ser: o pó que fomos
está nestas palavras: *Pul-
vis es*; o pó que have-
mos de ser está nestas pa-
lavras: *In pulverem re-
verteris.* Pergunto ago-
ra: se eu sou pó já de
presente, para que hedi-
zer-se-me que heyde ser
pó

pó de futuro? E se eu heyde fer ainda pó de futuro, para que he dizer-se-me que sou já pó de presente? Atéqui he a duvida commua; agora entra a minha resposta, que cuido não he vulgar.

438 No mundo ha dos pó: ha pó entendido, e ha pó ignorante; ha pó discreto, e ha pó nescio: o pó entendido he o pó presente: *Pulvis es*; o pó ignorante he o pó futuro: *In pulverem reverteris*: o pó entendido he o pó presente; porque hum homem entendido deve viver, e obrar como quem he morto; o pó ignorante he o pó futuro; porque o ignorante vive, e obra como quem só he mortal. Dos generos de homens ha no mundo. Ha homens que entendem, e ha homens que ignorão: o homem que entende, vive como quem morreo já; o homem que ignora, vive como quem

hade morrer ainda: o homem entendido, vive como quem he já pó: *Pulvis es*; o homem ignorante, vive como quem ainda hade ser pó: *In pulverem reverteris*. Esta terra, onde vivemos, he como o Paraíso, em que viverão nossos primeyros Pays: no Paraíso haviaõ duas arvores, a arvõre da vida, e arvõre da morte; assim neste mundo os ignorantes são como a arvõre da vida, porque apenas cuidão, que são mortaes; os entendidos porém são como a arvõre da morte, porque á imitação dos mortos vivem defenganados.

439 Deste pó presente, e deste pó futuro se compõe o espelho da nossa Christandade. Os ignorantes tomaõ o espelho da parte do aço; os entendidos tomaõ o espelho da parte do crystal: tomaõ os ignorantes o espelho da parte do aço; porq̃ como não

con-

considerão, que haõde morrer ainda, nem se vem, nem se defenganaõ: tomaõ os entendidos o espelho da parte do crystal; porque como se consideraõ já mortos, vem na fragilidade do vidro, como devem viver defenganados. Emfim aquelle pó futuro he o aço, que me impede a vista; porque tanto me deyxã de cegueyra, quanto me dá de esperanças: este pó presente he o crystal da vida, que tanto me dá de defengano, quanto eu tenho de conhecimento. Suppostas pois estas duas clausulas do thema, em que temos o pó presente, e o pó futuro; o pó presente dos entendidos, e o pó futuro dos ignorantes, todo o meu intento será hoje cuidar em defvanecer a ignorancia dos homens, que apenas se tem por mortaes, e persuadir-lhes, que sejaõ entendidos, tendo-se já por mortos. Ora vamos ven-

do como he entendido, quem se tem por morto; depois veremos, com brevidade, como he nescio aquelle, que se tem só por mortal.

S. II.

440 **D**igo primeyramente, que os homens entendidos devem viver como homens mortos, e se não viverem como homens mortos, não me digaõ, que são homens entendidos. Couza infoffrivel he, que haja tantos qualificadores dos entendimentos alheys, e que nenhum veja o proprio. Pela larga experiencia se tem achado, que não he entendido aquelle homẽ, que compõe livros como fabio, que dá postillas como Mestre, que lança sentenças como Juiz, ou que faz Sermoens como Prégador: o entendido he só aquelle, que vive como morto, e a razão he esta: porq̃ o homem

mem entendido he aquelle, que de tal forte regula as acçoens de sua vida pelos dictames de sua Christandade, que nos parece a nòs hum homem vivo, mas elle procede como se fora hum homẽ morto: *Pulvis es*. E porque não bastará esta razão para o nosso defengano, vejamos provado o meu assumpto em todos os generos de naturezas, de que se compõe o dilatado deste mundo; e para que tambem do outro tenhamos Prégadores, vejamos primeyro a prova na natureza Divina Humanada, e depois na Angelica.

441 Nasceo Christo bem nosso em Belem, e ordenou a Providencia Divina que o fossem visitar Reys, e Pastores; porém he de notar, que aos Magos se deo por final huma Estrella: *Vidimus stellam ejus*, e aos Pastores se deraõ por sinaes humas mantilhas,

a que Tertulliano chamou mortalhas: *Invenietis Infantem pannis involutum*. Notavel differença, e digna de se reparar! Pois os Magos haõde ter por final huma luzida Estrella, e os Pastores haõde ter por final humas pobres mortalhas? Sim; porque se deraõ os sinaes conforme as tençoens: os Magos buscáraõ a Christo como Rey poderoso: *Ubi est, qui natus est Rex*; os Pastores buscáraõ a Christo como verbo entendido: *Videamus hoc verbum*. Assim! pois dem-se os sinaes com toda aquella differença. Quem vay buscar a Christo como Rey poderoso, tenha por final a Estrella, porque os Reys são os venturosos: quem vay buscar a Christo como verbo entendido, tenha por final as mortalhas, porque os entendidos julgãõ-se por mortos. Vós, Magos, buscaes aquelle Menino como Rey?

Rey? Vós, Pastores, buscaes aquelle Menino como Verbo? Pois não he muyto que se vos dein os sinaes com toda aquella differença; aquelle Menino, como Rey, he poderoso; pois a que o busca como Rey poderoso, desse-lhe por final a Estrella: *Vidimus stellam ejus*. Aquelle Menino, como Verbo, he entendido; pois a quem o busca como Verbo entendido, dem-se-lhe por final as mortalhas: *Invenietis Infantem pannis involutum*.

442 Como este Divino supposto consta de duas naturezas, devem fer tambem duas as provas. Passemos do Nascimento á Payxaõ. Diante de dous Presidentes appareceo Christo Senhor nosso; diante de Pilatos, e diante de Herodes: Pilatos o vestio de purpura: *Veste purpurea circumdederunt eum*. Herodes o vestio de branco: *Illusit indutum ve-*

ste alba. Pergunto agora: e que significavaõ aquelles dous vestidos? Direy: a purpura, que lhe vestio Pilatos, significava, que Christo era Rey Magestoso; o vestido branco, que lhe vestio Herodes, representava a Christo morto, porque o dava a ver amortalhado: disse-o expressamente o Author da Glossa. E bem: mas porque razão veste Pilatos a Christo como Rey, dando-lhe a purpura, e Herodes o trata como morto dando-lhe a mortalha? A razão he; porque Pilatos tratou a Christo como Rey, dando-lhe este titulo: *Tu es Rex Judeorum*? E Herodes desejava ver a Christo como entendido, porque era grande a sabedoria, que delle se lhe contava: *Eò quòd audierat multa de eo*; e assim os vestidos deraõ-se conforme os titulos; Pilatos ao Rey deo-lhe a purpura, Herodes ao

entendido deo-lhe a mortalha : tratou Pilatos a Christo, como a Senhor, e porisso lhe deo a purpura de Rey; tratou Herodes a Christo como entendido, e porisso lhe deo o traje de morto; porque tanto compete aos Reys a purpura, como aos entendidos a mortalha : *Ed quod audierat multa de eo : Illusit indutum veste alba.* Passemos agora á natureza Angelica.

443 Quando Christo resuscitou, houve no seu Sepulcro hum caso muyto digno de consideração : a Magdalena estava fóra do Sepulcro : *Stabat ad monumentum foris, plorans.* E os dous Anjos estavaõ dentro da sepultura : *Et vidit duos Angelos in albis, sedentes, unum ad caput, & unum ad pedes, ubi positum fuerat corpus Jesu.* Parece que neste funebre theatro se haviaõ de trocar as figuras : em huma sepultura, parece, que os

Joann.
20. 11.

Ibi. 12.

Anjos, como immortaes, haviaõ de estar da parte de fóra, e a Magdalena, como mortal, havia de estar da parte de dentro. Logo havendo de ser isto assim, porque razaõ no Sepulcro está de fóra a natureza humana, e está de dentro a natureza Angelica? Respondo : porque a natureza Angelica entende mais, a natureza humana entende menos; e a natureza humana, que entende menos, bem póde estar da parte de fóra como mortal, mas a natureza Angelica, que entende mais, razaõ he que esteja da parte de dentro como morta; porque quem he Anjo entendido, apparece como morto, quem he Anjo discreto, vive como sepultado. Ainda não disse tudo; ainda tenho que advertir mais; notem : diz o Euangelista, que os Anjos estavaõ vestidos de branco. *Vidit duos Angelos in albis, sedentes.*

tes. O' natureza Angelica ! Se tu es entendida, como havias de apparecer, senão amortalhada? Quem te deu a intelligencia, esse mesmo te cortou as mortallhas : *Angelos in albis.* Diz a Magdalena, que não sabe onde puzeraõ seu Mestre : *Nescio ubi posuerunt eum.* O' mulher formosa ! Se tu te confessas ignorante, está fóra do Sepulcro como mortal : *Foris plorans.*

Ibi. 13.

§. III.

444 **A** Os Anjos se vem seguir os homês : e assim ouçamos a natureza humana. Naquella pratica q̄ teve Abrahaõ com Deos, quando houve de bayxar o castigo sobre as Cidades infames, diz o Patriarca desta forte : *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis, & cinis :* como eu seja pó, e cinza, (diz Abrahaõ) fallarey a meu Deos, e Senhor:

Genes.
18. 27.

pois o ser cinza, e o ser pó hade ser circumstancia para fallar com Deos? Que tem o pó com as vozes? Que tem as cinzas com as palavras? Não he Abrahaõ aquelle homem que fez grandes, e notaveis proezas? Que fez boas, e fantasmabras? Não he aquelle, que deyxou a sua terra, que deyxou a sua casa, que deyxou os seus parentes? Não he o que venceo, e cativou os Reys idolatras? Não he o que lavou os pés aos Anjos peregrinos? Não he o que sacrificou seu filho amado? Sim he : pois se se não lembra de que he pó, e de que he cinza para fazer estas acçoens heroicas, porque se lembra de que he cinza, e pó para dizer quatro palavras entendidas? Não se lembra de que he pó, e cinza quando obra, e lembra-se de que he cinza, e pó quando falla : *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis,*

vis, & cinis? Sim, porque as obras nascião delle como Santo, as palavras nascião delle como entendido; e tanto que Abrahaõ quiz fallar como entendido, logo se considerou cinza, e pó como morto: as obras são effeyto da virtude, as palavras são interpretes do entendimento, e para Abrahaõ explicar o seu entendimento nas suas palavras, houve de considerar a sua morte nas suas cinzas: *Loquar, cum sim pulvis, & cinis.* Sempre o entendimento anda junto com o *Pulvis* da morte; porisso Abrahaõ logo se considerou morto, tanto que quiz fallar como entendido: *Loquar, cum sim pulvis.*

445 Temos ouvido hum Patriarca, que foy rico: ouçamos agora outro, que foy pobre. Temos ouvido a Abrahaõ; ouçamos agora a Job: *Job. 17. Solum mihi superest Sepulchrum.* A mim, ami-

gos meus (diz Job) já me não falta mais que a sepultura. Isto não póde fer. Nós, os que nascemos miseraveis filhos de Adaõ, temos quatro estados neste mundo: o primeyro he o do nascimento, o segundo he o da vida, o terceyro he o da morte, o quarto he o da sepultura: pois se vós, Job, estaes no segundo estado, q̄ he o da vida, como quereis, sem passar ao terceyro, que he o da morte, passar ao quarto, que he o da sepultura? Deyxay vir a morte, entaõ quando ella vier, direis, que só a sepultura vos falta; mas estando vivo sem passar pela morte, vos quereis já meter na sepultura, vos quereis já ver sepultado? E isto como póde fer? Mas ó deyxay (responde o exemplar da paciencia) deyxay, que eu estando vivo, estou juntamente morto, e como vivo morto, só a sepultura me falta: eu sou

fou daquelles homens, que com a sua vida ajuntão a sua morte; e se eu trago comigo a minha morte, só me falta a minha sepultura: eu não sou daquelles homens, que ainda haõde morrer, sou daquelles homens, que morreraõ já; e como já passay o trago da morte, só me falta o defcanço do tumulo: *Solum mihi superest sepulchrum.* Eu sou como a luz: a luz clara anda sempre com a sombra, e eu como entendido ando sempre com a morte. A luz, ou he do Sol, ou he da Lua, ou he das Estrellas, ou he do fogo; se he do Sol, acompanha-se com a sombra; se he da Lua, e Estrellas, acompanha-se cõ a noyte; se he do fogo acompanha-se com as cinzas; porque não ha luz de entendimento, que não tenha a companhia da morte: se foy luz, hade-vos acompanhar a noyte com as suas sombras; Tom. II.

se foy entendido, hade-vos acompanhar a morte com o seu pó: *Pulvis es.*

446 Em dous mysteriosos vivos hade dar prova á minha proposição a natureza sensitiva, que he a que se segue á humana. Vio S. Joaõ no seu Apocalypse hum livro fechado, e chorou na consideração de não haver quem pudesse abrir aquelle livro: *Et Apoc. 5. 4. ego flebam multum, quoniam nemo dignus inventus est aperire librum.* Hum Anjo porém lhe quiz enxugar as lagrimas, dizendo-lhe, que ali estava hum Leaõ, que o abriria: *Ne flexeris: Ibi. 5. ecce vicit leo...aperire librum.* Mas he de notar que não foy o Leaõ, mas sim o Cordeyro, o que abrio aquelle livro prodigioso: *Vidi Agnum Ibi. 6. 7. stantem... & cum aperisset librum.* Pois como assim! Não era melhor abrir o livro o Leaõ, do que o Cordeyro? O Cordeyro

Ibi. 12.

deyro será manso; mas o Leão he vigilante; e estes são os que costumão abrir os livros: logo porque hade abrir este hum Cordeyro, podendo abrillo hum Leão? Direy: porque o Leão verdade he que estava vencedor: *Vicit leo*: mas o Cordeyro appareceu morto: *Agnus qui occisus est*; e hum livro sabio só o abre hū Cordeyro morto. Já o Cordeyro trazia consigo a pensão da morte, porque havia de abrir o livro do entendimento: o mesmo he estender a mão para abrir o livro como entendido, que abrir a boca para espirar como morto: porisso não abriu o livro o Leão vigilante, porisso o abriu o Cordeyro morto: *Et cum aperuisset librum... Agnus qui occisus est.*

§. IV.

447 **A**inda resta a natureza vegetã-

te, e a insensível: ambas haõde provar a verdade da minha proposição. Comecemos pela primeyra, e cuido que temos a melhor prova naquella arvore, que foy berço da morte, e tumulto da vida, naquella arvore, que nos despio da graça, e nos vestio das folhas; naquella arvore, que buscando nós a sombra nos seus ramos, ella nos deo a mortalidade nos seus frutos; naquella arvore, que teve no pomo a culpa humana, e nas varas a Justiça Divina; naquella arvore, que sendo nós como os seus ramos, dirigidos para o Ceo, a culpa nos poz como as suas raizes, destinados para a cova; naquella arvore finalmente, que fem nós a pormos no fogo, ella nos poz a cinza: *Pulvis es.* Desta arvore da sciencia diz o Sagrado Chronista, que puzera Deos a morte: *Quocunq; enim die co-* Genes. me- 2. 17.

mederis ex eo, morte morieris. E bem! Entre as arvores do Paraíso haviaõ duas mais celebradas, e mais excellentes; a arvore da sciencia, e a arvore da vida: houve Deos de pôr a morte em huma destas arvores, e porque a havia de pôr na arvore da sciencia? Senhor, vós bem sabeis, que a morte se hade seguir á vida, e que a consequencia do vivente hade ser o mortal: logo, havendo de pôr o preceyto da morte na arvore da vida, ponde-lo na arvore da sciencia? Sim; porque mais perto está a morte do entendimento, do que da vida; fer a morte consequencia da vida, isso he dos ignorantes; fer a morte consequencia da sabedoria, isso he dos entendidos: aquelle fruto tinha o que hum homem hade ter; entendimento, e pó; porque sempre o pó da morte andou junto com a sciencia dos

Tom. II.

entendidos; e senão notem. Tanto que nossos primeyros Pays comêraõ o fruto da arvore, logo se lhes abrião os olhos: *Aperti sunt oculi amborum*; porque tanto que goçamos o fruto da arvore da morte, logo abrimos os olhos do entendimento; o mesmo he ver, que morrer; porisso tanto que temos lume nos olhos para a vista, logo temos cinza no defengano para a morte: *Pulvis es.*

448 Passemos da natureza vegetante á insensível. Vay fallando David no Psalmo 103. e nelle diz, que o Sol conhecêra o seu occaso: *Sol cognovit occasum su-* Psalm. 103. 19. *um.* Primeyramente o Sol não pôde conhecer, porque quem he insensível, não tem, nem pôde ter conhecimento; mas já que David disse, que o Sol conhecêra o Occaso, porque não disse que conhecêra o Oriente? Porque não disse,

Bb 2 que

que conhecêra o Zenith? Se o Sol hade entender, entenda quando nasce; porq̃ as luzes do Oriente são claras como as da fabedoria; e se não hade entender quando nasce no Oriente, entenda quando sóbe ao Zenith; porque quem quizer subir para governar, hade ter luz para entender; mas dizer David, que o Sol entendeu no Occaso: *Sol cognovit occasum suum?* Sim; porque não ha Sol, que se chame entendido, senão quando se considera morto: conhece o Sol no Occaso, porque ninguem entende senão quando morre; as mesmas agoas em que o Sol se sepulta pela morte, nellas resuscita para a intelligencia; o mesmo mar que he a sua sepultura, he a sua cadeyra: porisso não entende o Sol no Oriente; porque se não une o juizo com o berço: porisso não entende no Zenith; por-

que se não une o entendimento com a vida: porisso entende no Occaso; porque se une a discrição com a morte: as letras da fabedoria escrevem-se com o negro da tinta; as letras do entendimento escrevem-se com a sombra da morte. O' Sol no Occaso morto! O' Sol no Occaso entendido: *Sol cognovit occasum suum.*

449 Sem sahir do insensível fechemos este ponto, passando da natureza á arte. Escrevem graves Authores de hum certo genero de cartas a que dão o nome *Cartas cegas*; porque nellas se escrevem com tal artificio os caractéres, que se não podem dividir as letras. E que remedio buscaria a arte, que meyo descobriria a industria, para serem lidas estas cartas? Diz Plinio, que o modo de se lerem estas cartas he, lançando-se cinza sobre as suas letras; porque

tan-

S. V.

tanto que as letras se cobrem de cinzas, logo se lem, e apparecem. Admiravel caso! Desfor-te que tanto que se lançaõ cinzas sobre as letras, logo as letras entendidas se lem? Sim; que letras de entendimento não apparecem, senão entre cinzas da morte. A carta tem letras; mas não apparecem as letras, senão quando selhe unem as cinzas: o homem tem entendimento, mas não apparece o entendimento senão quando se lhe ajunta o pó: *Pulvis es.* O relógio do Sol não governa as horas senão pela sombra: assim o relógio da vida não mostra o Sol do entendimento senão pela sombra da morte. O' homêes entendidos! Se quereis viver como entendidos, haveis de viver como mortos: *Pulvis es.*

450 **P** Orém ouço, q̃ me estaõ perguntando: e como pôde hum homem entendido viver morto? Direy: regulando as acçoês tanto pelo entendimento, que sendo hum homem que exercita as operaçoens de vivo, veja nelle o mundo os defenganos de morto: agora me acabarey de explicar. Os entendidos vivem, e juntamente morrem; vivẽ como se morrêraõ já, e morrem como quem vive ainda.

451 Notavel cousa he, que attribuindo-se ao amor o Mysterio da Encarnação: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium Joann. suum unigenitum daret*, 3. 16. e attribuindo-se ao mesmo amor o sacrificio da morte: *Oblatus est quia ipse voluit*, a fineza do Isai. 53. Sacramento se attribua á fabedoria: *Pane vitæ, & intellectus.* E bem! Eccl. Hade ser amor a En- 15. 3.

Bb 3 car-

carnação: *Dilexit!* Hade fer amor a morte: *Voluit!* E hade fer sabedoria o Sacramêto: *Panis intellectus!* Pergunto: e porque razaõ? Ora ouçaõ: Christo na Encarnação, e Nascimento estava vivo, e nada tinha de morto; Christo na Cruz, quanto á humanidade estava morto, e o composto nada tinha de vivo; porém no Sacramento estando Christo vivo, de tal modo vive, que parece morto: porisso para nosso exemplo quiz pôr o entendimento em hum mystério, onde se conserva a vida com apparencias de morte. Christo no Sacramento está vivo como morto: pois ahi onde se une a morte com a vida, ahi se une a vida com o entendimento: *Pane vitæ, & intellectus.* Sacramento juntamente vivo, e morto, vivo na realidade, e morto na representação, não pôde deyxar de fer

Sacramento entendido. Christo no Presépio era Sol no Oriente; Christo na Cruz era Sol no Occaso: porém Christo no Sacramento he Sol, que une o Occaso com o Oriente; une o Occaso da morte com o Oriente da vida; está vivo; mas parece morto: porisso he paõ de entendimento: *Pane vitæ, & intellectus.*

452 O Sol nunca pôde ter Oriente, que não tenha juntamente Occaso: quando nasce para nós, morre para os outros: da mesma forte não pôde ter Occaso, sem que tenha juntamente Oriente; nasce para os outros, quando morre para nós. Se olhamos para aquelle Oriente, he certo ser Oriente, onde o Sol nasce; mas tambem he certo ser Occaso; onde o Sol morre: se olhamos para este Occaso, he certo ser Occaso, onde o Sol morre; mas tambem he

certo, ser Oriente, onde o Sol nasce; porque nasce para huns, e morre para outros. Pois o Sol no Occaso nasce, e juntamente morre? Sim; porque he symbolo dos entendidos, e hum entendido tanto q se vê nascido, logo se julga por morto: o Sol do berço faz a tumba; as mantilhas da vida são nelle as mortalhas da morte; no mesmo Oriente, em que apparece o seu fogo, se descobrem as suas cinzas; mas he o entendimento do mundo, como o Filosofo lhe chamou, porisso ajunta as suas cinzas com o seu fogo. O Sol discreto, e só nisto entendido! Nasces, e morres juntamente; apenas appareces nascido, e já morreste para os outros.

453 Mas ainda resta responder a huma pergunta: e porque devemos nós viver como mortos, sendo entendi-

dos? Direy: porque só vivendo como mortos, podemos viver como Catholicos. He isto huma cadeya, em que se unem assim os fuzis: para eu viver como Catholico, devo viver como entendido, e para viver como entendido, devo viver como morto. Já provey largamente que devo viver como morto, sendo entendido; agora provo com brevidade, que o mesmo me he necessario para ser Catholico. Grande Prégador deste defengano foy S. Paulo. Falla S. Paulo com os Catholicos de seu tempo; e diz assim: *Consepulti enim sumus cum Christo: 6. 4.* todos com Christo nos temos sepultado; mas isto como pode ser? Paulo, e elles não estavam todos vivos? Sim; pois se estão vivos, como diz; que estão sepultados? Se Paulo quer que seus Discipulos imitem, e acompanhem a

Christo, acompanhemo-nos na pobreza, e imitem-no na prégação, q̄ este he o officio dos Apostolos; mas dizer S. Paulo, que elle, e seus Discipulos acompanhaõ a Christo na sepultura? Sim; porque queria Paulo a seus Discipulos bons Catholicos, e para os ver bons Catholicos persuadio-lhes, que se tivessem por mortos, vivendo sepultados. Agora notem: Christo na sepultura estava morto, e vivo juntamente; estava vivo em quanto Deos, e morto em quanto homem. Ahfim! Pois (diz agora Paulo) Discipulos meus, para bem imitarmos a Christo, devemos imitallo no Sepulcro; porque devemos ser huns mortos vivos, e huns vivos mortos: *Consepulti enim sumus cum illo.* O' quem vira bem imitado este exemplo! Quem vira bem praticada esta doutrina! Se todos unirmos a vi-

da com a morte como entendidos, como viviamos todos santamente, como feriamos todos bons Catholicos! Tomemos pois hoje todos este desengano, e se o golpe, que deo huma pedra nos pés da estatua, a reduzio a cinzas, dando-nos hoje a pedra fundamental da Igreja o golpe na cabeça: *Memento*; porque nos não havemos de reduzir todos a pó: *Memento homo, quia pulvis es.*

§. VI.

454 **T**emos considerado a hum entendido morto; agora com toda a brevidade vejamos, como o ignorante he mortal. O homem ignorante de tal forte vive, que não parece homem que morreo, parece homem que hade morrer: como lhe falta o lume da razão, não vê as cinzas, que sem-

sempre as cinzas andã-raõ acompanhadas com o fogo. Ahfim haverá o ignorante de morrer, mas não ha ignorante, que se considere morto. Peccou Adam, e conforme a sentença de Deos, parece que havia morrer logo depois de commetter o peccado, que assim o insinuaõ aquellas palavras: *In quocunque enim die comederis ex eo, morte morieris*; porém com isto está, que não morreo Adam: ficou fim mortal, mas não ficou morto. Porém se a sentença diz, que no mesmo dia, em que gostar da maçã, hade sentir a morte, como deyxã Adam de morrer, logo que comeo o pomo? Porque hade ficar Adam mortal, e porque não hade ficar Adam morto? Responde David a esta duvida: *Homo, cum in honore esset, non intellexit*: Adam (diz o coroado Profeta) procedeo naquelle caso com

Genes.
2. 17.

Psaln.

48. 13.

ignorancia. Ahfim! E Adam procedeo, como ignorante! Pois não seja Adam morto, fique Adam mortal; porque Adam ignorante não pôde ser homem que morreo, he homem que hade morrer, não deve ficar morto, hade ficar mortal.

455 Mysteriosa foy aquella jornada, que fizeram o Mestre, e o Discipulo, Christo, e S. Pedro: o Mestre caminhava conhecendo: *Sciens*; o Discipulo caminhava ignorando: *Nescis modò*: hum caminhava, outro seguia; mas o Mestre caminhava com sciencia, o Discipulo seguia cõ ignorancia. E qual será a razão desta differença? Direy: o Mestre caminhava conhecendo o seu fim, e o Discipulo para ver o fim: o Mestre caminhava conhecendo o fim, que era a sua morte, o Discipulo seguia para ver o fim com intentos de conservar a vida:

Joann.
13. 1.
Ibr. 7.

da: ainda não disse bem: o Mestre como já tinha considerado a hora, como já tinha visto o fim, caminhava como morto; o Discipulo como queria ver o fim, para se livrar da morte, caminhava como mortal: o Mestre já hia morto: *Agnus occisus ab origine mundi*; o Discipulo hia para morrer: *Si oportuerit memori tecum*; e o Mestre, que vay morto, caminha como entendido: *Sciens*; o Discipulo, que vay para morrer, caminha como ignorante: *Nescis modò.*

456 Haverá Santo Padre q̄ explique este meu pensamento? Sim: o mesmo S. Pedro se explicou a si, e me explicou a mim. Conta Niceforo, que tanto que o Apóstolo depois de negar sahio do atrio dos Pontífices, se recolhéra em huma cova, onde continuára o seu pranto. Pois, Apóstolo Sagrado, se peccastes no atrio,

choray no atrio; mas recolher-vos a huma cova, meter-vos em huma sepultura? Sim (diz S. Pedro) porque erros de quem caminhou ignorante, como mortal, só se emendaõ com penitencias de sepultado, como morto; e sennaõ notem: S. Pedro caminhou com ignorancia: *Nescis modò*; mas depois havia de alcãçar a sabedoria: *Scies autem postea*; e se Pedro em quanto ignorante caminha para ver o fim, como mortal, depois de sabio, depois de entendido, hade viver sepultado, como morto; a mortalidade unio-se cõ a ignorancia: *Nescis modò*, a morte unio-se com o entendimento: *Scies autem postea.*

457 Ora concluamos o Sermão com hum Texto só, que prova ambas as partes. Diz Deos a Adam: *Morte morieris*: morrerás morte. Eu bem sey, que esta frase he a dos Hebreos; mas por que

que se hade uzar neste lugar della? Provo a minha duvida com outro Texto. Mandou Deos dizer a Ezequias, que se aparelhasse para morrer, e usou só do verbo: *Morieris*. Pois se basta hum *Morieris* para Ezequias, porq̄ se hade accrescentar a Adam sobre o verbo *Morieris*, o substantivo *Morte*? Direy: porq̄ Adã havia de ter dous generos de filhos, huos entendidos, outros ignorantes; e para os entendidos ficou o *Morte*, para os ignorantes o *Morieris*: ficou a morte para os entendidos, e ficou a mortalidade para os ignorantes: ficou para os entendidos a morte, porque os entendidos vivem como mortos: *Pulvis es*; ficou

para os ignorantes a mortalidade, porque os ignorantes vivem só como mortaes: *Et in pulverem reverteris.*

458 Tenho acabado o Sermão, de que quizera tirar por fruto, que vivessemos todos como entendidos, para que todos venhamos a morrer como Catholicos. Se hoje abraçarmos este defengano, ó como ferão em tudo ajustadas as nossas accões! E se a morte se segue á refurreyção, vivendo nós defenganados, e anticipadamente mortos, acabada a vida mortal, refucitaremos á eterna, onde a morte não tem entrada, e he permanente a Bem-aventurança da Gloria: *Ad quam nos perducatur*; &c.

SER-



SERMAO
DO
JUIZO FINAL
NA PRIMEYRA DOMINGA
DO
ADVENTO.
Pregado na Capella Real.

*Tunc videbunt filium hominis venientem in
nube cum potestate magna, & maje-
state. Luc. 21.*

§. I.

459



SONHOU
Nabuco.
(Muyto al-
to, e Pode-
roso Principe, e Senhor

nosso) Sonhou Nabuco,
Monarca dos Assirios, q̄
via aquella tão celebrada
como repetida estatua,
cuja estatura era tão grã-
de por sublime, como
por sonhada. Quiz Dani- Daniel.
el 2.

el interpretar esta visãõ,
e disse, que naquella
estatua soberana se re-
presentavaõ os quatro
Imperios futuros; que
havia de vir tempo, em
que ao ouro havia de
succeder a prata; á pra-
ta havia de succeder o
bronze; ao bronze ha-
via de succeder o fer-
ro; que havia de vir
tempo, em que aos Af-
sirios haviaõ de succe-
der os Gregos; e aos Gre-
gos haviaõ de succeder
os Romanos; que tão
sofeyta, como isto este-
ve sempre ás mudan-
ças da fortuna a estatua
do mundo.

460 Todos os DD.
commummente tem por
verdadeyra esta explica-
ção de Daniel; com tu-
do Tertuliano, e Theo-
doreto dizem, que as
ruinas da estatua naquel-
le sonho, representavaõ
os estragos do mundo
neste dia. Quem he a
estatua, e quem he a
pedra? (Diz Tertulia-
no, e Theodoreto.) A

Tertul.
Theod.

estatua he o mundo, a
pedra he Christo. Quem
he a pedra descendo do
monte, para destruir a
estatua, senão Christo
descendo do Ceo para
julgar o mudo? Quem he
a pedra sem mãos toda
inclinada naquelle sonho
ao golpe da estatua, se-
nãõ Christo sem miseri-
cordia, neste dia todo
inclinado á justiça dos
homens? Quem he a pe-
dra occupando os lados
da terra, senão Chri-
sto manifestando a Glo-
ria da Magestade? Quẽ
he a estatua composta
de varios metaes, senão
o mundo composto de
differentes estados? Quẽ
he a estatua fundada so-
bre os pés de barro, se-
nãõ o mundo fundado
sobre alicerces de terra?
Quem he a estatua re-
duzida a pó, senão o
mundo reduzido a cin-
zas? Quem he finalmen-
te Daniel, explicando o
que era, e o que havia
de ser a estatua, senão
o juizo de Deos expli-
can-

can-

cando o que foy, o que he, e o que hade fer o mundo?

461 Isso quer dizer, e isso significa Daniel, juizo de Deos: *Judicium Dei*. De modo, que o juizo de Deos estava no juizo de Daniel, e tudo quanto julgou Daniel, tudo hade julgar Deos; porém com esta differença: Deos hade julgar o mundo: Daniel julgou na estatua os quatro Imperios do mundo; Deos julgará no mundo as quatro partes da terra: Daniel julgou na cabeça de ouro, o soberbo, e dilatado Imperio dos Assirios; Deos julgará na cabeça de ouro, os preciosos, e excellentes thesouros da Asia: Daniel julgou nos braços de prata o rico, e lustroso Imperio dos Persas; Deos julgará nos braços de prata, as muytas, e grandes riquezas da America: Daniel julgou no bronze o invencivel, e guerreyro Im-

perio dos Gregos; Deos julgará no bronze o forte, e bellicoso senhorio da Europa: Daniel julgou no ferro, e no barro, o cruel, e proveytoso Imperio dos Romanos; Deos julgará no ferro, e no barro, o violento, e caduco governo da Africa.

462 Nem na estatua houve Imperio, que não tivesse primeyro golpe de pedra, e depois juizo de Daniel; nem no mundo haverá parte, que não tenha primeyro chama de fogo, para ter depois juizo de Deos; que quando julga Deos, e quando julga Daniel, nem á estatua lhe val o ouro, nem ao mundo lhe val o soberano; nem á estatua lhe val a prata, nem ao mundo lhe val o illustre; nem á estatua lhe val o bronze, nem ao mundo lhe val o bellicoso; nem á estatua lhe val o barro, nem ao mundo lhe val o humilde. Muytos castigos tem

tem Deos dado a este mundo, mas nunca castigou o mundo, como castigou a estatua.

463 Primeyramente castigou Deos o mundo em Adam, decretando, que nelle morressen todos os homens; mas ainda que a morte teve jurisdicção nos individuos, não a teve na especie, morrião huns, e nascião outros; castigou tambem o mundo com o diluvio; porém com acabarem nas agoas todos os viventes daquelle tempo, ainda ficaraõ no patrocínio da Arca algumas reliquias do mundo; foy grande a tempestade, mas ainda houve taboas para escapar do naufragio; castigou depois as Cidades infames, mas daquelle fogo voraz escapou ainda a casa de Lot; decretou ultimamente a destruição do Imperio de Nabuco em figura de huma arvore, e sendo taõ grande o golpe, que des-

ceo das folhas ao tronco, com tudo as raizes da arvore ainda escaparaõ ao golpe do ferro.

464 Eis aqui os maiores castigos, que deo ao mundo a Justiça Divina; mas nenhum destes castigos foy como o castigo da estatua; porq̃ da fouce da morte escapou a successão; da inundação do diluvio se privilegiou Noé; da voracidade do fogo ficou izento Lot; do golpe do ferro ficaraõ livres as raizes; porém na estatua foy geral a tormenta, nem achou successão, como achou a vida contra a morte; nem achou Arca, como achou Noé contra o diluvio; nem achou monte, como achou Lot contra o fogo; nem achou terra, como acharaõ as raizes contra a espada; e isto porque? Porque o castigo da estatua figurava o castigo do juizo; e os castigos da Justiça Divina não

naõ guardaõ as regras da justiça humana. Na justiça humana naõ ha regra que naõ tenha sua excepção ; porém nos castigos da Justiça Divina houve , e hade haver castigos sem excepção alguma; o castigo que houve foy o da estatua , o castigo que hade haver he o do juizo; finalmente na estatua naõ ficáraõ mais que humas memorias confusas do foyho; no mundo naõ ficarão mais que humas cinzas confundidas do fogo : e quando naõ esteja bem explicada na estatua a ruina do mundo, naõ me poderão negar , que estaõ bem explicados na estatua os Euangelhos deste dia.

S. II.

465 **A** Estatua tinha ouro , prata , bronze , ferro , e barro ; os Euangelhos deste dia rem Sol , Lua , Estrel-

las , Anjos , e homens. O' como na estatua do mundo se vay escurecendo a cabeça de ouro do Sol : *Sol obscurabitur.* O' como se vaõ escurecendo , e enfanguentando os braços de prata da Lua : *Luna vertetur in sanguinem.* O' como se vay arruinando o bronze fixo das Estrellas : *Stellæ cadent de Cælo.* O' como se vay cõmovendo o ferro dos exercitos Angelicos ! *Virtutes Cælorum commovebuntur.* O' como se vay mirrando o barro animado dos homens : *Arescentibus hominibus.* e isto porque? Porque para a estatua desce a pedra : *Abscissus est lapis ;* e para o mundo desce Christo : *Tunc videbunt filium hominis venientem.*

466 Esta estatua reduzida a pó pelo golpe da pedra; este mundo reduzido a cinzas pela voracidade do fogo, representou Deos antiga-

mente , e representa neste dia todos os annos : representou antigamente a Nabuco o juizo da estatua, para que se convertesse Nabuco ; representa neste dia aos homens o juizo do mundo, para que se convertaõ os homens. Muyto póde com os homens a esperança do premio ; mas mais póde com os homens o temor do castigo ; ou deve ser a razão , porque a nossa imaginação he como o mar , representa mais feas as tormentas , do que formosas as bonanças ; ou porque para os homens o premio he o seu bem , o castigo he o seu mal , e temem os homens mais o seu mal , do que amaõ o seu bem ; mais sentem a enfermidade , do que amaõ a faude ; mais sentem a morte , do que estimaõ a vida : vimos muytos homens valerosos , que desprezaraõ a vida , mas naõ vimos homem taõ

valeroso , que naõ temesse a morte.

467 Assim o considerou Deos , quiz obrigar a Adam , a que naõ comesse da arvore da sciencia , e naõ lhe disse , que havia de viver se naõ comesse ; disse-lhe , que se comesse havia de morrer ; naõ afinou o premio , que havia de dar á virtude da abstinencia , cominou o castigo , que havia de ter o vicio da gula : *In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris :* porque considerou Deos , que mais devia poder com os homens o temor do castigo , do que o amor do premio ; he verdade , que ha homens no mundo (como foy Adam) com os quaes até os castigos pòdem pouco ; porém , geralmente falando , os homens saõ como as arvores , temem mais os castigos do inverno , do que amaõ os premios do veraõ ;

porque o veraõ com o seu premio, se fois tronco, vos costuma fazer arvore; e o inverno com o seu castigo, se fois arvore, pôde fazer-vos tronco.

468 Sendo pois para com os homens o temor do castigo taõ poderoso, todo o fim de se repetir cada anno a grande fatalidade deste dia, he querer a Igreja ver se pôde com o juizo de Deos fazer entendido o juizo dos homens; como a nossa enfermidade he ignorancia, o nosso remedio hade ser juizo. Naquelle jornada, que fez o povo de Israel á terra da Promissãõ, a ordem com que caminhava aquella gente era esta. Precedia a todos a Arca do Testamento, seguia-se logo a multidãõ daquelle povo dividido em varios esquadroens, e todo este grande, e numerozo exercito de gente guiava de dia huma columna de

nuvem, e de noyte huma columna de fogo. Notaveis instrumentos por certo! Se Deos queria guiar aquelle povo, naõ era instrumento mais acomodado huma Estrella? Se huma Estrella havia de guiar os Magos, porq̃ naõ hade ser tambem huma Estrella, a que guie os Israelitas? Guiar Deos este povo com huma columna de nuvem: *In colūna nubis*, Exod. e com huma columna de fogo: *In columna ignis*: que mysterio teve? Para darmos a resposta, havemos de saber, o que he a columna de nuvem, e o que he a columna de fogo; em sentido de Cornelio Alapide a columna de fogo era o fogo, que hade abraçar o mundo; a columna de nuvem era a nuvem de Christo, que hade julgar os homens.

469 Pois que tem o Juizo de Deos com os Israelitas, que caminhaõ pelo deserto do juizo?

Tudo saõ profundos mysterios da Providencia Divina; a jornada que faziaõ os filhos de Israel do Egypto para a terra da Promissãõ, he figura da jornada, que fazem as almas do Egypto deste mundo para a terra da Promissãõ da Gloria; e para que hum Israelita sayba o caminho da solidaõ de hũ deserto deste mundo, para que huma alma se defengane com o mundo, e busque o bem da Gloria, naõ ha melhor, nem mais efficaz remedio, que trazer sempre diante dos olhos aquella nuvem, que hade julgar; aquelle fogo em que hade arder; ou seja no dia claro, ou seja na noyte escura, naõ hade haver occasiaõ, em que naõ meditemos, em que naõ consideremos, que hade haver juizo, e que havemos de ser julgados. No dia havemos de considerar, na noyte havemos de me-

ditar; na noyte havemos de meditar no fogo, para ver se alumeya a nossa cegueyra; no dia havemos de considerar na nuvem, para ver se affombra a nossa temeridade: e se esta naõ for a nossa consideraõ, que certa que está a nossa ruina! Se estas naõ forem as nossas guias, que errado vay o nosso caminho! Notem: affim o fogo, como a nuvem eraõ em fórma de colūna: *In colūna nubis*: *In columna ignis*: bem dito; porque se os edificios se sustentaõ nas columnas, tiradas as columnas, logo se arruinaõ os edificios.

470 Tambem nestas duas columnas do juizo se sustentaõ nossas almas; e logo cahem nossas almas, tanto que se naõ consideraõ estas columnas: logo se arruinaõ os edificios. Para hum homem ver, naõ basta ter olhos; olhos tem os cegos, e mais naõ vem;

he logo necessario para que hum homem veja, que tenha olhos, e que tenha lume nos olhos; neste mundo se tendes olhos, e não tendes lume, não vedes nada, porque fois cego; e se tendes lume, e não tendes olhos, tambem não vedes nada, porque fois amante. O cego tem olhos, e não tem lume, porque o privárao do lume da vista, e deyxárao-lhe os olhos no rosto; o amante tem lume, e não tem olhos, porque lhe roubárao os olhos do rosto, e lhe deyxárao o lume no coração; pois para que o mundo vos não tenha por seu amante, nem por seu cego, não basta ter olhos, não basta ter lume, he necessario ter lume nos olhos.

471 O' que grande exemplo á nossa doutrina! Queres, homem, queres, Catholico, salvar-te? Pois sabe, que não basta ter olhos, nem

basta ter lume; se tendes olhos, e não tendes lume, conheceis, que vay errada a vida, mas não vos lembraes, que he infallivel o juizo; se tendes lume, e não tendes olhos, conheceis, que he certo o juizo, mas nem porisso emendaes a vida. Não sey qual he mais miseravel estado: se aquelle em que se conhece o juizo, e se esquece a vida; se aquelle em que se conhece a vida, e se esquece o juizo? O que sey he, que tanto que não vista nos falta o lume dos olhos, que logo cahimos; e tanto que nos olhos nos falta o fogo do juizo, que logo pecamos.

§. III.

472 **P** Ara hum homem se vestir, para se compor, para se concertar, não basta só o vidro do espelho, he necessario, que se lhe ajunte a luz: tanto que

humo se

se á luz se ajunta com o vidro, e logo ali se vê, ali se compõe, ali se concerta o homem. Ora façamos nós agora tambem o nosso espelho; tomemos o vidro de nossa vida (que tão fragil he a vida como o vidro) juntemos a esta vida, a este vidro o fogo do juizo. O' que bizarro espelho, se nelle se viraõ os homens! O' como se compuzeraõ de outro modo! O' como se concertáraõ de outra maneyra! Em vez de concertarem os cabellos, haviaõ de compor os pensamentos; em vez de pulir a barba, haviaõ de moderar as palavras; em vez de concertarem a volta, haviaõ de dar volta á vida; em vez de ajustarem o vestido, haviaõ de ajustar a consciencia; em vez de acomodar a capa em seus hombros, haviaõ de acomodar a vida a seu tempo: finalmente em vez de se

Tom. II.

comporem para sahir, haviaõ-se de recolher para se comporem. Isto haviaõ de fazer os homens; e porque não fazem isto? Porque não põe os olhos neste exemplo, nem vem o vidro da vida, nem vem o lume do juizo; não são como os Israelitas, nem vem a nuvem, nem põe os olhos no fogo.

473 He tão proveytosa esta consideração, que não havia de haver casa no mundo, onde não estivesse pintada a lastimosa tragedia deste dia; os quadros grandes, as armaçoens ricas não haviaõ de ter outra pintura, mais que hum Sol denegrado, hum Lua enfangoentada, humas Estrellas cahidas, hum mar confuso, humma terra revolta, huns homens mirrados, hum incendio grande, humas cinzas palidas, huns Anjos atonitos, e o que mais he para sentir, e

Cc 3 mais

mais para mover temor, hum Deos com justiça; se estas foraõ as consideraçõens, ó como andáramos desfigurados! E póde fer que nos fizesse mudar de vida, o que nos fazia mudar de cores: pelo menos he difficultoso o peccar quẽ fizer esta consideraçãõ, e quem vir estas pinturas.

474 Todos os quatro Euangelistas contraõ muyto por miudo as negaçõens de S. Pedro, sendo que houve na Payxaõ de Christo muytas cousas, que elles naõ contaõ todos quatro: a instituiçãõ do Divinissimo Sacramẽto cõtou S. Mattheos, S. Lucas, S. Marcos, e naõ a contou S. Joaõ; a sede que teve Christo na Cruz contou-a S. Joaõ, e naõ a contou S. Mattheos, nem S. Lucas, nem S. Marcos; pois se naõ contaõ todos os quatro as finezas de Christo, porque contaõ

todos quatro as negaçõens de S. Pedro? Porque tiveraõ huma circumstancia taõ repugnãte ao credito, que para que os homens as cressem, foy necessario que os quatro Euangelistas as contaßem. Ora Notay. Diz o Euangelista S. Mattheos, que Pedro ao tempo que negou, se estava aquentando ao fogo: *Calefaciebat se*. Notavel circumstancia por certo! E que circumstancia he esta, para que se aponte, e se diga? Que tem estar Pedro ao fogo, quãdo negou a seu Mestre, para que se diga, e se aponte, que negou quando se aquentava: *Calefaciebat se*? Porque neste caso era muyto agravante esta circumstancia.

475 Negou Pedro quando tinha diante dos olhos cousas para naõ negar; aquentando-se Pedro olhava para a cinza, e na cinza se lhe

rèpresentava a morte; olhava para o fogo, e no fogo se lhe representava o inferno; na cinza via o pó, em que se havia de tornar, no fogo via as chammas, em que havia de arder; a cinza lhe dizia: naõ negues Pedro, olha que ha morte; o fogo lhe dizia: naõ negues, Pedro, olha que ha inferno: e que tendo diante dos olhos estes avistos, que vendo no fogo inferno, e vendo na cinza morte, ainda negasse Pedro? He caso taõ extraordinario, que para que os homens o cressem, era necessario que os quatro Euangelistas o contaßem; sendo Pedro homem verificado no mar, naõ fe guio bem o farol da náõ da Igreja; o farol he o fogo do juizo; pois este fogo, que devia alumiar nesta occasiãõ a S. Pedro, hade alumiar-nos em toda a occasiãõ; e se agora o

virmos bem, entãõ havemos de ver melhor: *Tunc videbunt.*

§. IV.

476 **P**ublicos no mudo os sinaes do juizo, e acabados os dias de sua communicaçãõ, se entregará o mapa do mundo ao elemento do fogo, e logo á sua voracidade começará a hir-se desenganando a nossa soberba: os brutos seraõ como mariposas, os homens seraõ como Fenis. Os brutos seraõ como mariposas, porque arderãõ para nunca mais renascerem: os homens seraõ como Fenis, porque arderãõ para logo resuscitarem. Se desta geral tormenta escapára algum homem, e se puzera no alto de hum monte, e dahi vira este mundo, verdadeyramẽte tivera pouco que ver, mas tivera muyto que chorar, se estendêra os

olhos até as ultimas balizas da terra, e as puzera nas grandes Monarquias, nos dilatados Reynos, nas populosas Cidades, nas soberbas Torres, nos sumptuosos Templos, nos altivos Paços, nos deleytosos jardins, e de tudo isto não vira mais que humas poucas cinzas, que lhe estariaõ dizendo: aqui foy o mundo. O' que grande causa para huma grande lastima! O' que grande motivo para hum grande defengano! Mas já passou o incendio; e ainda fume-gando as cinzas, soará huma trombeta, cujo som pudéra acordar agora aos mortaes, e entãõ resuscitará aos mortos: *Canet enim tuba; & mortui resurgent.*

1. Cor.
15. 52.

477 Muytas resurreyçoens ha neste mundo: mas as que mais arrebatãõ a nossa admiracão, he a resurreyçãõ da fortuna, e a resurreyçãõ do juizo; Deos

resuscita os mortos sepultados, a fortuna resuscita os mortos esquecidos; entre huma, e outra resurreyçãõ ha grãde differença: na resurreyçãõ do juizo, sendo vós cinza, resuscitaes homem, como Adam; na resurreyçãõ da fortuna, sendo vós pastor, resuscitaes Rey, como David: na resurreyçãõ do juizo resuscitaes para seres julgado de Deos; na resurreyçãõ da fortuna resuscitaes para seres julgado dos homens: na resurreyçãõ do juizo bastavos hum pequeno lugar no valle; na resurreyçãõ da fortuna não vos basta hum grande lugar no monte: na resurreyçãõ do juizo sempre haveis de resuscitar, ainda que não tenhaes graça; na resurreyçãõ da fortuna se não tendes graça, nunca haveis de resuscitar: na resurreyçãõ do juizo haveis de resuscitar o mesmo que fostes; na resurreyçãõ

çãõ da fortuna fostes hum, resuscitaes outro: na resurreyçãõ do juizo haveis de hir da sepultura para o valle, mas não haveis de tornar do valle para a sepultura; na resurreyçãõ da fortuna hides do valle para o monte, mas talvez tornaes do monte para o valle: na resurreyçãõ do juizo de tal modo resuscitaes, que haveis de adorar a Deos; na resurreyçãõ da fortuna de tal modo resuscitaes, que sois adorado dos homens.

478 Bem resuscitou Saúl á fortuna, mas que mal hade resuscitar ao juizo: na resurreyçãõ da fortuna, de homem se levantou Rey, na resurreyçãõ do juizo, de Rey acabará em condênado. Que hum homem condênado a quem a fortuna cortou as azas, venha depois a cahir nas penas, foy porque buscou os delitos para focorrer as miserias; que

hum homem venturoso, a quem o vento da fortuna estendeo as azas para mais fubir, depois o mesmo vento lhe sopre o fogo para mais arder, he porque recebeu os beneficios para fazer os agravos. Que Esaú nascesse Senhor, e morresse servo, grande lastima do filho de Isac! Mas que hum homem morra senhor, e resuscite escravo, grande miseria do filho da fortuna! A grande felicidade, ou para melhor dizer, a felicidade, consiste, em ser bem resuscitado á fortuna, e ser bem resuscitado ao juizo; esta he aquella grande dita, que eu confidero naquelles grandes Principes, a que a fortuna resuscitou de tal modo, que os fez senhores dos homens, e a quem o merecimento resuscitará de tal maneyra, que os fará servos de Deos.

479 Quiz Deos dar hu-

hum grande felicidade a José filho de Jacob, e representou-lhe esta fortuna em dous sonhos; nas paveyas que o adorárao na terra, e nas Estrellas que o adorárao no Ceo. Parece que bastava hum sonho para representar hum felicidade? Porque razão logo hum felicidade se representa em dous sonhos? Porque a grande felicidade, e a grande dita consiste em ser como José adorado na terra, e adorado no Ceo; adorado na terra, como Senhor dos homens, adorado no Ceo, como servo de Deos. Só José soube resuscitar; resuscitou bem á fortuna da terra, porisso o adoraõ as paveyas; resuscitou bem á Gloria do Ceo, porisso o adoraõ as Estrellas; soube unir ambas as resurreyçoens, resuscitou bem á fortuna, hade resuscitar bem ao juizo; e

que sobre ter resuscitado bem á fortuna, depois resuscite melhor ao juizo, grande gloria! Mas a desgraça he, que os resuscitados da fortuna saõ como a mesma fortuna; he cega a fortuna, saõ cegos os resuscitados, e porque na resurreyção da fortuna não quizeraõ ver, porisso na resurreyção do juizo haõde ver o que não quizeraõ: *Tunc videbunt.*

S. V.

480 **M**uytas, e grandes cousas haverá que ver, e considerar naquella grande dia, depois de resuscitados todos os homens; porém as que verá a nossa lastima, saõ duas, hum por parte do estado de nossas pessoas, outra por parte das pessoas do nosso estado; comecemos pelo estado de nossas pessoas. Resuscitaráõ todos os homens, quan-

quantos foraõ, e quantos haõde ser até aquelle dia, e todos resuscitaráõ humildes. O' que miseravel estado para aquelles a quem tocou a fortuna dos illustres nascimentos! Entre a morte, e a resurreyção ha esta grande differença: podeis morrer como nasceis, mas não haveis de resuscitar como morreis; póde hum homem ter rico nascimento, e póde ser rico na morte; mas póde não ser rico na resurreyção; póde morrer rico, mas hade resuscitar pobre; póde hum homem ser Principe no nascimento, e póde ser Principe na morte, mas não póde ser Principe na resurreyção; póde morrer soberano, mas hade resuscitar humilde.

481 Mandou Deos a Moyses, que subisse ao monte, para que morresse nelle; subio Moyses, e morreo no monte; mas Deos depois o

mandou sepultar no valle. E como affim? Se Moyses morreo no monte, porqõnaõ sepultaõ no monte; e se o haõde sepultar no valle, porque não morre no valle? O mesmo Moyses, que hade ser depois sepultado no valle, hade morrer primeyro no monte? Porque razão? Porque Moyses, que morreo no monte, póde morrer no monte; mas Moyses, que morreo no monte, hade resuscitar no valle. Moyses que morreo no monte como Principe, póde morrer no monte como soberano; mas Moyses que morreo no monte como soberano, hade resuscitar no valle como humilde: ainda a morte vos póde achar no monte, porque ainda tendes o que sois; mas a resurreyção já vos hade achar no valle, porque já não sois o que fostes; emfim morre Moyses no monte, e resuscita no valle;

valle; morre o que he, mas não refuscita o que foy; he tão certa esta doutrina, que até o mesmo Deos chegou a ter esta differença.

Matth. 2. 2. Joann. 19. 19. Joann. 20. 15.

482 Nasceo Christo, e nasceo Rey, como differaõ os Magos: *Ubi est qui natus est Rex*: Morreo Christo, e morreo Rey, como dizia o titulo: *Jesus Nazarenius Rex Judeorum*: pois se o Senhor nasceo Rey, como diziaõ os Magos, e morreo Rey, como dizia o titulo; como refuscita ortelaõ, como dizia a Magdarena: *Existimans, quòd hortulanus esset?* Nasceo illustre, morreo illustre, e refuscitou humilde; nasceo illustre como Senhor, morreo illustre como Rey, refuscitou humilde como ortelaõ? Eis aqui o estado das pessoas na resurreyçaõ do juizo.

483 Não podia Deos deyxar de dar huma satisfação ás grandes desi-

gualdades, que ha neste mundo; fez dias de desigualdade os dias do nascimento, porq̃ huns nascem illustres, outros humildes; fez dias de desigualdade os dias da vida, porque huns vivem felices, outros vivem desgraçados; fez dias de desigualdade os dias da morte, porque huns morrem ricos, outros morrem pobres; pois dando Deos tantos dias de desigualdade, não podia deyxar de dar hum dia de satisfação. Alegrayvos, homens, que hade vir dia em que todos haveis de ser huns, e porque todos havemos de ter fechadas as portas á vaydade da nobreza, póde ser que porisso tenhamos abertos os olhos á verdade do desengano: *Tunc videbunt.*

S. VI.

484 **T**Emos visto o estado de nossas

as pessoas, vejamos agora as pessoas de nosso estado são os Catholicos, que neste mundo são filhos de Deos; e quantos (não sey se odiga, mas he forçoso dizello) e quantos q̃ neste mundo foraõ filhos de Deos, refuscitarão neste dia filhos do demonio? Se a Igreja nos não propuzera hum Judas, hum Pelagio, hum Calvino, hum Luthero, e outros, que foraõ filhos de Deos neste mundo, e refuscitarão filhos do demonio naquelle dia, verdadeiramente que passara em silencio a consideração deste successo; mas supposto que a Igreja o propoem, he força que eu o lastime.

485 Dous nascimentos tem o homem, o primeyro nascimento he em quanto á natureza, o segundo nascimento he em quanto á graça: em quanto ao nascimento da natureza, todos

os homens nascem filhos de Adam, em quanto ao nascimento da graça, só os Catholicos são os que nascem filhos de Deos; na resurreyçaõ universal todos os homens havemos de refuscitar conforme ao nascimento da natureza: agora entra a minha lastima; e que refuscitando todos conforme ao nascimento da natureza, hajaõ de refuscitar tão poucos conforme ao nascimento da graça! Que possa tão pouco hum Pay tão bom como Deos, e que possa tanto comnoço hum Pay tão máo como Adam! Que havendo todos de refuscitar filhos de Adam, hajaõ tão poucos de refuscitar filhos de Deos! He caso tão grande, que o duvidára a razão, se o não affirmára a Fé. Que hum homem gerado lá nos incultos desertos da Africa, que hum homem nascido lá nos re-

motos climas da America, que hum homem criado lá nas vaydades humanas da Asia, se perca, e não refuscite bem, não se espera menos de quem nasceo mal; mas que hum homem gerado, nascido, e criado no ventre da Europa, nas entranhas da Christandade, refuscite mal, havendo nascido bem, grande lastima, grande miseria!

486 Representou-se huma hora a Christo a futura destruição da Cidade de Jerusalem, e foy tão grande a lastima de seu coração, vendo a grande miseria daquelle povo, que não pode aquella Magestade soberana reprimir as lagrimas de compaffiva:

Luc. 19. 41. *Flevit super illam.* Vio também Deos lá dos altos Ceos a destruição de Babilonia, e nem hum movimento se vio na Divindade piedosa, agora duvido. Como chora a destruição de

Jerusalem, e não se lastima da perda de Babilonia? Direy. Porque Babilonia desde o tempo de seu nascimento, até o tempo de sua ruina sempre viveo cega no barbaro de suas leys; e sempre viveo errada na cegueyra de suas idolatrias; e que se percaõ os homens na Babilonia, he desgraça de quem nasceo em Babilonia; mas que se percaõ os homens de Jerusalem, Cidade Santa, assistida de Deos, soccorrida de auxilios, doutrina de Profetas, governada por Pontífices, he lastima grande dos filhos de Jerusalem; torno a dizer, he lastima tão grande, que o mesmo Senhor que a castiga, a chora: *Flevit super illam.* Que os filhos de Babilonia refuscitem filhos de Babilonia, não se podia esperar boa resurreyção de tão má nascimento; mas que os filhos de Je-

Jerusalem refuscitem filhos de Babilonia, he força que se lastime sobre tão bom nascimento tão má refureyção.

487 Que se perca Caim no mundo, he perder-se onde todos se perdem; mas que peque Adam no Paraiso, he perder-se onde todos se salvaõ; morrer na enfermidade he desgraça da vida; morrer com a medicina he desgraça do vivente; quem morre na enfermidade, não nos espanta; quem morre com o remedio, sempre nos magõa. Logo sentio Deos acabar o genero humano no diluvio das agoas; e isto porque? Porque as agoas, que eraõ castigo no diluvio, haviaõ de ser remedio no Bautismo; e já entãõ começava Deos a sentir, que os homens morressem no seu remedio; pois se elle sentio entãõ, que os homens morressem no seu remedio,

que muyto sentisse depois, que os homens se perdessem na sua Cidade; e que muyto que nós agora sentimos, que os homens se percaõ na sua Igreja!

488 Que o Sol morrendo entre as sombras do Occaso, refuscite entre as luzes do Oriente, grande victoria do Sol; mas que hum homem morrendo entre as luzes da Igreja, refuscite entre as sombras do inferno; grande desgraça do homem! Que refuscite mal Elifaz, filho de Saúl, não se podia esperar menos de quem nasceo em casa de Saúl; mas que refuscite mal Ismael filho de Abrahaõ, não se podia esperar isto de quem nasceo em casa de Abrahaõ. Que refuscite mal o Moliro, que refuscite na casa do idomonio, quem morreo na casa de Masoma, passe; mas que refuscite mal o Catholico, que

refuscite na casa do demônio, quem morreo na casa de Deos; ó que dor tão grande, e tanto para sentir! O' que pena tanto para chorar!

489 O Pagaõ, o Gentio, o Herege enterra-se no campo; e que hum homem de mal sepultado no campo se veja mal refuscitado no valle, he o de que eu não me espanto. O Catholico enterra-se na Igreja; e que hum homem de sepultado na Igreja se levante mal refuscitado no valle, he o de que eu me espanto, e admiro! Hum homem Catholico toda a sua vida he filho da bençaõ; e que sendo na vida filho da bençaõ, refuscite filho da maldiçaõ, consideremos bem que lastimã será o Instituto Christo o Bautismo no elemento da agoa, podendo eleger qualquer outro elemento; e a razãõ he, por-

que quiz que com o Bautismo alcançassemos o bem da graça, e com a agoa apagassemos o fogo do inferno; e que fazem os Catholicos, que vivem mal? Com o Bautismo conseguem primeyro a graça, e com a agoa acendem depois o fogo. Os Barbaros haõde ter menos fogo no inferno que os Catholicos, porque os Barbaros tem a muyta ignorancia do juizo, q̄ diminue no inferno o lume; e os Catholicos tem a pouca agoa do Bautismo, que acenda no inferno o fogo; pouca agoa, e muyto fogo, ó como crescerá o incendio!

490 Verdadeyramẽte que confiderey huma, e muytas vezes como se perde hum Catholico; e vim a resolverme; que hum Catholico se perde assim como se perdeu o demônio. Falla o Profeta Isaiás, e diz assim: Quo-

Isai. 14.
mo- 12 13.

modo cecidisti de Cælo Lucifer... qui dicebas in corde tuo: In Cælum conscendam? Como cahiste (pergunta o Profeta Euangelico) como cahiste, Lucifer, no inferno, tu que andavas dizendo, que não querias senão subir ao Ceo: *In Cælum conscendam.* Esta pergunta, que antigamente fez Isaiás a Lucifer, se poderá fazer naquelle dia aos Catholicos condemnados: como cahistes, ó Catholicos, no inferno, dizendo toda a vida, que não querieis senão hir ao Ceo: *In Cælum conscendam?* Se dizieis, que não querieis outra cousa mais que salvarvos, se dizieis, que Deos vos havia de dar huma boa hora, se dizieis, que não buscaveis mais que a salvaçaõ, como cahistes: *Quomodo cecidistis?* Pergunta he esta, que agora ignoramos, mas entãõ o veremos: *Tunc videbunt.*

Tom. II,

491 **U**Nidas as almas aos corpos, e refuscitados todos os homens, que houve em todos os seculos do mundo, começarãõ logo todos a caminhar para aquella patria commua, que he o Valle de Josaphat, cada hum conforme a sua resurreyçaõ: o que for bem refuscitado hirã alegre; o que for mal refuscitado, hirã pensativo; aquelle se dará a si o parabem das misericordias; este renegará dos gostos, que teve neste mundo; o bem refuscitado, caminhará como que torna do carcere para sua casa; o mal refuscitado, refuscitará como quem de sua casa vay para o carcere; o mal refuscitado caminhará triste para o juizo como Caím; o bem refuscitado caminhará alegre para o juizo como Abel.

Dd

492

492 Admiravel cou-
fa será ver de huma só
vista em hum só valle,
o numero do genero
humano ; ali se veraõ
os pays com os filhos,
os irmãos com os irmã-
os , os amigos com os
amigos ; e o que mais
he para admirar , que
se veraõ ali os contra-
rios com os seus emu-
los , deposta já toda a
inimizidade , porque dia
de males communs não
he dia para se lembra-
rem odios antigos , ali
se verá Alexandre com
Dario : Dario sem obri-
gação de defender o
Imperio dos Persas ;
Alexandre sem obriga-
ção de dilatar o Impe-
rio dos Gregos. Consi-
derou Origines esta cir-
cunstancia , e duvidou
como podiaõ caber em
hum só valle tantos ho-
mens juntos ? A duvida
he tão antiga como Ori-
genes ; mas a esta duvi-
da antiga tem os Pré-
gadores dado muytas ra-
zoens novas ; e eu ho-

je heyde dar tambem
algumas , que se não
forem tão agudas, haõ-
de ser muyto certas.

493 A primeyra ra-
zaõ porque haõde ca-
ber os homens naquelle
lugar , he , porque he
lugar de valle ; entre
o lugar do valle, e o lu-
gar do monte ha esta
grande differença : no
valle hum só lugar ba-
sta para muytos homens,
no monte muytos luga-
res não bastaõ para hum
só homem : e isto por-
que ? Ou será porque
os homens que estaõ
no monte , sempre se
alargaõ , e os homens
que estaõ no valle sem-
pre se encolhem ; ou
será porque o lugar do
valle por humilde he
muyto largo ; e o lu-
gar do monte por so-
berano he muyto estre-
to. Tudo isto póde ser ;
mas o certo he , que
não cabem tantos em
hum lugar do monte ,
quantos cabem em hum
lugar do valle. Vamos

aos

aos filhos de Zebedeo.

494 Pediaõ elles pa-
ra hum a maõ direyta,
e para, o outro a maõ
esquerda : *Unus ad dex-*
teram tuam , & alter
ad sinistram. Notavel
petição por certo ! Não
eraõ estes homens só-
mente dous ? Pois para
dous homens não basta
huma só maõ ? A maõ
não era menos que a
maõ de Deos, maõ Om-
nipotente , maõ Im-
mensa : pois para cabe-
rem dous homens limi-
tados , não basta huma
só maõ Omnipotente,
não basta huma só maõ
Immensa ? Differa eu,
que não só bastava, mas
que fobejava ainda ; pois
porque pedem logo am-
bas ? Como pedem para
cada hum sua : *Unus*
ad dexteram tuam , &
alter ad sinistram. Cres-
ce a difficultade. A es-
tes dous homens tinha
o Senhor tirado de hu-
ma barca limitada : pois
como já não cabem am-
bos em huma maõ Im-

mensa ? Porque esta he
a differença que vay da
barca do mar á maõ de
Deos ; a maõ de Deos
he lugar soberano , a
barca do mar he lugar
humilde ; pois aquelles
que cabiaõ largamente
no lugar humilde de
huma barca , já não ca-
bem no lugar soberano
de huma maõ ; atego-
ra viviaõ entre quatro
taboas limitadas , agora
já não cabem em cinco
dedos Omnipotentes.

495 Quantas vezes
se vê isto no mundo ?
Quantas vezes para do-
us , para tres , e para
quatro , fobeja barca,
e falta maõ ? E isto
porque ? Porque como
a barca he lugar humil-
de , sempre fobeja bar-
ca ; e como a maõ he
lugar soberano , sempre
falta maõ. Para hum
homem não basta huma
casa , e para hum ho-
mem fobeja huma se-
pultura ; porque a sepul-
tura he lugar tão hu-
milde , que está posta

na terra; a casa he tão soberana, que se levanta aos ares. Eis aqui porque haõde caber todos os homens juntos; porque naõ haõde refuscitar na maõ, naõ haõde refuscitar no mõte, haõde refuscitar na barca, haõde refuscitar no valle.

496 A segunda razão porque os homens haõde caber todos naquella lugar, he, porque os homens haõde ser julgados naquella dia; entre os julgadores, e os julgados ha huma grande diversidade, e he, que em hum lugar cabem ordinariamente muytos julgados, e em hum lugar cabe apenas hum julgador; de modo que dissemos atégora, que cabião todos os homens no valle por amor do lugar; agora digo, que haõde caber pela razão de homens; seraõ, como eu dizia, julgados os homens naquella dia, e naõ caben-

do talvez naquelle lugar hum julgador, caberão nelle muyto bem todos os julgados, e a razão he, porque aos julgados a sua culpa os diminue, e nos julgadores, o seu officio os accrescenta.

497 Fallando Christo com seus Discipulos, lhes disse estas palavras: *Sedebitis & vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel*: Sentarvos-heis, Discipulos meus, sobre doze cadeyras, e nellas sentados julgareis os doze Tribus de Israel; grande difficuldade por certo! Para doze Discipulos saõ necessarias doze cadeyras? Naõ bastará só huma cadeyra para estes doze Apostolos? Se todos os homens haõde caber em hum valle, porque naõ caberão todos os homens em huma só cadeyra? Porque os homens haõde ser julgados, e os Apostolos haõde ser os jul-

julgadores; esta he a diversidade, que ha entre os julgadores, e os julgados: os julgadores ainda que sejaõ só doze, naõ cabem em huma só cadeyra; tantas haõde ser as cadeyras, quantos haõde ser os julgadores; saõ doze os julgadores, doze haõde ser as cadeyras: *Super sedes duodecim*: ó culpas! O' officios! O' officios como alargais! O' culpas como diminuis!

498 Lá julgou huma hora a pedra do monte a estatua do mundo, ou para melhor dizer, foy julgada a estatua no juizo da pedra; e que succedeo? Que? Diminuir-se a estatua em taes pontos, que ficou em nada, e crescer a pedra a tal grandeza, que subio a ser monte: *Factus est mons magnus*: a estatua julgada se diminuiõ em tal fórma, que naõ ficou com lugar no mundo; a pedra que julgou, cresceo de tal

maneyra, que lhe naõ bastou lugar na terra: *Implevit universam terram*: se fois julgado, ainda que sejaes estatua do mundo, tanto vos diminuis, que qualquer lugar para vós he largo; se julgaes, ainda que sejaes pedra do monte, tanto cresceis, que toda a terra vos he estreyta: se julgaes, ou naõ cabeis em huma cadeyra, como os Apostolos, ou naõ cabeis no mundo, como a pedra; se fois julgados, ou naõ occupais lugar, como a estatua, ou vos basta hum valle como aos refuscitados.

499 A terceyra razão porque os homens caberão naquella valle, he, porque aquelle dia he dia de juizo; tanto que os homens entendem, logo se accommodaõ; sabeis, Fieis, porque ordinariamente se naõ contentaõ alguns homens com o que Deos lhe dá, com o que lhe

paga o seu Principe ; he porque não chegá-
raõ ainda ao dia do juizo , onde cada hum se
hade accomodar com o que lhe derem. Entre a
paga do emprestimo , e a paga do serviço , ha
esta grande differença : se fizestes hum empre-
stimo , esperaes o mesmo que emprestastes ;
se fizestes hum serviço , sempre esperaes muyto
mais na paga , do que fizestes no serviço ; ser-
vistes pouco , esperaes muyto , e esperaes ain-
da muyto mais ; e o peyor he , que não ser-
vistes nada , e esperaes ainda alguma cousa : eis
aqui porque os homens se não accomodaõ ; mas
tudo se accomoda tanto que se entende.

500 Entrou Jacob a servir em casa de La-
baõ pela formosura de Raquel , e acabados os
annos de serviço , em vez de lhe darem a Ra-
quel , lhe deraõ a Lia : e que succedeo ? Que ?

Desposou-se com Lia o pastor Jacob. Notavel
cousa por certo ! Pois , Jacob , que he isto ?
Onde estaõ os pontos da honra ? Onde está a
estimação da pessoa ? Onde vay a opiniaõ do
credito ? Servis por huma formosura , e con-
tentais-vos com huma fealdade ? Aceytais a
Lia , merecendo vós q̄ vos dessem a Raquel ?
Sim , diz o pastor ; porque huma vez , que se
chegou a servir , ha-se de accomodar com o
que lhe derem. Boa doutrina. Era Jacob pe-
los annos , pelos trabalhos , pela experiencia ,
hum homem muyto cõsiderado , muyto pru-
dente , muyto entendido , e como tudo en-
tendia , com tudo se accomodava. Se Jacob não
receberá a Lia , que havia de succeder ? Que ?
Havia de Jacob ficar sem Lia : e delle se ac-
comodar , que se seguiu ? Que ? Veyo Jacob a fi-
car

car com Lia , e mais com Raquel : se vos não accomodais com o pou-
co , vindes depois a ficar sem nada ; e se vos
accomodais com o pouco , vindes depois a fi-
car com tudo ; de modo q̄ mais alcançou Jacob
por se accomodar , do que por servir : por ser-
vir alcançou a Lia , e por se accomodar alcan-
çou a Raquel.

LUC.
I. 32.

501 Agora entendo eu o que disse o Anjo a
José , que o Verbo Divino havia de reynar
na casa de Jacob : *Regnabit in domo Jacob* :
porque sendo o Verbo Divino Pessoa de en-
tendimento , huma pessoa entendida , só rey-
na na casa de Jacob accomodado : *In domo Ja-
cob*. Mas para mayor clareza deste Texto fa-
ço huma pergunta. Porque razaõ havendo de
vir huma das Divinas Pessoas , veyo mais o
Verbo Divino , que outra qualquer das tres

Divinas Pessoas ? Porque esta Pessoa , que
houvesse de vir ao mundo , havia de ter nelle
muytas , e varias fortunas : ora se havia de ver
pobre em hum Presépio ; ora se havia de ver
adorado de tres Reys ; ora se havia de ver a-
clamado em hum deserto ; ora se havia de ver
posto em huma Cruz ; hum o havia de faudar ,
e esse o havia de vender ; outro lhe havia de levar
o vestido , e esse lhe havia de meter a lança , e
a isto só se accomoda huma Pessoa Divina ,
que tudo entende ; lá se diz , que aquelle Senhor
que não cabia no mundo , coube no Ventre da
Virgem : Pois se aquelle Deos , que não cabia no
mundo , se accomodou no Ventre , porque era
Pessoa de entendimento ; que muyto , que aquelles
homens que não cabiaõ no mundo , se accomo-
dem no valle , sendo o dia de juizo.

S. VIII.

502 **J**unto já todo o genero humano no valle de Josphat, começarão os Anjos a fazer logo aquella tão triste separação: apartarão os mãos do meyo dos bons: *Separabunt malos de medio justorum.* Do meyo dos bons haõde tirar os máos; que até naquelle dia tomarão õs máos o melhor lugar, que he o lugar do meyo: *De medio justorum.* O' que grande consolação será para os bons, verem-se apartados dos máos! O' que grande desconso- lação será para os máos, verem-se apartados dos bons! Será grande consolação para os bons, porque naquelle dia acabará a confusão, que os fazia parecer máos; e será grande desconso- lação para os máos, porque naquelle dia acabará a Babilonia, que

os fazia parecer bons.

503 Feyta esta sepa- ração geral, os máos se porão á maõ esquer- da, os bons se porão á maõ direyta. Já tudo foccegado, enxutas as lagrimas, reprimidos os suspiros, posto em silen- cio o valle, e emmu- decidos os homens, hir- se-ha lendo o proces- so de cada hum; ali se verão manifestos to- dos os peccados, que cá foraõ occultos; ali se verão publicos os pensamentos mais inte- riores. O' que grande dor para os homens, e muyto mayor para a- quelles, que nascêraõ honrados! Succederá na resurreyção dos homens, o que succedeo na re- surreyção de Christo; naõ houve chaga na- quelle corpo, que naõ examinasse o Apostolo S. Thomé: vio as cha- gas dos pés, apalpou, e vio as chagas das mãos, vio, e tocou a chaga do peyto. Ora

po-

ponhamos agora de hu- ma parte a Christo no juizo dos homens, e aos homens no juizo de Christo. No juizo dos homens vê Thomé as chagas dos pés, no juizo de Christo feraõ vistas as chagas dos pés, que são os passos que dêmos neste mundo: no juizo dos homens vê Thomé em Christo as chagas das mãos, no juizo de Christo ver-se- haõ nos homens as cha- gas das mãos, que são as obras, que fizemos nesta vida: no juizo dos homens, vê Tho- mé a chaga do peyto em Christo; no juizo de Christo ver-se-ha nos homens a chaga do peyto, que são os effey- tos do coração; nem Christo teve chaga, que naõ examinasse Thomé, nem os homens teraõ chagas, que naõ exa- mine Christo.

504 O' quantas cha- gas haverá que ver na- quelle dia! Quantas

chagas dos pés nos pas- sos errados; quantas chagas das mãos nas o- bras malfeytas; quantas chagas do peyto nos o- dios malignos! Mani- festar Christo as suas chagas no juizo de Tho- mé foy gloria para Chri- sto, porque eraõ cha- gas que foraõ remedio; manifestarem-se as cha- gas dos homens no ju- zo de Christo, será grande dor para os ho- mens, porque as suas chagas são culpas; e tão grande dor será es- ta como se verá; mas para que agora de al- guma sorte o vejamos, faço huma grande per- gunta, com que aca- bo.

505 Pergunto: qual será naquelle dia ma- yor tormento para hum condemnado, hir para o inferno, ou manife- starem-lhe as culpas? Respondo, que mayor tormento será manife- starem-lhe as culpas, do que darem-lhe o infer- no.

no. Tenho authoridade, tenho razaõ, e tenho prova. A razaõ he, porque o inferno atormenta aos homens pelo que tem de sensitivos; a manifestação das culpas atormenta aos homens pelo que tem de honrados; e mais se sentem os homens por honrados, do que se magoão por sensitivos. A authoridade he de Santo Thomás de Villa Nova. Diz este grande Padre em hum Sermão deste dia, que mais brando he o fogo do inferno, do que a manifestação das culpas: *Mitior est gehenna, quàm manifestatio culparum.* Eis aqui a authoridade, e a razaõ, ouvi agora a prova.

506 Fallaráõ os condemnados naquella dia, e pedirão aos montes que cayaõ sobre elles:

Luc. 23. 30. *Cadite super nos ... operite nos.* Homens, que he o que pedis? Que he o que dizeis? Se o

mal que haveis de padecer he o fogo do inferno, para o fogo do inferno pedi antes remedio de agoa. A agoa pedia o rico Avarento, quando estava no inferno: porque razaõ logo os condemnados pedem aos montes, que os cubraõ: *Operite nos?* Porque dous seraõ os males dos condemnados; hum a manifestação das culpas, outro o fogo do inferno; e será tanto mayor o mal da manifestação das culpas, que não tratando de remediar o fogo do inferno, pedindo a agoa, que os refrigere; tratarão logo de remediar a manifestação das culpas, pedindo aos outeyros, que os cubraõ: *Operite nos:* sentirão o ser condemnados; mas não poderão suportar o serem descubertos.

507 No fogo do inferno padecerá o corpo, e padecerá a alma; na manifestação das culpas

pas padecerá o credito, e a honra; e como os homens estimaõ mais a honra do que a alma, porisso sentem mais a manifestação das culpas, que o fogo do inferno; e porisso não trataõ já de se salvar, trataõ ainda de se encubrir: *Operite nos:* assim como he proprio nos homens commetterem as culpas por sua fraqueza; assim he proprio nos homens o encubrirem as culpas por sua honra. Tanto que peccou Adam, logo se escondeo: *Abcondit se Adam:* porque taõ antigo he nos homens o quererem occultos os seus peccados. Pois se tanto estimaõ os homens o serem os seus peccados occultos, muyto devem sentir naquella dia os seus peccados manifestos: emfim naquella dia ha-se de ver tudo, e havemos de ver todos: *Tunc videbunt.*

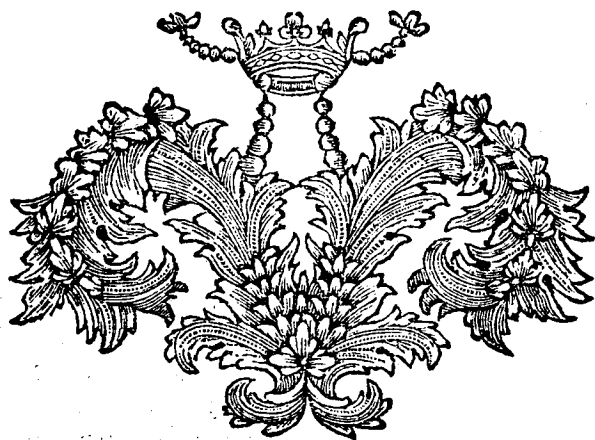
508 Lidos os pro-

cessos, se dará a sentença. O' que terrivel passo será este naquella dia! Olhando o Senhor inflamado no zelo da justiça, e todo terrivel na ira de sua vingança, dirá: *Discedite à me maledicti in ignem aeternum.* Muyto reparo naquella palavra: *Discedite:* Senhor, já que estes miseraveis estaõ por suas culpas condemnados ao fogo do inferno, não mandareis que os levem; he possivel que elles com os seus passõs haõde buscar o seu castigo: *Discedite?* Sim: porque he taõ miseravel o estado dos condemnados, que elles mesmos com seus proprios passõs haõde buscar o seu castigo, e com seus proprios pés butcarão o seu inferno: Borboletas cegas, que movem as azas para butcar o fogo: *Discedite in ignem aeternum.*

509 Dada a sentença dos máos, olhará o Senhor

Ibi. 34. nhor para os bons com o rosto alegre, e glorioso, e dirá: *Venite benedicti Patris mei*: vinde, bem-aventurados de meu Pay, a possuir o Reyno do Ceo. O' que sentença tão alegre para aquelles que no carcere do mundo padecêraõ as miserias desta vida! Justo era, que sendo todos os dias do mundo dias

de ignorancia, fosse o ultimo do mundo dia de juizo, para que nelle tivessem os máos o seu castigo, e tivessem os bons o seu premio: tivessem os máos o seu castigo no inferno, que he o lugar das penas; e tivessem os bons o seu premio no Ceo, que he o lugar da Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*



IN-



INDICE

Dos lugares da Sagrada Escritura.

Os numeros significão os marginaes, e não os das paginas.

Ex Libro Genesis.

- | | |
|--|---|
| <p>Cap. 1. v. 2. Spiritus Dei ferebatur super aquas. n. 210. & 247.</p> <p>3. 4. <i>Facta est lux: & vidit Deus lucem, quod esset bona.</i> n. 1. cum seqq.</p> <p>9. <i>Congregentur aquae in locum unum.</i> num. 16. 176. cum seqq. & 375.</p> <p>26. <i>Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.</i> n. 211.</p> <p>31. <i>Vidit Deus cuncta quae fecerat: & erant valde bona.</i> n. 375. & 435.</p> | <p>Cap. 2 v. 2. <i>Requievit die septimo ab omni opere, quod patrarat.</i> n. 326.</p> <p>16. <i>Ex omni ligno Paradisi comede.</i> n. 272.</p> <p>17. <i>De ligno autem scientiae boni, & mali ne comedas.</i> n. 357.</p> <p>17. <i>Quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris.</i> n. 122. & 158.</p> <p>18. <i>Faciamus ei adiutorium simile sibi.</i> n. 81.</p> <p>Cap. 3. v. 1. <i>Cur praecepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno Paradisi?</i> n. 67.</p> |
|--|---|

5. *Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut dii, scientes bonum, & malum.* num. 81. 107. & 360.
6. *Deditque viro suo, qui comedit.* n. 321.
7. *Consuerunt folia ficus, & fecerunt sibi perizomata.* n. 158.
8. *Cum audisset vocem Dei de ambulantis in Paradiso ad auram post meridiem.* n. 64.
9. *Adam, ubi es?* n. 133. & 217.
10. *Vocem tuam audivi, & timui.* n. 131.
18. *Spinæ, & tribulos germinabit tibi.* n. 410.
19. *In sudore vultus tui vesceris pane.* n. 410.
21. *Fecit quoque Dominus Deus Adæ, & uxori ejus tunicas pellicias.* n. 272. & 276.
22. *Ne fortè mittat manum suam, & sumat etiam de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum.* n. 106. & 364.
24. *Collocavit ante Paradisum Cherubim.* n. 321.
- Cap. 4. v. 10. *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* n. 177. & 422.
11. *Aperuit os suum, & suscepit sanguinem fratris tui.* n. 177.
- Cap. 6. v. 3. *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est.* n. 354.
- Cap. 7. v. 16. *Inclusit eum Dominus deforis.* num. 244.
19. *Aquæ prævaluerunt nimis super terram.* n. 91.
21. *Consumptaque est omnis caro.* n. 91.
- Cap. 8. v. 21. *Nequaquam ultramaledicam terræ propter homines.* n. 356.
- Cap. 12. v. 1. *Egredere de terra tua, & de domo patris tui.* n. 169.
2. *Faciámque te in Gentem magnam.* n. 169.
- Cap. 22. v. 2. *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, & vade in terram visionis.* n. 221. 291. & 408.
3. *De nocte consurgens, abiit*

- abiit in locum, quem præceperat ei Deus.* n. 286.
12. *Nunc cognovi, quod times Deum.* n. 299.
14. *In monte, Dominus videbit.* n. 408.
16. *Quia fecisti hanc rē... multiplicabo semen tuum.* n. 291.
- Cap. 27. v. 41. *Occidam Jacob, fratrem meum.* n. 159.
- Cap. 29. v. 10. *Quam cum vidisset Jacob.* n. 209.
11. *Elevata voce, fleuit.* n. 209. & 216.
18. *Serviam tibi pro Rachel septem annis.* num. 51.
20. *Videbantur illi pauci dies pre amoris magnitudine.* n. 72.
23. *Vespere Liam... introduxit ad eum.* n. 72.
26. *Non est in loco nostro consuetudinis, ut minores ante tradamus ad nuptias.* n. 370.
- Cap. 31. v. 40. *Fugiebatque somnus ab oculis meis.* num. 286.
41. *Sex progregibus.* num. 51.
- Cap. 32. v. 6. *Ecce properat tibi in occursum cū quadringentis viris.* n. 428.
7. *Timuit Jacob valde.* n. 428.
11. *Erue me de manu fratris mei.* n. 428.
25. *Tetigit nervum femoris ejus, & statim emarcuit.* n. 307. & 308.
28. *Nequaquam Jacob appellabitur nomen tuum, sed Israël.* n. 278.
- Cap. 33. v. 3. *Ipse progrediens adoravit pronus in terram.* n. 428.
10. *Vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei.* n. 428.
- Cap. 37. v. 18. *Cogitaverunt illum occidere.* n. 89.
19. *Mutud loquebantur.* n. 89.
20. *Venite, occidamus eum.* n. 89.
22. *Non interficiatis animam ejus... sed projicite eum in sisternam hanc.* n. 89.
24. *Miserunt eum in sisternam veteram.* num. 89.
27. *Melius est, ut venundetur Ismaëlitis.* n. 89.
- Cap.

Cap. 39. v. 7. *Injessit oculos suos in Joseph. n. 37.*

Cap. 42. v. 8. *Fratres ipse cognoscens, non est cognitus ab eis. n. 430.*

Cap. 47. v. 9. *Dies perigrinationis meae ... pani, & mali. n. 139.*

Cap. 48. v. 7. *Mihi mortua est Rachel. n. 5.*

Cap. 49. v. 3. *Ruben primogenitus meus... principium doloris mei. n. 159.*

4. *Quia ascendisti cubile Patris tui, & maculasti stratum ejus. n. 159.*

31. *Ibi & Lia condita jacet. n. 173.*

Ex libro Exodi.

Cap. 3. v. 3. **V** *Adam, & videbo visionem hanc magnam. n. 273.*

5. *Locus, in quo stas, terra sancta est. n. 416.*

14. *Ego sum, qui sum. n. 367. & 379.*

Cap. 4. v. 1. *Neque audiant vocem meam. n. 199.*

10. *Non sum eloquens... impeditioris, & tardioris linguae sum. n. 97.*

Cap. 8. v. 9. *Constituere mihi quando deprecer pro te... ut abigantur ranae à te. n. 135.*

10. *Qui respondit: Cras. n. 135.*

Cap. 28. v. 29. *Portabitque Aaron nomina filiorum Israël in rationali iudicij, super pectus suum. n. 86.*

Cap. 32. v. 6. *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere. n. 374.*

Cap. 33. v. 23. *Videbis posteriora mea. n. 434.*

Ex libro Numeri.

Cap. 11. v. 4. **Q** *uis dabit nobis ad vescendum carnes? n. 265.*

5. *Recordamur piscium, quos comedebamus in Aegypto. n. 265.*

Cap. 21. v. 8. *Fac serpentem aeneum, & pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum, vivet. n. 359.*

Ex

Ex libro Deuteronomij.

Cap. 33. v. 49. **A** *Scende in montem...*

& morere. n. 23.

Cap. 34. v. 6. *Non cognovit homo Sepulchrum ejus usque in presentem diem. n. 93.*

Ex libro Josue.

Cap. 10. v. 13. **S** *Teteruntque Sol,*

& Luna. n. 178.

14. *Obediente Domino voci hominis. n. 135.*

Ex libro Judicum.

Cap. 16. v. 4. **P** *ost haec amavit mulierem. n. 35.*

21. *Ernerunt oculos ejus. n. 35. 226. & 291.*

Ex libro primo Regum.

Cap. 15. v. 28. **S** *Cidit Dominus Regnum Israël à te hodie,*

& tradidit illud proximo tuo meliori. n. 14.

Tom. II.

30. *Paccavi: sed honora me coram senioribus populi mei. n. 163. & 195.*

Cap. 16. v. 23. *David tollebat citharam, & percutiebat manu sua, & recitabatur Saül, & levius habebat. Recedebat enim ab eo spiritus malus. n. 167.*

Cap. 17. v. 26. *Quid dabitur viro, qui percusserit Philistheum hunc? n. 164.*

49. *Infixus est lapis in fronte ejus. n. 335.*

54. *Arma vero ejus posuit in tabernaculo suo. n. 167.*

Cap. 18. v. 1. *Anima Jonathan conglutinata est anima David. n. 47. 269. & 372.*

4. *Expoliavit se tunica, qua erat indutus, & dedit eam David. num. 47. & 286.*

5. *Prudenter se agebat. n. 112.*

10. 11. *Tenebat Saül lanceam, & missit eam, putans, quod configere posset David. n. 413.*

Cap. 20. v. 17. *Addidit Jonathan*

Et thas

thas de jurare, eo quod diligeret illum. n. 47.

Cap. 31. v. 4. *Evagina gladium tuum, & interfice me.* n. 195.

Ex libro secundo Regum.

Cap. 11. v. 2. **V** *Iditque mulierē se lavantem.* n. 37.

Cap. 16. v. 20. *Inite consilium, quid agere debeamus.* n. 70.

Ex libro tertio Regum.

Cap. 11. v. 4. **D** *Epravatū est cor ejus.* num. 97.

Ex libro Tobiaē.

Cap. 5. v. 16. **D** *Equa tribu es tu?* num. 56.

18. *Ego sum Azarias, Ananiae magni filius.* n. 56.

Ex libro Esther.

Cap. 5. v. 3. **E** *Tiam si dimidiā par-*

tem Regni petieris, dabitur tibi. n. 45.

Ex libro Job.

Cap. 3. v. 13. **E** *T nunc requiescerem cum Regibus, & consulibus, qui aedificant sibi solitudines.* n. 181.

Cap. 17. v. 1. *Solū mihi superest Sepulchrum.* n. 445.

Cap. 19. v. 21. *Manus Domini tetigit me.* n. 424.

Cap. 38. v. 7. *Ubi eras, dum me laudarent Astra matutina.* n. 242.

Ex libro Psalmodum.

Pfalm. 18. v. 1. **C** *Æli enarrant Gloriam Dei.* n. 242.

2. *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam.* n. 103.

6. *Exultavit ut Gigas ad currendam viam: à summo Cælo egressio ejus.* n. 325.

Pfalm. 22. v. 4. *Virga tua, & baculus tuus, ipsa me consolata sunt.* n. 285.

Pfalm. 23. v. 7. *Attollite port-*

tas, Principes, vestras. n. 356.

Pfalm. 24. v. 7. *Delicta juventutis meae ne memineris.* n. 120.

Pfalm. 41. v. 7. *Fuerunt mihi lachrymæ meae panes die, ac nocte.* n. 120.

Pfalm. 44. v. 11. *Obliviscere populum tuum, & domum patris tui.* num. 280.

17. *Constitues eos Principes.* n. 315.

Pfalm. 50. v. 1. *Miserere mei Deus secundam magnam misericordiam tuam.* n. 253.

14. *Docebo iniquos vias tuas, & impij ad te convertentur.* n. 253.

Pfalm. 54. v. 13. *Si inimicus meus...super me magna loquutus fuisset, abscondissem me forsitan ab eo.* n. 160.

Pfalm. 109. v. 7. *De torrente in via bibet.* n. 186.

Pfalm. 110. v. 4. *Memoriam fecit mirabilem suorum.* num. 116. 276. & 375.

Pfalm. 118. v. 62. *Media nocte surgebam ad confite-*
Tom. II.

tendum tibi. n. 120.

Pfalm. 128. v. 3. *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.* num. 340. & 424.

Pfalm. 138. v. 12. *Sicut tenebre ejus, ita & lumen ejus.* n. 113.

Ex libro Proverbiorum.

Cap. 30. v. 1. **V** *Erba congregatis filij vomentis.* n. 112.

Ex libro Ecclesiastæ.

Cap. 1. v. 7. **A** *D locum, unde exeunt flumina, revertuntur.* n. 137. & 187.

17. *Dedi cor meum, ut scirem errores.* n. 108.

Cap. 11. v. 1. *Mitte panem tuum super transeuntes aquas.* n. 264.

Cap. 13. v. 20. *Ante languorem adhibe medicinam.* n. 145.

Ex Canticis canticorum.

Cap. 2. v. 5. **F** *Ulcite me floribus, stipite*
Ee 2 *pate*

- pate me malis; quia amore langueo.* n. 190. 218. 272. & 379.
- Cap. 4. v. 8. *Veni de Libano.* n. 202.
9. *Vulnerasti cor meum.* n. 192. & 286.
17. *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te.* n. 30.
- Cap. 5. v. 3. *Lavi pedes meos.* n. 135.
7. *Vulneraverunt me.* n. 190.
- Cap. 7. v. 1. *Quam pulchri sunt gressus tui.* n. 63.
- Cap. 8. v. 6. *Fortis est ut mors dilectio.* n. 379.
14. *Fuge, dilecte mi.* num. 302.

Ex libro Sapientia.

- Cap. 3. v. 6. **T** *Anquã aurum in fornace probavit illos.* n. 418.

Ex Isaiã Propheta.

- Cap. 6. v. 2. **D** *Vabus volabant.* n. 222.
- Cap. 9. v. 6. *Factus est Prin-*

cipatus super humerum ejus. n. 424.

- Cap. 14. v. 13. *Super Astra Dei exaltabo solum meum.* n. 79.

- Cap. 57. v. 7. *Oblatus est, quia ipse voluit.* n. 299.

Ex libro Threnorum.

- Cap. 1. v. 1. **Q** *Uomodo sedet sola civitas? n. 181.*

- Cap. 2. v. 13. *Magna est velut mare contritio tua.* n. 186.

Ex Ezechiele Propheta.

- Cap. 28. v. 14. **E** *T tu Cherubextentus.* n. 70.

Ex Daniele Propheta.

- Cap. 2. v. 29. **T** *U Rex cogitare cepisti.* n. 70.

35. *Factus est mons magnus.* n. 399.

- Cap. 4. v. 12. *Veruntamen germen radicum ejus interra sinite.* n. 151. & 402.

Cap.

- Cap. 5. v. 21. *Fenum ut bos comedebat.* n. 71.

Ex Osea Propheta.

- Cap. 13. v. 14. **O** *Mors, eromors tua.* num. 142.

Ex Joele Propheta.

- Cap. 2. v. 11. **M** *Agnus enim dies.* num. 261.

- Cap. 3. v. 2. *Congregabo omnes gentes, & deducam eas in vallem Josaphat.* n. 126.

Ex Habacuc Propheta.

- Cap. 3. **O** *Ratio Habacuc Propheta pro ignorantis.* num. 109.

Ex Zacharia Propheta.

- Cap. 5. v. 1. **V** *Idi, & ecce volumen volans.* n. 388.

- Cap. 9. v. 17. *Quid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi fru-*

Tom. II.

mentum electorum. n. 116.

Ex Malachia Propheta.

- Cap. 4. v. 2. **O** *Rietur vobis timentibus nomen meum sol justitiae, & sanitas in penis ejus.* n. 212. & 325.

Ex Divo Matthæo.

- Cap. 1. v. 1. **L** *Iber Generationis Jesu Christi, Filij David.* n. 280.

- Cap. 2. v. 2. *Ubi est, qui natus est Rex? n. 441.*

8. *Ite, & interrogate diligenter de puero... ut ego veniens adore meum.* num. 75.

11. *Apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera.* num. 165.

13. *Accipe puerum, & matrem ejus, & fuge in Aegyptum.* n. 139.

- Cap. 3. v. 16. *Vidit Spiritum Dei descendentem.* n. 126.

- Cap. 4. v. 1. *Ductus est Jesus à Spiritu in desertum.*

Le 3

tum.

- tum. num. 391.
19. *Venite post me.* n. 201.
20. *Relictis retibus, secuti sunt eum.* n. 131. 140. 201. 239. & 265.
- Cap. 5. v. 13. *Vos estis sal terræ.* n. 230. cum seqq.
14. *Vos estis lux mundi.* n. 230. cum seqq. & 315.
16. *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* n. 97. cum seqq.
44. *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos.* n. 262. & 415. cum seqq.
45. *Ut sitis filij patris vestri, qui in Cælis est.* n. 415. cum seqq.
- Cap. 6. v. 21. *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum.* n. 269.
- Cap. 8. v. 8. *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum.* n. 257.
40. *Sic erit filius hominis in corde terræ.* num. 52. & 177.
- Cap. 15. v. 2. *Quare discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorum; non enim lavant manus, cum panem manducant.* num. 63.
- Cap. 16. v. 24. *Siquis vult post me venire, abneget semetipsum, tollat crucem suam, & sequatur me.* n. 78.
- Cap. 19. v. 27. *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* n. 62. 164. 233. 248. 265. 272. & 286.
28. *Vos, qui secuti estis me, sedebitis super sedes duodecim judicantes.* num. 62. & 497.
29. *Centuplum accipiet.* n. 336.
- Cap. 20. v. 21. *Dic ut sedent hi duo filij mei.* n. 164.
22. *Potestis bibere Calicem, quem ego bibiturus sum?* n. 275.
- Cap. 21. v. 7. *Adduxerunt asinam, & pullum: & imposuerunt super eos vestimenta sua.* n. 270.
- Cap. 22. v. 37. *Diliges Dominum.* n. 262.
- Cap. 24. v. 29. *Sol obscurabitur, & Luna vertetur in sanguinem.* n. 465.

Cap.

- num. 413.
50. *Amice, ad quid venisti?* n. 42. 135. 303. & 392.
51. *Amputavit auriculam ejus.* n. 289.
56. *Omnes, relicto eo, fugierunt.* n. 59. & 303.
58. *Sequebatur eum à longe.* n. 59. & 288.
58. *Ut videret finem.* n. 37. & 288.
61. *Hic dixit: possum destruere templum Dei, & post triduum reedificare illud.* n. 41.
65. *Quid adhuc egemus testibus? Ecce nunc audistis.* n. 41.
72. *Non novi hominem.* num. 59.
75. *Egressus foras, flevit amarè.* n. 54. III. & 136.
- Cap. 27. v. 7. *Emerunt agrum figuli, in sepulturam peregrinorum.* n. 337.
34. *Cum gustasset, noluit bibere.* n. 293.
37. *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.* n. 43. & 142.
40. *Si filius Dei es, descende de cruce.* n. 275.
- Cap. 25. v. 35. *Sitivi, & dedistis mihi bibere: esurivi, & dedistis mihi manducare.* n. 119.
42. *Esurivi, & non dedistis mihi manducare: sitivi, & non dedistis mihi bibere.* n. 119.
- Cap. 26. v. 14. *Tunc abiit unus de duodecim, qui dicebatur Judas.* n. 303.
21. *Unus vestrum me traditurus est.* n. 29 & 303.
26. *Accipite, & comedite: hoc est corpus meum.* n. 47. 48. 60. 61. 299. 366. & 371.
28. *Hic est sanguis meus, qui pro multis effundetur.* n. 366.
31. *Percutiam Pastorem, & dispergentur oves gregis.* n. 29.
34. *Ter me negabis.* n. 29.
40. *Non potuistis una hora vigilare mecum?* n. 29.
47. *Adhuc eo loquente, ecce Judas venit.* n. 303.
48. *Quemcumque osculatus fuero, ipse est, tenete eum.* n. 413.
49. *Ave Rabbi.* num. 42. 256. & 413.
49. *Et osculatus est eum.*
- Tom. II.
- Ec 4
- 45.

45. *Tenebrae factae sunt super universam terram.* 224. 260. 276. & 408.
46. *Eli, Eli: hoc est, Deus meus, Deus meus ut quid dereliquistis me.* num. 131. & 198.
47. *Eliam vocat iste.* n. 131.
51. *Velum Templi scissum est.* n. 2. & 260.
51. *Terra mota est.* num. 177.
52. *Monumenta aperta sunt.* n. 52.
- Cap. 28. v. 20. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consumationem saeculi.* n. 60. & 61.

Ex Divo Marco.

- Cap. 9. v. 5. **N**on enim sciebat, quid diceret. n. 86. & 111.
28. *Præcedam vos in Galilæam.* n. 314.
- Cap. 14. v. 54. *Calefaciebat se.* n. 54.
- Cap. 16. v. 14. *Exprobravit incredulitatem eorum, & duritiam cordis.* n. 136. 150. & 345.

19. *Assumptus est in Cælum.* num. 247.

Ex Divo Luca.

- Cap. 1. v. 14. **M**ulti in natiuitate eius gaudebunt. n. 260.
39. *Exurgens autem Maria, abiit in montana cum festinatione.* num. 324.
66. *Etenim manus Domini erat cum illo.* n. 259. & 260.
- Cap. 2. v. 12. *Inuenietis Infantem pannis involutum.* n. 441.
21. *Postquam consumati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen eius Jesus.* n. 311. cum seq.
21. *Vocatum est nomen eius Jesus.* n. 277.
- Cap. 3. v. 2. 3. *Factum est Verbum Domini super Joannem... & venit in omnem Regionem Jordanis, prædicans baptismum penitentiae in remissionem peccatorum.* n. 121. cum seqq.
4. *Vox clamantis in deserto.*

- ferto.* n. 126.
12. *Venerunt publicani, ut batizaretur.* n. 126.
16. *Cujus non sum dignus solvere corrigiam calceamentorum ejus.* n. 398.
- Cap. 7. v. 28. *Stans retro secus pedes Domini.* num. 340.
38. *Lacrymis cepit rigare pedes ejus.* n. 363.
47. *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* n. 340. 363. & 379.
- Cap. 9. v. 33. *Faciamus hic tria tabernacula: tibi unum, Moysi unum, & Eliae alterum.* n. 248.
- Cap. 12. v. 35. *Lucernæ ardentes in manibus vestris.* num. 68.
37. *Transiens ministrabit illis.* n. 396.
- Cap. 14. v. 26. *Siquis venit ad me, & non odit Patrem suum, & matrem... non potest meus esse Discipulus.* n. 82.
- Cap. 17. v. 28. *Edebant, & bibebant.* 376.
29. *Qua die pluit ignem, & sulphur de Cælo.* n. 376.
- Cap. 18. v. 11. *Non sum sicut ceteri homines, raptores, adulteri.* n. 118.
38. *Jesu Filij David, miserere mei.* n. 256.
- Cap. 19. v. 8. *Dimidium bonorum meorum do pauperibus.* n. 46.
- Cap. 21. v. 27. *Tunc videbunt filium hominis venientem in nube cum potestate magna, & majestate.* num. 126. & 459. cum seqq.
- Cap. 22. v. 61. *Conuersus Dominus respexit Petrum.* n. 143. 201. & 404.
61. *Et recordatus est Verbi Domini.* n. 405.
62. *Egressus foras flevit amarè.* n. 143. 201. & 363.
64. *Velauerunt eum.* num. 37. 95. 107. 219. 292. 391. & 409.
64. *Prophetiza, quis est, qui te percussit.* n. 95.
- Cap. 23. v. 8. *Erat cupiens videre eum.* n. 297.
11. *Spreuit illum.* n. 207.
21. *Crucifige, crucifige eum.* n. 196.
25. *Jesum vero tradidit voluntati eorum.* num. 83.

83. & 274.
 28. *Filiæ Jerusalem, nolite flere super me.* n. 296.
 34. *Pater, dimite illis; non enim sciunt quid faciunt.* num. 73. 198. & 235.
 42. *Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* n. 130. 135. 231. & 271.
 43. *Hodie mecum eris in Paradiso.* n. 130. & 356.
 45. *Obscuratus est Sol.* n. 178.
 46. *Pater, in manus tuas comendo spiritum meum.* n. 235.

Ex Divo Joanne.

- Cap. I. v. 8. **N**on erat ille lux. n. 203.
 14. *Verbum caro factum est.* n. 360.
 18. *Unigenitus, qui est in sinu Patris.* n. 228.
 21. *Non sum Propheta* num. 398.
 29. *Ecce Agnus Dei.* n. 352.
 Cap. 3. v. 16. *Sic Deus dile-*

- xit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.* num. 436.
 Cap. 6. v. 56. *Caro mea verè est cibus.* n. 48. & 356.
 57. *In me manet, & ego in illo.* n. 354. 356. & 371.
 59. *Hic est panis, qui de Cælo descendit.* n. 338.
 71. *Ex vobis unus diabolus est.* n. 29.
 Cap. 8. v. 6. *Digito scribebat in terra.* n. 353.
 Cap. 10. v. 11. *Ego sum Pastor bonus.* num. 13. & 247.
 Cap. 11. v. 3. *Ecce quem amas infirmatur.* num. 33. & 41.
 25. *Ego sum resurrectio, & vita.* n. 13.
 47. *Colligerunt Pontifices, & Pharisei concilium, & dixerunt: quid facimus, quia hic homo multa signa facit.* num. 40. 67. cum seqq. & 348.
 48. *Veniant Romani, & tollent nostrum locum.* n. 73. 79. & 334.
 50. *Expedit, ut unus moriatur pro populo, & non tota gens pereat.* n.

40. & 75.
 53. *Ab illo ergo die cogitaverunt, ut interficerent eum.* num. 75. & 348.
 Cap. 13. v. 1. *Ante diem factum Paschæ, sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* n. 25. cum seqq. 154. 283. cum seqq. & 377. cum seqq.
 2. *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas.* n. 25. 306. & 402.
 3. *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus: quia à Deo exiit, & ad Deum vadit.* num. 25. 47. 60. 61. 64. & 154.
 4. *Ponit vestimenta sua, & cum accepisset linteam, præcinxit se.* num. 53. 395. & 400.
 5. *Capit lavare pedes Discipulorum.* num. 47. 63. 154. cum seqq. & 401.
 7. *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem*
postea n. 25. 29. 37. 86. 401. 402. & 412.
 11. *Sciebat enim quisquam esset, qui traderet eum.* num. 377.
 12. *Acceptit vestimenta sua.* n. 395.
 13. *Vos vocatis me Magister, & Domine: & bene dicitis: sum etenim.* n. 100. 156. & 313.
 15. *Exemplum enim dedi vobis.* n. 313.
 30. *Cum accepisset buccellam, exiit continuo:* n. 402.
 Cap. 14. v. 6. *Ego sum via, veritas, & vita.* num. 13.
 23. *Siquis diligit me, sermonem meum servabit.* num. 82. & 259. cum seqq.
 24. *Sermonem quem audistis non est meus, sed ejus, qui misit me.* n. 100.
 26. *Spiritus Sanctus, quē mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* num. 87. 205. cum seqq. 345. & 380.
 Cap. 15. v. 1. *Ego sum vitis.* n. 13.

9. *Ego dilexi vos.* num. 227.
12. *Hoc est præceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* num. 63.
13. *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* num. 432.
15. *Jam non dicam vos servos... vos autem dixi amicos.* n. 397.
- Cap. 18. v. 3. *Judas venit illuc cum laternis, & facibus.* n. 76.
10. *Percussit Pontificis servum.* n. 76.
20. *Ego semper docui in Synagoga.* n. 41.
23. *Quid me cædis?* num. 161.
- Cap. 19. v. 5. *Ecce homo.* n. 196.
19. *Jesus Nazareus Rex Judeorum.* num. 2. 20. 148. 197. & 256.
21. *Noli scribere Rex Judeorum.* n. 356.
22. *Quod scripsi, scripsi.* n. 194. & 356.
25. *Stabant juxta crucem.* num. 181. & 198.
26. *Cum vidisset ergo Jesus Matrem, & Discipulum stantem.* num. 59.
26. *Mulier, ecce filius tuus.* n. 194.
28. *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: sitio.* num. 149. 287. & 293.
30. *Consummatum est.* num. 224. & 323.
30. *Inclinato capite, tradidit spiritum.* num. 43. 142. 197. 329. & 393.
34. *Urus militum lancea latus ejus aperuit.* num. 52. 192. 260. & 391.
34. *Et continuo exivit sanguis, & aqua.* num. 224. 323. & 375.
- Cap. 20. v. 4. *Ille alius Discipulus præcucurrit citius Petro.* n. 389.
11. *Maria stabat ad monumentum foris, plorans.* num. 176. 390. & 443.
12. *Et vidit duos Angelos in albis sedentes.* num. 443.
13. *Tulerunt Dominum meum, & nescio ubi posuerunt eum.* n. 176. & 390.

14. *Vidit Jesum stantem, & non sciebat, quia Jesus est.* num. 384. & 390.
15. *Mulier quid ploras.* num. 383.
22. *Insufflavit, & dixit: accipite Spiritum Sanctum.* n. 406.
27. *Noli esse incredulus.* n. 136.
- Cap. 21. v. 6. *Mittite in dexteram navigij rete.* n. 239.
15. *Tu scis, Domine, quia amo te.* n. 383.
16. *Simon Joannis diligis me.* num. 86. 340. 346. & 383.
17. *Pasce oves meas.* n. 86.
20. *Recubuit in cæna super pectus ejus.* num. 287.
22. *Sic eum volo manere donec veniam: tu me sequere.* n. 59.
- Ex Actis Apostolorum.
- Cap. 2. v. 1. *Cum complerentur dies Pentecostes.* n. 207.
2. *Factus est repente de Cælo sonus, tanquam advenientis spiritus vehementis, & replevit totam domum, ubi erant sedentes.* num. 84. 207. & 215.
3. *Seditque super singulos eorum.* num. 207. & 215.
4. *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto, & cæperunt loqui variis linguis.* n. 207.
- Cap. 12. v. 7. *Lumen refulsit in habitaculo, percussitque latere Petri excitavit eum dicens: surge velociter.* n. 127.
- Cap. 13. v. 22. *Inveni virum secundum cor meum.* num. 177.
- Ex Epistola ad Romanos.
- Cap. 5. v. 2. **G**loriamur *in spe.* n. 271.
20. *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia.* num. 354. cum seqq.
- Cap. 9. v. 3. *Optabam anathemam esse pro fratribus meis.* n. 232.

Cap. 13. v. 13. *Sicut in die honesta ambulemus.* n. 426.

Ex Epistola prima ad Corinthios.

Cap. 3. v. 18. **S** *Tultis fiat ut sit sapiens.* num. 104.

Cap. 4. v. 14. *Abundantius illos omnibus laboravi.* num. 120.

Cap. 7. v. 31. *Præterit enim figura hujus mundi.* n. 264.

Cap. 15. v. 9. *Persecutus sum Ecclesiam Dei.* n. 120.

51. *Omnes quidem resurgemus.* n. 356.

52. *Canet enim Tuba, & mortui resurgent.* num. 1126. & 476.

Ex Epistola secunda ad Corinthios.

Cap. 2. v. 1. **P** *Aulus Apostolus Jesu Christi, & Thimoteus frater.* n. 349.

5. *Pro omnibus mortuus est Christus.* n. 260.

Cap. 5. v. 21. *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* num. 104.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 6. v. 14. **M** *Ibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* n. 266.

Ex Epistola ad Philipenses.

Cap. 2. v. 8. **F** *Actus obediens usque ad mortem.* num. 274.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 5. v. 7. **E** *Xauditus est pro sua reverentia.* n. 199.

Ex Epistola prima Petri Apostoli.

Cap. 4. v. 8. **C** *Haritas oportuit multitudinem peccatorum.* num. 30.

Ex libro Apocalypsis.

Cap. 1. v. 8. **E** *Go sum Alpha, & Omega: principium, & finis.* n. 22.

16. *De ore ejus exivit gladius utraque parte acutus.* n. 422.

Cap. 4. v. 4. *Et in capitibus eorum coronæ aureæ.* num. 238.

8. *Et requiem non habebant die, ac nocte dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus.* n. 238.

9. *Et cum darent illa animalia gloriam, & honorem sedentis super thronum.* n. 238.

10. *Procidebat viginti quatuor seniores, & mittebant coronas suas ante thronum.* n. 165. & 238.

Cap. 5. v. 4. *Et ego flebam multum, quoniam nemo dignus inventus est aperire librum.* n. 446.

Cap. 6. v. 12. *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus.* num. 148. & 251.





INDICE

Das cousas mais notaveis, que se contém neste Segundo Tomo.

Os numeros significão os marginaes.

A

Absolviçãõ.

O Confessor absolve ao penitente dos peccados, e o penitente deve-se absolver a 4 da accasiãõ. *num. 143.*

Adam.

No estado da innocencia tinha a vida da natureza, e da graça; mas ambas perdeu pela culpa. *num. 121.*

D. Affonso I.

Foy luz como a primeyra; que levou os olhos, e os agrados a Deos. *Veja-se todo o Sermaõ I.*

Santo Agostinho.

Vio-se unido em S. Agostinho hum bom entendimento, e huma boa vontade: e como? *Veja-se todo o Sermaõ IV.*

Mais

que se contém neste Segundo Tomo.

Mais se devem prezar os filhos de S. Agostinho de terem hum Pay que se fez ignorante, do que de serem filhos de hum Pay fabio. *n. 112. & 113.*

Amor.

Toma da pessoa a estimaçãõ, e da vontade a fineza. *n. 28.*

He cego, porque não vê os defeytos do objecto amado. *num. 29. & 30.*

Da perfeçãõ do amante, e da imperfeçãõ do amado se infere a grandeza do amor. *n. 31. 32. & 33.*

Não ha amor humano que não seja nescio. *num. 34. 35. 225. & 226.*

Não costuma ser consideraçãõ do juizo, antes he hum acaço dos olhos. *n. 37.*

He bem correspondido o amor de quem he poderoso: não assim o de quem he pobre. *n. 44.*

Por mais poderoso que seja o amor, nunca a sua arithmetica passa da especie de repartir. *n. 45. & 46.*

Tom. II.

Naõ ha amor no mundo, que não seja interesseyro. *n. 51.*

A nobreza da pessoa he a que mais assegura as finezas do amor. *n. 55. & 56.*

No amor pode ser huma fineza mais necessaria, sem porisso ser a mayor. *n. 155.*

Mais poderosa he com os homens a sua honra, do que o seu mesmo amor. *n. 172. com os seg.*

O amor he em certo modo como Ceo, que se paga mais de boas vontades, do que de bons entendimentos. *n. 177.*

Mais custa padecer ás mãos do amor, do que ás mãos do odio. *num. 189. com os seg.*

O amor introduz pelos olhos o affecto no coração do amante, e pelos ouvidos introduz a correspondencia no coração do amado. *n. 200. & 201.*

Muytas vezes pelo amor dos homens se explica o amor de Deos. *n. 207.*

Amor com repentes parece só humano; mas assim he tambem o Divino. *n. 201.*

Costuma render sem dilataçãõ.

ff

- çãõ. *num.* 209.
- Naõ ha amor humano taõ recatado, que naõ queyra ser manifesto. *num.* 215. *com os seg.*
- O amor manifesto he mais fino do que o occulto. *n.* 219.
- Affim como o amor humano nos faz nescios, affim o Divino nos faz sabios. *n.* 227. & 228.
- O amor ou pode tratar só de si, ou só de outrem, ou de outrem, e juntamente de si. *n.* 231. *com os seg.*
- O amor de S. Antonio tratou de si, e de outrem. *n.* 234.
- Porisso foy o mais fino amor. *n.* 235. & 236.
- Na eleyçaõ consiste o verdadeyro amor. *n.* 262.
- Naõ ha finezas de amor, que se naõ acompanhem de sabedoria; porisso naõ he fino o amor dos homens, e o foy o amor de Christo. *n.* 287. *com os seg.*
- Naõ costuma haver amor na ausencia. *n.* 294. *com os seg.*
- Amar defeytos he hum dos mayores extremos do amor. *n.* 301. *com os seg.*
- Naõ só o Amor Divino, mas tambem o humano deve ser sabio. *n.* 378. & 379.
- Amor que se conhece a si, e ao seu objecto, a quem ama, he o mayor amor. *n.* 382. *com os seg.*
- O amor dos inimigos nos faz filhos de Deos; e como? *Veja-se todo o Sermaõ XV.*

Amor de Christo.

- Nem o nosso engenho o pode alcançar, nem o nosso coração o sabe corresponder. *n.* 25.
- Foy grande, porque se acompanhou de sabedoria. *n.* 34. *com os seg.*
- Foy causa da sua morte, tomada da parte do mesmo Christo. *n.* 39. & 40.
- O poder de Christo fez avultar o seu amor. *n.* 44. *com os seg.*
- Amou tanto, que deu tudo, e deu-se todo. *n.* 47. & 48.
- Amou sendo illustre, e nisso acreditou o amor. *n.* 55. *com os seg.*
- Deu passos, e fez beneficios,

- e nisso se realçou o amor; porém ainda mais do que nos beneficios, nos passos. *n.* 58. *com os seg.*
- Pelo sacrificio da Cruz se explicaõ melhor os extremos do amor de Christo. *Veja-se todo o Sermaõ XI.*
- Só o amor de Christo foy verdadeyro, porque se conheceo a si, e aos amados. *n.* 386. *com os seg.*
- Foy grande por conhecer q̄ o mesmo amor o havia de levar á morte. *n.* 387. *cõ os seg.*
- Tambem foy grande por conhecer que o amor o havia de fazer servo. *n.* 394. *com os seg.*
- E porque conheceo, que o havia hir diminuindo. *n.* 398. *com os seg.*
- Amar Christo homens ingratos, e enganosos, foy o mayor prodigio do seu amor. *n.* 403. *com os seg.*

Santo Antonio.

- Foy Arca do Testamento. *n.* 230.
- Deu esta animada Arca dous Tom. II.

passos em sua vida, hum do mundo para a Religiãõ por amor de si, como sal da terra, outro de huma Religiãõ para outra por amor dos proximos, como luz do mundo. *Veja-se todo o Sermaõ IX.*

Arca do Testamento.

Foy figura do insigne Portuguez S. Antonio. *n.* 230.

Ausencia.

Naõ há amor nos homens para com os ausentes, só o houve em Christo. *n.* 294. *com os seg.*

B

Banquetes.

As desordens dos banquetes do mundo remedeia Deos cõ a sua sacramental presença. *n.* 357. *com os seg.*

Por muytos modos nos atrahem os banquetes do mundo. *n.* 369. *com os seg.*

Sãõ causa de muytas des-

uniõens. *n.* 373. & 374.
Saõ origem dos vicios todos.
n. 376.

Beneficios.

Só os costuma dispender quẽ
sabe amar. *n.* 58. & 59.
Quem faz beneficios entrega
o que tem; mas isto naõ
tanto como empenhar
o que he. *n.* 62. & 63.
No Sacramento he Christo
bemfeytor, e beneficio.
num. 299. *com os seg.*
Deve haver diligencia em
fazer beneficios. *n.* 322.

Bens do mundo.

Quẽ deyxã os bens do mun-
do, esse mais os assegura.
n. 237. *com os seg.*

S. Bento.

Emendou com os seus acer-
tos os erros do conselho
da Synagoga. *Veja-se to-
do o Sermaõ XIII.*

De quatorze annos deyxou
o mundo. *n.* 332.

Fez da casa do demonio ca-
sa de Deos. *n.* 339. *com os
seg.*

Emendou os erros do enten-
dimento alheyo com os a-
certos da vontade propria.

n. 344. 345. & 346.

Tambem os emendou com
os acertos do proprio en-
tendimento. *n.* 347.

A Regra de S. Bento, sen-
do breve, val por dilata-
dos volumes de outros
Doutores. *num.* 348. *com
os seg.*

C

Calvario.

NO Calvario padeceo
Maria Santissima ma-
yores dores do que na so-
ledade. *n.* 180. *com os seg.*
Até padeceo mais do que o
Filho. *n.* 188. *com os seg.*

Circumcisaõ.

Devia Christo circumcidar-
se, huma vez que tinha o
Nome Santissimo de Jesus;
e porque? 312. *n.* *com os seg.*

Clausura.

Quem busca a clausura he
para

para tratar só de si. *n.* 244.

Coraçaõ.

Os gostos saõ as flores do co-
raçaõ, as penas saõ os es-
pinhos. *n.* 4.

Naõ deve haver coraçaõ fe-
chado para peyto aberto.
num. 52.

Confessores.

Reprehendem-se os máos
Confessores. *n.* 78.

Conhecimento.

Quem conhecendo erra, naõ
tem desculpa. *n.* 69. & 70.

Conselho.

O conselho que fizeraõ os
Pontifices em Jerusalem
foy o peor pelas mesmas
razoens, porque parecia
ser bom. *num.* 68. *com os
seg.*

O erro de hum conselho he
o mayor erro. *n.* 69.

O conselho dos Ecclesiasti-
cos deve ser o melhor,
mas se chega a ser máo he
Tom. II.

o peor. *n.* 74. *com os seg.*
Naõ tem taõ bom lugar em
hum conselho o entendi-
mento como a vontade.
num. 81. & 83.

Mas se a vontade he má, faz
fer o conselho peor. *n.*
84. *com os seg.*

A uniaõ he a que anima os
conselhos; mas sendo os
conselheyrõs máos, a mes-
ma uniaõ os faz peores.
n. 88. 89. & 90.

Os erros do conselho da Sy-
nagoga emendou S. Ben-
to com os seus acertos.
Veja-se todo o Sermaõ XIII.

Consideraçaõ.

Deve-se considerar antes de
resolver. *n.* 68.

O erro depois da considera-
çaõ he o mayor erro. *n.*
69. *com os seg.*

Cruz.

Pelo sacrificio da Cruz se
explicação melhor os extre-
mos do amor de Christo.
Veja-se todo o Sermaõ XI.

Na Cruz foy Christo Sacer-
dote, e sacrificio. *n.* 299.

D

Deos.

Morre Deos para nós, quando nós nos não desposamos com elle, nasce para nós quando elle se desposa connosco. *num.* 260.

Parece que procede hoje para nosso bem de differente modo do com que procedeo antigamente. *num.* 354. *com os seg.*

Cura Deos muytas vezes a enfermidade com a mesma causa da doença. *num.* 358.

Dilação.

Não deve haver dilação em acodir a Deos logo que nos chama. *n.* 134. *com os seg.*

Mais desagrada a Deos a dilação no peccado, do que o mesmo peccado. *num.* 136.

Não põe dilação o amor em tender hum peyto. *num.* 209.

Dores.

As dores de Maria Santissima na Payxaõ, e morte de feu Filho não se podem discorrer na terra, assim como se não podéraõ retratar no Ceo. *n.* 178.

Foraõ mayores as dores de Maria Santissima, do que as de feu Filho. *n.* 179. *¶* 188. *com os seg.*

Mayores foraõ na Senhora as dores do Calvario, do que as da soledade. *num.* 181. *com os seg.*

E

Ecclesiasticos.

TEm obrigação de obrar melhor que os seculares. *n.* 74.

Mas porisso quando erraõ, e obraõ mal, agravaõ muyto a sua culpa. *Ibi.* *¶* 75. *com os seg.*

Se são peccadores, offendem a Deos com as armas de Deos, *n.* 77. *¶* 78.

Não ha cousa peor que hum

mão Ecclesiastico. *n.* 79.

Eleyção.

Na boa eleyção consiste o verdadeyro amor. *n.* 262.

Grande, mas difficultosa eleyção he a de quem pela Religiaõ deyx a o mundo. *n.* 263. *com os seg.*

Enfermidade.

Muytas vezes cura Deos a enfermidade com a mesma causa da doença. *num.* 358. *¶* 359.

Engano.

Grande foy o amor de Christo em amar os enganados homens. *n.* 414. *¶* 413.

Entendimento, e entendidos.

Não tem taõ bom lugar em hum conselho como a vontade. *n.* 81. *¶* 82.

Aquelle mostra ter bom entendimento, que em materias de Religiaõ tem boa vontade. *n.* 87.

Hum bom entendimento
Tom. II.

difficultosamente se une com huma boa vontade, mas unio-se em S. Agostinho. *n.* 97.

Não tem havido no mundo entendimento adequadamente bom, mais que em S. Agostinho, porque foy bom na sabedoria, e bom na ignorancia. *num.* 99. *com os seg.*

Facilmente são penitentes os entendidos. *num.* 149. *¶* 150.

Mais he sacrificar o entendimento, do que a vida. *n.* 254. *¶* 255.

Os entendidos são os que mais se apreçaõ para a morte. *n.* 388. *¶* 389.

Quem tem bom entendimento deve viver como morto. *n.* 440. *com os seg.*

Erro.

O erro depois da consideração he o mayor erro. *num.* 69. *com os seg.*

Espirito Santo.

Sendo Amor Divino, comunicouse-nos, como se fo-

ra amor humano. *Veja-se todo o Sermaõ VIII.*

Eucharistia.

Sendo instituhida para augmento de graça, Deos no-la offerece para remedio de nossas culpas. *num. 362. com os seg.*

Busca Deos traças para que com ancia cheguemos a este Sacramento. *n. 366. com os seg.*

He beneficio de uniaõ. *num. 371. com os seg.*

Contém em si todas as graças, e finezas. *n. 375.*

Exemplo.

Quem tem hum nome grande, quando deva obrar as cousas por obrigaçãõ, deve obrallas pelo exemplo. *n. 312. com os seg.*

Mais pôde com os homens o exemplo, do que a doutrina, ou o preceyto. *n. 318. com os seg.*

F

Faraõ.

HE figura do peccador que dilata a penitencia. *num. 135.*

Fé.

He cousa difficultosa concordar a Fé com a razaõ. *num. 206.*

Finezas.

Pôde haver huma fineza mais necessaria, sem que por isso seja mayor. *n. 155.*

A mayor fineza do amor de Christo foy a de sacrificar no Cenaculo a sua honra. *n. 156. com os seg.*

H

Honra.

AHonra sacrificada he a mayor fineza do amor. *n. 155. com os seg.*

O sacrificio da honra he mayor que o da vida. *n. 157. com os seg.*

He mayor que o da riqueza. *n. 162. com os seg.*

Costumaõ os homens estimar mais a honra que a virtude. *n. 166. com os seg.*

Antes querem perder a patria do que a honra. *num. 169. com os seg.*

Mais pôde com elles a honra do que o mesmo amor. *num. 172. com os seg.*

Menos custa perder a vida do que hum titulo de honra. *n. 194. com os seg.*

I

Jacob.

AInda que muyto amante de Raquel, o tempo lhe tirou o sentimento da morte. *n. 5.*

Idade.

O mayor sacrificio, e a mayor fineza he a de quem deyx a mundo nos primeyros annos de sua ida-

de. *n. 340. com os seg. 332. com os seg.*

Jesus.

Huma vez que Christo tomou este nome, tinha obrigaçãõ de se circumcidar, e porque? *num. 312. com os seg.*

Ignorancia.

Muytas vezes a ignorancia he a que acredita a fineza. *n. 36.*

Quem erra com ignorancia pôde ter disculpa. *n. 72. § 73.*

Ignorancia affectada acha-se em quem tem grande sabedoria. *num. 103. com os seg.*

Quem tem sabedoria, e confessa em si ignorancia, faz mayor a acçaõ. *num. 108. § 109.*

Mais custa de ordinario aos homens confessarem ignorancias, do que confessarem culpas. *n. 110. § 111.*

Amar ignorantes he prodigio, que se acha no amor de Christo. *num. 403.*

com os seg.

Com ignorancia não pode haver verdadeyro amor. *n.* 405.

Os ignorantes vivem como mortaes, e não como mortos. *n.* 454. *com os seg.*

Imperio.

Deos edifica os Imperios de modo differente do com que o mundo edifica os palacios, e porque? *n.* 18. No fundamento de hum Imperio não se permite imperfeçãõ alguma. *Ibi.*

Ingratidaõ.

Foy excessõ no amor de Christo amar a ingratakaõ dos homens. *num.* 420. § 411.

Juizo Final.

Mais riguroso foy S. Agostinho configo, do que ferã Deos com os homens no Juizo final. *n.* 119.

Do mesmo modo que os homens haõde resuscitar no Juizo final, devem re-

fuscitar á penitencia. *Veja-se todo o Sermaõ V.* Relata-se toda a tragedia do Juizo final no Sermaõ XVIII.

Justos.

Não só os peccadores, mas tambem os justos tem obrigaçãõ de fazer penitencia. *n.* 145. § 146.

L

Lagrimas.

As lagrimas correm pelas mesmas veas do sangue. *num.* 1.

Affim como na sangria das veas logo corre o sangue, tanto que se põe a venda no braço, affim na sangria do coração, logo correm as lagrimas tanto que se põe a venda nos olhos. *n.* 176.

Leaõ.

He geroglifico de hum Principe. *n.* 9.

An-

Antes quer perder a vida do que a honra. *n.* 160.

Lugar.

No lugar máo póde hum homem ser bom, e no bom póde ser máo. *num.* 152.

Grande crime he fazer do lugar da graça lugar da culpa, e grande fineza he fazer do lugar da culpa lugar da graça. *num.* 339. *com os seg.*

Luz.

He o melhor geroglifico de hum Rey. *num.* 11. 12. § 19.

M

Magestade.

DEve ser hum agregado de perfeçoens. *num.* 16.

Magisterio.

He hum sacrificio de gran-

de merecimento, e hum officio de grande trabalho. *n.* 252. *com os seg.*

Magoa.

Por grande que seja, acaba com os annos. *num.* 4. § 5.

Não se explica tanto, como se sente. *num.* 176.

Mar.

He geroglifico de hum Rey. *num.* 10.

Foy o coração de Maria Santissima hum mar de dores no Calvario. *n.* 185.

Maria Santissima.

As suas dores no Calvario forãõ mayores do que na solidade. *num.* 180. *com os seg.*

Padecio mais no Calvario, do que o mesmo Filho. *num.* 188. *com os seg.*

Milagres.

Para averiguar milagres parece cousa acertada a juntar-

tar-se hum conselho. *num.* 92.

Mocidade.

Grande sacrificio, e fineza he a de deyxar o mundo na mocidade. *num.* 240. *com os seg.* & *num.* 333. *com os seg.*

Morte.

O sentimento na morte só chega aos parentes, e não aos estranhos. *num.* 1.

A morte de Christo teve por causa a sua fabledoria, e o feu amor. *num.* 39. *com os seg.*

A meditação da morte he o melhor meyo para a penitencia. *n.* 151.

Mundo.

Grande eleyção, mas difficuliosa, he a de deyxar o mundo. *num.* 263. *com os seg.*

O mundo divide-se em passado, presente, e futuro; e todos-tres deve deyxar huma alma que professa a

vida Religiosa. *num.* 263. *com os seg.*

Servir a Deos entre os regallos do mundo he heroicidade. *n.* 273.

N

Nilo.

C Om elle se pôde comparar S. Agostinho, e porque? *num.* 102.

Nobreza.

A nobreza da pessoa he a que mais assegura as finezas do amor. *n.* 55. & 56.

Nome.

Aquelle que se não deyxar, bem se pôde dizer, que se escolhe. *num.* 277.

Quem mudando de estado não muda de vida, bem pôde não mudar o nome. *num.* 278. & 279.

O nome dos Pays não se deve conservar na Religião. *num.* 280.

Nome Santissimo de Jesus.

Ve-

Veja-se todo o Sermaõ XII. Tanto que se abrem os olhos para ver, logo se abre o peyto para amar. *num.* 209.

O

Occasiao.

A Occasiao he a casa do peccado. *n.* 138.

Os resuscitados pela penitencia haõde deyxar a occasiao, que he casa do peccado, assim como os resuscitados ao juizo haõde deyxar a-sepultura, que he casa da morte. *n.* 138. *com os seg.*

Assim como o Confessor absolve dos peccados, assim o penitente se deve absolver da occasiao. *n.* 143.

Odio.

Não magoaõ tanto as feridas do odio, como as do amor. *num.* 189. *com os seg.*

Olhos.

Pelos olhos se introduz o amor, assim como pelos ouvidos a correspondencia. *n.* 200. & 201.

Ouvidos.

Pelos ouvidos se introduz a correspondencia no coração do amado. *num.* 200. & 201.

P

Passos.

N Os passos que se daõ, se mostra melhor o amor que se tem. *num.* 60. & 61. e porque razao? *n.* 62. 63. & 64.

Patria.

Não sentem os homens tanto perder a patria, como perder a honra. *num.* 169. *com os seg.*

Peccados.

Menos he publicar peccados, do que occultar virtudes.

num.

n. 115. § 116.

O peccado de Adam tirou-lhe a vida da natureza, e a da graça. num. 121. § 122.

Deos offerece para remedio de peccados o que tinha instituido para augmento de graça. num. 362. com os seg.

Penitencia.

A resurreyção da penitencia deve ser como a resurreyção do juizo. *Veja-se todo o Sermaõ V.*

Tres peffoas devem concorrer para a penitencia, assim como para o juizo. n. 125. com os seg.

Para refuscitar á penitencia devemos todos acodir logo que Deos nos chama. n. 129. com os seg.

Naõ se deve dilatar a penitencia. num. 134. com os seg.

Para ser verdadeyra a penitencia, deve-se fugir da occasião. num. 138. com os seg.

Todos os estados da terra tem obrigação de fazer

penitencia. num. 144. com os seg.

O magisterio he penitencia da alma. num. 254.

Perigrinaçãõ.

A perigrinaçãõ compara-se com a morte. num. 337. § 338.

Prégadores.

Reprehendem-se os Prégadores, que naõ dizem o que devem dizer. num. 78.

Principes.

Veja-se Reys.

Profissãõ Religiosa.

Nasce Deos para huma alma, que se desposa com elle pela Profissãõ. num. 260.

Grande dia he o de huma Profissãõ. n. 261.

Mostrãõ-se em huma Profissãõ tres eleyçoens. num. 262.

R

com os seg.

R*Resurreyçãõ.**Religiaõ.*

EM materias de Religiaõ mais deve ser ouvido o conselheyro de boa vontade, do que o de bom entendimento. num. 84. com os seg.

De dous modos póde hum Religioso sabir licitamente da sua Religiaõ. num. 246.

Na Religiaõ he onde melhor se serve a Deos, e porque? n. 274. § 275.

Na Religiaõ naõ deve conservar-se o nome dos Pays, num. 280.

Relogio.

He geroglifico de hum Principe. num. 7.

Repente.

Os repentes parecem proprios só do amor humano; mas tambem se achaõ no Amor Divino. num. 208.

Devem os homens refuscitar á penitencia, assim como ao juizo. *Veja-se todo o Sermaõ V.*

A resurreyção do juizo hade matar a morte, a resurreyção da penitencia mata o peccado. n. 123.

Assim como haõde concorrer tres peffoas para a resurreyção do juizo, assim devem concorrer as mesmas tres para a resurreyção da penitencia. n. 125. 126. § 127.

Retractaçãõ.

Foy huma das mais gloriosas acçoens em S. Agostinho. num. 108. com os seg.

Sãõ muyto difficultosas nos homens as retractaçõens. num. 355.

Reys.

Deve ser chorada a sua morte ainda pelos estranhos.

num.

num. 1. § 2.

Os Reys symbolizaõ-se no Mar, no Leaõ, no Sol, no Relogio, e na Luz. n. 7. *com os seg.*

Deve fer o Rey taõ perfeyto, que nem sombra de imperfeyçaõ se hade nelle descobrir; antes hade ter as perfeçoens todas. n. 12. *com os seg.*

Naõ basta fer hum Rey bom, deve fer o melhor. n. 14.

Deve fer o Rey universal na beneficencia para todos. n. 19. *com os seg.*

Os vassallos só querem Rey que se deyxegovernar. n. 93. *com os seg.*

Os Reys tem obrigaçaõ de serem penitentes. n. 147. § 148.

Riquezas.

Antes os homens querem perder as riquezas, do q̄ a honra. num. 162. *com os seg.*

Quem deyxas as riquezas do mundo, esse melhor as assegura. num. 237. *com os seg.*

S

Sabedoria.

Foy a q̄ fez avultar mais em Christo o feu amor. n. 34. *com os seg.*

Deu a Christo a morte, tomada da parte dos homens. n. 39. 40. § 41.

Sabedoria que se aprende sem mestre he a mayor; e tal foy a de S. Agostinho. n. 100. *com os seg.*

Quem affecta ignorancia, esse tem mayor sabedoria. num. 103.

Naõ ha mayor aççaõ em hũ sabio, q̄ confessar-se ignorante. n. 108. § 109.

Os sabios saõ os que mais facilmente se resolvem a fazer penitencia. num. 149. § 150.

Saõ os sabios os que mais se apressaõ para a morte. n. 387. *com os seg.*

Vivem como mortos os sabios. n. 440. *com os seg.*

fina tanto na Soledade, como padeceo no Calvario. n. 180. *com os seg.*

Sacerdotes.

Hum máo Sacerdote he a peor coufa do mūdo. n. 76.

Sacramento do Altar.

Veja-se a Eucharistia.

Seculares.

Tem mais disculpa em errar, do que tem os Ecclesiasticos. num. 75.

Hum secular offende a Deos com as armas do demonio. num. 77.

Sentimento.

Nos sentimētos grandes mais facil he a compayxaõ, do que a rethorica. num. 176. *com os seg.*

Veja-se Magoa.

Sol.

He geroglifico de hum Rey. num. 8.

Soledade.

Naõ padeceo Maria Santif-

T

Tempo.

O Tempo faz acabar a pena ainda que seja grande. num. 4.

Divide-se em tres tempos, e assim o mundo em tres mundos. n. 263. § 264.

U

Vassallos.

S' O' querem Rey que se deyxegovernar, e que naõ governe. n. 93. *com os seguintes.*

Vida.

Mais estimaõ os homens a honra, do que a vida. num. 157. *com os seg.*

Menos custá perder a vida, do que hum titulo de honra. num. 194. § 195.

Vir-

Virtude.

Mais he occultar virtudes, do que publicar peccados. *num. 115. & 116.*

Mais costumãõ os homens estimar a sua honra, do que a sua virtude. *n. 166. & 169.*

Até os Santos se não estimaõ mais a sua honra, mostraõ que a estimaõ tanto como a virtude. *num. 168.*

Uniaõ.

Affim como a uniaõ he a que dá vida ao homem, affim dá vida ao conselho. *num. 88.*

Se os conselheyros são máos, a uniaõ os faz peores. *n. 88. & 89.*

Naõ ha cousa melhor, nem peor no mundo, do que a uniaõ. *n. 91.*

A uniaõ da vontade com o entendimento he difficiltofa; mas achou-se em S. Agostinho. *num. 92.*

A uniaõ da Eucharistia faz fer este beneficio mayor. *num. 371. com os seg.*

Universalidade.

He propria nos favores dos Reys para com seus vassallos. *num. 19. com os seg.*

Vocaçaõ.

Todos devemos acodir á vocaçaõ de Deos; mas nem todos acodem como devem acodir. *num. 129. com os seg.*

Chama Deos a huns com a voz, a outros com o discurso. *num. 132. & 133.*

Naõ deve haver intervallo entre chamar Deos, e acodir o homem. *num. 134. com os seg.*

Vontade.

Deve ter melhor lugar do que o entendimento em hum conselho. *num. 81. & 82.*

Porém se a vontade he má, faz fer o conselho peor. *num. 83. com os seg.*

Em materias de Religiaõ antes boa vontade, do que bom entendimento. *n. 84. & 85.*

Quem

Quem nestas materias tem boa vontade, esse he o q̄ mostra ter bom entendimento. *num. 87.*

Unio-se em S. Agostinho o bom entendimento com a boa vontade. *num. 97.*

Mostra ter boa vontade quẽ publica seus peccados, e occulta suas virtudes. *n. 114. com os seg.*

Os acertos da vontade emendaõ os erros do entendimento. *n. 344. com os seg.*

FINIS LAUS DEO.

